

**PAULIANA DUARTE OLIVEIRA**

**O IMAGINÁRIO DO ALUNO SOBRE A LÍNGUA  
INGLESA NA CONSTITUIÇÃO DE SUA  
SUBJETIVIDADE**

**UBERLÂNDIA - MG  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**PAULIANA DUARTE OLIVEIRA**

**O IMAGINÁRIO DO ALUNO SOBRE A LÍNGUA  
INGLESA NA CONSTITUIÇÃO DE SUA  
SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo.

**UBERLÂNDIA - MG  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
2006**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

O48i Oliveira, Pauliana Duarte, 1974-  
O imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição de sua  
subjetividade / Pauliana Duarte Oliveira. - 2006.  
198 f. : il.

Orientador: Ernesto Sérgio Bertoldo.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa  
de Pós-Graduação em Linguística.  
Inclui bibliografia.

1. Língua inglesa - Estudo e ensino - Teses. I. Bertoldo, Ernesto Sérgio.  
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística. III. Título.

CDU: 802.0 : 37

---

**OLIVEIRA, Pauliana Duarte. O imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição de sua subjetividade.** Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal de Uberlândia – Programa de Pós-Graduação em Linguística, MG: 2006.

Dissertação defendida em 29 de novembro de 2006 e submetida à avaliação da Banca Examinadora.

**BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente:**

---

**Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo – Orientador – UFU**

**Membro:**

---

**Prof. Dr. João Bosco Cabral dos Santos – UFU**

**Membro:**

---

**Profª Drª Márcia Aparecida Amador Mascia - USF**



*A Deus pelo amparo e por ter sido sempre tão generoso comigo.*

*À minha família, pelo apoio e compreensão do distanciamento.*

*Ao meu orientador, Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo, pelo direcionamento, pelo incentivo e pela competência e atenção na orientação deste trabalho.*

*Aos professores da banca de qualificação, Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes e Prof. Dr. João Bosco Cabral dos Santos, pelas valiosas considerações.*

*Aos professores Prof<sup>ta</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva e Prof. Dr. Luiz Francisco Dias, professores de outra universidade, que discutiram questões referentes a este trabalho, pelas relevantes sugestões apresentadas.*

*A todos os colegas do Curso de Mestrado em Lingüística, pela amizade e companheirismo.*

*Às amigas Marilza e Selma, pelo apoio e amizade constantes.*

*Aos professores do Curso de Mestrado em Lingüística, pela dedicação, competência e oportunidade de conhecimento.*

*Aos funcionários do Departamento de Pós-graduação, Mestrado em Lingüística, pela competência e atenção no atendimento.*

*A todos, que em prece, me desejaram o melhor.*

*Muito obrigada.*



*À minha mãe **Lucia**, que me alfabetizou  
e despertou em mim o gosto pela leitura.*

*Ao meu pai **Paulo**, pela presença constante.*

*Ao meu irmão **André**, pelos laços que nos une.*

*À minha cunhada **Isabel Cristina** e ao meu sobrinho **Gabriel**, pelo carinho.*



## RESUMO

O contato com alunos de ensino fundamental em escolas públicas levou-nos a perceber que esses alunos, geralmente, enunciam de modo contraditório a língua inglesa. Ao mesmo tempo em que se sentem desmotivados com as aulas de língua inglesa da escola em que estudam, esses mesmos alunos circunscrevem seus dizeres em discursos de exaltação à língua inglesa. O modo como se dá o contato com essa língua no contexto de escola pública não é condição suficiente para promover uma aprendizagem considerada satisfatória. No entanto, é a partir desse contato que são produzidos sentidos e representações sobre a língua inglesa. Tais representações são suscitadas pelos discursos que circulam no espaço sócio-histórico e estão presentes no imaginário desses alunos, produzindo, de algum modo, efeitos nas suas subjetividades e levando-os a circunscreverem discursivamente seus dizeres nesses discursos. O foco de nosso trabalho é tentar compreender essa contradição no dizer do aluno: como o aluno enaltece uma língua com a qual ele praticamente não tem contato? Realizamos análise interpretativista e descritiva do *corpus*, composto de entrevistas semi-estruturadas com alunos e professores de língua inglesa da rede pública, objetivando investigar o papel do imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição da subjetividade. A interdiscursividade relacionada ao *status* da língua inglesa no mundo e à política de ensino de língua estrangeira contribui para explicar a contradição do dizer dos alunos, pois se o interdiscurso diz respeito aos discursos oriundos de diferentes lugares e diferentes épocas, depreende-se daí que a produção discursiva do aluno encerra contradições.

Palavras-chave: representações, interdiscurso, língua inglesa, imaginário, subjetividade.



## ABSTRACT

The contact with students of basic education in public schools led us to notice that these students, generally, enunciate the English language in a contradictory way. At the same time that they don't feel motivated with the lessons of English language at the school where they study, the same students circumscribe their saying in discourses of exaltation to the English language. The way as the contact with the English language in the context of public school happens is not enough a capable condition to promote a learning considered satisfactory. However, from this contact senses and representations are produced about the English language. Such representations are raised by the discourses that circulate in the historical and social space and they are present in the imaginary of these students, producing in some way, effects in their subjectivities and leading them to circumscribe their saying in a discursive way in these discourses. The focus of our work is to try to understand this contradiction in student's saying: how does the student exalt a language which he or she practically does not have contact? We carried out interpretative and descriptive analysis of the *corpus*, made up of interviews half-structured with students and teachers of English language of the public school objectifying to investigate the role of the student's imaginary on the English language in the constitution of the subjectivity. The interdiscourse related to the *status* of the English language in the world and to the politics of education of foreign language contributes to explain the contradiction of the students' saying, therefore if interdiscourse shows respect to the deriving discourses of different places and different ages, it is inferred from there that the student's discursive production contains contradictions.

Key-words: representations, interdiscourse, student, English language, imaginary, subjectivity.



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	17
<b>Capítulo 1 – Conceitos Teóricos</b>	
1. Considerações gerais .....	37
1.1 Formação discursiva e interdiscurso .....	38
1.2 Representação e imaginário .....	42
1.3 Sujeito e subjetividade .....	47
1.4 A heterogeneidade .....	53
<b>Capítulo 2 – Condições de produção do <i>corpus</i></b>	
2. Considerações gerais .....	57
2.1 O inglês no mundo .....	57
2.2 Globalização .....	60
2.3 Política de ensino de língua estrangeira .....	65
2.4 O dizer do professor de inglês .....	72
2.4.1 A língua que tudo promete .....	73
2.4.2 Dizeres sobre a política de ensino de língua estrangeira .....	78
2.4.3 Refletindo sobre os dizeres do professor de inglês .....	82
2.5 Pausa para reflexão .....	84
<b>Capítulo 3 – Análise do dizer dos alunos</b>	
3. Considerações gerais .....	87
3.1 O dizer do aluno .....	88
3.1.1 Inglês: uma língua universal?.....	88
3.1.2 Efeitos da geopolítica do inglês e da globalização: a língua como (não) pertencimento .....	94
3.1.3 A língua como ferramenta para fins práticos .....	99
3.1.4 A representação sobre a comunicação.....	102
3.1.5 O inglês da escola .....	106
3.1.6 Há deslocamentos? .....	111
3.1.7 Refletindo sobre os dizeres dos alunos .....	118
<b>Considerações finais</b> .....	121
<b>Referências bibliográficas</b> .....	129
<b>Anexos</b> .....	134
Nota sobre a transcrição das entrevistas .....	134
Anexo A .....	135
Anexo B .....	161



## **NORMAS UTILIZADAS PARA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

P= pesquisadora

a= aluno

p= professora

/.../= pausa longa

(...) pausa normal

(!)= para expressar sentimentos e emoções

(?)= pergunta

(risos)= risos durante a fala

XXXXXX= nome de pessoa

XXXX= nome de cidade

XXX= instituto de idioma

XX= colégio ou escola



## INTRODUÇÃO

A pesquisa proposta neste trabalho surgiu da preocupação com o ensino da língua inglesa na escola pública e de reflexões sobre o imaginário do aluno na recepção dessa língua.

O contato com alunos de ensino fundamental em escolas públicas levou-nos a perceber que esses alunos, na maioria das vezes, ao enunciar impressões sobre a língua inglesa, deixam flagrar contradições em seus dizeres. Por um lado, há um grande número de alunos da escola pública que se sentem desinteressados com as aulas de língua inglesa da escola em que estudam e, por outro, esses mesmos alunos circunscrevem seus dizeres em discursos de exaltação à língua inglesa. Esses dizeres são, atualmente, veiculados com muita frequência na sociedade e resultam na constituição de representações sobre a língua inglesa inscritas no imaginário social.

O foco de nosso trabalho é tentar compreender essa contradição em que se encontra o aluno da escola pública em relação à língua inglesa. É importante esclarecer que essa contradição que percebemos nos dizeres dos alunos é de ordem processual e não conceitual, ou seja, os alunos não têm um conceito formado sobre o que é a língua inglesa. É o espaço histórico-social no qual eles vivem que os leva a tecer opiniões, a criar imagens e a constituírem-se em discursos sobre essa língua. Acreditamos que a análise do dizer do aluno e de suas condições de produção pode nos levar à compreensão de como esse aluno se constitui como sujeito e também pode nos levar à compreensão da contradição anteriormente mencionada.

Por subjetividade, utilizamos a noção de Woodward (2000), para quem subjetividade é a compreensão que temos sobre o nosso eu; também a noção de subjetivação presente em Guattari (2005), que considera a existência de uma produção de subjetividade no sistema capitalista. Essa subjetividade produzida é de natureza industrial, pois que é fabricada,

modelada, recebida e consumida. Existem no imaginário social imagens e mitos<sup>1</sup> sobre o inglês que exaltam esse idioma. Assim, o inglês é visto como franqueador de melhores oportunidades de trabalho, como facilitador da comunicação entre povos de diferentes nacionalidades, como degrau para a ascensão social e também como uma língua globalizada. Esses fatores parecem conferir importância à língua, destacando-se o mito da funcionalidade dessa língua e tida como sua principal vantagem o uso para fins pragmáticos. Percebe-se, no dizer dos alunos uma forte adesão a esses discursos, de modo que o imaginário sobre a língua inglesa é um elemento consistente na constituição da subjetividade do aluno-sujeito da pesquisa, pois é a partir desse imaginário que ele é capaz de opinar sobre a língua inglesa e é nesse processo que ele vai assumindo um lugar, ou seja, vai ocupando uma posição de sujeito.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é investigar o papel do imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição da subjetividade, ou seja, investigamos como se dão as inscrições do aluno em sistemas simbólicos e também como os dizeres disponíveis sobre a língua inglesa implicam o seu posicionamento e a determinação do lugar que ele, como sujeito, ocupa. Temos como objetivos específicos: a) analisar o dizer do aluno, buscando identificar as formações discursivas às quais ele se filia; b) analisar o dizer do professor de língua inglesa, considerando-o como elemento importante das condições de produção do discurso do aluno, sujeito de nossa pesquisa; e, também, c) identificar os efeitos do imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição de sua subjetividade.

Questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem de língua estrangeira, à representação e à identidade têm sido discutidas em trabalhos que propõem fazer a interface entre a Análise do Discurso e a Linguística Aplicada. A título de exemplo, citamos alguns trabalhos de Serrani-Infante e Grigoletto que referendam muitas das questões tratadas nesta dissertação.

---

<sup>1</sup> Usamos a palavra mito no sentido de senso comum e não no sentido filosófico.

Serrani-Infante (1997), no trabalho intitulado *Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas*, focaliza o funcionamento de fatores não-cognitivos que se situam antes do processo de aquisição de língua estrangeira, mas que têm papel crucial no sucesso ou insucesso nesse processo. A autora considera que falar é sempre um processo cuja complexidade estrutural supera o mero exercício de habilidades visando à “comunicação” de mensagens ou à resolução de “problemas” operacionais e propõe que o eixo da abordagem do processo de aquisição de uma segunda língua esteja no estudo do desafio subjetivo para o enunciador. Essa autora destaca que no contexto pedagógico de aprendizagem de língua estrangeira, as questões relacionadas à metodologia, ao material didático, às táticas de ensino, às interações em sala de aula, aos objetivos de cursos e a outros são importantes, porém estão, no seu entender, subordinadas às outras questões processuais apontadas neste trabalho, ou seja, é preciso considerar o papel dos processos identificatórios na aprendizagem de língua estrangeira.

Em *Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso*, Serrani-Infante (1998) salienta a importância de abordar a relação língua, linguagem e identidade não somente na dimensão de análise da diversidade, mas também, no sentido de encarar uma abordagem na dimensão da alteridade discursiva. Nesse trabalho, Serrani-Infante (1998) aprofunda o estudo da incidência de fatores não cognitivos que são determinantes no processo de produção em segunda língua e suas implicações identitárias e, ainda, destaca a importância do inconsciente do sujeito e dos elementos advindos do interdiscurso no processo de identificação. Como no trabalho anterior, Serrani-Infante destaca a importância dos processos identificatórios no processo de aquisição de segunda língua: “O encontro com segundas línguas talvez seja uma das experiências mais visivelmente mobilizadoras de questões identitárias no sujeito” (SERRANI-INFANTE 1998, p. 256).

Grigoletto pesquisa questões relacionadas à língua e identidade, mas também aborda a questão das representações em língua inglesa, que é uma das questões basilares desta dissertação. No trabalho *Língua e identidade: representações no discurso dos futuros professores de língua estrangeira*, Grigoletto (2001) apresenta análise e discussão das representações que estudantes de Letras-Inglês fazem sobre o inglês e a partir dessa análise faz uma reflexão sobre o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras. Para Grigoletto, (2001) como para Serrani-Infante, o contato com a língua estrangeira processa deslocamentos nos indivíduos e produz outras posições de sujeito. Na análise das representações, percebemos a contradição nos dizeres dos sujeitos, devido ao fato de que tais enunciados são oriundos de diferentes regiões do interdiscurso. Também como Serrani-Infante, Grigoletto (2001) alerta que a complexidade da constituição identitária do sujeito-aluno enquanto aprendiz de língua estrangeira deveria ser levada em conta no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola, ao invés de se adotar concepções simplistas e redutoras sobre esse processo.

Em seu trabalho *Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira*, Grigoletto (2003) parte do pressuposto de que todo aluno aprendiz de língua estrangeira constrói representações sobre a língua em questão e de que essas representações deixam entrever aspectos da identidade desses sujeitos e suas identificações. Um ponto importante averiguado por essa autora é a contradição entre os dizeres dos alunos sobre a língua inglesa. Tal contradição deve-se aos elementos do interdiscurso presentes nos enunciados dos sujeitos. Como no trabalho anterior, a autora chama a atenção para o fato de que falar uma língua estrangeira envolve deslocamentos de posições e, até mesmo, novas identificações do sujeito e, como no seu trabalho já citado, chama a atenção para a importância de se levar em conta, no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na escola, as posições ocupadas pelos alunos na qualidade de sujeitos da enunciação e a complexidade das relações dos

indivíduos com as línguas, materna ou estrangeira.

Como se pode perceber, esse assunto tem sido amplamente discutido. Ainda assim consideramos relevante problematizá-lo. Isso porque entendemos que o fato de o aluno da escola pública tecer comentários favoráveis e até de exaltação a um objeto ao qual ele tem apenas acesso restrito é uma questão bastante instigante, motivando-nos, portanto, a pesquisá-la.

Passemos, então, a uma breve problematização de dois fatores que estão no cerne da contradição averiguada nos dizeres dos alunos e que motivaram nossa pesquisa, ou seja, a posição do inglês no mundo e o ensino de língua inglesa na escola pública.

Atualmente, o inglês ocupa o *status* de língua mais utilizada no mundo todo, fato que pode ser comprovado pela sua expansão.

A expansão da língua inglesa teve início a partir da colonização britânica:

ao longo dos séculos XV e XVI, tanto a reforma protestante quanto o chamado renascimento inglês e o nacionalismo crescente foram responsáveis pela fixação da língua inglesa e pela promoção da sua expansão para além dos domínios da Grã-Bretanha (MARIANI, 2004, p.158-159).

A difusão de uma língua para além de seu território de origem possui implicações políticas. No caso do inglês, o resultado é o *status* que a língua tem no mundo atual e toda a sua influência sobre a sociedade contemporânea. Nesse sentido, alguns teóricos sustentam a existência de uma geopolítica do inglês.

Para Le Breton (2005), a geopolítica pode ser definida como a análise das rivalidades de poder sobre um determinado território. Esse autor explica que as línguas são o reflexo das relações de força e que as línguas de grande difusão desempenham um papel político de destaque, imprimindo seus traços característicos a uma civilização. Além disso, segundo esse autor essas línguas também refletem o poder dos Estados que as utilizam. Acrescentamos que,

na verdade, as línguas constituem o poder dos Estados, elas não estão fora das questões de poder. Nós não nos colocamos a uma determinada distância para falar de uma língua, nós somos constituídos por ela e é a partir dessa constituição que o sujeito vai constituindo sua subjetividade, pois conforme Elia (2004), o sujeito é efeito do campo da linguagem.

Le Breton (2004) enumera algumas características da geopolítica do inglês, das quais destacamos a primeira, que é a sua difusão planetária: “[...] o inglês está um pouco presente em todos os lugares do mundo” (LE BRETON, 2005, p.16).

O fato de o inglês ter se espalhado pelo mundo todo confere a esse idioma uma imagem de poder que é um dos fatores suscitadores de representações dessa língua e também um dos motivos pelos quais ela se torna um objeto de desejo.

Para Pennycook (1999), a celebração da expansão do inglês, de suas qualidades e características, tem uma longa história de origem colonial e faz parte do que ele chama de adesão a discursos. Nesse sentido, Mariani (2004) chama a nossa atenção para o esforço dos defensores do nacionalismo lingüístico americano, os *founding fathers*, que já no período da proclamação da independência dos EUA se empenhavam no estabelecimento da língua inglesa como língua oficial daquele país e também já anunciavam sua vocação para o papel de língua universalmente aceita, veiculando e agregando discursos que legitimassem essa ideologia:

[...] aparentemente buscando cumprir o seu destino, a memória do futuro anunciada pelos *founding fathers*<sup>2</sup>, a língua inglesa vem tomando o lugar de uma língua universalmente aceita. Há toda uma rede de discursos, principalmente aqueles defensores da globalização, legitimando esta ideologia (MARIANI, 2004, p.171).

---

<sup>2</sup> Grifo da autora.

Logo, além da imagem de poder relacionada à língua inglesa, há também os discursos do inglês como língua da globalização, vinculando, ainda, essa língua, à imagem de modernidade e de desenvolvimento.

Segundo Pennycook (1999), há, por parte de alguns teóricos que tratam de questões relacionadas à língua inglesa, uma perspectiva que considera que essa significância que o inglês adquire deve-se aos papéis que lhe são atribuídos no processo de modernização e de desenvolvimento. Nessa perspectiva, o inglês é visto como a língua mais apropriada para o uso moderno, a ciência, a tecnologia, a comunicação global e assim por diante.

Essa visão do inglês como língua que melhor se adapta ao mundo moderno é constantemente sustentada por imagens do inglês que o associam a computadores, tecnologia, ciência, turismo, diplomacia, internacionalização, globalização, mercados financeiros modernos, internet, aprendizagem virtual, a tudo o que é novo (PENNYCOOK, 1999, p.6)<sup>3</sup>.

Essa visão da língua inglesa a que se refere Pennycook é mantida pela ideologia do inglês como língua universal de que fala Mariani (2004), a qual resulta em representações sobre a língua inglesa que constituem o imaginário social, sendo veiculadas por meio de discursos sobre essa língua e materializadas na linguagem, como podemos verificar na análise do dizer dos alunos e professores que entrevistamos.

Por estar relacionado à idéia de modernidade, o inglês é, no momento, a língua da moda. A difusão do inglês e a imagem de modernidade e de poder que lhe é atribuída levaram-no a ser destaque em campos como o turismo, a aviação, as companhias aéreas, a informática, a Internet, a administração, o jornalismo, a cultura de massa, especialmente o cinema, pois a grande maioria dos filmes a que assistimos são produzidos nos EUA, e também na música, especialmente nos estilos musicais mais apreciados pelos jovens.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. "This construction of English as the language best suited to the modern world is constantly bolstered by images of English that associate it with computers, technology, science, tourism, diplomacy, internationalisation, globalisation, modern financial markets, the internet, e-learning, whatever is new."

O inglês também possui domínio na área da comunicação. As grandes redes de televisão e de notícias existentes atualmente veiculam informações em língua inglesa. Nessa área há, segundo Le Breton (2005), a confluência da comunicação com a indústria cultural, ambas dominadas pelo inglês, e tendo, ambas, um forte impacto especialmente junto aos jovens.

Assim, o inglês possui a imagem de língua do poder, do progresso, da ciência, da conquista material. Parece que as pessoas vêem no inglês uma “ponte” para a ascensão social e tudo o que ele representa, ou seja, todas as vantagens que se atribui a quem possui conhecimentos sobre inglês:

o inglês goza de uma posição dominante nos setores da pesquisa científica, da comunicação, da imagética, da cultura de massa. Ele dispõe de um quase-monopólio no setor da inovação tecnológica. Disso resulta um poder de atração junto a todos aqueles – anglófonos ou não – que buscam ascensão social, a começar pelos altos salários e por aquilo que eles possibilitam (LE BRETON, 2005, p.23).

O fato de o inglês ser a língua dos povos de sucesso no plano da economia e do poder político também contribuiu para ligar a imagem de sucesso e de poder à língua e, conseqüentemente à idéia de que o inglês possibilita o acesso a melhores colocações no mercado. Essa possibilidade de ascensão social é muito atraente principalmente para os jovens.

A simpatia dos jovens pela língua inglesa não é recente e parece ser motivada pelo estilo de vida dos americanos e pela cultura exportada pelos EUA para o restante do mundo. Após a segunda Guerra Mundial, o modelo de vida dos EUA era bem mais atraente do que o da URSS, chamando, especialmente, a atenção dos jovens.

Le Breton afirma que “[...] uma segunda frente da geopolítica do inglês se abre para o campo da cultura. O inglês - particularmente em sua versão americana – lançou raízes profundas nesse setor” (LE BRETON, 2005, p.22). O cinema, a televisão, a música e o DVD

desempenharam um papel importante no fortalecimento da idéia de importância da língua inglesa no imaginário social: “Parece que pelo rock e pelo cinema a língua inglesa se inscreveu no inconsciente da população mundial” (GIBLIN, 2005, p.132).

A influência da cultura de massa americana é tão grande que, muitos artistas não anglófonos, adotam o inglês em suas criações para não ficarem limitados ao mercado interno de seus países, atingindo, assim, o mercado internacional:

a extensão dos mercados tem como resultado, não facilitar a produção de “bens culturais” em países que não são de língua inglesa, mas incitar os artistas, os “criadores” desses países a optar pelo inglês como suporte lingüístico se quiserem atingir um grande mercado. Desse modo, o inglês recupera o que, aliás, a liberdade intelectual oferece àqueles que concebem temas ou meios novos. A lei econômica que quer que todo aquele que se encontra em posição de domínio obtenha mais do que lhe é devido verifica-se cotidianamente (LE BRETON, 2005, p.22-23).

O inglês também é hegemônico nos negócios, especialmente naqueles realizados por empresas que têm parcerias com estrangeiros. Nesses casos, a comunicação é sempre feita em inglês. Para Biplan (2005), isso é questão de eficiência e de custos, mas também de relação de forças.

Como exemplo de relação de forças nesse setor, citamos a atitude dos executivos que são falantes nativos de língua inglesa: em uma reunião ou encontro de negócios, por exemplo, eles não fazem nenhum esforço para compreender a língua dos parceiros estrangeiros, pois têm como certa a condução da reunião em inglês. Além disso, conforme ressalta Biplan: “O paradoxo é que o inglês é a regra, participem anglófonos ou não” (BIPLAN, 2005, p.134).

Segundo Rajagopalan, a língua inglesa também possui respeito no meio científico: “[...] algo em torno de 80 a 90% da divulgação de conhecimento científico ocorre em inglês” (RAJAGOPALAN, 2005, p.149). Reforça essa idéia o grande prestígio de algumas universidades inglesas e americanas.

Esse sucesso em diferentes áreas leva-nos a compreender por que há uma espécie de apologia ao inglês e também nos fornece subsídios para compreender como se constitui o imaginário social sobre a língua inglesa. Também a existência destes fatores anteriormente citados explica a existência de tantos estabelecimentos de ensino de inglês no Brasil. Segundo a revista *Veja* de 28-10-98, havia no Brasil, naquela época, 3150 escolas de línguas funcionando no sistema de franquia e oferecendo aulas de inglês. Além disso, paralelamente a esses institutos de idiomas, funcionam estabelecimentos independentes, aulas particulares e programas de treinamento em empresas.

Para Lacoste (2005), a intensificação do ensino do inglês, oficial ou privado, reforça ainda mais a sua difusão, porém, apesar de ser uma língua tão difundida e de possuir muitas vezes até *status* de objeto de desejo, o ensino de língua inglesa oferecido no contexto das escolas da rede oficial, especialmente públicas, é desprestigiado, sendo visto até como “faz de conta” e os alunos, inclusive, muitas vezes questionam o por quê desta disciplina na escola.

Nesse sistema escolar, o ensino de uma língua estrangeira é obrigatório. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, há obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira a partir da 5ª série, porém, não há determinação de uma língua estrangeira em específico. Ocorre que, como resultado do *status* que o inglês possui, ele se torna a língua estrangeira mais presente nas grades curriculares das escolas da rede oficial.

Verificamos, por meio da prática como professora e também, como pesquisadora, pela análise das entrevistas que realizamos para esta pesquisa, que os alunos ao mesmo tempo desprestigiam o inglês da escola em que estudam e exaltam a língua inglesa como franqueadora de vantagens, valorizando seu ensino em institutos de idiomas. Um conjunto de fatores, tais como, a qualidade de ensino, a mídia e a política de ensino de língua estrangeira contribuíram para instaurar no imaginário social a crença de que os institutos de

idiomas são o lugar em que se aprende língua estrangeira. É inegável que a qualidade do ensino nos institutos de idiomas é superior à da escola regular dadas as condições de precariedade que historicamente marcam o ensino de língua inglesa nas escolas públicas. Ademais, devemos lembrar que somente a qualidade no ensino não é garantia de sucesso na aprendizagem de uma língua estrangeira. Isso porque, não é suficiente tratar apenas de questões relacionadas à metodologia, ao planejamento, às estratégias de ensino, por exemplo. Há outros fatores imbricados na aprendizagem de uma língua estrangeira. Vejamos o que diz Revuz sobre essa questão:

objeto de conhecimento intelectual, a língua é também objeto de uma prática. Essa prática é, ela própria, complexa. Prática de expressão, mais ou menos criativa, ela solicita o sujeito, seu modo de relacionar-se com os outros e com o mundo; prática corporal, ela põe em jogo todo o aparelho fonador. Sem dúvida, temos aí uma das pistas que permitem compreender por que é tão difícil aprender uma língua estrangeira. Com efeito, essa aprendizagem mobiliza, em uma interação necessária, dimensões da pessoa que geralmente não colaboram, nem mesmo convivem, em harmonia. O sujeito deve pôr a serviço da expressão de seu *eu* um *vaivém* que requer muita flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo sobre os ritmos, os sons, as curvas entoacionais, e um trabalho de análise e de memorização das estruturas lingüísticas. É possível se levantar a hipótese de que muitos dos insucessos podem ser analisados como uma incapacidade de ligar essas três dimensões: afirmação do *eu*, trabalho do corpo, dimensão cognitiva (REVUZ, 1998, p. 216-217).

No entanto, essa complexidade é ignorada por alunos e até por uma grande quantidade de professores. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, chamados PCNs, que são documentos elaborados para nortear o ensino das escolas da rede oficial, por exemplo, não levam em conta essas dimensões que envolvem a aprendizagem de língua estrangeira, tampouco tratam de processos identitários no ensino e aprendizagem de línguas, que é outro fator importante a se considerar no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Os currículos escolares são norteados pelos PCNs; por conseguinte, na elaboração desses currículos não são levados em conta esses aspectos. Assim, a língua é encarada como um instrumento e o resultado disso são representações questionáveis sobre a língua e passíveis de serem problematizadas.

Lembramos que professores e alunos não devem ser responsabilizados por esse modo de conceber a língua inglesa. Os alunos, por exemplo, não têm conceito formado sobre a língua inglesa. A origem dessa concepção de língua e de seu ensino está no modo como ela é tratada pelo sistema de ensino, o que quer dizer que o próprio sistema, ao estruturar políticas de ensino de línguas, não leva em conta a complexidade da aprendizagem de língua estrangeira, circunscrevendo-se, por vezes, aos aspectos formais, metodológicos e/ou meramente gerenciais.

Constituídos por representações, como por exemplo, aquela que relaciona o inglês ao desenvolvimento, à modernidade e à globalização, os alunos vêem a língua inglesa como instrumento útil para se atingir fins pragmáticos, tais como arranjar um bom trabalho.

É relevante para a nossa discussão a problematização da situação em que se encontra o ensino de língua inglesa no Ensino Fundamental. Como entrevistamos alunos de 7ª e 8ª séries de Ensino Fundamental<sup>4</sup>, a análise da situação do ensino de língua inglesa nesse nível escolar no Brasil merece reflexão.

Conforme o documento intitulado *Situação da educação básica no Brasil*, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura em 1999, o ensino no Brasil, como um todo, tem crescido quantitativamente, mas precisa melhorar em relação à sua qualidade. No documento citado anteriormente, Perez, autor do capítulo dedicado ao Ensino Fundamental, período que compreende da primeira à oitava série, afirma que:

os dados disponíveis permitem concluir que o sistema educacional brasileiro, a despeito de seu expressivo crescimento e da ampliação do atendimento da população na faixa etária, ainda está longe de uma boa eficiência e apresenta um baixo rendimento. Malgrado a democratização das vagas, ele está longe de atender à equidade, subsistindo fortes desigualdades regionais e internas ao próprio sistema (PEREZ, 1999, p. 69).

---

<sup>4</sup> 4º ciclo do Ensino Fundamental.

Nesse documento, verifica-se que o desenvolvimento quantitativo da escolarização é significativo e observa-se até uma certa melhoria dos resultados do sistema educativo, porém, esses resultados ainda são insuficientes.

Contudo, há necessidade de um esforço mais concentrado dos diferentes níveis de governo na implementação de políticas que contemplem não só um progresso dimensionado quantitativamente, mas um avanço qualitativo que envolva dimensões tais como: formação dos professores, remuneração, material didático de apoio, adequação dos currículos, sistemáticas de avaliação, gestão da unidade escolar, dentre outras (PEREZ, 1999, p. 69).

Acreditamos que a língua estrangeira, especificamente, é um dos componentes curriculares que mais sofrem com o problema da falta de qualidade do ensino e de esforços no sentido de melhorá-lo, especialmente por não ter o *status* de disciplina do núcleo comum<sup>5</sup>, sendo vista, por esse motivo, como disciplina que não reprova. Esse fato gera muita insatisfação nos professores e desmotivação para o trabalho.

Os redatores<sup>6</sup> do *Documento Síntese do II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras*, realizado na Universidade Católica de Pelotas em 2000, reconhecem que o ensino regular não tem sido capaz de garantir o direito à aprendizagem de línguas e que esse direito acaba sendo usufruído apenas pelas camadas de melhor poder aquisitivo da população.

O ensino de língua estrangeira, na rede oficial, carece de vários fatores: políticas de ensino que privilegiem a qualidade; adoção de metodologias mais adequadas; disponibilização de recursos e salas de aula menos numerosas, dentre outros fatores.

Assim sendo, o contexto do ensino de língua estrangeira na escola pública brasileira é

---

<sup>5</sup> Os currículos do ensino fundamental e médio compõem-se de uma base nacional comum complementada por uma parte diversificada, que varia conforme as características regionais, de cultura, da economia e da clientela. O ensino de língua estrangeira está incluído na parte diversificada do currículo. Na prática, a parte diversificada não possui o mesmo *status* que a base nacional comum.

<sup>6</sup> Comissão de redação: Profs. Maria Helena Vieira Abrahão, José Carlos Paes de Almeida Filho e Hilário I. Bohn.

atravessado por dizeres conflitantes: por um lado, estão os dizeres a respeito das dificuldades encontradas no ensino, como, por exemplo, recursos didáticos escassos, falta de professores habilitados e proficientes, falta de metodologia adequada às necessidades dos alunos, falta de política de ensino que valorize o ensino de língua estrangeira e da elaboração de documentos que levem em conta questões identitárias no processo de ensino e aprendizagem de línguas; por outro, existem os dizeres de exaltação do inglês, que trazem embutida a representação do inglês como franqueador de melhores oportunidades de trabalho e de ascensão social, conforme vimos argumentando, os dizeres que relacionam o inglês a desenvolvimento e modernidade e os dizeres do inglês como língua universal e língua da globalização.

Os alunos, enquanto sujeitos, são atravessados por esses discursos contraditórios que constituem o seu imaginário e aos quais atribuem sentidos. Tais sentidos, de algum modo, produzirão efeitos na constituição de sua subjetividade. Além disso, Serrani chama-nos a atenção para a mobilização de questões identitárias mediante o contato com línguas estrangeiras:

o encontro com segundas línguas talvez seja uma das experiências mais visivelmente mobilizadoras de questões identitárias no sujeito. Em casos de contexto em imersão por situações migratórias, ou mesmo experiências mais curtas de períodos de vida em país estrangeiro, isso é mais evidente; *mas esse questionamento identitário não está ausente nos casos de aprendizagem de língua estrangeira em contexto pedagógico*<sup>7</sup> (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 256-257).

Restringimos nossa problematização ao contexto pedagógico. Como Serrani propõe, no contexto pedagógico de aprendizagem de uma língua estrangeira o questionamento identitário, por parte do sujeito, não está ausente, embora não seja tão evidente como nos casos de imersão. No entanto, é preciso considerar a existência de diferentes contextos pedagógicos de ensino e de aprendizagem de línguas, como por exemplo, os institutos de línguas e as escolas da rede oficial, pública ou particular.

---

<sup>7</sup> Grifo nosso.

Como já foi dito anteriormente, os institutos de idiomas possuem mais recursos que as escolas públicas. Os institutos de idiomas fazem uso de recursos pedagógicos variados e, além disso, estão sempre investindo no sentido de aprimorar o método de ensino porque enfrentam uma grande concorrência no mercado de ensino de língua estrangeira, que os instiga a oferecer “eficiência” no ensino. No entanto, devido a fatores já citados aqui, como a complexidade na aprendizagem de uma língua estrangeira apontada por Revuz (1998) e também a incidência de elementos não cognitivos no sucesso ou insucesso de aprendizagem de uma língua estrangeira apontados por Serrani-Infante (1997,1998), não há garantia de sucesso de aprendizagem no contexto pedagógico dos institutos de idiomas. Porém, parece constituir o imaginário social discursos que sustentam que os institutos de idiomas são os lugares nos quais se aprende língua estrangeira.

Nas escolas da rede oficial, pública ou privada, o inglês é a língua mais ensinada, porém, o encontro com uma língua estrangeira, conforme a concepção de Serrani-Infante (1998), acontece de forma muito mais branda do que geralmente ocorre em outros espaços discursivos, como nos institutos de idiomas e mais branda ainda do que nos casos de imersão. Isso porque, nesse contexto, o contato com a língua é muito pequeno e costuma ser reduzido a apenas alguns aspectos, como por exemplo, à gramática e, eventualmente, à leitura. Mesmo levando em conta os quatro anos do Ensino Fundamental somados aos três anos do Ensino Médio, totalizando sete anos de estudo da língua, o que significa um tempo considerável, o aluno sai da escola conhecendo muito pouco sobre essa língua, e, na realidade, ele não a sabe, pois conforme Melman (1992), “Saber uma língua é muito diferente de conhecê-la. Saber uma língua quer dizer ser falado por ela, que o que ela fala em você se enuncia em sua boca, como destacado a título do ‘eu’”(MELMAN, 1992, p. 15).

Considerar o modo como o aluno tem contato com a língua é necessário porque o contato com uma língua estrangeira acontece em um determinado espaço discursivo cujas

características são relevantes para a aprendizagem. Nesse sentido, Freitas nos lembra que “As questões que envolvem o aprender uma língua estrangeira passam inicialmente, pela forma de contato que o sujeito-aluno tem com esta língua estrangeira” (FREITAS, 2004, p.19).

Na maioria das escolas públicas, o contato do aluno com a língua estrangeira, em função das condições de ensino que não são favoráveis à aprendizagem, é restrito. Isso acontece devido a fatores tais como falta de material e de recursos didáticos, nem todos os professores são qualificados e em muitos casos o professor não possui identificação com a língua que leciona. É necessário também, a identificação do aluno com a língua. Além disso, as salas de aula geralmente apresentam um grande número de alunos. Os sistemas de ensino também não oferecem muitas oportunidades de aperfeiçoamento para os professores de língua estrangeira e a disciplina é tratada com certo descaso por parte da comunidade escolar. Isso porque, na prática, é vista como disciplina que não reprova, conforme citamos anteriormente. Esse fato e a ideologia de que na escola regular não se aprende língua inglesa resultam no descaso com a disciplina, tanto por parte dos alunos, quanto por parte de alguns professores, o que, por sua vez, deixa flagrar a política de ensino de língua estrangeira adotada, apregoada pelos órgãos oficiais de educação.

Os problemas do ensino e da aprendizagem de língua estrangeira no Brasil têm origem em fatores de dimensão bem maior que a sala de aula. Pode-se afirmar que a manutenção do atual sistema de ensino está relacionada a questões de poder. Segundo Pennycook (2001), o poder opera em todos os setores da vida e a escola, como uma instituição social, funciona como um sistema controlador dos indivíduos, contribuindo para a manutenção da ideologia e do poder da classe dominante. Discutiremos essas questões no capítulo dedicado às condições de produção do discurso em torno da língua inglesa.

Se, conforme Serrani-Infante (1998), o questionamento identitário não está ausente no espaço discursivo pedagógico, porém ocorre aí em grau menor do que nos casos de imersão,

supõe-se que no espaço discursivo da escola pública esse questionamento identitário seja ainda menor do que o questionamento identitário nos casos de contato com uma língua estrangeira em institutos de idiomas. Logo, considerando as diferenças dos espaços discursivos pedagógicos de ensino de língua estrangeira explicitados anteriormente, isto é, os institutos de idiomas e as escolas da rede oficial de ensino, a aprendizagem e as subjetividades constituídas nesses dois contextos pedagógicos também são diferentes.

Mediante a convivência com alunos da rede pública, na condição de professora e, sobretudo, como pesquisadora, observamos que esses alunos vivem uma contradição: apesar de conviverem com a desvalorização do ensino de inglês na escola em que estudam, eles sabem que na sociedade em que vivem, por diversas razões, esse idioma é bastante valorizado. Desse modo, esses alunos consideram importante aprender inglês, porque crêem que esse conhecimento lhes propiciará melhores chances no mercado de trabalho e mais acesso à informação, resultando em melhores condições de ascensão social. No entanto, também crêem que, para aprender inglês, terão que frequentar um instituto de idiomas, que constitui, no seu imaginário, o local em que se aprende língua estrangeira. Por conseguinte, os alunos da escola pública acreditam que o ensino de língua estrangeira da escola em que estudam não será suficiente para competirem no mercado de trabalho, em uma posição de igualdade com os alunos oriundos dos institutos de idiomas, e assim estarão excluídos da ordem da sociedade globalizada, não usufruindo os seus benefícios.

Para Guattari (2005), há no sistema capitalístico<sup>8</sup> uma produção de subjetividade, uma subjetividade fabricada, modelizada e as representações atuam nesse processo de subjetivação: “Esquemáticamente falando, eu diria que, assim como se fabrica leite em forma de leite condensado, com todas as moléculas que lhe são próprias, injeta-se representações nas mães, nas crianças, como parte do processo de produção subjetiva” (GUATTARI, 2005, p.

---

<sup>8</sup> Ao se referir a sistema econômico, Guattari utiliza a palavra capitalístico ao invés de capitalista. Segundo Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa o verbete capitalístico é assim definido: “**capitalístico** *adj* (*capitalista* + *ico*) Pertencente ou relativo ao capitalismo” (MICHAELIS, 1998, p. 422).

34). Assim sendo, acreditamos que as representações sobre o inglês e as condições do ensino de língua inglesa na escola pública são determinantes na constituição da subjetividade do aluno e isso é explicitado nos dizeres contraditórios que eles enunciam e que mostraremos no capítulo de análise desta dissertação.

Se partirmos do pressuposto de que a língua é objeto de conhecimento intelectual e também é objeto de uma prática, conforme afirmação de Revuz (1998), citada anteriormente, podemos, então, considerar que o modo como se dá o contato do aluno com a língua inglesa no espaço discursivo de escola pública não é condição suficiente capaz de promover deslocamentos identitários perceptíveis. No entanto, a partir desse contato são produzidos sentidos sobre a língua inglesa, que constituem suas representações. Tais representações são suscitadas pelos discursos que circulam no contexto histórico-social e estão presentes no imaginário desse aluno, produzindo de algum modo, efeitos na sua subjetividade e levando-os a circunscreverem discursivamente seus dizeres nestes discursos. Desse modo, formulamos a hipótese de que no espaço discursivo pedagógico de escola pública, as construções de subjetividade são resultantes mais do imaginário produzido, o qual sustenta as representações dos aprendizes sobre a língua inglesa, do que pelo contato com a língua propriamente dita.

Partindo dessa hipótese, propusemo-nos a realizar nossa pesquisa, objetivando compreender porque o aluno da escola pública enaltece uma língua que ele praticamente não conhece.

A metodologia utilizada neste trabalho consistiu em análise interpretativista e descritiva do *corpus*, que é composto de entrevistas semi-estruturadas, isto é, elaboradas a partir de um roteiro prévio. A opção pela entrevista semi-estruturada justifica-se pela flexibilidade que esse tipo de entrevista permite, ou seja, o pesquisador tem seus objetivos os quais deseja alcançar, porém não segue um roteiro rígido de entrevistas.

Após a realização e transcrição das entrevistas partimos para a análise do *corpus*. Durante essa etapa, buscamos identificar as formações discursivas às quais os dizeres dos alunos se filiam, problematizar as representações que eles possuem sobre a língua inglesa e também problematizar as circunscrições discursivas do imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição de sua subjetividade.

Entrevistamos 15 alunos de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, com idade média entre 12 e 15 anos, que estudam em escolas públicas e não freqüentam aulas de inglês em institutos de idiomas. Também entrevistamos cinco professoras de língua inglesa atuantes na escola pública. É relevante analisar o dizer do professor porque, enquanto sujeito, ele está inserido nas condições de produção do dizer do aluno. Essa quantidade de entrevistas de alunos e de professores justifica-se pelo fato de que, apesar de haver mais alunos e professores disponíveis para serem entrevistados, as 15 entrevistas com alunos e as 5 entrevistas com professores que compõem o *corpus*, se mostraram suficientes, por estarem dentro dos propósitos da pesquisa. Os critérios utilizados para a seleção das entrevistas serão abordados no capítulo III.

A partir das entrevistas, fizemos a análise com base na rede conceitual da Análise do Discurso de orientação pecheutiana, buscando identificar os sentidos produzidos pelos entrevistados, as circunscrições discursivas que emergem do seu dizer, as formações discursivas às quais essas circunscrições se filiam e as representações que os alunos possuem sobre a língua inglesa.

O cenário da pesquisa é composto por dois colégios públicos da rede estadual de uma cidade em Goiás, cujo livro didático adotado na disciplina Língua Inglesa é o English clips, das autoras Mariza Ferrari e Sarah Rubin, editado pela Editora Scipione. Esse livro é adotado em toda a rede estadual desde o ano de 2002 e é fornecido pela Secretaria Estadual da

Educação aos alunos, sob o sistema de empréstimo<sup>9</sup>. O livro tem a proposta de abordar, no ensino de língua inglesa, os Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais que são: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, educação sexual, cidadania e trabalho e consumo.

Os conceitos teóricos da Análise do Discurso preconizada por Michel Pêcheux, fundamentais para o nosso trabalho, são: sujeito, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso, imaginário e subjetividade.

Além da rede conceitual em Análise do Discurso, buscamos fazer a interface com a Lingüística Aplicada, no sentido de problematizar as questões relacionadas à aprendizagem de língua inglesa no espaço discursivo de escola pública e às representações do aluno e do professor de inglês sobre essa língua.

Com base em Authier-Revuz (1990), inserimos em nosso trabalho o conceito de heterogeneidades enunciativas. Também utilizamos conceitos da teoria dos Estudos Culturais, especialmente para tratar de questões relacionadas à globalização, à representação e à identidade.

Essa dissertação está estruturada em três capítulos, além dessa introdução e das considerações finais. No capítulo I, tratamos dos conceitos teóricos que fundamentam a pesquisa. No capítulo II, problematizamos algumas das condições de produção do *corpus* e também analisamos o dizer dos professores de inglês e no capítulo III realizamos a análise dos dizeres dos alunos.

Passemos, agora, ao capítulo I desta dissertação no qual explicitamos os conceitos teóricos que fundamentaram esta pesquisa.

---

<sup>9</sup> O Ministério da Educação e Cultura é o órgão responsável pelo fornecimento de livro didático de algumas disciplinas para os alunos das escolas públicas. Não é fornecido livro didático para a disciplina língua estrangeira. No Estado de Goiás, local de realização desta pesquisa, houve em 2002 o fornecimento de livro didático de língua inglesa por meio da Secretaria Estadual de Educação como parte de um programa realizado por essa Secretaria de Estado.

# CAPÍTULO I

## CONCEITOS TEÓRICOS

### 1. Considerações gerais

A convivência com adolescentes estudantes de escola pública levou-nos a perceber que, em seus dizeres, eles enunciam a língua inglesa de modo enaltecido sem, porém, terem estreito contato com essa língua que justificasse essa exaltação.

O contato com a língua inglesa no contexto de escola regular se dá por meio de aulas nas quais o principal recurso costuma ser o livro didático e o ensino geralmente é reduzido apenas à gramática e à leitura. Sendo assim, esse dizer favorável à língua inglesa não se justifica pelo conhecimento propriamente dito da língua. Os alunos não têm um contato suficiente com a língua inglesa, na escola, que lhes permita formar opinião a respeito dessa língua. É por meio da análise dos dizeres dos alunos que podemos problematizar as razões que sustentam tais enaltecimentos que os alunos tecem à língua inglesa.

Dizeres sobre a língua inglesa tais como *o inglês é a língua universal, é a língua da globalização e do desenvolvimento* circulam na sociedade, especialmente por meio da mídia, dos veículos de cultura de massa, como por exemplo a música, o cinema, a TV e o DVD, e até o livro didático de inglês. A partir desses dizeres são atribuídos sentidos à língua inglesa, que constituem representações sobre essa língua. Tais representações povoam o imaginário do aluno e produzem efeitos na sua subjetividade.

Conforme Woodward: “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17). Sendo assim, os discursos sobre a língua inglesa e as

representações sobre essa língua exercem um papel relevante na constituição da subjetividade do aluno da escola pública, porque tais representações acabam produzindo mais efeitos na constituição dessa subjetividade do que o próprio contato desse aluno com a língua inglesa no contexto de escola pública. Tal fato se dá porque, em tal contexto, como já dissemos, esse contato é mínimo e, salvo raras exceções, não chega a produzir deslocamentos identitários perceptíveis. Ao contrário, os discursos e representações sobre a língua inglesa assumem tamanha força, levando à produção de efeitos na constituição do aluno enquanto sujeito. Para Guattari (2005), a TV, a mídia e o cinema atuam como máquinas de produção de subjetividades e são eles também, os grandes propagadores dos discursos de exaltação sobre a língua inglesa.

Os estudos sobre Análise do Discurso nos auxiliaram a compreensão das questões arroladas anteriormente e forneceram meios para que pudéssemos compreender as contradições que observamos no dizer do aluno, sujeito de nossa pesquisa. Para isso, trataremos, neste capítulo de conceitos como sujeito, formação discursiva, interdiscurso e formações imaginárias. Conforme dissemos na introdução deste trabalho, os discursos e as representações desempenham papel relevante na constituição de subjetividades. Diante disso, tratamos também da noção de subjetivação baseada em Guattari e também da concepção de Woodward sobre representação. Além disso, abordamos também o conceito de heterogeneidade, tendo como base teórica os estudos de Authier-Revuz no campo da enunciação.

### **1.1 Formação discursiva e interdiscurso**

Ao verificar os dizeres de exaltação da língua inglesa proferidos pelos alunos que entrevistamos, percebemos que esse dizer não poderia mesmo ser diferente, afinal, ele

constitui o posicionamento de um sujeito que se encontra circunscrito em uma série de discursos provenientes de diferentes lugares tais como TV, propaganda, cinema e que passam a imagem de que o inglês é a língua mais importante da atualidade.

Os dizeres sobre os benefícios e vantagens do inglês são vários: língua universal, língua dos negócios, da globalização, da Internet, da modernidade, do desenvolvimento. Em nosso *corpus* encontramos dizeres que associam o inglês à comunicação e ao mercado de trabalho, além de ser mencionada como língua útil para viajar. Porém, esses dizeres não diferem com relação ao tema: em todos eles o inglês é visto de forma positiva, necessária, progressista e útil.

Tomando o suporte teórico da Análise do Discurso, podemos dizer que esses dizeres filiam-se a determinadas formações discursivas, devido à regularidade temática que se encontra em tais dizeres.

O conceito de formação discursiva, fundamental para esta pesquisa, foi formulado por Michel Foucault. Conforme Foucault (2004), quando há regularidade tanto nas escolhas temáticas, quanto entre os objetos, tipos de enunciação e conceitos, tem-se uma formação discursiva. Michel Pêcheux incorporou a noção de ideologia ao conceito de formação discursiva. Para Pêcheux (1995), o discurso encontra-se em estreita relação com a ideologia e as formações discursivas, por sua vez, encontram-se no interior das formações ideológicas, ou seja, das crenças, valores e atitudes.

Segundo Pêcheux “a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido” (PÊCHEUX, 1995, p. 162). Desse modo, justifica-se a importância do conceito de formação discursiva para esta pesquisa, pois na análise do *corpus* buscamos identificar as formações discursivas às quais se filiam os dizeres dos alunos e dos professores que foram entrevistados, objetivando compreender o sentido de tais dizeres. Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux (1995)

discute a questão da formação discursiva, da qual retiramos algumas proposições relevantes para nosso trabalho.

Na primeira proposição, o autor explica que a palavra não tem sentido próprio, seu sentido muda conforme essa ou aquela formação discursiva, e as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Na segunda proposição, Pêcheux (1995, p.162) afirma que a formação discursiva é o lugar de constituição do sentido, enquanto na terceira proposição, explica que toda formação discursiva dissimula o *todo complexo com dominante*. Pêcheux (1995, p. 162) explica que esse *todo complexo com dominante* tem como característica a presença de outros discursos no interior da formação discursiva e o nomeia como *interdiscurso*.

Como já foi dito, o foco de nosso trabalho é tentar compreender a aparente contradição em que se encontra o aluno da escola pública em relação à língua inglesa, ou seja, compreender os motivos pelos quais o aluno enaltece a língua inglesa, sem ter, contato com essa língua que justifique tal enaltecimento. Essa contradição é observada no âmbito da escola regular, especialmente da pública, porque nesse espaço discursivo, o contato estabelecido entre o aluno e a língua inglesa é muito pequeno, porém, esse mesmo aluno produz um dizer de exaltação a essa língua. Desse modo a simpatia do aluno inserido nesse contexto pedagógico pela língua inglesa não se explica pela identificação com essa língua estrangeira motivada apenas pela sua aprendizagem na escola, uma vez que aí o contato com a língua inglesa é muito pequeno e, via de regra, não chega a acontecer o desarranjo identitário para que se estabeleça o rearranjo, conforme é tratado por Serrani-Infante:

a meu ver, um dos processos fundamentais que acontece quando o sujeito desenvolve uma “aquisição” bem sucedida de segunda língua (isto é, quando acontece o “desarranjo” subjetivo que possibilita um “re-arranjo” significante) é a

inscrição do sujeito em relações de preponderância na discursividade nova da segunda língua (SERRANI-INFANTE, S. 1997, p. 75).

Assim, se no contexto de ensino de língua estrangeira da escola pública, geralmente não há condições para a inscrição do sujeito-aluno em relações de preponderância na discursividade da língua inglesa, as possibilidades de aprendizagem bem sucedida dessa língua são remotas. Comumente, o que se observa, por parte da comunidade escolar em geral, nas escolas regulares é um descaso com a língua inglesa enquanto componente curricular.

Assim sendo, buscamos na rede conceitual da Análise do Discurso elementos que acreditamos ser capazes de nos fornecer a compreensão dessa contradição. No dizer de Foucault (2004), podemos constatar uma certa irregularidade no uso das palavras, diversas proposições incompatíveis, um jogo de significações que não se ajustam umas às outras, ou seja, a existência de contradições nos dizeres do sujeito. No entanto, para Foucault (2004) a pesquisa busca a coerência, um princípio de coesão. Assim sendo, nosso intuito é compreender o porquê dessa contradição. Para isso, precisamos buscar as bases de tal contradição, isto é, os discursos que constituem os dizeres do aluno. É por meio do interdiscurso que podemos compreender porque o aluno, sujeito desta pesquisa, produz dizeres que se circunscrevem em discursos de exaltação a um objeto ao qual ele praticamente não tem acesso.

Pêcheux (1995, p.162) faz referência ao interdiscurso como o “todo complexo com dominante” das formações discursivas e afirma que ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza as formações ideológicas e também afirma que toda formação discursiva dissimula, devido à sua aparência de homogeneidade, a objetividade material contraditória do interdiscurso. Assim, confirmamos em Pêcheux essa natureza contraditória do interdiscurso. Segundo Fernandes a interdiscursividade é “[...] caracterizada pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais” (FERNANDES, 2005, p. 49). Desse modo, esses discursos vindos

de diferentes lugares e momentos nem sempre serão coesos entre si e quando não existe esta “coerência interdiscursiva” o sentido dos dizeres produzidos é contraditório.

Como o aluno está exposto o tempo todo a dizeres que se inscrevem em discursos que apregoam os benefícios e vantagens do inglês, como por exemplo, ao discurso da mídia, ele vai, conseqüentemente, em seu processo de subjetividade se inscrever nesses discursos, do mesmo modo como o fazem também os demais integrantes do espaço discursivo em que vive, como por exemplo, pais e professores.

O interdiscurso assume papel relevante na explicação da constituição da subjetividade do aluno, sujeito desta pesquisa, porque a esses dizeres que se circunscrevem em discursos de exaltação do inglês são atribuídos sentidos, tais como língua útil que facilita a comunicação no mundo globalizado e língua necessária para se conseguir boa colocação no mercado de trabalho. Pelo cruzamento dos vários discursos a que o aluno está sujeito é que se construirão as representações subjetivas que comporão o seu entendimento e compreensão do universo permeado pela língua inglesa, mesmo que não esteja exposto a ela, como prática, na escola regular. A relevância das representações para esta pesquisa reside no fato de que, segundo Guattari (2005), as representações tomam parte no processo de produção subjetiva. Na próxima seção, trataremos de representação e imaginário e discutiremos como as representações atuam na produção de subjetividade.

## **1.2 Representação e imaginário**

Nesta seção, discutimos os conceitos de representação e imaginário. Estes dois conceitos não estão dissociados. As representações sobre a língua inglesa constituem o imaginário social sobre essa língua, sendo constitutivas dos discursos nos quais se circunscrevem enunciativamente e materializadas no dizer dos sujeitos.

Para Woodward (2000) “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito” (WOODWARD, 2000, p.17). Para significar, o discurso entra em contato com diferentes regiões do interdiscurso. Discursos sobre a língua inglesa são oriundos de diferentes lugares pois o inglês está presente em diversos campos. Esses discursos também se originam em diferentes épocas, pois a história mostra como o inglês tem se expandido desde o início da colonização britânica em meados do século XVII. Desse modo foi-se atribuindo sentidos à língua inglesa. Tais sentidos conferem a esta língua determinadas imagens que ao longo do tempo passaram a constituir um imaginário sobre ela. Como exemplo tem-se a visão do inglês como língua que melhor se adapta ao mundo moderno, de que nos fala Pennycook, (1999) já mencionado na introdução desta dissertação, e que, segundo esse autor, é sustentada por imagens que associam o inglês a tudo o que é novo.

Para tratar do conceito de imaginário recorreremos à noção de formações imaginárias.

Conforme Orlandi:

as condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica (ORLANDI, 2003, p.40).

Assim, as imagens que os alunos possuem do objeto do discurso, o inglês no caso de nossa pesquisa, dentro do atual contexto sócio-histórico, marcado pelos efeitos de sua expansão e da globalização, constitui o seu imaginário sobre a língua inglesa e constituem seus dizeres.

Para Pêcheux (1995), o ego é o imaginário no sujeito. É onde se constitui para o sujeito a sua relação imaginária com a realidade. A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito. Essa identificação, fundadora da unidade

(imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso, que constituem no discurso do sujeito os traços daquilo que o determina são reinscritos no discurso do próprio sujeito.

De acordo com Serbena (2003), o campo do imaginário é formado por imagens, símbolos, sonhos, aspirações, mitos, fantasias, muitas vezes pré-rationais e com forte conotação afetiva que existem e circulam nos grupos sociais. No imaginário do aluno, sujeito de nossa pesquisa, a língua inglesa é vista como franqueadora de boas oportunidades de trabalho e conseqüentemente de ascensão social e por isso ele a enaltece.

As formações imaginárias, conceito oriundo da Análise do Discurso de orientação pecheutiana, dizem respeito a posições de sujeito no discurso e relacionam-se também à noção de representação vinda dos Estudos Culturais. Essa perspectiva de representação concebe-a como um processo identificatório do sujeito com elementos do seu espaço social. Esses elementos (culturais, afetivos, sociais etc.) chegam ao sujeito por meio de dizeres (pessoas de seu convívio, mídia, instituições às quais pertence etc.). Em tais dizeres é possível encontrar manifestações interdiscursivas.

O interdiscurso, conforme tratado na seção anterior, é um conceito formulado por Michel Pêcheux e se caracteriza pela presença de diferentes discursos oriundos de diferentes lugares, entrelaçados no interior das formações discursivas. Juntamente com os dizeres chegam ao sujeito as imagens, símbolos, sonhos, aspirações, mitos, fantasias que existem e circulam nos grupos sociais e que constituem o campo do imaginário. Ambos, imaginário e interdiscurso caracterizam-se pela presença de elementos oriundos do espaço social (discursos no caso do interdiscurso e imagens, símbolos, mitos e crenças no caso do imaginário) e de diferentes momentos da história em sua constituição. Os discursos, imagens, símbolos, sonhos, aspirações e mitos vão produzir sentidos com os quais, o sujeito, por meio da identificação, vai se posicionando, constituindo sua subjetividade.

A escolha dos lugares que o sujeito ocupa e os posicionamentos que ele assume não é feita aleatoriamente, pelo contrário, são determinadas por relações de poder. Desse modo, as formações imaginárias também estão relacionadas a questões de poder:

[...] o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder (ORLANDI, 2003, p. 42).

Nesse sentido, também afirma Woodward: “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.” (WOODWARD, 2000, p. 18). Se tal direcionamento é determinado por questões de poder, as representações são delimitadas ideologicamente no sentido de atender às questões relacionadas a poder político e econômico, por isso certas representações têm um apelo mais forte junto à sociedade do que outras. Isso quer dizer que prevalecem as representações que atendem à ideologia de quem representa.

Foucault (1996) afirma que há uma forte ligação entre discurso e poder. Na verdade, discurso, poder e saber estão correlacionados. Assim sendo, as representações, por sua vez, também se relacionam ao poder, pois são geradas a partir de discursos sobre algo. Isso porque, conforme Woodward: “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17).

No dizer de Deleuze:

um exercício de poder aparece como um afeto, já que a própria força se define por seu poder de afetar outras forças (com as quais ela está em relação) e de ser afetada por outras forças. Incitar, suscitar, produzir (ou todos os termos de listas análogas) constituem afetos ativos, e ser incitado, suscitado, determinado a produzir, ter um efeito “útil”, afetos reativos (DELEUZE, 2005, p. 79).

Logo, os discursos que exaltam a língua inglesa, presentes em vários veículos, como a mídia por exemplo, têm o poder de incitar, suscitar e produzir significados que constituem representações sobre a língua inglesa. A partir desses significados sobre a língua inglesa, as pessoas se posicionam sobre ela e a enunciam.

Além disso, segundo Faria (2005), quem representa tem o poder, ou seja, as representações sobre a língua inglesa também são o reflexo de grupos de poder hegemônico, que nesse caso são os países anglófonos, dentre outros. Isso explica porque há tantos discursos que resultam em representações sobre o inglês, o mesmo não ocorrendo, com outras línguas. Nesse sentido, o grupo hegemônico que possui o poder de afetar outros grupos exerce aí o seu poder. As representações produzem significados e conforme Woodward (2000), a partir daí, damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Quem representa exerce o poder no sentido de afetar, incitar, produzir significados que vão se instaurar no imaginário social e modelizar os sujeitos.

As representações que exaltam a língua inglesa assentam-se pelo fato de que o inglês, ao expandir para além dos domínios de seu território de origem, imprimiu traços de sua civilização e essa expansão reflete as relações de política e de poder de sua nação de origem, do posicionamento político de dominação dessa nação em relação ao mundo.

No entanto, é preciso lembrar que:

quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo “governo” dos homens, uns pelos outros – no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Do mesmo modo que as representações que são atribuídas à língua inglesa, enaltecendo essa língua, são determinadas por grupos que em um determinado momento da história estão em relação de preponderância, o poder exercido por tais grupos também pode gerar resistência e essa hegemonia pode ser questionada porque o poder é exercido de ambas as partes. Porém, como o exercício de poder é a ação de uns sobre outros, o grupo hegemônico exerce o poder porque consegue se sobrepor aos outros, pois a relação de forças não é igual.

Na próxima seção, discutiremos de forma mais aprofundada sobre sujeito e subjetividade.

### **1.3 Sujeito e subjetividade**

É possível perceber que a noção de sujeito sofre alterações no percurso teórico de Pêcheux, naquilo que se convencionou chamar de três fases do campo teórico da Análise do Discurso. Na primeira fase, baseado em Althusser, Pêcheux descreve a maquinaria que opera o processo discursivo. Nesta fase o sujeito é visto como interpelado pela ideologia. Na segunda fase, também partindo da noção althusseriana de interpelação, Pêcheux desenvolveu a noção de forma-sujeito, constituído pelo inconsciente e pela ideologia.

Partindo da idéia de Althusser de que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, Pêcheux traz o discurso para esse processo de interpelação. A ideologia é materializada no discurso, o sujeito como sujeito-falante, ao enunciar deixa flagrar aspectos dessa ideologia no seu dizer. A interpelação é feita pelas formações discursivas nas quais o sujeito circunscreve seu dizer e no interior das formações discursivas estão as formações ideológicas.

Pêcheux também agrega o inconsciente à noção de interpelação ideológica trazendo as noções de Lacan sobre o inconsciente e o Outro para a sua teoria. O sujeito, para Pêcheux

(1995), é interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente e se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina, ou seja, o que o determina é a interpelação da ideologia, porém, esta é dissimulada no interior da formação discursiva. O sujeito constituído pela ideologia e pelo inconsciente não possui consciência dessa constituição, pois o caráter comum da ideologia e do inconsciente, que recebem de Pêcheux a denominação *estruturas-funcionamento* é o de “[...] dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento” (PÊCHEUX, 1995, p. 152-153).

Pêcheux também traz a noção de pré-construído para o conceito de interpelação: “[...] o “ pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 164).

Outro acréscimo de Pêcheux à noção de interpelação é o conceito de esquecimento. A questão do esquecimento é tratada por Pêcheux (1995) de duas maneiras: esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2. Por esquecimento nº 1, Pêcheux entende o fato de o sujeito ignorar que se encontra no centro da formação discursiva e acreditar que aquilo que diz tem origem em si mesmo e não em outro lugar. O sujeito acredita que ele mesmo dá sentido ao seu dizer. O esquecimento nº 2 é, para Pêcheux, a instância em que “se apóia sua “liberdade” de sujeito falante” (PÊCHEUX, 1995, p. 175), pois o sujeito seleciona dentro da formação discursiva aquilo que deve ser dito e o que não deve ser dito. Porém, a “liberdade” do sujeito está restrita ao interior da formação discursiva. A noção de forma-sujeito não permite ao sujeito se desvencilhar da interpelação ideológica. Além disso, conforme Teixeira (2005, p. 90): “Uma leitura do sujeito pelo viés da *forma-sujeito* induz então a AD a um certo pessimismo político, pois expulsar o desejo do sujeito é emudecer seu clamor potencialmente rebelde, [...]”. A noção de forma-sujeito sugere, então, um quadro de estabilidade.

Até aqui tratamos da forma-sujeito, que é o sujeito interpelado pela ideologia, porém segundo Teixeira (2005), devido à noção de sujeito preso a uma estrutura de repetição sem furo, incidiram críticas a essa noção de forma-sujeito tal qual é desenvolvida em *Semântica e Discurso*. É na chamada terceira fase da Análise do Discurso, na obra *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento* que essa noção toma um outro corpo, porque entra a noção de real. Há uma leitura da obra de Lacan que é feita por Pêcheux em que podemos perceber que as reflexões de Pêcheux permitem uma aproximação de forma mais contundente com a noção lacaniana de sujeito a partir da consideração do real. Teixeira faz a seguinte observação sobre o trabalho de Pêcheux nessa nova fase:

os últimos textos do autor indicam a necessidade de um deslocamento, em relação ao que está proposto em *Lês vérités de la Palice*, do simbólico para o real, da linguagem para a pulsão, de que deve resultar um entendimento de que o sujeito é capaz de, no retorno ao simbólico, fazer um rearranjo de suas sobre-determinações, modificando, ainda que momentaneamente, a situação já dada, sendo esta a “liberdade” possível para ele (TEIXEIRA, 2005, p. 91).

Ao considerar o sujeito na concepção de Lacan, constituído pela linguagem e também pelo registro do imaginário, do simbólico e do real, Pêcheux mostra a possibilidade de a Análise do Discurso lidar com o sujeito como o efeito-sujeito, desejante, indeterminado e sempre em produção.

É relevante ressaltar, como o faz Teixeira (2005), o deslocamento que Pêcheux promoveu em sua teoria: ele partiu da forma-sujeito desenvolvida na segunda fase, em que o sujeito é assujeitado e interpelado pela ideologia, para o efeito sujeito da terceira fase, em que o sujeito é desejante e está sempre em produção.

A aproximação de Pêcheux com a noção lacaniana de sujeito configura um sujeito constituído pelo imaginário, pelo simbólico e pelo real. Conforme Teixeira (2005), o real é inseparável do imaginário e do simbólico, formando com eles uma estrutura. Segundo a autora, o imaginário está ligado ao nascimento do eu, o simbólico é identificado com a

linguagem, com o significante e o real é a impossibilidade de formalização pela linguagem, é o impossível que escapa ao simbólico, portanto não simbolizável, mas que existe produzindo efeitos: “[...] um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (PÊCHEUX, 1990, p. 43).

O sujeito desejante é movido pela pulsão. Desse modo, a subjetividade está sempre em construção. Situamo-nos nessa noção de sujeito, visto que, considerar o sujeito como um sujeito desejante é relevante para nos ajudar a compreender o modo de enunciar do aluno, sujeito de nossa pesquisa, e também compreender como se constitui sua subjetividade. Via de regra, o ensino de língua estrangeira oferecido na escola explora atividades de leitura, de gramática e de vocabulário. Porém, o aluno está sempre em contato com discursos que propagam os benefícios do inglês e, especialmente com o discurso dos institutos de idiomas, que promete eficiência no ensino da habilidade de falar em inglês, *speaking*. A partir desses discursos é atribuído à língua inglesa o significado de que ela é uma língua que oferece vantagens àqueles que a conhecem, especialmente àqueles que conseguem se comunicar nessa língua através da fala. Por conseguinte, constitui-se uma representação sobre a língua inglesa que leva esse aluno a desejá-la e também a considerar que é preciso ser capaz de falar essa língua para ter acesso a boas oportunidades nos estudos e na profissão. Logo, constitui esse aluno uma contradição, pois o ensino ao qual ele tem acesso não lhe oferece condições de ser proficiente em inglês, levando-o a desvalorizar o ensino da escola e a acreditar que os institutos de idiomas são o lugar em que se aprende inglês.

O desejo do aluno pela língua inglesa não é o desejo pela língua inglesa propriamente dita; é o desejo pelo lugar enunciativo ao qual ela promete acesso. É um outro lugar que o aluno acredita que essa língua pode levá-lo, no qual este sujeito não está. Este lugar supostamente daria acesso a melhores condições de vida. Desse modo, a língua inglesa marca

a possibilidade de um outro lugar enunciativo que dá acesso a essas coisas. Além disso, a frustração que configura esse aluno, devido à falta de acesso à língua inglesa no espaço discursivo da escola, também constitui sua subjetividade.

A constatação de que estamos lidando com um sujeito desejante nos leva a compartilhar da idéia de subjetividade produzida e modelada pelo sistema capitalístico. Essa idéia é desenvolvida por Guattari (2005) de que trataremos a seguir:

o sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um *être-là*, algo do domínio de uma suposta natureza humana. Proponho, ao contrário, a idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquina, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida (GUATTARI, 2005, p. 33).

Guattari prefere, ao invés de ideologia, tratar de subjetivação e produção de subjetividade justificando que “A noção de ideologia não nos permite compreender essa função literalmente produtiva da subjetividade” (GUATTARI, 2005, p. 36). Para o autor há no sistema capitalístico máquinas que fabricam determinados modelos de sujeitos, há uma modelização da subjetividade. Poderíamos então dizer que os sujeitos de nossa pesquisa, o aluno e o professor de inglês, correspondem a modelos, ou seja, têm suas subjetividades produzidas, como se pode verificar na análise do *corpus*.

Optamos pela noção de subjetivação, como entendida por Guattari, porque entendemos ser mais adequada à natureza desta pesquisa, pois partimos da noção de sujeito desejante. Assim, a noção de subjetivação desenvolvida por Guattari é um conceito compatível com esse sujeito da 3ª fase da Análise do Discurso, porque há um desejo em operação que move o imaginário do sujeito de nossa pesquisa. Ele é um sujeito desejante movido pela pulsão que faz com que ele vá adiante.

Conforme dissemos anteriormente, o foco de nosso trabalho é compreender porque o aluno enaltece uma língua de que ele praticamente não tem conhecimento. Para Woodward, há contradições na subjetividade: “As posições que assumimos e com as quais nos

identificamos constituem nossas identidades, a subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições” (WOODWARD, 2000, p.55).

Essa contradição pode ser explicada pelo conceito de interdiscurso, uma vez que aquilo que explica a posição favorável do aluno a respeito da língua inglesa são os discursos e as representações sobre essa língua construídos a partir do já-dito, pois apenas o contato com a língua inglesa no contexto escolar não seria suficiente para que o aluno se constituísse nessa língua.

As dimensões inconscientes do eu, incluídas na subjetividade e que explicam a existência de contradições e o dizer heterogêneo originado no interdiscurso, reforçam ainda mais essa característica contraditória da subjetividade. Além disso, devemos considerar, também, os processos de subjetivação.

Segundo Guattari, existe produção de subjetividade, uma subjetividade de natureza industrial e maquínica, que é fabricada, modelada, recebida e consumida.

As máquinas de produção de subjetividade variam. Em sistemas tradicionais, por exemplo, a subjetividade é fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de uma etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional (GUATTARI, 2005, p. 33).

Guattari explica, ainda, que há “[...] certos processos da constituição da subjetividade coletiva, que não são resultado da somatória de subjetividades individuais, mas sim do confronto com as maneiras com que, hoje, se fabrica a subjetividade em escala planetária” (GUATTARI, 2005, p.37). Conforme esse autor, o indivíduo consome sistemas de representação, de sensibilidade etc., e a máquina de produção de subjetividade capitalística opera desde a infância do indivíduo, “[...] desde a entrada da criança no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto técnicos nos quais ela deve se inserir” (GUATTARI, 2005, p. 49). Guattari explica também: “[...] que é a subjetividade

individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia e tantas outras” (GUATTARI, 2005, p. 43).

A TV, o cinema, a música, a mídia, as propagandas de institutos de idiomas e o livro didático de língua inglesa são também grandes agentes modelizadores de subjetividade; além disso, conforme já dissemos em alguns pontos desse trabalho, são também grandes propagadores dos benefícios e vantagens do inglês. Esses elementos fornecem imagens sobre a língua inglesa que são extremamente atraentes para os jovens que são por elas constituídos.

Desse modo, a subjetividade desse aluno está sendo moldada de um modo conveniente para o sistema capitalista. Conforme já dissemos na seção sobre representação e imaginário, quem representa tem o poder, quer dizer, as representações são determinadas de acordo com o interesse de grupos hegemônicos. As representações sobre a língua inglesa são atribuições de sentidos aos discursos que interessam aos países de língua inglesa e constituem, para os alunos e também para o professor de inglês, regimes de verdade, ou seja, essas representações são tomadas como senso comum, são naturalizadas conforme afirma Fairclough (1989) e veiculadas pelas máquinas de produção de subjetividade de que nos fala Guattari (2005), constituindo os sujeitos.

#### **1.4 A heterogeneidade**

Como vimos argumentando, o fator que motivou essa pesquisa é o fato de o aluno da escola pública enaltecer a língua inglesa sem ter contato suficiente com essa língua para que se justificasse tal enaltecimento. A Análise do Discurso nos oferece elementos que auxiliam na compreensão dessa questão, fornecendo conceitos como o de interdiscurso. A

interdiscursividade presente no dizer do aluno é um dos fatores que explica esses dizeres favoráveis à língua inglesa.

Na busca do entendimento dessa questão, compartilhamos também da noção de heterogeneidades enunciativas desenvolvida por Authier-Revuz que buscou em seu trabalho demonstrar como a enunciação funciona. Inicialmente, no desenvolvimento de sua teoria, Authier-Revuz formula a noção de heterogeneidade enunciativa constitutiva do sujeito e do discurso. Ao falar de heterogeneidade, Authier-Revuz faz reflexões sobre o dialogismo de Bakhtin, da noção de sujeito da psicanálise lacaniana, além do conceito de interdiscurso de Pêcheux. A autora lança mão desses conceitos para explicar a presença do outro no dizer do sujeito. Authier-Revuz mostra porque esse dizer é um dizer não-coincidente e explica ainda, como o dizer do sujeito é um dizer que se constitui pelo outro.

Ao desenvolver o conceito de heterogeneidades enunciativas, Authier-Revuz trata de dois tipos de heterogeneidades: heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Por heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz (1990) entende as formas que inscrevem o outro na seqüência do discurso. A autora distingue duas formas de heterogeneidade mostrada, as formas marcadas e as formas não marcadas:

neste conjunto de formas marcadas, distingo aquelas que mostram o lugar do outro de forma unívoca (discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas) e aquelas não marcadas onde o outro é dado a reconhecer sem marcação unívoca (discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação...) (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 36).

As formas marcadas da heterogeneidade mostrada são identificadas no fio do dizer, pelas aspas, travessão, glosas etc. e as formas não marcadas são expressas especialmente no discurso indireto.

Um outro tipo de heterogeneidade enunciativa é a heterogeneidade constitutiva do sujeito e do discurso. A esse respeito, Authier-Revuz afirma que a heterogeneidade mostrada está articulada com a heterogeneidade constitutiva do sujeito e do discurso e ao enunciar o

sujeito falante faz negociações com a heterogeneidade constitutiva que o constitui e que também constitui o discurso.

Authier-Revuz informa que se apóia no conceito de interdiscurso e no dialogismo de Bakhtin para explicar o conceito de heterogeneidade constitutiva do discurso, e afirma: “Nenhuma palavra é “neutra, mas inevitavelmente “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Na heterogeneidade constitutiva do discurso, a presença do outro, ao contrário da heterogeneidade mostrada, está implícita. Ou seja, o discurso e o sujeito se constituem de elementos oriundos dos espaços sócio-históricos e também do inconsciente do sujeito. O sujeito tem a ilusão de que aquilo que ele diz surgiu dele mesmo. Logo, Authier-Revuz nos remete a outro conceito basilar desta dissertação: o interdiscurso. E isso vem reforçar a relevância de analisarmos as condições de produção dos discursos nos quais, tanto o aluno quanto o professor de inglês circunscrevem seus dizeres.

Esse sujeito heterogêneo produzirá um dizer também heterogêneo, deixando que se perceba nesse seu dizer, a presença de outros dizeres, conforme pudemos analisar nas entrevistas realizadas para esta pesquisa. Há nesses dizeres, a presença de diferentes vozes, tais como: a do livro didático, a do professor, a da política de ensino de língua estrangeira e da mídia que promove discursos que atribuem vantagens às pessoas que sabem inglês.

No entanto, esses alunos só conseguem tecer enaltecimentos a uma língua à qual eles praticamente não têm acesso porque eles se constituem em um imaginário que é favorável a essa língua. É a partir desse imaginário que eles vão constituindo suas subjetividades, assumindo identidades e produzindo dizeres nos quais deixa-se flagrar manifestações interdiscursivas.

Tanto o dizer do aluno, quanto do professor, são constituídos pela heterogeneidade. O professor atua como elemento das condições de produção do discurso do aluno e ao mesmo tempo é interpelado pelos discursos da hegemonia do inglês, conforme pudemos constatar na análise do *corpus* na seção que trata do dizer do professor.

Posteriormente aos conceitos de heterogeneidades enunciativas, Authier-Revuz trata das *não-coincidências do dizer*, retomando a questão da dupla heterogeneidade, ou seja, a heterogeneidade do discurso e a heterogeneidade do sujeito. As modalizações autonímicas, que são os modos pelos quais se manifestam as negociações que o sujeito faz com a heterogeneidade constitutiva, são descritas como fatos de não-coincidências, que, conforme Teixeira (2005), levam ao questionamento do uso *standard* das palavras. Authier-Revuz (1998) enumera quatro tipos de não-coincidência: a *não coincidência do discurso com ele mesmo*; a *não-coincidência entre as palavras e as coisas*; e a *não-coincidência das palavras com elas mesmas* e a *não coincidência interlocutiva entre o enunciador e o destinatário*.

A não coincidência é constitutiva do dizer. Na análise do dizer dos alunos percebe-se a contradição em seus enunciados. É devido a essa não coincidência constitutiva de seu dizer que podemos analisar como essa contradição se opera. Logo, esses conceitos aqui tratados apoiaram a análise do *corpus* eleito para esta pesquisa.

## CAPÍTULO II

### CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO *CORPUS*

#### 2. Considerações gerais

Para Pêcheux e Fuchs:

[...] um *corpus* é constituído por uma série de superfícies lingüísticas (discursos concretos) ou de objetos discursivos [...], estando essas superfícies *dominadas* por condições de produção estáveis e homogêneas. Isto significa que se pressupõe que todo discurso “concreto” é, de fato, um *complexo* de processos que remetem a diferentes condições (PÊCHEUX ; FUCHS, 1975, p. 182).

Essas condições de produção dizem respeito ao momento histórico, às características sociais e às formações ideológicas. As condições de produção dos dizeres dos alunos que entrevistamos, pelo menos em parte, envolvem os seguintes aspectos: a posição do inglês no mundo, a globalização, a política de ensino de língua estrangeira no Brasil e o dizer do professor de inglês da escola pública.

Neste capítulo, problematizaremos questões relacionadas ao *status* da língua inglesa no mundo, à globalização e à política de ensino de língua estrangeira que está em curso, atualmente, no Brasil. Além disso, também analisaremos dizeres do professor de inglês, pois este constitui um aspecto relevante nas condições de produção dos dizeres do aluno sobre a língua inglesa.

#### 2.1 O inglês no mundo

Como já foi dito anteriormente, o aluno, sujeito desta pesquisa, enaltece uma língua a qual ele possui um acesso muito restrito.

Na atualidade, nenhuma língua é exaltada de modo semelhante ao inglês. Isso se deve a relações de política e de poder dos países de língua inglesa. Um dos fatores desencadeadores dessa exaltação é a posição que o inglês ocupa no mundo e que leva ao fortalecimento desse discurso.

Lacoste (2005) afirma que o inglês se estende de modo progressivo como língua de ascensão, de prestígio ou como língua da moda. Esse fenômeno se passa também em todos os países que não são oficialmente anglófonos. Por ser considerada a língua da moda, é veiculada uma grande quantidade de discursos sobre essa língua.

O inglês é difundido através da cultura de massa, produzida por países de língua inglesa, especialmente pelos Estados Unidos. Como exemplo de cultura de massa, temos a música, o cinema e a TV, a Internet; o ensino do inglês como língua estrangeira em países não anglófonos, e, também, a mídia; todos são, igualmente, propagadores da língua inglesa.

Conforme Pennycook (1994), a expansão do inglês é, em geral, considerada natural, neutra e benéfica. É considerada natural, na análise do autor, porque sua expansão é vista como resultado de forças globais. É considerada neutra porque presume-se que o inglês desenraizou-se do seu contexto cultural original, ou seja, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, e transformou-se em uma ferramenta “neutra” para a comunicação e é considerada benéfica porque é vista como uma condição para a cooperação e para a equidade.

Nessa perspectiva, ainda para o mesmo autor, o inglês é considerado língua universal. Assim sendo, é atribuído ao inglês um caráter pragmático, porque é visto como um meio de comunicação útil às necessidades do mundo moderno. Conseqüentemente, é atribuída à língua inglesa a imagem de desenvolvimento e de modernidade.

Com o objetivo de analisar o modo como o inglês se relaciona à idéia de desenvolvimento, Pennycook (1999) arrola algumas concepções sobre a expansão do inglês no mundo. Dessas concepções, destacamos aquela que Pennycook nomeia como *laissez-faire*

*liberalism*. Nessa visão, o inglês é concebido como uma ferramenta para fins pragmáticos, ou seja, para a comunicação. Além disso, é visto como uma escolha individual, resultado do desejo de pertencimento a tudo o que o inglês representa.

Para Pennycook (1999), essa é uma visão ingênua e perigosa. Perigosa porque segundo ele nenhuma língua é apolítica e é ingênua justamente porque ignora essa relação existente entre língua e política, considerando a linguagem como um acordo tácito. A expansão do inglês está relacionada muito mais a questões de poder e que são produzidas para que pareçam naturais e sejam aceitas do que a questões de ordem prática.

Outro ponto importante que Pennycook (1999) destaca é o papel do discurso na expansão do inglês. Para ele, essa exaltação do inglês, que chama a atenção para seus benefícios, tem origem no que ele chama de “adesão a discursos”, que são as formas pelas quais determinados discursos reinventam o inglês.

Essa adesão a discursos possui como uma de suas implicações a constituição de representações sobre o inglês no imaginário social. Dessas representações, as mais comuns são aquelas que consideram o inglês como língua universal, como língua da globalização, como língua da modernidade e do desenvolvimento, como franqueadora de boas oportunidades de trabalho, etc.

O sujeito de nossa pesquisa, ou seja, o aluno, possui essa visão do inglês no mundo (língua mais falada, língua da modernidade, etc.) a partir desses discursos que constituem representações sobre essa língua.

Podemos ponderar que se discursos de “não-exaltação” da língua inglesa chegassem aos professores e alunos, eles não seriam, necessariamente, garantia para se produzir efeitos de tal forma que a opinião desses sujeitos mudasse. Pois não se trata de informar ou conscientizar os alunos e professores sobre aquilo que a língua inglesa é ou não é. Há um desejo, uma pulsão pela língua inglesa que parece prevalecer, especialmente entre os alunos.

Logo, esses sujeitos continuam no imaginário de enaltecer essa língua porque ela representa para eles a possibilidade de pertencer ao discurso dessa língua, representa a possibilidade de um outro lugar enunciativo de coisas que ele deseja.

## 2.2 Globalização

Uma das características que observamos no dizer dos alunos é o desejo de pertencimento ao mundo globalizado. Esse desejo é expresso por meio do desejo pela língua inglesa, que faz o aluno acreditar que hoje em dia é preciso saber inglês, pois poderá necessitar do inglês em viagens ou quando for procurar trabalho.

A globalização é suscitadora de um discurso que parece já estar cristalizado no imaginário social, que é o discurso da língua inglesa como língua da globalização. Esse discurso imprime ao inglês a imagem de língua útil, que permite o contato entre povos de diferentes nações e facilita o desenvolvimento e a modernização tanto do mercado, quanto dos meios de comunicação, das finanças, da tecnologia, do turismo, da internet, etc.

A expansão do inglês, que teve início com a colonização britânica e o poderio econômico e político de alguns países de língua inglesa, encontrou na globalização um fator importante que, de algum modo, sustenta esse imperialismo lingüístico, ou seja, contribui para a instauração de representações sobre o inglês. Segundo Held & McGrew (2001) não existe uma definição única e universalmente aceita para a globalização. Assim, a globalização tem sido diversamente concebida:

[...] como ação à distância (quando os atos dos agentes sociais de um lugar podem ter conseqüências significativas para “terceiros distantes”); como compressão espaço-temporal (numa referência ao modo como a comunicação eletrônica instantânea vem desgastando as limitações da distância e do tempo na organização e na interação sociais); como interdependência acelerada (entendida como a intensificação do entrelaçamento entre economias e sociedades nacionais, de tal modo que os acontecimentos de um país têm um impacto direto em outros); como um mundo em processo de encolhimento (erosão das fronteiras e das barreiras

geográficas à atividade socioeconômica); e entre outros conceitos [...] (HELD & MCGREW, 2001, p. 11).

Hall (2005) lembra-nos que a globalização não é um fenômeno recente, pois está relacionada à modernidade. As características de integração e de modernidade que a globalização apresenta tornaram-se suas marcas representativas. Em consequência disso, a globalização é um elemento que está presente no imaginário da sociedade moderna.

Para Tavares (2003, p. 9), como consequência da globalização, o mundo assume determinadas metáforas, tais como: “um mundo sem fronteiras”, “aldeia global” e “nova Babel”.

Conforme Tavares (2003), a exigência de uma língua comum, reivindicada pela integração entre povos de nacionalidades diferentes, é responsável pela contraditoriedade da globalização: despertando, ao mesmo tempo, desejo de pertencimento e resistência, isto é, a instituição de uma língua comum para promover a comunicação no mundo globalizado desperta, em alguns, o desejo de falar tal língua, manifestando o seu desejo de pertencimento ao mundo globalizado, e desperta, por parte de outros, o sentimento de apego à sua língua nacional e sua cultura.

Desse modo, a globalização suscita em alguns o desejo de pertencimento a esse mundo moderno e interconectado. Porém, suscita a resistência de outros. Esses “resistentes”, conforme Hall (2005), temem a perda de autonomia e de características de suas identidades culturais.

Lembramos que, na realidade, na maioria dos casos, ocorre o não pertencimento, pois o discurso da globalização tudo promete, isto é, promete a diminuição das distâncias que permite a comunicação e a locomoção; o acesso mais facilitado à tecnologia, à grande quantidade de informação disponível na Internet e à modernidade presente até nos lugares mais remotos do planeta. É despertado o desejo de inclusão a esse mundo globalizado e também o desejo de acesso ao consumo dos bens que a globalização proporciona. Porém, não

são todos que podem se incluir nessa ordem. Isso porque mesmo tendo havido mudanças na configuração do mundo com relação aos espaços e ao tempo e um grande avanço na modernização, a sociedade, todavia, continua estruturada em um sistema de divisão de classes e nesse sistema não há equidade de acesso a determinados bens.

A língua inglesa constitui um desses bens que não está acessível a todos, ainda que pareça estar. Essa impressão de acessibilidade é criada pelo fato de ela ser alardeada como língua universal, e, também, segundo Pennycook (1994) como língua cuja expansão é benéfica porque promove a cooperação e a equidade.

Como já foi discutido no primeiro capítulo deste trabalho, quando problematizamos alguns fatores que tomam parte na contradição em que vive o sujeito desta pesquisa, abordamos o fato de que o inglês é a língua estrangeira mais ensinada na rede oficial de ensino brasileira, porém, geralmente a aprendizagem dessa língua não é bem sucedida. Há uma política de ensino de língua estrangeira em curso que se desobriga da responsabilidade de se discutir as questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem de língua estrangeira e se desobriga também da responsabilidade de promover ações no sentido de atualizar essa política e adequá-la aos interesses da comunidade para a qual ela é destinada. Da parte dos órgãos responsáveis pela política do ensino de línguas é dada uma resposta prática: o ensino de língua estrangeira deve ser focalizado no desenvolvimento de atividades de leitura, por ser essa a habilidade com mais probabilidades de ser utilizada pelo aluno. Porém, ignora-se que esse aluno é um sujeito desejante e que os discursos sobre a língua inglesa não difundem a idéia de que é necessário ler em inglês. Ao invés disso, enfatizam a comunicação em inglês. Nesse sentido, Paiva nos lembra:

ninguém pergunta a ninguém “Em quantas línguas você lê?”, mas “Quantas línguas você fala?”. Anúncios de jornais requerem, em profissões diversas, pessoas que falem inglês. Eu nunca vi um anúncio procurando alguém que leia em inglês, mas que fale inglês (PAIVA, 2000, p. 27).

Além disso, não há uma preocupação com os processos identificatórios no ensino e na aprendizagem de línguas, bem como a preocupação com a complexidade que envolve a aprendizagem de uma língua estrangeira.

Outro fator que contribui para o insucesso da aprendizagem de língua inglesa na rede oficial de ensino é que a aprendizagem, nesse contexto pedagógico, é afetada pelos discursos de que a escola não promove condições para uma boa aprendizagem de língua estrangeira. Com isso, um outro lugar é instituído como o lugar em que se aprende “de verdade”. Esse lugar eleito são os institutos de idiomas que utilizam a mídia como recurso consistente para promover o discurso de que oferecem um ensino eficiente.

No entanto, os institutos de idiomas também não oferecem solução para essa “inclusão do sujeito no aprendizado da língua inglesa”. Primeiramente porque são escolas particulares, portanto são inacessíveis a uma grande parte da população brasileira. Em segundo lugar porque, mesmo promovendo um discurso de eficácia no ensino, ainda assim não há garantia de aprendizagem. Isso porque a aprendizagem de qualquer língua estrangeira envolve não só a cognição, mas também, conforme tratamos anteriormente, a dimensão do corpo e a dimensão do eu, e demanda, também, um processo de identificação com a língua em estudo.

Segundo Guattari, “Todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade” (GUATTARI, 2005, p. 36). A globalização atua na produção de subjetividade coletiva, daí o desejo de pertencimento aos seus valores.

Esse desejo de pertencimento foi observado nos dizeres dos alunos e das professoras de inglês que entrevistamos, quando todos, alunos e professores, fazem referência ao inglês como necessário para viajar, ou para arranjar emprego. Esse fenômeno é resultado do que Pennycook (1999) nomeia “adesão a discursos”, ou seja, os alunos e professores aderem ao discurso sobre a língua inglesa como franqueadora de boas oportunidades e também aos discursos sobre o mundo globalizado, que chegam a eles via TV, revistas, mídia etc., e

resultam na modelização de subjetividades, bem como no estabelecimento de representações como a necessidade do inglês para viajar ou para se conseguir um bom emprego.

Outro aspecto importante é o fato de que o fenômeno da globalização alavancou, na opinião de alguns, o surgimento de uma nova língua a partir do inglês. Gadriot-Bernard (2005) afirma que no final dos anos 1990 surgiu a expressão *globish*, contração de *global English*, assunto abordado pela imprensa de alguns países de língua inglesa, em jornais como *The Economist*, *The New York Times* e *The Atlantic Monthly*. Seguindo a mesma idéia, Rajagopalan (2005) discute o *world English*, como um novo fenômeno lingüístico, e afirma que essa nova língua não deve ser confundida com o inglês falado nos países anglófonos, pois dois terços dos usuários do *world English* são não-nativos e, além disso, esse autor acredita que as línguas mudam e se adaptam. No entanto, Pennycook (1999) critica essa concepção, considerando-a apolítica, porque mascara a dominação política do bloco hegemônico.

Na condição de já-dito, discursos sobre o caráter pragmático de necessidade de uma língua comum para promover a comunicação entre povos de diferentes nações e sobre as características de modernização e integração atribuídas à globalização, constituem representações sobre a língua inglesa, as quais, geralmente, produzem mais efeitos na subjetividade do aluno do que o desarranjo identitário provocado pelo confronto com a língua inglesa, de que fala Serrani-Infante (1997). Pois conforme já dissemos, tal confronto não acontece em intensidade suficiente para que ocorram deslocamentos identitários.

As razões pelas quais, no contexto de escola pública, o confronto com a língua inglesa é insuficiente serão discutidas na próxima seção.

### 2.3 Política de ensino de língua estrangeira

Os alunos que entrevistamos nesta pesquisa têm contato “formal” com a língua inglesa apenas no contexto de escola regular: não freqüentam aulas em institutos de idiomas e nunca viajaram para países de língua inglesa. Logo, a experiência de aprendizagem desses alunos com a língua inglesa, bem como o contato com essa língua, são vivenciados apenas na escola ou pelo contato com alguns tipos de mídia, como por exemplo, jogos eletrônicos, DVD, música, cinema, etc. Desse modo, faz-se necessário analisar a situação da política de ensino de língua estrangeira, visto que o modo como esse aluno percebe a língua inglesa e sua aprendizagem é afetado, além das representações sobre o inglês que estão presentes no imaginário social, também pelos discursos sobre o inglês que circulam nesse contexto e pelo tipo de política de ensino implantada pelo sistema educacional.

Para tratar da política de ensino de língua estrangeira, partimos do seguinte pressuposto: “[...] linguagem e educação são aspectos essencialmente políticos” (PENNYCOOK, 1998, p. 24). Ferreira e Giesel (2001) compartilham da mesma opinião, afirmando que toda educação é um ato político.

O dizer do aluno, sujeito desta pesquisa, é constituído também por discursos oriundos de formações discursivas sobre o ensino de língua estrangeira. Assim, fazemos um breve histórico do ensino desta disciplina no contexto pedagógico brasileiro.

Segundo Leffa (1999), historicamente, o que aconteceu com o ensino de línguas no Brasil tem sido um eco do que aconteceu em outros países, porém, com algumas décadas de retardo.

O ensino de línguas estrangeiras iniciou-se com as primeiras escolas fundadas por jesuítas, com ênfase, primeiramente, no ensino das línguas clássicas, grego e latim e, posteriormente no ensino das línguas modernas: francês, inglês, alemão e italiano.

Durante o império, iniciou-se a decadência do ensino de línguas estrangeiras e também da escola secundária. Essa queda de prestígio foi gradual, especialmente em relação ao número de horas semanais dedicadas ao ensino de língua estrangeira, que foi sendo reduzido gradativamente. Na Primeira República, a carga horária diminuiu ainda mais e reduziu-se também o número de línguas estrangeiras oferecidas. Nesse período, o avanço registrado veio com a Reforma de 1931, que introduziu uma metodologia: o método direto. Até então, não havia uma metodologia específica para o ensino de língua estrangeira.

Desse histórico do ensino de línguas estrangeiras na rede oficial de ensino no Brasil, Leffa (1999) destaca as décadas de 1940 e 1950 como o melhor período desse ensino. Nessas duas décadas, o ensino foi regulamentado pela Reforma Capanema. Conforme Leffa, as décadas de 1940 e 1950 “[...] foram os anos dourados das línguas estrangeiras no Brasil” (LEFFA, 1999 p. 08).

Passado esse período, o ensino de línguas decaiu novamente. Com a Lei de Diretrizes e Bases (doravante LDB) de 1961 inicia-se a decadência do ensino de língua estrangeira, o qual fica sob a responsabilidade dos conselhos estaduais de educação. O latim foi retirado do currículo da maioria das escolas e o francês, nos casos em que não foi retirado, teve sua carga horária diminuída. Quanto ao inglês, permaneceu inalterado, talvez como reflexo da crescente hegemonia da língua inglesa e do consumo da cultura de massa produzida nos países de língua inglesa, especialmente nos EUA.

A LDB de 1971 agravou ainda mais a situação do ensino de língua estrangeira no Brasil. As disciplinas eram agrupadas em disciplinas do núcleo comum e disciplinas da parte diversificada. A língua estrangeira integrava a parte diversificada e ficou estabelecida como disciplina “dada por acréscimo”, conforme as condições das escolas. Com isso, a qualidade do ensino piorou ainda mais.

Muitas escolas tiraram a língua estrangeira do 1º grau, e no segundo grau, não ofereciam mais do que uma hora por semana, às vezes durante apenas um ano. Inúmeros alunos, principalmente do supletivo, passaram pelo 1º e 2º graus, sem nunca terem visto uma língua estrangeira (LEFFA, 1999, p. 10).

A LDB atual, em vigor desde 1996, continua, como na lei anterior, separando as disciplinas do currículo escolar em disciplinas da base nacional comum. Essa base nacional comum é constituída pelas disciplinas obrigatórias em todo o território nacional, e a parte diversificada, constituída pelas disciplinas que têm o objetivo de complementar a base nacional comum. A escolha das disciplinas a serem ministradas, na parte diversificada, é determinada pela necessidade e condição de cada região ou estabelecimento escolar. A língua estrangeira continua na parte diversificada, porém a LDB de 1996 assegura a obrigatoriedade de seu ensino:

na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição (Lei nº 9.394/96, art. 36, inciso III).

Limitamo-nos às questões relacionadas ao ensino de língua estrangeira no Ensino Fundamental, pois os alunos que entrevistamos para esta pesquisa cursam 7ª e 8ª séries desse nível de ensino.

Como vimos, a LDB de 1996 dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira a partir da 5ª série, porém não determina qual língua deve ser ensinada.

Na prática, a língua mais escolhida pelos currículos da rede escolar oficial é a inglesa. Apesar da hegemonia do ensino de inglês como língua estrangeira na rede escolar, a falta de qualidade no ensino leva, tanto pais, quanto alunos e professores, ao consenso de que para se aprender línguas e se tornar proficiente é preciso freqüentar um instituto de idiomas.

A falta de qualidade do ensino de língua inglesa na escola pública tem origem na própria LDB. Há, por parte da comunidade escolar – pais, alunos, diretores de escolas,

coordenadores pedagógicos - uma crença de que as disciplinas da parte diversificada do currículo não reprovam. Dessa forma, há um certo descaso em relação ao seu ensino, inclusive por parte de muitos professores, pois estes professores também são constituídos pelo discurso de que o lugar de se aprender uma língua estrangeira é o instituto de idiomas. Tais professores fazem voz com a ideologia vigente, não são agentes transformadores, não por incompetência, mas por estarem inseridos em uma política de ensino que não oferece condições suficientes para que este ensino tenha melhor qualidade e seja condizente com aquilo que a comunidade deseja.

Somado a isso, há escassez de material didático, que geralmente é reduzido ao livro. Mesmo sendo, muitas vezes, o único recurso didático, não raro, há falta de livro didático de língua estrangeira. Isso porque o Ministério da Educação e Cultura não fornece livro de língua estrangeira gratuitamente, como oferece para disciplinas como Matemática, Língua Portuguesa e outras. Sendo assim, os alunos devem comprá-lo; entretanto, há alunos sem condição financeira para isso e, nesse caso, eles freqüentam as aulas sem o livro didático.

Outro problema é a falta de professores qualificados e proficientes para o ensino de língua estrangeira. Somente a partir da LDB de 1996, a habilitação específica para os professores de todas as disciplinas passou a ser exigida. Espera-se que com essa determinação da LDB haja melhora na qualidade do ensino.

Não há muitos esforços, por parte dos órgãos oficiais de ensino, no sentido de orientar o ensino de língua estrangeira no Brasil. O único documento com orientações que objetivam nortear o ensino são os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs, que foram publicados em 1998.

Os PCNs não discutem uma metodologia em particular, porém, orientam que o ensino deve ser baseado numa visão sociointeracional da linguagem e da aprendizagem.

Também orientam a inclusão dos *temas transversais* que são: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural e trabalho e consumo.

Percebe-se nos PCNs uma visão pragmática do ensino de línguas. Nessa visão, a leitura em língua estrangeira é considerada a habilidade que deve ser enfatizada nas aulas dessa disciplina.

Com exceção da situação específica de algumas regiões turísticas ou de algumas comunidades plurilíngües, o uso de uma língua estrangeira parece estar, em geral, mais vinculado à leitura de literatura técnica ou de lazer. Note-se também que os únicos exames formais em Língua Estrangeira (vestibular e admissão a cursos de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade da leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato (PCNs 1998, p. 20).

Essa, talvez, seja uma das razões pelas quais o ensino de língua estrangeira na escola não é atraente para o adolescente. Especialmente, devido ao discurso midiático, esse aluno espera que a escola o capacite para falar em língua estrangeira, no entanto, as orientações dos PCNs para o ensino de língua estrangeira restringem o ensino da língua à leitura, julgando que para o aluno da escola regular aprender a ler em língua estrangeira basta.

Os alunos associam o domínio da habilidade de se comunicar em língua estrangeira por meio da fala com aprender língua estrangeira. Como a escola, praticamente, não oferece atividades que desenvolvem a habilidade de fala, os alunos elegem os cursos de línguas como o lugar em que se aprende inglês, especialmente devido à grande publicidade que os cursos de línguas fazem com relação a essa habilidade. No entanto, estudar línguas em institutos de idiomas não é garantia de aprendizagem efetiva, tampouco significa que os alunos oriundos dessas escolas sempre conseguem desenvolver a habilidade de falar na língua estrangeira que estudaram.

A mídia influencia bastante essa opinião dos adolescentes, haja vista as propagandas de institutos de idiomas veiculadas com dizeres desse tipo: “Aprenda inglês falando!

Matricule-se!", "FBI - Fale Bem Inglês.", "Método para fazer sucesso. No método X você aprende e nunca mais esquece. X é assim que se fala."<sup>10</sup>

Porém, justamente essa é a habilidade mais problemática no sentido de ser desenvolvida na escola pública, devido à política de ensino de língua estrangeira em curso. Isso acontece devido às condições de ensino que não são propícias para o desenvolvimento dessa habilidade, principalmente porque faltam professores de inglês proficientes e o número de alunos em classe costuma ser muito alto. Muitas vezes, nem o próprio professor de língua inglesa se constitui nessa língua. Há casos em que o professor dá aulas de língua inglesa para completar a carga horária e também aqueles casos em que o professor escolheu essa carreira por falta de melhores opções de trabalho.

Além da ênfase na habilidade de falar em inglês, os institutos de idiomas utilizam os mais variados artifícios nas propagandas, objetivando atrair alunos, conforme podemos comprovar nos exemplos retirados de Carmagnani (2001).

a) Rapidez na aprendizagem:

*"Inglês para sua profissão  
Fale em 1 ano, (escrito em selo de garantia)  
Qualidade internacional,  
Velocidade total,  
Preço sem igual."*  
(CARMAGNANI, 2001, p. 126)

b) Oferecimento de prêmios:

*"Um pé aqui... e outro lá.  
Curse 5 estágios e voe grátis para Nova York."*  
(CARMAGNANI, 2001, p. 121)

c) Inglês como ferramenta para inserção ao mercado de trabalho e ao mundo globalizado:

*"Comece aqui a melhorar o seu currículo.  
Decole na sua carreira com o inglês da BL<sup>1</sup>."*  
(CARMAGNANI, 2001, p. 130)

<sup>10</sup> Os exemplos acima citados foram extraídos de GUILHERME DE CASTRO (2004, p. 203). A autora utiliza a letra X em substituição aos nomes dos institutos de idiomas.

d) Facilidades:

*“INGLÊS*

*Sem lição de casa!*

*Metodologia exclusiva*

*Curso rápido*

*Aprendizado natural*

*Didática Emotiva*

*Revisão Planejada*

*Assista uma aula gratuita.”*

(CARMAGNANI, 2001, p. 121)

e) Inglês como ferramenta para inserção ao mercado de trabalho e ao mundo globalizado:

*“Aprenda idiomas no SN.*

*GLOBALIZE-SE*

*No SN não há limites para se aprender um nova língua: tem sempre um jeito descontraído para você sair falando mais um idioma. E além da língua, você descobre que o grande barato é a globalização. Do mundo e a sua.”*  
(CARMAGNANI, 2001, p. 131)

f) Metodologia duvidosa:

*“Aprenda a falar inglês  
até dormindo!*

*De forma rápida, prática e econômica.*

*Vantagens:*

*É prático: Você utiliza no lugar e horário que desejar*

*Fácil de usar: Dormindo ou acordado basta um gravador*

*Econômico: preço acessível e **pagamento facilitado**  
(destaque em vermelho no texto)*

*Versátil: Permite reutilização do kit (Ex.: amigos e parentes)*

*Material de apoio: Fitas, pillow speaker, timer e apostilas*

***MATERIAL CIENTIFICAMENTE COMPROVADO”**  
(CARMAGNANI, 2001, p. 125).*

O discurso midiático sobre a língua inglesa possui como implicação o fato de reforçar representações sobre essa língua. Além disso, reforça ainda mais a imagem de desprestígio do ensino de língua estrangeira na escola regular e, em contrapartida, reforça a imagem de eficácia no ensino de língua estrangeira nos institutos de idiomas.

A situação do ensino de língua estrangeira na escola regular brasileira revela que há muito para ser feito no sentido de melhorar esse ensino. Conforme citamos no primeiro capítulo deste trabalho, a respeito da situação da educação básica no Brasil:

os dados disponíveis permitem concluir que o sistema educacional brasileiro, a despeito de seu expressivo crescimento e da ampliação do atendimento da

população na faixa etária, ainda está longe de uma boa eficiência e apresenta um baixo rendimento (PEREZ, 1999, p. 69).

Apontamos a falta de qualidade no ensino de língua estrangeira como reflexo da atual política de ensino de língua estrangeira no Brasil. Aliado a isso, há uma visão pragmática da língua estrangeira que considera a língua como um instrumento para fins imediatos.

O resultado mais crítico desse processo é a exclusão do aluno ao acesso à língua estrangeira, já que a sua relação com essa língua no contexto escolar é, geralmente, quase nula.

A maneira como o aluno vê a língua é afetada pelo modo como o professor de inglês se relaciona com essa língua. Por isso, analisaremos agora, dizeres de professoras de inglês da rede pública, considerando esse dizer como um elemento importante das condições de produção dos dizeres dos alunos sobre a língua inglesa.

#### **2.4 O dizer do professor de inglês**

Conforme a rede conceitual da Análise do Discurso, o sujeito é um lugar ocupado no discurso. Assim sendo, existem dentro do espaço discursivo da sala de aula, nas interações entre os interlocutores durante a produção dos discursos, além do aluno, outros lugares assumidos por aqueles com quem ele interage. Dentre esses sujeitos, o professor talvez seja um dos elementos que possui ascendência direta na constituição da subjetividade do aluno, pois ambos, aluno e professor, estão em constante interação na sala de aula. Além disso, por ser sujeito, o professor de inglês também se constitui em representações sobre essa língua.

Esclarecemos que analisamos uma quantidade menor de recortes discursivos das entrevistas com os professores de inglês porque o objetivo desta dissertação é investigar o papel do imaginário do aluno sobre a língua inglesa na constituição de sua subjetividade. Assim, o foco da análise está nos dizeres dos alunos. O objetivo de entrevistar professores de

inglês explica-se pelo fato de que o dizer do professor faz parte das formações discursivas da escola, portanto, integra as condições de produção dos dizeres do aluno.

Realizamos entrevista semi-estruturada com cinco professoras de língua inglesa da rede pública. As professoras entrevistadas atuam no magistério da rede pública, municipal ou estadual em uma cidade no interior do Estado de Goiás, onde também entrevistamos alunos para compor o *corpus* desta pesquisa. As professoras entrevistadas lecionam há uma média de 7 anos, com exceção de uma professora, que leciona Língua Inglesa há quatro anos. Todas as professoras entrevistadas concluíram a graduação em Letras com habilitação em Português- Inglês, além de terem estudado inglês em institutos de idiomas, sendo que das cinco professoras entrevistadas, três não concluíram o curso de inglês e duas possuem o curso completo.

Estabelecemos um código para identificar as professoras entrevistadas, omitindo seus nomes. As professoras são identificadas com o registro *p* e acrescido a esse registro há um número de controle, como por exemplo, 01, 02 e assim sucessivamente. Desse modo, para nos referirmos às professoras usamos o código *p01*, *p02* e assim por diante. As entrevistas que realizamos com as professoras bem como a proposta de entrevista que elaboramos, encontram-se transcritas, na íntegra, em anexo.

#### **2.4.1 A língua que tudo promete**

Iniciamos a análise do dizer do professor pelos recortes discursivos que extraímos das respostas das professoras à pergunta *Quais vantagens você vê no aprendizado do inglês? Para o adolescente principalmente. E para um adolescente brasileiro? Em XXXX<sup>11</sup>?*

---

<sup>11</sup> Utilizamos o código XXXX para fazer referência a nomes de cidades.

(01) p01- “*Olha... o lado positivo que eu até falo muito... eu comecei numa escola nova ontem e digo quer aprender tudo<sup>12</sup>... vá pra uma escola de idiomas né? Agora o básico pelo menos... (incomp) mas eu acho que a vantagem mesmo... porque tudo... tudo que você vai fazer tem ali um pouquinho do idioma né? Até os produtos do supermercado é raro você não passar por um... que também é da língua inglesa e eu acho a língua inglesa universal... então é fundamental na nossa vida...”*

A professora p01, ao enunciar *quer aprender tudo... vá pra uma escola de idiomas né? agora o básico pelo menos...* produz um dizer que está relacionado à representação de que inglês se aprende no instituto de idiomas. Esta noção não se sustenta, pois estudar uma língua estrangeira em um instituto de idiomas não é garantia de aprendizagem. Como já foi apontado nesta dissertação, Revuz (1998) afirma sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira: “Com efeito, essa aprendizagem mobiliza, em uma interação necessária, dimensões da pessoa que geralmente não colaboram, nem mesmo convivem em harmonia” (REVUZ, 1998, p. 217). As dimensões a que Revuz se refere são: a dimensão do eu, a dimensão corporal e a dimensão cognitiva. Ao enunciar a professora p01 ignora esse fato e reproduz uma noção alardeada pela mídia de que as condições de ensino que os institutos de idiomas oferecem, fundamentadas em metodologias modernas e na disponibilidade de recursos didáticos variados, garantem a aprendizagem. Sem dúvida, estes elementos fazem uma grande diferença na aprendizagem, mas sozinhos não garantem eficiência.

A professora p01 repete algumas vezes o pronome indefinido *tudo*, porém ao empregá-lo, a professora faz alusão a discursos diferentes: ao utilizar o pronome indefinido *tudo* pela primeira vez no enunciado *quer aprender tudo* a professora remete à noção de que uma língua pode ser desmembrada em partes que formam um todo, conforme Grigoletto (2001) discute. Mais adiante a professora enuncia *porque tudo... tudo que você vai fazer tem ali um pouquinho do idioma né?*, desta vez, a professora emprega o pronome indefinido *tudo* na intenção de demonstrar a abrangência da língua inglesa. Esse dizer faz parte da formação

---

<sup>12</sup> Os grifos são nossos e os utilizamos a fim de chamar a atenção do leitor para as partes dos recortes discursivos em que concentramos a análise.

discursiva do inglês como língua universal, que está presente em todos os lugares e isto, como sabemos é efeito da geopolítica do inglês, da relação de forças que decorre desse fato. A professora possui no seu imaginário as mesmas representações que os alunos e isto acontece porque as representações atuam na constituição dos sujeitos inseridos em um determinado espaço discursivo. Woodward explica que: “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p.17). Os discursos sobre a língua inglesa que circulam na sociedade de consumo suscitam representações sobre essa língua, constituindo um imaginário sobre ela.

Vejamos o dizer da professora p02:

(02) p02- *“No campo de trabalho eu acho que ajuda mais né... e também tem a tecnologia porque tudo que a gente vai aprender que tem tecnologia o inglês tá envolvido né... o CD... o DVD... tudo... o som que vai ouvir tem inglês... você vai comprar uma roupa vem de fora... tudo... o produto... a comida que você vai comer tudo tá envolvido no inglês...”*

A professora p02 também utiliza bastante o pronome indefinido *tudo*. Seu dizer remete à formação discursiva do inglês como língua universal. A professora comete, a nosso ver, até o exagero de associar o inglês à roupa e à comida. É claro que há realmente a presença da indústria estrangeira na moda e também no setor de alimentação, porém, especialmente na alimentação, ainda encontramos muito do regional nas cidades interioranas, que é cenário desta pesquisa. Ao utilizar os substantivos *CD*, *DVD* e *tecnologia* a professora faz alusão ao discurso que liga o inglês a tudo o que é novo. Pennycook (1999) afirma que esse fato deve-se aos papéis que são atribuídos ao inglês no processo de modernização e de desenvolvimento.

A idéia de modernização e desenvolvimento também se relaciona ao discurso da globalização. Encontramos referência à globalização no dizer da professora p03:

(03) p03- “*Primeiro mostra o grau de cultura do aluno... porque cultura não é só saber matemática nem português... cultura é saber... ter uma expressão crítica em relação a história... a geografia... e o inglês ele veio complementar por causa dessa globalização... a gente se depara com inglês em tudo querendo ou não ainda mais o adolescente de hoje que é fã de Lan House... vários alunos meus vem perguntar certas expressões que eu não conheço mas que eles têm conhecimento porque ele vive dentro dessas casas de Lan House... já começa por aí /.../ e mostra que o aluno que se expressa ele tem certa maturidade intelectual...”*

Ao enunciar *ter uma expressão crítica em relação a história... a geografia...*, professora p03 toca num ponto importante que é ter uma visão crítica a respeito dos conteúdos vistos na escola. No entanto, devido à situação do sistema de ensino oferecido atualmente e da falta de uma política de ensino de língua estrangeira, sabemos que as aulas de língua inglesa acabam se resumindo ao ensino de gramática e vocabulário. Com relação à interpretação de texto, por exemplo, que é uma das atividades que permitem o posicionamento do aluno, verificamos, na análise do dizer do aluno, que o trabalho com textos parece estar focado na tradução dos textos. Nenhum dos alunos entrevistados citou atividades de interpretação de texto.

Quando utiliza o verbo no passado em *o inglês ele veio complementar por causa dessa globalização*, a professora expressa em seu dizer que possui a noção de que a presença do inglês é um fenômeno recente, vindo com a globalização. Ao enunciar dessa forma, a professora faz referência à noção que relaciona o inglês a tudo o que é novo. Pennycook (1999) nos fala que o inglês é visto como uma língua que se adapta à modernidade, à tecnologia, à ciência, à comunicação global. Na realidade, nem a expansão do inglês e nem a globalização são fenômenos tão recentes assim, pois a expansão da língua inglesa iniciou-se com a colonização britânica e a globalização, segundo Hall (2005), não é um fenômeno recente, está ligado à modernidade.

Ao utilizar o pronome indefinido *tudo*, a professora também faz referência à formação discursiva da língua inglesa como língua universal. Essa visão do inglês como língua universal também está presente no dizer da professora p04:

(04) p04- “Ah! O inglês é uma língua globalizada né? É a língua do mundo... então eu acho que é interessante para o aluno ter conhecimento de uma língua mundialmente falada...”

Ao enunciar *O inglês é uma língua globalizada né?* e também em *língua mundialmente falada*, a professora demonstra sua circunscrição no discurso do inglês como língua global, e que liga a língua inglesa ao fenômeno da globalização. Ao utilizar o advérbio *mundialmente* a professora também faz referência ao discurso do inglês como língua global. O verbo no particípio *falada* está exercendo a função de adjetivo e remete ao discurso do inglês como língua que promove a comunicação entre os povos de diferentes nações.

Vejamos o próximo recorte discursivo:

(05) p05- “O que eu estou vendo de maneira geral... porque é o que eles mais perguntam... a Internet hoje é um acesso amplo... todo mundo... você vai ali um pouquinho vai jogar... esses jogos... a Internet lançou muita palavra... expressão que eles chegam perguntando pra gente o que significa... porque é um eletrodoméstico... uma coisa que vai usar... tem tudo isso...”

No dizer da professora p05, também aparecem dizeres que estão circunscritos em algumas das representações encontradas nos dizeres anteriores. Ao enunciar *a Internet hoje é um acesso amplo* e *esses jogos* a professora faz referência ao discurso de que a língua inglesa é uma língua que se adapta ao mundo moderno e à tecnologia. O adjetivo *amplo* remete ao discurso do inglês como língua universal, que está presente no mundo todo. Ao utilizar o pronome indefinido *todo* e o substantivo *mundo*, a professora remete à idéia do pertencimento ao mundo globalizado e essa idéia relaciona-se a questões de poder. O desejo de pertencimento às vantagens atribuídas ao inglês é um desejo de ascensão social, que está relacionado ao estilo de vida dos países desenvolvidos, especialmente dos países de língua inglesa. Assim, se conforme Faria (1999) quem representa, representa o poder, esta é uma representação determinada pelo poder de grupos hegemônicos.

Em *eles chegam perguntando*, a professora relata um acontecimento comum em sala de aula, em que os alunos demonstram o interesse pela língua inglesa em situações de uso real. O aluno quer saber o significado de expressões do dia-a-dia, vistas em músicas, filmes, jogos. Este desejo entra em choque com a proposta de ensino de língua estrangeira oferecida pelo atual sistema de ensino. Nessa proposta, segundo os PNCs, a ênfase está na leitura. Contudo, na realidade, pela análise que estamos realizando, a ênfase é feita no ensino de gramática, de vocabulário e de tradução. Depreende-se desse fato, que um dos fatores que desmotivam o aluno reside na questão de o aluno desejar algo que não lhe é oferecido. Esse desejo do aluno vem dos discursos propagados especialmente pela mídia. Nesses discursos, são atribuídos benefícios e vantagens àqueles que possuem o conhecimento dessa língua.

#### **2.4.2 Dizeres sobre a política de ensino de língua estrangeira**

A sala de aula de língua estrangeira constitui o espaço discursivo em que o aluno, sujeito de nossa pesquisa, na maioria dos casos, entra em contato com a língua inglesa. Mediante um período de tempo estabelecido de duas horas/aulas por semana supõe-se que este aluno tenha contato com o inglês. Além da sala de aula, o aluno, geralmente, tem contatos eventuais com o inglês em Lan Houses, no cinema, nas músicas em inglês que ele ouve, etc. Este contato formal com a língua inglesa em sala de aula e os contatos eventuais proporcionados, constituem a forma como o aluno se confronta com esta língua.

O contato com a língua inglesa no contexto pedagógico da escola não é suficiente para que haja uma aprendizagem efetiva dessa língua. Isso acontece porque a política de ensino em curso atualmente não oferece condições para que se estabeleça uma aprendizagem que dê condições ao aluno de ser proficiente em língua estrangeira.

Este tópico abrange uma série de discursos que circulam dentro da escola: falta de política eficiente de língua estrangeira, inglês não reprova, desvalorização do professor, descaso com a disciplina língua inglesa entre outros.

Vejamos o recorte abaixo:

(06) p01: “/.../ Olha... quanto a ensino e quanto à aluno... eu acho assim... às vezes exige muito da gente... dá um livro pesado... no entanto não dá suporte... né a gente não tem o suporte necessário que a gente precisa pra estar trabalhando... e a questão também que eu percebi muito esse ano passado através do XX<sup>13</sup> aquela história de que inglês não reprova... então eu acho assim muito falho...”

Quando a professora p01 faz uso do adjetivo *pesado* ao referir-se ao livro didático utilizado na rede estadual, ela faz coro com um discurso que segrega: “isso é para a escola pública e aquilo é para a escola particular”, ou ainda, “isso não está no nível dos nossos alunos”. Há na escola pública um discurso de que o aluno estaria num nível inferior ao aluno da escola particular. Ao utilizar o adjetivo *pesado* para caracterizar o livro didático utilizado, a professora também denuncia outras falhas do sistema de ensino: a falta de cuidado na escolha de materiais e de metodologias, a falta de capacitação do corpo docente. Quando a professora enuncia *não dá suporte*, ela reproduz um dizer que é compartilhado pela grande maioria dos professores, conforme podemos verificar no dizer das outras professoras entrevistadas.

Uma questão bastante polêmica é aquela que diz respeito à reprovação. Como já foi dito neste trabalho, a língua inglesa é vista como disciplina que não reprova. Não é nosso objetivo discutir essa questão aqui, especialmente porque avaliação e reprovação são questões bastante polêmicas, não só com relação a língua estrangeira, mas com relação a qualquer disciplina do currículo escolar. Porém, se por um lado é uma questão polêmica, por outro,

---

<sup>13</sup> Utilizamos o código XX em substituição aos nomes de colégios ou de escolas.

quando se estabelece, mesmo de forma não oficial<sup>14</sup>, que um determinado bloco de disciplinas reprova e outro bloco não reprova, cria-se muita tensão, pois a tendência é resultar na desvalorização das disciplinas consideradas como aquelas que não reprovam e o provável desinteresse dos alunos, visto que, esses alunos poderão considerar com mais seriedade aquelas ditas disciplinas que reprovam. No entanto, sabemos que esta não é a única razão pela qual a língua estrangeira não é valorizada no contexto escolar e também não é a única razão pela qual o ensino como um todo não tem sido eficiente. Há todo um conjunto de fatores já discutidos aqui que colaboram para essa situação.

Quando a professora enuncia *eu acho* denuncia outro fato preocupante: o professor não é ouvido pelo sistema de ensino. As determinações sobre o ensino vêm prontas. Logo, parece que não existe muito espaço para o debate no sistema escolar.

Perguntamos às professoras se elas sentiam-se realizadas com a profissão. Vejamos no próximo recorte discursivo a resposta da professora p03:

(07) p03: “Às vezes sim e às vezes não... eu me sinto realizada porque foi uma conquista minha em termos profissionais e não tô realizada por causa do descaso do sistema... do descaso dos alunos... infelizmente a língua não é valorizada... o sistema não valoriza...”

O reflexo da atual política de ensino é visto no enunciado *não tô realizada por causa do descaso do sistema*. Em seguida, a professora estende sua insatisfação também para os alunos. Ao enunciar *do descaso dos alunos* a professora expressa em seu dizer que os alunos não valorizam a aula de língua inglesa. A partir do lugar que a professora ocupa no espaço discursivo da instituição escolar, ela vê seus alunos como desinteressados pelas aulas de língua inglesa. No entanto, os dizeres dos alunos sobre essa língua são de ordem processual e não conceitual. Isso significa que os alunos não possuem um conceito formado sobre a língua

---

<sup>14</sup> Essa questão parece ser mais de ordem prática, porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não determina quais disciplinas reprovam e quais disciplinas não reprovam.

inglesa porque não possuem suficiente conhecimento dessa língua. Ao longo do período em que estes alunos têm sido aprendizes de língua inglesa, não se formou um conceito sobre essa língua. Logo, suas opiniões sobre a língua inglesa são fruto do processo de ensino e aprendizagem que eles vivem. Esse processo os leva a reproduzir discursos que circulam no espaço discursivo da escola. Por conseguinte, o dizer do aluno se constitui na interdiscursividade sobre a língua inglesa, nos discursos que circulam dentro e fora da escola.

Outra questão bastante discutida nesta dissertação diz respeito à não observância de fatores não cognitivos no processo de ensino e a aprendizagem de língua estrangeira. No próximo recorte, verificamos uma referência a essa questão:

(08) p04: *“Eu tenho percebido que a barreira da linguagem é muito grande... porque eles não têm conhecimento... não é a Língua Materna... não tem noção daquilo... não tem material de pesquisa, não tem um dicionário, não tem nada... então o que você não compreende traz interesse? É prazeroso? ... eu percebo assim que a barreira de linguagem é muito grande...”*

Quando a professora p04 enuncia *a barreira da linguagem é muito grande* utiliza o substantivo *barreira* para se referir à dificuldade que os alunos apresentam na aprendizagem de língua estrangeira. Essa visão da professora está relacionada ao fato de que na política de ensino e aprendizagem de línguas não se considera o fato de que há sujeito implicado no processo e esse sujeito é heterogêneo e também possui sua subjetividade modelizada pelo sistema capitalístico, conforme afirma Guattari (2005). Outro ponto passível de consideração são os aspectos não cognitivos de que Serrani-Infante (1997,1998) nos fala, em que se situa a questão da identificação do sujeito com a língua estrangeira que está aprendendo e também as dimensões que Revuz (1998) aponta: dimensão do eu, dimensão cognitiva e dimensão corporal, as quais precisam estar integradas para que haja aprendizagem. Todos esses aspectos devem ser considerados na elaboração de políticas de ensino de línguas estrangeiras.

No entanto, no dizer da professora *p04* há também a presença de discursos típicos do espaço discursivo da escola. Um desses discursos é o discurso da falta. A professora *p04* enuncia: *não tem material de pesquisa, não tem um dicionário, não tem nada*. Ou seja, a professora apresenta a falta de recursos pedagógicos como um empecilho para os alunos não aprenderem língua estrangeira. Os recursos pedagógicos são importantes sim, porém sozinhos não produzem efeitos. É preciso que o professor faça uso dos recursos de modo adequado. Se as escolas fossem bem equipadas, haveria uma boa aprendizagem de língua estrangeira na escola pública? Se assim fosse, seria fácil resolver os problemas de ensino e de aprendizagem de língua estrangeira no ensino público. Porém, considerando questões como a política de ensino de língua estrangeira no Brasil, a constituição da subjetividade do aluno e os processos identificatórios que incidem na aprendizagem, constata-se que não é uma questão apenas de ordem pragmática.

Partindo daí, tocamos em um ponto fundamental: o discurso do imobilismo, que também se verifica no dizer da profesora *p04* no recorte discursivo 08. A professora se apóia em argumentos como a barreira da língua estrangeira e a falta de recursos pedagógicos para justificar a falta de conhecimento apresentada pelos alunos. A professora utiliza o substantivo *barreira* apontando em seu dizer para a dimensão das dificuldades que se apresentam no ensino de língua estrangeira e também a descrença em tentar uma mudança de paradigma.

### **2.4.3 Refletindo sobre os dizeres do professor de inglês**

Com relação aos dizeres das professoras, percebemos que o professor de língua inglesa, enquanto sujeito se constitui em discursos e representações que também constituem os alunos, tais como: inglês se aprende em institutos de idiomas; a língua pode se

desmembrada em partes para ser ensinada, como a gramática ou o vocabulário; o inglês é uma língua universal; o inglês está relacionado a tudo o que é novo; o inglês é a língua que promove a comunicação entre povos de países diferentes, entre outras. Praticamente todas essas representações podem ser encontradas na análise dos dizeres dos alunos no capítulo III. O fato de alunos e professores se constituírem nas mesmas representações e discursos deve-se, em parte, à sua inserção no mesmo espaço discursivo, a sala de aula, e também por serem constituídos por discursos provenientes das mesmas formações discursivas. Além do mais, o sujeito-professor também tem sua subjetividade modelizada pelo mesmo sistema que o sujeito-aluno: o sistema capitalístico.

No entanto, percebemos a falta de um posicionamento mais crítico, com relação à língua inglesa por parte do professor. Apesar de estarem inseridos no mesmo espaço discursivo, como afirmamos anteriormente, e se circunscreverem praticamente nas mesmas formações discursivas, o professor deveria possuir outro nível de conhecimento sobre a língua inglesa. Afinal, esse professor passou por um curso de graduação, foi habilitado para lecionar e também exerce uma profissão que exige leitura, estudo e constante capacitação. A partir desse fato, verificamos algumas falhas nos cursos de graduação em Letras; pois parecem não oferecer uma formação mais sólida para o futuro professor, no sentido de que estes professores lecionam uma língua, porém parecem não se constituir nessa língua. Estes professores se circunscrevem nos discursos que são propagados sobre a língua que lecionam e que circulam no imaginário social, sem refletirem sobre tais discursos, ou seja, eles compram para si as representações sobre a língua que lecionam sem questioná-las. Além disso, percebe-se, também, por parte do professor, uma visão de língua como instrumento para se alcançar determinados fins. Essa visão de língua como instrumento também está presente no dizer dos alunos, conforme pudemos analisar. Logo, tanto professor quanto alunos, são constituídos por essa visão da língua inglesa e tal visão produz efeitos, como por exemplo,

não entender a língua como um discurso. O que significa dizer que, conforme aponta a análise do *corpus*, o nível de conhecimento desse professor é próximo ao nível de conhecimento dos alunos.

## 2.5 Pausa para reflexão

Neste capítulo, discutimos alguns dos principais elementos que tomam parte das condições de produção dos dizeres dos alunos. Discutimos sobre o *status* do inglês no mundo atual, sobre globalização, sobre política de ensino de língua estrangeira e analisamos dizeres de professores de inglês. Esses elementos encontram-se imbricados e tomam parte na interdiscursividade do dizer do aluno.

Fazemos aqui uma pausa para destacar a necessidade de reflexão sobre os rumos da política de ensino de língua inglesa. Conforme abordamos nesse capítulo, o ensino de língua estrangeira na escola pública tem sido insuficiente, suscitando enunciados como “o inglês da escola é só ‘enrolação’”; “é faz de conta”; “só se aprende inglês no instituto de idiomas”, entre outros. Tais enunciados não podem ser tomados como verdadeiros. Devem ser analisados e repensados.

Assumir passivamente que a rede de ensino básico é incompetente para ensinar línguas é perpetuar o mito de que só as escolas de idioma são capazes dessa tarefa. Sabemos que há pessoas que passam vários anos em escolas de idioma e mesmo assim não conseguem se expressar na língua estrangeira e nem por isso vamos dizer que aquelas escolas não são competentes. Da mesma forma que se generaliza negativamente a “incompetência” da rede escolar, principalmente a pública, generaliza-se de forma positiva o “bom desempenho” das escolas de idioma. As duas generalizações são fruto de especulações e não se baseiam em dados concretos. Há exemplos de boa e má qualidade do ensino nos dois sistemas de ensino (PAIVA, 2000, p. 29-30).

Se, conforme Paiva (2000), existem exemplos de bom e de mau desempenho tanto na escola pública quanto nos institutos de idiomas, significa, então, que é possível estruturar o sistema de ensino público de modo que ofereça um ensino de língua estrangeira de qualidade.

A atual política de ensino de língua estrangeira é excludente, pois, salvo raras exceções, não permite ao aluno o acesso à língua estrangeira de maneira satisfatória. Apesar de serem oferecidas aulas de língua estrangeira na rede escolar, o contato com essa língua tem sido insuficiente e não atende as expectativas da comunidade escolar.

Um exemplo da falta de adequação da política de ensino de línguas estrangeiras vigente no Brasil aos interesses da comunidade são os PCNs. Nesse documento é clara a ênfase no ensino de leitura. No entanto, a grande maioria dos alunos possui a noção de que saber inglês é saber se comunicar nessa língua. Essa visão dos alunos é, em parte, resultado da propagação de discursos que enfatizam a importância da comunicação em inglês, especialmente do discurso midiático e também do discurso da língua inglesa como língua que promove a comunicação entre os povos. Por outro lado, a importância dada à comunicação em inglês também vem do ensino baseado na abordagem comunicativa, que foi bastante enfatizada especialmente na década de 80, anteriormente à elaboração dos PCNs.

O que se observa hoje é que os alunos demonstram ter uma visão da língua como instrumento e os PCNs também parecem apontar para essa visão. Restringir o ensino de uma língua a uma ou outra habilidade, é ter uma visão pragmática dessa língua. Como se a língua servisse apenas como um instrumento de aplicação imediata para determinado fim.

Uma política bem estruturada de ensino de língua estrangeira deveria oferecer condições para que os aprendizes se constituam nessa língua e a utilizem como um código para interagir no mundo de formas variadas. No entanto, Bohn (2000) alerta-nos sobre o caráter político de uma política de ensino de línguas estrangeiras:

[...] é preciso ter consciência que nenhuma proposta de ensino de línguas é política e culturalmente neutra. Por outro lado, realidades sócio-culturais-econômicas como, por exemplo, globalização e poder econômico, reduzem as alternativas substancialmente (BOHN, 2000, p. 130).

Levando-se em conta essa falta de neutralidade política e cultural em uma política de ensino de línguas, parece que uma alternativa seria o debate com a comunidade interessada ao invés da tomada de medidas autocráticas como tem sido feito pelo governo brasileiro.

A discussão de uma política de ensino deve portanto incluir os membros de todos os estratos sociais da comunidade – autoridades políticas constituídas, administradores da educação, representantes de conselhos comunitários, pesquisadores, professores universitários, pesquisadores, lingüistas aplicados, professores do ensino fundamental e médio e alunos (BOHN, 2000, p. 131).

É preciso lembrar que o aluno é um sujeito desejante. Logo, ele não quer apenas aprender a ler em língua inglesa, especialmente enquanto há todo um discurso dos institutos de idiomas prometendo eficácia no ensino de comunicação em inglês. A carga horária destinada ao ensino de língua estrangeira na escola não é desculpa para centrar o ensino em apenas uma habilidade, pois os institutos de idiomas têm carga horária semelhante. É preciso a estruturação de uma política de ensino de língua estrangeira que evite a visão reducionista, imediatista e para fins práticos da língua e que tenha como foco o papel da língua para o exercício de cidadania.

Passemos, então, à análise do dizer do aluno.

## CAPÍTULO III

### ANÁLISE DO DIZER DOS ALUNOS

#### 3. Considerações gerais

Conforme aludimos anteriormente, o *corpus* deste trabalho constitui-se de entrevistas semi-estruturadas com quinze adolescentes, alunos oriundos de escola pública e cinco professoras de língua inglesa que lecionam também na rede pública. A escolha pela entrevista semi-estruturada justifica-se porque esse tipo de entrevista permite flexibilidade para o pesquisador. O pesquisador tem seus objetivos pretendidos e ao mesmo tempo possui a flexibilidade de acrescentar outras perguntas à entrevista. Elaboramos uma proposta de entrevista que serviu para nortear as perguntas que pretendíamos fazer aos sujeitos envolvidos e, a partir dessa proposta, acrescentamos mais perguntas à medida que iam surgindo dizeres que mereciam ser mais explorados.

Os critérios utilizados para a seleção das entrevistas foram os seguintes: os alunos entrevistados são alunos da rede estadual de ensino, que cursam 7ª e 8ª séries, ou 4º ciclo do Ensino Fundamental, e têm uma média de idade entre 12 e 15 anos. Esses alunos não freqüentam cursos de línguas em institutos de idiomas, o que significa dizer que eles têm contato “formal” com a língua inglesa apenas na escola regular. Estabelecemos, como condição prévia, entrevistar alunos de escolas públicas que possuem contato com o inglês apenas nesse espaço discursivo, porque o nosso objetivo foi investigar o papel do imaginário sobre a língua inglesa na constituição da subjetividade do aluno da escola pública. Acreditamos que a constituição de subjetividades difere conforme o espaço discursivo no qual o sujeito está inserido.

As entrevistas com os alunos foram realizadas em dois colégios da rede estadual de uma cidade do interior do Estado de Goiás. Ambos os colégios estão situados no centro da cidade, oferecem o Ensino Fundamental e o Ensino Médio e estão entre os colégios públicos mais antigos da cidade.

Na análise dos dizeres dos alunos, consideramos o espaço histórico-social em que esse sujeito está inserido e as representações que operam neste espaço discursivo. Em Análise do Discurso, aspectos do espaço histórico-social e também aspectos ideológicos constituem as condições de produção, conforme explica Fernandes: “As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social. As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem” (FERNANDES, 2005, p. 23).

Como omitimos os nomes dos entrevistados, optamos pela utilização de um código para a organização do *corpus* e dos recortes discursivos. Definimos os alunos com o registro *a*. Para permitir a identificação de cada entrevistado acrescentamos a esse registro um número de controle, por exemplo, 01, 02, 03, e assim sucessivamente. O código ficou assim estabelecido: *a01* para referência ao aluno de número um, *a02* para o aluno de número 02, e assim por diante. As entrevistas encontram-se transcritas em anexo, bem como a proposta de entrevista utilizada para a realização da pesquisa.

### **3.1 O dizer do aluno**

#### **3.1.1 Inglês: uma língua universal?**

Observamos, nos dizeres dos alunos, uma regularidade que reflete imagens e sentidos sobre a língua inglesa que já estão bem cristalizados no seu imaginário. Tais imagens e

sentidos se fortalecem e se sustentam em discursos que relacionam o inglês à globalização, ao desenvolvimento e à modernidade.

Para a primeira pergunta: “*Na sua opinião é importante aprender uma língua estrangeira?*”, todos os entrevistados responderam afirmativamente. Quando foram questionados sobre qual língua consideravam importante aprender, a língua mais citada foi o inglês:

- (09) a01 “*Acho que Inglês.*”
- (10) a02 “*Inglês.*”
- (11) a03 “*Inglês.*”
- (12) a04 “*Inglês.*”
- (13) a05 “*Inglês.*”
- (14) a06 “*Ah, o Inglês.*”
- (15) a07 “*Inglês. É a mais... uma das mais faladas né?*”
- (16) a08 “*Ah... francês, espanhol.*”
- (17) a09 “*Espanhol, Inglês.*”
- (18) a10 “*Inglês.*”
- (19) a11 “*Espanhol.*”
- (20) a12 “*Inglês.*”
- (21) a13 “*Inglês.*”
- (22) a14 “*Espanhol!*”
- (23) a15 “*/.../ ah... Inglês!*”

Há regularidade nas respostas porque os entrevistados se inscrevem no mesmo discurso, ou seja, o discurso do inglês como língua universal. Desse modo, com exceção dos recortes 16, 17, 19 e 22, em que foram citadas outras línguas, podemos perceber que a maioria dos alunos circunscrevem seus dizeres na formação discursiva do inglês como língua universal. Esse discurso se sustenta pelo que Pennycook (1999) chama de *modelo da modernização* que considera o inglês a língua universal, língua global da comunicação. Junta-se a isso o papel da mídia na difusão dessa idéia e no papel de colaborar no que Thompson (1995) chama de *processos de valorização*. Segundo Thompson: [...] processos com os quais, e através dos quais, é conferido às formas simbólicas determinado “valor” ” (THOMPSON 1995, p. 23).

Verificamos, nesses dizeres, que os alunos valorizam o inglês, mas essa valorização deve-se às vantagens que a ele são atribuídas, e isso podemos verificar no decorrer desta análise. A referência ao espanhol, feita por alguns alunos, também deve-se ao processo de valorização que essa língua vem tendo na mídia. Como exemplo, durante as entrevistas alguns alunos se referiram à música em espanhol e aos artistas que cantam neste idioma. No recorte 09, o aluno *a01* utiliza o verbo *achar* dando idéia de dúvida, porém no recorte 14, o aluno *a06* utiliza a interjeição *Ah* expressando segurança, certeza. No recorte 15, o aluno *a07* ainda faz uma alusão ao discurso do inglês como língua mais falada. Essas referências ao inglês como língua mais falada e também como língua universal mostram como esses discursos já estão naturalizados no imaginário social. O conceito de *naturalização* é utilizado por Norman Fairclough (1989) para explicar como determinados discursos tornam-se comuns ao ponto de serem considerados naturais e verdadeiros. No entanto, a naturalização de um discurso é perigosa: "Naturalização é a mais formidável arma no arsenal do poder [...]"<sup>15</sup> (FAIRCLOUGH 1989, p. 106). É por meio da naturalização que ideologias tornam-se aceitas e relações de poder e de dominação de um grupo sobre outro são mantidas.

O aluno *a07* também usa recursos comuns em uma situação de entrevista: ele usa o *né* como um recurso para solicitar a aprovação do pesquisador; também faz uso de uma expressão atenuante, primeiramente enuncia *Inglês* e depois acrescenta *É a mais... uma das mais faladas né?*. A construção desse tipo de enunciado é muito comum em situação de entrevista.

O *status* que o inglês possui de língua hegemônica está atrelado ao imperialismo americano. Os EUA, pelo poder econômico e político e pela exportação de produtos culturais, são um dos responsáveis pela posição de dominação adquirida mediante o

---

<sup>15</sup> Tradução nossa. "Naturalization, then, is the most formidable weapon in the armoury of power, [...]"

imperialismo lingüístico que o inglês exerce hoje e a associação da língua inglesa aos EUA é imediata, como bem visto, abaixo, no recorte 24:

(24) a07 – “*Ah, nos Estados Unidos. Num país que a língua é o inglês.*”

Os dêiticos *num* e *no* funcionam como a oposição generalização/definição. A contração de artigo indefinido com preposição *num* acompanhando o substantivo *país* corrobora essa idéia de generalização; na primeira frase a definição vem marcada pela contração de artigo definido com preposição *no*.

O aluno *a07* utiliza a interjeição *ah* para expressar esta ‘obviedade’ da posição desse país como representante do inglês e do poder. A idéia de ‘obviedade’ remete ao discurso do poder americano. Isto é, remete à questão da geopolítica do inglês, das relações de força que são impostas pelos países que detêm o poder político e econômico sobre os demais. Logo, como as línguas também constituem o poder de um Estado, as línguas oficiais desses países são difundidas e vistas como franqueadoras do acesso a tudo aquilo que seus países de origem representam. O modo de enunciar desse aluno remete ao fato de que os EUA representam o poder e, conseqüentemente, o inglês como língua oficial daquele país também representa o poder. O aluno *a07* nomeia apenas os EUA e não outro país de língua inglesa, como se fosse importante lembrar apenas esse país como país de língua inglesa; nesse caso, o aluno faz referência ao discurso do poder dos EUA. Tanto a primeira quanto a segunda frase explicitam o papel que o país representa no seu imaginário, mostrando a supremacia que esse país exerce não só sobre o restante do mundo, mas também sobre os demais países de língua inglesa.

Vejamos no recorte discursivo 25 a resposta do aluno *a07*, quando lhe foi perguntado qual a língua mais importante de se aprender:

(25) a07 – “*Inglês. É a mais, uma das mais faladas, né?*”

O sujeito explicita novamente a ‘obviedade’ do papel do inglês na frase *Inglês; é como se ele dissesse “Inglês e ponto final”*. A maneira como o aluno organiza esse enunciado expressa a idéia de que a posição do inglês está estabelecida dessa forma e remete novamente ao conceito de naturalização de que nos fala Fairclough (1989). No seu modo de enunciar, percebe-se que ele não questiona essa posição do inglês no mundo. Esse modo de se posicionar do aluno tem origem nos discursos de enaltecimento do inglês e no discurso da expansão do inglês como uma coisa neutra, sem implicações políticas. Além disso, conforme a noção de subjetivação de Guattari (2005), a subjetividade desse aluno é modelizada. Essa imagem do inglês parece estar impressa no seu imaginário e, como os discursos contrários ao inglês circulam geralmente no contexto acadêmico, o aluno, via de regra, tece elogios a essa língua. Essa visão de que o inglês é uma das línguas mais faladas e esse fato a tornaria necessária, produz efeitos na prática corrente de sala de aula de escola pública: geralmente os livros didáticos não abordam essa questão e os professores também não têm como prática a discussão desse tema. Podemos comprovar isso pela análise do dizer do professor de inglês na seção em que analisamos o dizer desse sujeito.

Na outra frase, o aluno enuncia sobre a posição do lugar único que o inglês ocupa utilizando o verbo *ser*, reforçando ainda mais a idéia de afirmação. A duplicação, *É a mais* e *uma das mais*, exerce a função de atenuante, recurso utilizado pelo sujeito na situação em que se encontra, isto é, em uma entrevista, e também pela posição que ele ocupa no discurso, ou seja, a posição de aluno que ainda não se sente habilitado para emitir opinião sobre determinados assuntos. A função de atenuante também é exercida pelos dêiticos *a* e *uma*; essa oposição do uso do artigo definido em um primeiro momento e depois a utilização do artigo indefinido também atenua a idéia que está sendo enunciada. Percebe-se também nesse

enunciado, a não coincidência do dizer em: *É a mais*. O sujeito enuncia que o inglês é a língua mais falada no mundo e logo depois completa com *uma das mais faladas*, admitindo a inclusão de mais línguas no conjunto das línguas mais faladas no mundo .

Ao enunciar *É a mais, uma das mais faladas*, o aluno *a07* enuncia inicialmente, *É a mais* e depois enuncia *uma das mais faladas*. Ao enunciar desse modo, o aluno utiliza os dêiticos *a* e *uma*, ou seja, para fazer referência à língua inglesa no primeiro momento o aluno *a07* faz uso do artigo definido *a* e no segundo momento utiliza o artigo indefinido *uma*. Ao enunciar desse modo, na busca da palavra correta, o aluno produz um dizer não-coincidente: *É a mais* e *umas das mais* demonstra um sentido contraditório. Authier-Revuz (2004) denomina *modalidade autonímica* esse dizer que se desdobra sobre si mesmo. As formas de modalização autonímica são os modos pelos quais se manifestam as negociações que o sujeito faz com a heterogeneidade constitutiva. No dizer do aluno *a07* no recorte discursivo 25, observamos a *não-coincidência entre as palavras e as coisas*: “[...] empregados nas glosas que representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos... na produção da “palavra exata”, plenamente adequada à coisa, [...] (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 83). O aluno ao buscar a palavra exata, faz a negociação com a heterogeneidade que o constitui como sujeito que possui um imaginário sobre essa língua e também faz a negociação com a heterogeneidade constitutiva do discurso, especificamente com os discursos sobre a língua inglesa.

A referência aos Estados Unidos também está presente no recorte 26. Ao ser perguntado sobre como seria a vida de uma pessoa que mora em outro país, o aluno *a07* respondeu:

(26) *a07* – “Ah, *depende do país né? (incomp) Lá nos Estados Unidos eles valorizam mais as pessoas né? Mas agora Nigéria lá, nos países da África depende do país.*”

O aluno utiliza o verbo *depende* como um recurso atenuante. Porém, utiliza o advérbio de lugar *lá* para expressar, além da distância geográfica, a discrepância que há com relação ao desenvolvimento dos países citados, Estados Unidos e Nigéria. A utilização do advérbio *mais* serve para corroborar sua idéia que liga os Estados Unidos a desenvolvimento e remete ao discurso dos EUA como nação dominante, desenvolvida não só na economia, mas também na educação. O aluno também revela uma atitude preconceituosa em relação aos países da África, como se, além de pobres, não valorizassem as pessoas. Ao enunciar *mas agora*, reforça ainda mais essa idéia preconceituosa. Os discursos que são naturalizados atuam nos processos de subjetivação, contribuindo para a modelização do sujeito de acordo com a ordem capitalística, conforme Guattari (2005) aborda. Além disso, discursos como o discurso do poder dos EUA reforçam, por um lado, a idéia de hegemonia de certas nações, e por outro, reforçam o preconceito às nações menos desenvolvidas.

### **3.1.2 Efeitos da geopolítica do inglês e da globalização: a língua como (não) pertencimento**

O desejo de pertencimento aos supostos benefícios do inglês aparece no dizer do sujeito-aluno, no entanto, ele não tem consciência disso. Opera-se aí a noção de esquecimento formulada por Pêcheux (1995). Podemos identificar o desejo de pertencimento e o esquecimento em alguns recortes discursivos que selecionamos.

Apesar de estar cursando o Ensino Fundamental, distante ainda do mercado de trabalho, o adolescente, sujeito de nossa pesquisa, já expressa o desejo pela língua inglesa. Isso ocorre via linguagem, pois os discursos sobre a globalização e sobre a exaltação da língua inglesa que chegam até ele, despertam nele o desejo de pertencimento a esse mundo globalizado, de integrar-se ao grupo dos bem sucedidos, dos que possuem boas colocações no mercado de trabalho e que vivem no exterior. No imaginário do aluno, também está presente o

grande contingente de brasileiros que vive no exterior, ainda que clandestinamente, e que exercem atividades que não fariam no Brasil; um exemplo disso são os trabalhos domésticos e os trabalhos braçais, porém, geralmente essas pessoas são melhor remuneradas do que se estivessem no Brasil exercendo suas profissões. Ainda sabendo das condições precárias e dos riscos que estes brasileiros que vivem clandestinos em outros países atravessam, o aluno continua tecendo elogios à língua inglesa. Não há nenhuma incisão de furo no dizer do aluno que nos remetesse a um real que eventualmente pudesse fazer com que a relação com a língua fosse outra.

No recorte 27, o aluno *a06* expressa esse desejo de pertencimento a tudo o que a língua inglesa representa:

(27) *a06* - “*Ah, pra ensinar o aluno a viver mais com, fora (incomp.) porque hoje em dia a gente precisa, eu acho que precisa do inglês né?”*

Ao enunciar *hoje em dia a gente precisa, eu acho que precisa do inglês*, o aluno *a06* deixa flagrar aspectos da heterogeneidade que o constitui. O aluno demonstra ter noção de que o inglês é uma necessidade hoje. Na constituição desse discurso e também desse sujeito há uma série de discursos que atribuem vantagens a quem é proficiente em inglês, os quais, deixam-se entrever nesse enunciado.

O aluno tenta mostrar para a pesquisadora que está a par do que acontece no mundo. A locução adverbial *hoje em dia* e a forma verbal *precisa* possuem a função de determinar não só o tempo presente, mas também possuem a função de situar o sujeito na ordem de sua época, de inscrevê-lo nesta ordem. A forma verbal *precisa* modaliza *necessidade* e ao utilizá-la o sujeito expressa ter a idéia de que o inglês é uma língua necessária. Ao enunciar que *precisa do inglês* o sujeito se inscreve na formação discursiva do inglês como língua necessária no mundo atual.

Vejamos as respostas dos alunos para a questão da utilidade do inglês nos recortes discursivos 28 e 29:

(28) a04 – “*Porque vai assim se eu for pra algum lugar que fala inglês eu já sei falar.*”

(29) a03 – “*Como eu já falei né no trabalho, quando a gente vai assim viajar né pra algum lugar a gente tem que saber falar com as pessoas é importante.*”

Novamente o sujeito deixa flagrar aspectos da heterogeneidade constitutiva. Ao aludir a viagens e ao saber se comunicar com as pessoas, o aluno a03 remete aos discursos da utilidade do inglês, como língua que permite a comunicação entre os povos e também da língua como ferramenta, nesse caso uma ferramenta para viajar e para se comunicar.

Os alunos a03 e a04 remetem à idéia de integração atribuída à globalização. No entanto, essa idéia de integração é um acesso não garantido a todos. Pois especialmente no Brasil, grande parte da população não possui acesso sequer a condições básicas de sobrevivência humana. O aluno a04 utiliza o pronome pessoal *eu* duas vezes, reforçando a idéia da inclusão, quer dizer, esse aluno sente-se incluído na ordem da globalização, sente-se como tendo acesso a viagens para o exterior. Tanto o aluno a03 quanto o aluno a04 fazem uso do pronome indefinido *algum* seguido do substantivo *lugar*, o que denota a naturalidade com que aceitam a presença do inglês no mundo, *algum lugar que fala inglês* parece ter para o aluno a04 o mesmo efeito que *todo mundo fala inglês*.

O aluno a03, em *no trabalho*, faz referência ao discurso do inglês como língua útil. Por duas vezes, a04 enuncia *a gente*; esse *a gente* quer dizer: os alunos, de classes menos privilegiadas economicamente, oriundos da escola pública e que fazem coro com a ideologia de que a globalização permite a todos o acesso ao mundo moderno, logo esse enunciado remete à idéia de integração que é veiculada pelos discursos sobre a globalização, os quais fornecem a idéia de pertencimento que desperta no sujeito-aluno o desejo de

pertencer a esse mundo. No recorte 29, a forma verbal *tem* modaliza *dever* e, enunciando dessa maneira, o sujeito expressa aceitar a imposição de que deve saber se comunicar em inglês para não ser excluído. Essa mesma idéia de imposição está presente em *é importante*, ou seja, modaliza *é necessário*. A globalização impõe ao sujeito determinadas exigências que ele julga ser necessário.

A idéia de desenvolvimento está fortemente ligada à globalização e é outro fator que suscita o discurso da necessidade do inglês. Podemos comprovar isso no recorte 30:

(30) a03– “*É importante porque assim aqui tem umas firmas grandes né, e aí tem uns que precisam de vez em quando viajar pra fazer alguma coisa falar no telefone com alguém de outro país né? Acho importante sim.*”

O advérbio de lugar *aqui*, utilizado para informar que a cidade possui algumas empresas de grande porte, denota que o progresso já chegou à cidade e isso implica a necessidade do inglês, especialmente saber falar inglês. Verificamos isso na utilização do verbo *falar* que remete ao discurso do inglês como língua que permite a comunicação e que pertence à formação discursiva do inglês como ferramenta para fins pragmáticos. Nessa formação discursiva está presente a visão de que a expansão do inglês é neutra. Pennycook (1994) explica que nessa perspectiva o inglês é visto como língua que se desenraizou do seu contexto original e, portanto, não é maléfica à cultura dos outros países. Essa visão, conforme abordamos no capítulo III, é ingênua e perigosa porque ela faz manter o *status* da língua inglesa e faz com que esse *status* seja aceito de forma natural.

O discurso do inglês como língua universal também está presente em *alguém de outro país*. O pronome indefinido *outro* faz referência a qualquer país, ou seja, remete à idéia de que com inglês é possível se comunicar com qualquer pessoa estrangeira. Desse modo, para o sujeito está cristalizada a idéia de que o inglês é a língua mais utilizada no mundo todo, ou seja, essa idéia já está naturalizada.

Além disso, o discurso da importância do inglês atua no que Guattari (2005) chama de processos de subjetivação, que são os processos pelos quais são produzidas as subjetividades conforme determinação do sistema capitalístico: “Ora, o que interessa à subjetividade capitalística não é o processo de singularização, mas justamente esse resultado do processo: sua circunscrição a modos de identificação dessa subjetividade dominante” (GUATTARI, 2005, p. 80).

O papel dessas representações dos alunos sobre a língua inglesa é importante no processo de produção de subjetividades, porque, conforme a nossa hipótese, no espaço discursivo pedagógico de escola pública, as construções de subjetividade são resultantes mais do imaginário produzido, o qual sustenta as representações dos aprendizes sobre a língua inglesa, do que pelo contato com essa língua propriamente dita.

Essas representações sobre a língua inglesa constituem o imaginário desse aluno sobre a língua inglesa. Esse imaginário está tão bem constituído que praticamente não se encontra incisões de furo no simbólico no dizer desse aluno, conforme pudemos verificar na análise do *corpus* da pesquisa.

A partir do já-dito sobre a língua inglesa, os alunos constroem representações sobre essa língua, as quais produzem mais efeitos na sua subjetividade do que o contato que eles possuem com a língua inglesa no contexto pedagógico da escola regular. Lembramos também, que nos meios pelos quais o aluno entra em contato com o inglês na escola, que são, geralmente, o professor e o livro didático, também está presente a representação da hegemonia do inglês, reforçando ainda mais a sua subjetivação nos moldes da subjetividade capitalística.

A representação do inglês como língua hegemônica parece ter se estabelecido a partir dos significados que foram atribuídos aos discursos advindos da expansão do inglês e do *status* que essa língua adquiriu com essa expansão. Porém, um dos efeitos dessa hegemonia é

que ela é desistoricizada<sup>16</sup>. Dessa forma, a língua inglesa se apresenta como imaneamente boa e útil e por esses atributos constitui o imaginário do sujeito como língua hegemônica.

### 3.1.3 A língua como ferramenta para fins práticos

A língua inglesa é vista como franqueadora de boas oportunidades de trabalho e de ascensão social. Vejamos o recorte 31:

(31) a06 – “ Ah, porque às vezes você pode assim não tem serviço muito aqui no Brasil, assim hoje em dia né? Você pode sair daqui vai fazer curso no exterior. Lá o que mais você precisa é saber falar inglês.”

Esse dizer do aluno a06 nos remete à formação discursiva do inglês como língua útil, na qual estão presentes os discursos que afirmam ser o inglês a língua que proporciona melhores oportunidades de trabalho, que facilita a inserção no meio científico, o acesso à tecnologia e facilita a inserção social. Para o adolescente, falar inglês é estar inserido em uma categoria especial, a categoria das pessoas que têm acesso aos benefícios atribuídos à língua inglesa, tais como: melhores oportunidades no mercado de trabalho, acesso à tecnologia e à informação.

No recorte discursivo de número 31, o sujeito faz uso da modalização em *pode assim* e *assim* mostrando que está inteirado da posição do inglês na atualidade. Além disso, recorre duas vezes ao verbo *poder*, ao advérbio *assim* e, também, à locução adverbial de tempo *hoje em dia* como um reforço da idéia de estar a par do que acontece no mundo. O uso dos dêiticos *aqui* e *lá* não serve apenas para expressar a distância geográfica existente entre o Brasil e o exterior, mas também para separar o mundo utilizando o critério de poder econômico e político.

---

<sup>16</sup> Utilizamos a palavra *desistoricizada* para fazer referência ao efeito que a hegemonia da língua inglesa provoca no sentido de que os fatores políticos e econômicos pelos quais ela ocupa esse *status* no mundo praticamente não são lembrados.

O discurso do inglês como ferramenta necessária para se conseguir boas colocações no mercado de trabalho é tema sempre presente no dizer do aluno e remete a dizeres advindos das formações discursivas que sustentam que o inglês é uma ferramenta para se alcançar ascensão social. O aluno *a03* constitui-se em discursos dessas formações discursivas em dois momentos de sua entrevista. Primeiramente quando lhe foi perguntado porque o aluno considerava importante aprender uma língua estrangeira, o aluno *a03* responde:

(32) *a03*- “Por causa que no futuro, precisa né, pra trabalhar, pra se dar bem na vida.”

Posteriormente, o aluno *a03* explica porque considerava o inglês a língua mais importante de se aprender:

(33) *a03*- “Por causa que assim, de todas as línguas, ele (o inglês) é o que a gente mais precisa pra poder crescer, né no trabalho, essas coisas.”

*Por causa que* não constitui simplesmente um vício de linguagem. Enuncia a naturalidade com que o sujeito vê o papel do inglês como franqueador de boas oportunidades profissionais e, conseqüentemente, de ascensão social. O advérbio *assim* corrobora a idéia de justificativa. A aluna faz uso do *né* duas vezes, como busca de aprovação da pesquisadora e também como marca do dizer do adolescente.

A regularidade do uso da preposição *pra* remete ao discurso da praticidade da língua inglesa, como se a língua tivesse apenas finalidades práticas, tais como: facilitar a comunicação no mundo globalizado, condição para arranjar um bom emprego, navegar na Internet.

O advérbio *mais* é utilizado como justificativa para a escolha do inglês e não de outra língua. Ao fazer uso do modalizador *poder*, o sujeito remete ao discurso de capacitação que

se atribui ao inglês. Nesse discurso, o inglês constitui um diferencial no currículo, possibilitando mais oportunidades no mercado de trabalho para aqueles que o dominam.

Esse discurso que relaciona o inglês com capacitação profissional também está presente no enunciado do aluno *a01*:

(34) a01- “*Ah, porque a gente tem mais assim... mais oportunidades de trabalho, né?”*

As interjeições *ah e né* parecem se configurar como uma regularidade do discurso do adolescente. A conjunção explicativa *porque* assume a função de justificar a opção do sujeito pelo inglês e não por outra língua. Ao enunciar *a gente*, a aluna posiciona-se como inscrita na sociedade globalizada. Com o uso dos advérbios *mais* e *assim*, o sujeito constitui-se no discurso de intensificação dos benefícios atribuídos à língua inglesa.

Ainda que o adolescente esteja distante do mercado de trabalho e da universidade, como é o caso do adolescente que cursa o Ensino Fundamental, ele possui o desejo de pertencimento aos idealizados benefícios que o inglês representa, porque os discursos oriundos de formações discursivas sobre a globalização o constitui, tais como o discurso de que a língua inglesa é a língua da globalização, a língua do desenvolvimento e da modernidade, é a língua que facilita a comunicação no mundo globalizado. Lembramos que esses discursos chegam ao aluno por meio da mídia, da propaganda dos institutos de idiomas, do professor, do livro didático, do currículo escolar, e, desse modo a sua subjetividade vai sendo modelizada.

Analisemos agora o recorte 35. Ao perguntarmos para o aluno *a01* se ele achava que o inglês que ele aprende na escola vai ser útil na sua vida, obtivemos a seguinte resposta:

(35) a01- “*Acho que vai. Porque tem, cada carreira que a gente possa seguir vestibular essas coisas, muitas dependem do, de Inglês.*”

O sujeito procura emitir sua opinião utilizando o verbo *acho*. Podemos identificar, nesse modo de enunciar, o primeiro esquecimento, pois o sujeito tem a ilusão de que é origem do seu dizer, ele não tem consciência disso. Pêcheux (1995) justifica:

“[...] apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o esquecimento nº 1, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995 p. 173).

Os discursos sobre as vantagens do inglês são amplamente veiculados no espaço social, porém o sujeito não percebe que seu posicionamento sobre essa língua é afetado por tais discursos. Uma das representações sobre a língua inglesa, e que está presente no imaginário social, é a exigência do inglês em diferentes carreiras, e isso é notável nesse enunciado quando o sujeito explicita essa representação e utiliza o modalizador *possa* para apontar a possibilidade de acesso a uma carreira através do conhecimento da língua inglesa e revela sua adesão ao discurso do inglês como franqueador de boas oportunidades de trabalho.

### **3.1.4 A representação sobre a comunicação**

Os alunos aderem à representação de que saber se comunicar em uma língua estrangeira é sinônimo de saber a língua. Isso vem tanto do ensino baseado na abordagem comunicativa quanto do papel da mídia, que reforça essa idéia, contribuindo para a manutenção dessa representação, conforme tratamos no capítulo III, pois a habilidade de falar é a habilidade mais explorada nas propagandas de cursos de idiomas. Esse é um dos motivos pelos quais os cursos de idiomas são considerados os lugares em que se aprende língua estrangeira. Do mesmo modo, a falta de condições de se desenvolver atividades de

conversação em língua estrangeira na escola regular, especialmente na escola pública, é um dos motivos que levam à desvalorização do seu ensino nesse contexto.

Existe, ainda, a representação de que o inglês é útil porque permite a comunicação entre povos de nacionalidades diferentes. A crença de que a língua inglesa é necessária é também uma das características da era da globalização.

Em seu dizer, o aluno *a07* refere-se à língua inglesa como sendo útil para a comunicação:

(36) *a07*- “É... *you can have the opportunity to go to another country and if you don't know how to communicate there, it will be difficult for you to find a job.*”

(37) *a07* – “Ah (*incomp*) *Uma entrevista de trabalho eles pedem que a pessoa fale inglês.*”

Esse dizer pertence à formação discursiva do inglês como língua útil, na qual se insere o discurso de que a língua inglesa facilita a comunicação entre povos de nacionalidades diferentes. Esse discurso denuncia uma perspectiva ingênua, que vê a língua como desvinculada de questões políticas e de poder e também denuncia a noção da neutralidade da expansão do inglês de que nos fala Pennycook (1999). Essa noção está embutida no discurso do inglês como língua desenraizada de sua identidade cultural e que já se encontra bem adaptada à sua posição de língua da globalização. Desse modo, conforme essa noção, o inglês não estaria promovendo aculturação por onde se espalha.

O modo de enunciar do sujeito-aluno, em que aparecem as formas verbais *comunicar* e *fale*, remete à representação de que a língua inglesa é útil porque facilita a comunicação entre pessoas de nacionalidades diferentes, porém qualquer outra língua poderia cumprir essa função. Assim, essa representação apaga o fato de que outras línguas, e não necessariamente o inglês, poderiam facilitar a comunicação entre falantes nativos de línguas diferentes e exercerem o papel de língua universal. Novamente confere-se a essa língua atributos que a

supervalorizam. Conforme afirma Woodward (2000), a representação inclui práticas de significação e sistemas simbólicos. Devido a alguns fatos em torno do inglês como sua expansão e sua geopolítica, foram produzidos significados para essa língua que constituem um imaginário. Esse imaginário é mantido pelas representações sobre a valorização do inglês.

O desejo de pertencimento também está presente no dizer do aluno *a07*, conforme ele enuncia no recorte 36 analisado anteriormente: são os estrangeiros, os não anglófonos que devem se adequar à exigência do mundo atual e aprender a se comunicar em inglês. Para o sujeito, o contrário é impensável, ou seja, um nativo de país de língua inglesa ter que aprender uma língua estrangeira para conseguir trabalho é uma possibilidade muito remota.

Vejamos o recorte 38:

(38) a11- *“Ah... viajar... assim... não só viajar por exemplo a gente... ta passeando... um turista que não sabe falar português... mas sabe falar só inglês... ele... a gente pode também transmitir as coisas pra eles né?”*

Inicialmente, verificamos no dizer do aluno *a11*, a representação do inglês como ferramenta para fins práticos quando ele enuncia *Ah... viajar*, porém, logo em seguida esse aluno enuncia fazendo referência à representação do inglês como língua que permite a comunicação entre povos de nacionalidades diferentes. A utilização dos verbos *falar* e *transmitir* remete a essa constituição dos alunos de que saber inglês é saber falar inglês. Grigoletto (2003) trata, em um trabalho citado na introdução desta dissertação, dos discursos sobre metodologias modernas de aprendizado de uma língua estrangeira. Tais metodologias apregoam a eficiência no desenvolvimento da habilidade de falar em língua estrangeira. Além disso, os institutos de idiomas fazem uma forte campanha publicitária em torno disso, conforme apontamos no Capítulo II, em que tratamos da questão da influência da mídia, das propagandas de cursos de inglês e o efeito disso como uma das condições de produção dos

dizeres dos alunos. Grigoletto (2003) faz algumas observações sobre o enunciado que relaciona saber inglês com utilizar a língua para comunicação:

trata-se de um enunciado que faz parte do discurso sobre ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, notadamente nas duas últimas décadas, mas que também é expresso nos discursos da propaganda e do poder econômico, incluídos aí o discurso da globalização e da conseqüente necessidade de se encontrarem fórmulas para a comunicação entre povos de diferentes nações, para a transação de bens materiais e culturais (GRIGOLETTO, 2003, p. 227).

O discurso sobre ensino-aprendizagem de língua estrangeira é um grande discurso e a partir dele são construídas representações sobre a língua inglesa, como por exemplo a representação que relaciona o inglês à comunicação, a representação do inglês como língua da globalização e também a representação do inglês como uma ferramenta para fins práticos. O advérbio *também* expressa a idéia de multiplicidade de fins para os quais a língua inglesa se destina. Pennycook (1999) chama a atenção para essa visão do inglês como língua que permite a comunicação entre os povos e alerta sobre a existência de uma pernicioso dicotomia: o inglês como língua global da comunicação enquanto as línguas locais ficam relegadas somente para questões locais, pessoais e tradicionais. Ao analisar o dizer dos alunos tem-se a impressão de que eles fazem uma distinção entre a língua inglesa e sua língua materna, a língua portuguesa. Os alunos consideram a língua inglesa como língua útil para determinados fins, como para viajar, para se conseguir um bom emprego e para se comunicar com pessoas estrangeiras. Enunciar desse modo significa que os alunos elegeram a língua inglesa como essa língua útil, como se as outras línguas não fossem capazes de cumprir tais funções. Não estamos aqui defendendo a visão de que se aprende língua estrangeira para fins específicos. O que está em questão é que qualquer língua, enquanto código lingüístico pode ser utilizada para se comunicar nas mais diversas situações. Isso não é privilégio da língua inglesa. No entanto, há dizeres que sustentam que o inglês é a língua que se presta para esses fins.

### 3.1.5 O inglês da escola

Esta pesquisa surgiu de nossas indagações sobre o modo de enunciar dos alunos da escola pública a respeito da língua inglesa. Como já dissemos, os alunos enunciam de modo contraditório a respeito da língua inglesa: eles, na maioria das vezes, mostram-se desmotivados e desinteressados com as aulas de língua inglesa da escola em que estudam, porém enaltecem a língua inglesa, especialmente consideram-na uma língua útil para se conseguir ascensão social.

Como afirmamos, no desenvolvimento de nossa hipótese de trabalho, o modo como se dá o contato com a língua inglesa na escola não chega a promover o deslocamento identitário que, para Serrani-Infante (1997), é quando o aluno se inscreve em relações de preponderância na discursividade nova da segunda língua. Como pudemos verificar nos recortes discursivos que analisamos neste item, a relação desse sujeito com a língua inglesa se resume a algumas atividades realizadas em sala de aula e que não chegam a desenvolver uma habilidade em específico, ou seja, não o habilita a ler, a escrever, a ouvir ou a falar nesta língua estrangeira. Desse modo, a língua inglesa é um objeto que este aluno não toca. Isso quer dizer que esse aluno não está numa relação de constituição com a língua inglesa. É como se a língua estivesse fora dele, fosse um objeto desejado, que se utiliza para esse ou aquele fim.

Quando perguntamos aos alunos *Como tem sido estudar inglês na escola? Do que você gosta e do que você não gosta?* pudemos comprovar que o contato que os alunos têm com a língua se resume à execução de determinadas atividades. Um tipo de atividade bastante recorrente nos dizeres dos alunos é a tradução de textos. Verificamos isso nos seguintes recortes discursivos:

(39) a01- “*Eu gosto de traduzir.*”

(40) a03- “Ah, eu gosto das atividades que a professora passa a gente tem que corrigir e ... a gente que corrige a gente mesmo e traduzir as perguntas e as respostas, aí eu acho legal.”

(41) a04- “Assim, ficar fazendo as tarefas em inglês porque é muito divertido, ficar traduzindo.”

(42) a05- “Eu gosto de traduzir texto.”

(43) a09- “Eu gosto daquelas tradução, gosto de fazer aquelas questões de pessoas conversando...”

(44) a11- “Gosto assim... tem as que eu não gosto porque eu não sei traduzir né pra português... alguma coisa assim que a professora (incomp) ela passa no quadro e ela manda a gente responder... aí se a gente não sabe ela ensina. Acho que isso é legal!”

Observamos, aqui, um ponto de não-coincidência do dizer. O aluno *a11* enuncia inicialmente *Gosto assim* e em seguida enuncia *tem as que eu não gosto* demonstrando hesitação especialmente pelo uso do advérbio de modo *assim*. A esse modo de dizer hesitante, à procura da palavra certa Authier-Revuz (2004) denomina *ponto de não-coincidência entre as palavras e as coisas*. Ao enunciar desse modo, o aluno deixa flagrar em seu dizer fragmentos da heterogeneidade que o constitui. O aluno, ao buscar a palavra correta deixa flagrar também o desejo de pertencimento às vantagens atribuídas à língua inglesa.

As alusões à tradução são parte do reflexo da política de língua estrangeira em prática no sistema educacional brasileiro. Nos colégios em que esses alunos estudam, o material didático disponível resume-se ao livro didático, que é acompanhado de fita cassete, porém a fita é distribuída apenas para o professor, que em muitos casos não a utiliza, ou por falta de incluir atividades de *listening* em seu planejamento ou às vezes até por não haver aparelho de som disponível, pois geralmente as escolas possuem um único aparelho de som para toda a escola. Desse modo, as atividades realizadas no próprio caderno do aluno são as mais comuns, e dentre elas as atividades mais exploradas são os exercícios de gramática e de tradução de

texto. O livro utilizado nas escolas onde realizamos as entrevistas, o *English clips* traz textos de diferentes gêneros com atividades de interpretação variadas. Porém, a tradução parece ser um recurso bastante explorado. O aluno *a04*, ao utilizar o verbo *ficando* no gerúndio, expressa idéia de frequência e continuidade que esse tipo de atividade é realizada. Também não é só a tradução de textos que é explorada; o aluno *a03* se refere a *traduzir as perguntas e as respostas* deixando evidente que a tradução não se restringe a textos, mas a frases também.

Um ponto interessante é que os alunos quase sempre expressam gosto pela tradução de textos em seus dizeres. A presença do verbo *gostar* é recorrente em seus dizeres e a isso acrescenta-se utilização dos adjetivos *legal* e *divertido*. Apesar de os alunos expressarem em seus dizeres o gosto por esse tipo de atividade, isso não significa que haja identificação com a língua nem que esteja havendo movências ou algum tipo de deslocamento identitário. Porque esse tipo de enunciado demonstra uma abordagem instrumentalizada da língua. Especialmente no caso desses alunos, toda a identificação deles com a língua inglesa se resume a realizar atividades de tradução. Ou seja, é uma identificação que se resume ao gosto por determinadas tarefas escolares, como se elas bastassem a si mesmas. Não há envolvimento com a língua inglesa por parte do aluno e tampouco por parte do professor. Nesse processo de ensino e aprendizagem, a língua estrangeira é tratada como se fosse um conteúdo escolar que se estuda para realizar uma avaliação ou para fazer um teste para se obter uma vaga em algum trabalho.

Além disso, quando o aluno resume o gosto pelas aulas de inglês com o gosto por atividades de tradução, ele produz um dizer contraditório, pois no tópico anterior vimos que os alunos também possuem a crença de que a língua inglesa é a língua para se comunicar com pessoas estrangeiras ou em situações de viagem ao exterior. O aluno produz dizeres contraditórios porque se circunscreve em manifestações interdiscursivas. Esse dizer não coincidente pode ser classificado com o que Authier-Revuz (1998) nomeia como *não-coincidência do discurso com ele mesmo*.

Assinalando entre suas palavras a presença estranha de palavras marcadas como pertencendo a um outro discurso, um discurso esboça em si o traçado - assinalando uma “interdiscursividade representada” - de uma fronteira interior/exterior (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23).

Tais dizeres são contraditórios porque vêm de diferentes lugares: enquanto o aluno está inserido em um contexto escolar, em que possui um tipo de contato com a língua inglesa que lhe permite uma visão instrumentalizada dessa língua, ele também é constituído por outros discursos oriundos de formações discursivas fora da escola que têm um apelo à comunicação e à integração ao mundo globalizado.

A referência negativa à tradução é feita pelo aluno *a11*. Porém o aluno enuncia que não gosta da atividade porque não sabe traduzir: *Gosto assim... tem as que eu não gosto porque eu não sei traduzir né pra português...* Este enunciado se iguala aos anteriores porque o advérbio de negação *não* leva-nos à conclusão de que se o aluno soubesse fazer a tradução ele gostaria da atividade. Há, nesse caso, um sentimento de frustração nesse enunciado, de falta de “domínio” em uma habilidade. O fato de os alunos reduzirem o ensino de inglês às atividades de tradução é reflexo da política de ensino de língua estrangeira e na escola se mantém discursos produzidos dentro desse sistema de ensino. Grigoletto (2003) denomina como “discurso tipicamente escolar” este discurso que:

“[...] iguala todo processo de transmissão e aquisição de conhecimento à assimilação de uma matéria escolar. No caso do aprendizado de uma língua estrangeira, nota-se o eco das recomendações dos professores e dos métodos tradicionais de ensino de línguas estrangeiras em predicados tais como “saber a gramática (ou as regras gramaticais) da língua”, “ser capaz de traduzir frases e textos”, “ser capaz de resolver exercícios”, dentre outros” (GRIGOLETTO, 2003, p. 226).

Verificamos esse discurso no dizer do aluno *a04* que enuncia *ficar fazendo as tarefas*, ou seja, realizar atividades escritas, provavelmente de vocabulário ou de gramática. A utilização do verbo no gerúndio expressa a continuidade deste tipo de prática no cotidiano da

sala de aula que o aluno frequenta. Essa situação é gerada pelo modo como se organiza a política de ensino de língua estrangeira no Brasil. Nessa política, não há muitos esforços no sentido de se promover um ensino de língua estrangeira que possibilite ao aluno sua circunscrição na discursividade da nova língua.

Dizeres alusivos às atividades de gramática também fazem parte dos discursos que circulam no contexto da escola:

(45) a02- “Ah, eu gosto de passar o verbo para as frases interrogativas, negativas, só.”

O aluno *a02* no recorte 45 enuncia um dizer favorável às atividades de gramática. Porém, da mesma forma que os alunos nos recortes anteriores, a utilização do verbo *gosto*, não significa que o aluno *a02* possui uma identificação com a língua. Este aluno demonstra ter um acesso restrito à língua inglesa porque, de um lado, no seu espaço social, entram demandas da globalização que lhe despertam o desejo de pertencimento ao mundo globalizado e, de outro lado, a escola oferece um ensino que não corresponde a essas demandas. Isto é, o aluno é constituído pelos discursos sobre a língua inglesa que circulam no seu espaço social e a escola oferece um ensino geralmente baseado no ensino de gramática, vocabulário, leitura e que não atende ao apelo à comunicação promovido pela globalização.

Da mesma forma que há alunos que enunciam dizeres favoráveis às atividades de gramática e de tradução de texto, há alunos que não se constituem nesses dizeres. Podemos verificar isso no próximo recorte:

(46) a10- “Eu não gosto muito de inglês... mas tem que aprender né? Senão...”

O aluno *a10* utiliza o advérbio de intensidade *muito* para expressar que não gosta do inglês o suficiente. Porém, o seu dizer se filia à formação discursiva do inglês como língua

útil. Mesmo admitindo que não possui simpatia pela língua inglesa o aluno expressa sentir necessidade de aprender inglês. A utilização deôntica do verbo *tem* demonstra possuir em seu imaginário a representação de que o inglês é necessário. Essa representação toma parte nos discursos da formação discursiva do inglês como língua útil. O desejo de pertencimento a tudo o que o inglês representa é expresso pela conjunção *senão*. O aluno demonstra ter em seu imaginário a idéia de que de outro modo, ou seja, se ele não aprender inglês, mesmo sem gostar, ele não terá acesso às vantagens atribuídas ao inglês.

O que podemos concluir sobre os dizeres dos alunos sobre o inglês da escola é que o tipo de relação que esse aluno tem com a língua inglesa no contexto escolar não é uma relação efetiva porque está no nível da resolução de tarefas escolares. O contato com a língua inglesa no contexto escolar se dá predominantemente via tarefas escolares, especialmente tarefas de tradução, de gramática e de vocabulário. Os alunos entrevistados não demonstraram possuir conhecimento da história dessa língua ou da cultura dos povos de língua inglesa, por exemplo. Do modo como é vista por esses alunos, a língua inglesa se resume a um conteúdo escolar como os conteúdos das demais disciplinas que existem na grade curricular.

### 3.1.6 Há deslocamentos?

Quando perguntamos aos alunos se eles achavam que estudar inglês na escola havia mudado alguma coisa em suas vidas, obtivemos respostas cuja análise é bastante válida para esta pesquisa.

Vejamos o recorte 47:

(47) a01- “Muitas coisas assim, só (incomp) muita gente pergunta “Ah você sabe o que é isso?” eu de repente eu até sei, até explico e a pessoa “Ah, tudo bem”.”

No recorte 47, verificamos uma forma de heterogeneidade mostrada marcada. Conforme Authier-Revuz: “[...] neste conjunto de formas marcadas, distingo aquelas que mostram o lugar do outro de forma unívoca (discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas [...])” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 36). No recorte discursivo 47, o aluno *a01* traz o dizer do outro via discurso direto: “*Ah, você sabe o que é isso?*” e “*Ah, tudo bem*”. Authier-Revuz (2004) explica, ainda, que a heterogeneidade mostrada está articulada com a heterogeneidade do sujeito e do discurso, isto é, as formas de heterogeneidade mostrada manifestam negociações do sujeito com a heterogeneidade que o constitui. Desse modo, ao trazer o discurso do outro para seu dizer, o aluno *a01* deixa flagrar aspectos da heterogeneidade que constitui sua subjetividade, ou seja, o sujeito é constituído pela linguagem e também pelo registro do imaginário, do simbólico e do real. Além disso, a heterogeneidade mostrada manifesta também a negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do discurso, logo, aparecem aí manifestações interdiscursivas.

O aluno *a01* demonstra, também, possuir uma visão fragmentada da língua. Ao utilizar o substantivo *coisas* e o pronome demonstrativo *isso* o aluno se refere a palavras que ele conhece em inglês. Esse dizer é proveniente dos discursos que circulam na escola, se filia à formação discursiva do inglês para fins práticos. O aluno enuncia ficar satisfeito ao ser capaz de explicar o significado de alguma palavra em inglês quando lhe é perguntado. Essa satisfação e surpresa em poder ser útil são expressadas pelo uso da forma verbal *explico*, o aluno relaciona o inglês a uma questão prática, útil. A surpresa em ser capaz de explicar é demonstrada pelo uso do advérbio *até*. A surpresa pode estar relacionada ao fato da deficiência do ensino, dos discursos decorrentes deste fato, assim, apesar de todas as dificuldades o aluno ainda se surpreende por saber um pouco de vocabulário. Porém, saber um pouco de vocabulário está longe de proporcionar uma boa base de conhecimento de uma língua estrangeira. Como já foi apontado aqui, a aprendizagem de uma língua estrangeira

envolve fatores não cognitivos e também a articulação de dimensões que Revuz (1998) classifica como: dimensão do corpo, dimensão do eu e dimensão cognitiva. A idéia de que saber inglês é acumular conhecimento de vocabulário também está presente no recorte 48:

(48) a04- “*Porque eu não sabia falar nada em inglês, eu fui e aprendi.*”

No dizer do aluno *a04*, o pronome indefinido *nada* quer dizer nenhuma palavra em inglês, ou seja, *nada* significa não conhecer vocabulário em inglês. A utilização do verbo *falar* também remete à representação que os alunos possuem de que a língua inglesa é a língua da comunicação, pois ele poderia utilizar outros verbos como *ler*, *ouvir* ou *escrever*. Porém, os discursos oriundos dos meios de comunicação, das propagandas de cursos de inglês, os discursos sobre a globalização constituem seu imaginário e atuam na instituição de representações.

Ao enunciar *eu fui e aprendi*, o aluno *a04* remete à visão instrumentalizada da língua inglesa, sugerindo que a língua é um objeto que está em um determinado lugar e que podemos tocá-lo. Além disso, esse modo de enunciar também denota a visão de que aprender língua estrangeira depende apenas da cognição, como se uma língua fosse apenas um conteúdo e para aprender essa língua basta assimilar esse conteúdo.

A visão da língua como instrumento também está presente quando o aluno faz referência à gramática. Ao ser perguntado sobre o que aprendeu na escola, o aluno *a08* responde:

(49) a08- “*Ah, os verbos né? Em inglês, as cores, as palavras, muitas coisas também.*”

Ao utilizar o substantivo *coisas* o aluno *a08*, a exemplo dos dizeres analisados anteriormente, faz referência ao vocabulário e novamente refere-se a vocabulário ao enunciar *cores e palavras*. Outro aspecto que faz parte desta visão da língua inglesa como instrumento, é a gramática. O aluno *a08* faz referência, em seu dizer, a *verbos*. Grigoletto (2001) averiguou, em uma pesquisa realizada com estudantes do curso de Letras Português-Inglês, que os alunos possuem a representação de que a língua pode ser decomposta em partes. Para Grigoletto (2001): “[...] nas formulações a respeito do enfoque prioritário sobre a gramática da língua encontra-se em funcionamento o discurso da tradição de estudos lingüísticos na escola, que decompõe uma língua em “partes” para viabilizar o seu estudo enquanto sistema” (GRIGOLETTO, 2001, p. 141). Mais adiante, em sua explanação, Grigoletto completa:

ancorado nesse saber, estaria o seu contraponto, ou seja, a noção de que, se uma língua é igual a um conjunto de pedaços e dessa forma ela pode ser descrita, aprender uma língua estrangeira implicaria aprender as “partes” da língua gradativamente para, no final do processo, sabe-la bem. Além desse, um correlato desse conceito de aprendizagem de línguas estaria no enunciado de que deveria haver um ponto-limite em que cada parte se esgota (isto é, se mostra completa, inteira) e forma um “todo” que é a língua (GRIGOLETTO, 2001, p. 142).

Quando o aluno enuncia *muitas coisas* remete a essa idéia de língua fragmentada e também de língua como instrumento, conforme já dissemos na análise de outros recortes discursivos. Além disso, ao utilizar o advérbio de intensidade *muitas*, o aluno demonstra acreditar que conhece muito da língua inglesa e também demonstra uma visão bastante limitada da língua. Primeiramente, é uma visão limitada porque remete à noção de língua fragmentada, que se aprende em blocos. Segundo, é uma visão limitada porque este aluno não possui a noção de que aprender a língua implica muito mais que saber “muitas coisas”. É preciso se constituir nesta língua.

Reiteramos que o aluno não pode ser criticado por ter essa visão limitada de uma língua estrangeira. Essa visão é processual, ou seja, é fruto, sobretudo, do processo de ensino-aprendizagem que ele vive. Para que esse aluno ampliasse sua visão da língua seria preciso

que ele tivesse, por exemplo, vivências com a língua inglesa no sentido de explorar não só a habilidade de ler, mas também de falar, de ouvir e de escrever em língua estrangeira. Além disso o conhecimento da história dessa língua, de como ela se constituiu ao longo do tempo, da cultura dos falantes nativos dessa língua seriam muito importantes para que esse aluno visse a língua como um código que lhe permite interagir com outras pessoas e com outras culturas.

Da mesma forma, não criticamos os professores dos alunos que entrevistamos, porque não podemos responsabilizá-los inteiramente pelo fato de que seus alunos possuem uma noção tão limitada da língua inglesa e também por saberem apenas um pouco de vocabulário e não terem desenvolvido outras habilidades. Como já discutimos nesta dissertação, há uma política de ensino-aprendizagem de língua estrangeira em curso que é bastante insuficiente. Essa política aponta para o fato de que não é possível acontecer deslocamentos identitários perceptíveis, pois a língua inglesa é um objeto ao qual o aluno toca apenas uma faceta porque não lhe são dadas condições necessárias para que ele se constitua nesta língua.

Analisemos agora o recorte 50:

(50) a02- “Ah, mudou assim, eu acho que eu tive que aprender as coisas eu (incomp) pra saber alguma coisa eu tenho que saber inglês.”

Ao utilizar o verbo ter em *tive* e *tenho que saber inglês* o aluno a02 enuncia em seu dizer mostrar o desejo de pertencimento a tudo o que o inglês representa, ou seja, o desejo de ascensão social, por meio de boas oportunidades de emprego que são atribuídas ao inglês. Esse desejo de pertencimento relaciona-se a questões de poder. O discurso da globalização promete vantagens e propaga um estilo de vida atraente e a língua inglesa representa, no imaginário social, uma forma de acesso a esse mundo de vantagens. Porém, como afirma Faria (2005), quem representa tem o poder. Por isso os grupos hegemônicos exercem

influência sobre as representações que são suscitadas no imaginário social. Assim, essa representação da língua inglesa como uma língua que permite o acesso a tudo o que a globalização permite denota o poder dos povos de língua inglesa.

Conforme Lacan, o sujeito é constituído pela linguagem, a partir do registro do imaginário, do simbólico e do real. No imaginário do aluno, a língua inglesa é a língua que tudo promete. Porém, como já discutimos nesta dissertação, a língua inglesa não é a língua que tudo promete, ela possui esse *status* devido a fatores sociais, históricos e políticos, que suscitaram discursos de exaltação a essa língua, que por sua vez constituem representações sobre ela. A respeito do real Pêcheux define como: “[...] um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (PÊCHEUX, 1990, p. 43). Verificando no *corpus* de nossa pesquisa, percebemos que o real desse sujeito, ou seja, a percepção de que a língua inglesa não é tudo aquilo que ele imagina, não irrompe em seu dizer. Dessa forma, essa categoria de um imaginário de enaltecimento da língua inglesa não se rompe, pelo menos na fase em que se encontram os sujeitos dessa pesquisa. Não há dizeres que furam esse simbólico e que funcionassem como um real que desestabilizasse esse imaginário. O que pudemos capturar no dizer de alguns alunos é sua percepção de que o ensino de língua inglesa ao qual ele tem acesso não lhe permite ser proficiente nessa língua. Como por exemplo, no recorte 51:

- (51) P- “*Mas você já sabe alguma coisa...*”  
 a01- “*Ah, muito pouco.*”

Apesar de também se circunscrever nos discursos de enaltecimento da língua inglesa, o aluno *a01* demonstra estar ciente de que possui pouco conhecimento da língua, aludindo à insuficiência do ensino ao qual ele tem acesso.

Parece que a percepção da insuficiência do ensino ao qual o aluno tem acesso é a única manifestação do real que os alunos apresentam em seus dizeres. Pois eles não deixam de exaltar a língua inglesa, ou seja, eles não percebem que aquilo que essa língua simboliza é fruto de uma construção imaginária.

Vejam a resposta do aluno *a11* no recorte discursivo 52, quando lhe foi perguntado se estudar inglês mudou algo em sua vida:

(52) a11- “*Não... pra mim não.*”

O aluno *a11* admite que não houve mudanças na sua vida, após ter começado a estudar inglês, porém considera importante aprender outras línguas, bem como inglês:

(53) a11 – “*acho muito importante, eu tenho vontade de aprender espanhol... inglês... espanhol.*”

Ao enunciar desse modo, o aluno *a11* demonstra o desejo de pertencimento ao mundo globalizado, enunciando a importância de aprender duas línguas que têm sua expansão ligada ao fenômeno da globalização. O enunciado *Não... pra mim não* remete aos reflexos da atual política de ensino de línguas estrangeiras vigente no Brasil. O que podemos observar na análise do *corpus* é que os alunos têm um determinado tipo de ensino que não condiz com tudo aquilo que a língua inglesa promete. O aluno fala em viagem, em internet e, no entanto, a escola, salvo raras exceções, centra-se no ensino de gramática e vocabulário. No entanto, a demonstração de insatisfação com esse ensino no enunciado *Não... pra mim não*, é insuficiente para desestabilizar esse imaginário, pois o aluno continua considerando importante aprender inglês.

### 3.1.7 Refletindo sobre os dizeres dos alunos

Os alunos que entrevistamos possuem representações de que a língua inglesa é a língua mais importante da atualidade porque é necessária, é útil e benéfica. Tais representações constituem esses alunos e chegam até eles por meio de veículos que propagam discursos oriundos de formações discursivas sobre as vantagens do inglês. Estes veículos são variados: livro didático, professor de língua inglesa, currículos escolares, TV, cinema, propagandas de institutos de idiomas, música etc. Na análise do *corpus*, pudemos verificar como esses discursos são materializados no dizer do sujeito, tanto no dizer do sujeito aluno quanto do sujeito professor de inglês.

Percebemos no dizer dos alunos filiações a formações discursivas tais como: o inglês é uma língua universal, o inglês é uma ferramenta para fins práticos e aprender inglês é aprender a estrutura da língua, como gramática e vocabulário. No interior destas formações discursivas estão presentes discursos sobre a língua inglesa que, veiculados pela mídia, circulam no contexto social e a partir destes discursos são constituídas representações no seu imaginário. Segundo Woodward: “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17). Podemos perceber, mediante a análise dos recortes discursivos já analisados, que eles se posicionam de modo contraditório a respeito da língua inglesa.

A base da contradição no dizer do aluno parece estar ligada ao fato de que fora da escola há todo um discurso que propaga vantagens atribuídas à língua inglesa e dentro da escola há uma prática pedagógica em que essa língua aparece em “blocos”: os mais comuns são gramática e vocabulário. E esses blocos da língua não permitem ao aluno se circunscrever na discursividade da língua estrangeira/inglesa, não o habilita para conseguir aquilo que ele deseja, ou seja, utilizar esta língua em situações reais, que constituem no seu imaginário saber a língua e também constitui no seu imaginário a “finalidade” da língua. O resultado desse

conflito é um dizer que é contraditório e, como todo dizer, produz sentidos. E o dizer desse aluno, em particular, pela análise que realizamos, soa como um dizer que enaltece a língua inglesa. Esse aluno faz voz com todos os discursos que apregoam supostas vantagens ao inglês, relacionando-o à globalização, à modernidade, ao desenvolvimento, a tudo o que o sistema capitalístico representa como bom e desejável.

Esse desejo de um outro lugar tem relação com o sujeito brasileiro, que é desejante e almeja uma série de coisas que supostamente a língua inglesa poderia lhe facilitar o acesso.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta etapa, trazemos as questões que motivaram esta pesquisa, isto é, os alunos da escola pública enunciam de forma contraditória a respeito da língua inglesa: dizem sentirem-se desinteressados com as aulas de língua inglesa da escola em que estudam, porém, se inscrevem em dizeres de exaltação a essa língua.

Partimos desse pressuposto e assim lidamos com a questão da contradição: o aluno enuncia de forma enaltecedora o inglês, o considera uma língua universal e útil. Não seria mais coerente ele se interessar em aprender inglês na escola? Afinal, pelo menos oficialmente, ele tem acesso gratuito ao inglês durante duas horas/aulas por semana. No entanto, mediante a prática como professora de língua inglesa em escolas públicas, percebemos que durante as aulas, os alunos mostram-se totalmente alheios ao inglês. Iniciada a pesquisa, percebemos que no contexto pedagógico da escola pública, não há condições de ensino e de aprendizagem suficientes para que esse aluno se constitua nessa língua. O contato com esta nova língua acontece de forma tão superficial que este aluno vê a língua como mais um conteúdo para decodificar e fazer uma avaliação. Porém, este mesmo aluno reproduz os discursos que atribuem benefícios ao inglês, tais como comunicar-se em inglês, integrar-se ao mundo globalizado, possuir um diferencial na concorrência para uma boa colocação no mercado de trabalho.

Tendo como foco a compreensão desta contradição, no caminho que percorremos problematizamos sempre questões relacionadas a dois fatores: o *status* que o inglês possui no mundo e a política de ensino de língua estrangeira. São estes dois fatores que estão na base da problemática que nos propusemos a investigar.

Um dos primeiros caminhos que contribuíram para a compreensão da contradição apresentada foi o interdiscurso. A interdiscursividade relacionada a estes dois fatores contribui para explicar a contradição do dizer dos alunos, pois se o interdiscurso diz respeito

ao já-dito, ao pré-construído, aos discursos oriundos de diferentes lugares e diferentes épocas, depreende-se daí que o dizer do aluno nem sempre será coeso, conforme pudemos verificar na análise do *corpus*.

Acreditamos que essa contradição tem origem no interdiscurso, já que aquilo que explica a posição favorável do aluno a respeito da língua inglesa são os discursos e as representações sobre essa língua construídos a partir do já-dito, pois apenas o contato com a língua inglesa no contexto escolar não seria suficiente para se instaurar tamanha identificação com essa língua.

Os conceitos da Análise do Discurso, preconizados por Michel Pêcheux, nos forneceram o suporte teórico necessário para que na análise do *corpus* identificássemos as principais representações sobre a língua inglesa que os alunos possuem em seu imaginário. Desse modo, as principais representações que encontramos foram: o inglês é uma língua universal; o inglês é uma ferramenta para fins práticos, tais como, a ascensão social mediante boas oportunidades de trabalho; o inglês é uma língua para a comunicação entre os povos; outra representação que os alunos possuem é a que diz respeito à visão de língua como um instrumento. Os alunos acreditam que a língua inglesa é útil para traduzir. Essa representação não condiz com a representação da língua inglesa para a comunicação e constitui outra contradição, que também foi identificada por Grigoletto (2003).

Na análise do dizer do professor de inglês, encontramos praticamente as mesmas representações que os alunos apresentaram. Concluímos que o professor de inglês se constitui, com relação à língua inglesa, de forma semelhante ao aluno. Consideramos preocupante o fato de o professor de inglês não apresentar um posicionamento crítico em relação a questões como, por exemplo, a expansão da língua inglesa ou as questões de poder que estão relacionadas a essa língua. Percebemos que em alguns casos o nível de conhecimento do professor sobre a língua inglesa não difere muito do aluno. Como afirmamos na análise do

*corpus*, não estamos responsabilizando o professor ou o aluno pelo insucesso do ensino e da aprendizagem de língua estrangeira na escola pública, porque, no decorrer da análise, percebemos que tanto os professores quanto os alunos não possuem um conceito formado sobre a língua inglesa e suas implicações. Eles enunciam sobre essa língua mediante suas circunscrições em discursos que circulam em seu espaço discursivo e que são veiculados pela mídia e também discursos que circulam no interior da escola. Assim, o posicionamento de professores e alunos é fruto do processo de ensino-aprendizagem no qual se encontram inseridos.

Esse processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira é na maioria das vezes, sem efeito, pois a política de ensino de línguas que deveria articular esse ensino se ocupa apenas em fornecer soluções pragmáticas que não levam em consideração os interesses da comunidade a que essa política se destina. E é, também, um ensino de língua estrangeira alienante, pois a língua estrangeira acaba sendo tratada de modo que reforça as representações que existem sobre essa língua, principalmente, sobre a língua inglesa.

Os discursos que tratam as representações que eles possuem de forma mais crítica e apontam para questões de política e de poder relacionadas à língua inglesa, circulam de forma mais ampla apenas no contexto acadêmico e não costumam chegar até os professores, especialmente. Pela análise do dizer dos professores percebe-se que não há esforços por parte dos órgãos responsáveis pelo norteamento do ensino de língua estrangeira em criar condições para que a relação desse professor com a língua que ensina seja uma relação de implicação e de constituição e não uma relação com um objeto, com um conteúdo a ser transmitido.

Uma questão que é relevante salientar diz respeito à visão da língua inglesa como instrumento. Isso foi percebido, pela análise do *corpus*, tanto no dizer dos alunos quanto no dizer dos professores. Ao se referirem ao inglês como língua para comunicação, língua que está presente em todos os setores do mundo moderno, língua da tecnologia entre outros. No

entanto, Revuz (1998, p.218) afirma que a língua não é um instrumento. Essa visão de língua como instrumento leva-nos à confirmação de nossa hipótese: no contexto pedagógico de escola pública, as construções de subjetividade são resultantes mais do imaginário produzido, o qual sustenta as crenças dos aprendizes sobre a língua inglesa, do que pelo contato com essa língua propriamente dito.

Pela análise realizada, podemos concluir que o modo como se dá o contato com a língua inglesa no contexto de escola pública, não permite a esse aluno uma boa aprendizagem, o que o levaria a circunscrever-se na discursividade dessa nova língua, promovendo deslocamentos identitários. O contato com a língua inglesa, nesse contexto, é muito pequeno, não chega a promover deslocamentos identitários significativos. Logo, o que leva os alunos a enunciarem de modo favorável a língua inglesa são as representações sobre esta língua que constituem seu imaginário, pois a todo o momento discursos de enaltecimentos ao inglês chegam até ele, despertando-lhe o desejo por uma língua que não é aquela de que seu professor fala, que está no livro didático e na avaliação. Dentro da escola, o contato com a língua inglesa não é atraente para o aluno, geralmente não desperta o seu interesse para a aprendizagem de inglês, pois o ensino da língua está sempre associado a atividades mecânicas e que não têm sentido para ele, levando-o até a questionar o porquê de se estudar inglês na escola. No entanto, há diversos discursos que cruzam esse real, vindos da mídia, dos meios de comunicação que apregoam os benefícios do inglês, dos discursos sobre a globalização que prometem maravilhas e que apresentam uma língua diferente daquela que ele vê na escola.

Assim, o aluno não tem um conceito formado sobre a língua inglesa: o inglês que ele vê na escola é diferente daquele que ele deseja para conseguir um bom emprego, é diferente daquele que ele imagina ser capaz de proporcionar boas oportunidades de trabalho. Essa questão gera uma situação tensa em sala de aula. O aluno mostra-se desinteressado pela aula. Assim, o professor atribui esse desinteresse à disciplina que leciona. O professor não percebe

que o aluno não possui interesse por *aquela* inglês da escola. Pois na realidade, seu desejo é por uma língua que ele supõe ser outra, uma língua inglesa que está fora da escola e se está fora não há como haver constituição nessa língua.

Refletindo sobre essa questão do desejo do aluno, tocamos em um ponto fundamental para que se compreenda essa contraditoriedade: é a questão do sujeito. Conforme Authier-Revuz (2004) o sujeito é heterogêneo, descentrado. Articulamos essa noção de sujeito heterogêneo, à noção de subjetivação de Guattari. Para Guattari (2005) esse sujeito é modelizado pelo sistema capitalístico. Logo, esse sujeito heterogêneo vai ser fortemente afetado pelos discursos de exaltação à língua inglesa que lhe despertam o desejo de pertencer a tudo o que esse discurso promete. No entanto, justamente o local onde supõe-se que esse desejo seria suprido, a escola, não corresponde às suas expectativas. O inglês que ele aprende na escola não o habilita a entrar nessa ordem globalizada e isto o leva à frustração na aprendizagem com esse ensino.

Assim, as orientações existentes atualmente sobre o ensino de língua inglesa, os PCNs, apontam para a ênfase na leitura. Essa opção pelo ensino da leitura constitui uma atitude pragmática: “Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato.” (PCNs, 1998, p. 20). No entanto, os *outdoors* que estão espalhados pela cidade trazem o apelo à comunicação, a música que o aluno ouve traz esse apelo, todo o contexto que ele vive o leva a desejar uma língua para uso em situações reais de comunicação. É desse modo que esse sujeito vai sendo modelizado pelo sistema capitalístico: a todo momento chegam a ele discursos que constituem no seu imaginário representações sobre a língua inglesa; por isso apenas atividades de leitura não satisfazem suas expectativas de aprendizagem.

Parece que encontramos na questão da constituição do sujeito, o ponto fundamental para se compreender a contradição apontada no início da pesquisa. A heterogeneidade

constitutiva do sujeito, as dimensões inconscientes do eu, incluídas na subjetividade, o processo de subjetivação fabricado pela sociedade, explicam a existência de contradições e o dizer heterogêneo constituído no interdiscurso reforçam ainda mais essa característica contraditória da subjetividade.

Logo, confirmamos nossa hipótese de pesquisa: no espaço discursivo de escola pública as construções de subjetividade são resultantes mais do imaginário produzido, o qual sustenta as representações dos aprendizes sobre a língua inglesa, do que pelo contato com essa língua propriamente dita.

Para finalizar, compartilhamos das idéias de Serrani-Infante (1997, 1998) e também de Grigoletto (2001, 2003): as questões relacionadas às dimensões da subjetividade e também os processos identificatórios que tomam parte no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira não podem ser ignorados na elaboração de políticas de ensino de língua estrangeira. Os aspectos de ordem pragmática, tais como metodologias, recursos didáticos, a dimensão cognitiva, não devem ser desprezados. Porém, devem estar sempre vinculados a elementos culturais, à história dessa língua, ao modo como ela evoluiu ao longo do tempo, ao que essa língua representa hoje, à posição que os países a que esta língua está vinculada representam no mundo, na sociedade, etc. Devem também proporcionar ao aluno o conhecimento de que a língua, como um código, permite mediante formas variadas, a interação com outros povos, com outras culturas e o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade, como a ciência, a tecnologia, a literatura, a música entre outros. Devem, ainda, propiciar ao aluno a percepção da relação da língua estrangeira com sua língua materna.

O professor de língua estrangeira é um elemento fundamental nesse processo, porque no ambiente escolar, é ele que exerce o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento da língua estrangeira. Apesar do aluno ter a possibilidade de entrar em contato com a língua estrangeira por meio de mídias variadas, é na escola que esse contato deveria ser

sistematizado com o objetivo de inserir esse aluno na discursividade da outra língua. Para alcançar esses objetivos a política de ensino de língua estrangeira necessita promover ações no sentido de capacitar o professor de língua estrangeira para que ele possa exercer o seu papel de marcar diferença nesse espaço discursivo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, M. H. V; ALMEIDA FILHO, J. C. P. de; BOHN, H. I. **Documento Síntese do II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras.**2000.Redigido no II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras, Pelotas, 4 a 6 set. 2000. Disponível em: [www.ipol.com.br](http://www.ipol.com.br). Acesso em: 11 dez., 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). In: **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas: Editora da Unicamp/IEL, 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998, 200 p. (Coleção Repertórios)

\_\_\_\_\_. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto alegre: EDIPUCRS, 2004. 257 p.

BIPLAN, P. O esperanto dos negócios. In: LACOSTE, Y. (org.); RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 133-134.

BOHN, H. I. Os aspectos 'políticos' de uma política de ensino de línguas e literaturas estrangeiras. In: **Linguagem & Ensino**. Pelotas: vol. 3. n. 1, p. 117-138, 2000. Disponível em: [http://rle.ucpel.tche.br/php/edições/v3n1/G\\_Bohn.pdf](http://rle.ucpel.tche.br/php/edições/v3n1/G_Bohn.pdf). Acesso em: 28 ago. 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998, 128 p.

CARMAGNANI, A. M. G. As escolas de línguas e o discurso publicitário: construindo o desejo da língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A. M.; GRIGOLETTO, M. (orgs.) **Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade/English as a foreign language: identity, practices and textuality**. São Paulo: Humanitas/FFLCF/USP, 2001, p. 111-134.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005, 142 p.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, 80 p.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London / New York: Longman, 1989, 259 p.

FARIA, A. P. **A identidade brasileira nos livros de português para estrangeiros publicados nos Estados Unidos**. Dissertação de Mestrado: São Paulo, 2005.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005, 118 p.

FERREIRA, A.de J; GIESEL, C. M. The Brazilian National Curriculum Parameters: a Step Forward to Liberatory Education in Brazil. In: **Línguas & Letras**. Cascavel, v.2, nº 2, p. 137-150, jul./dez. 2001.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996, 79 p.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, 236 p.

FREITAS, V. A. B. **Dimensões da identidade nacional no contato/confronto com uma língua estrangeira**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia, 2004.

GADRIOT-BERNARD, H. O inglês: língua franca das instituições internacionais. In: LACOSTE, Y. (org.); RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 27-32.

GIBLIN, R. O inglês por meio da música. In: LACOSTE, Y. (org.); RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 127-132.

GRIGOLETTO, M. Língua e identidade: representações da língua estrangeira no discurso dos futuros professores de língua inglesa. In: CARMAGNANI, A. M.; GRIGOLETTO, M. (orgs.) **Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade/English as a foreign language: identity, practices and textuality**. São Paulo: Humanitas/FFLCF/USP, 2001, p. 135-152.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7ª ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, 436 p.

\_\_\_\_\_. Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: CORACINI, M. J. (org.) **Identidade & discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003, p. 223-235.

GUILHERME DE CASTRO, M. F. F. O discurso midiático institucional para o ensino de segundas línguas. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. **Análise do discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004, p. 197-209.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 104 p.

HELD, D.; MCGREW, A. **Prós e contras da globalização**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, 107 p.

LACOSTE, Y. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y. (org.); RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 07-11.

LE BRETON, J.M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Y. (org.); RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 12-26.

LEFFA, V. J. O ensino das línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**. APLIESP, nº 4, p. 13-24, 1999.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. **Lei nº 9394/96**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1997.

LEITE, P. M. A febre de aprender inglês. **Veja**. São Paulo: 28 Dez. 1999. Disponível em: <<http://vejaonline.abril.com.br>> Acesso em: 26 set. 2005.

MARIANI, B. **Colonização lingüística**. Campinas, SP: Pontes, 2004, 187 p.

MELMAN, C. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. Tradução: Rosane Pereira; organização e revisão: Contardo Calligaris. São Paulo: Escuta, 1992, 112 p.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, 2267 p.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003, 100 p.

PAIVA, V. L. M. O. O lugar da leitura na aula de língua estrangeira. In: **Vertentes**. n. 16. p. 24-29, jul./dez. 2000. Disponível em:<http://www.veramenezes.com/leitura.htm>. Acesso em: 28 ago. 2006.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990, 68 p.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi (et. Al.), 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, 306 p. (Coleção Repertórios).

\_\_\_\_\_. e FUCHS, C. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas (1975). In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução á obra de Michel Pêcheux**. Organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani (et al). 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252 (Coleção Repertórios).

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language**. New York: Longman, 1994, 365 p.

\_\_\_\_\_. **Development, culture and language: ethical concerns in a postcolonial world**. The Fourth International Conference on Language and Development. October 13-15, 1999. Disponível em: <<http://www.languages.ait.ac.th>>. Acesso em: 11 Dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **Critical Applied Linguistics – an introduction**. London: Lawrence Erlbaum Publishers, 2001.

PEREZ, J. R. R.. Ensino Fundamental. In: CASTRO, M. H. G. de; DAVANZO, A. M. Q. (orgs.). **Situação da Educação Básica no Brasil**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999, 134 p. Disponível em:<[http:// www.dominiopublico.gov.br/search.htm](http://www.dominiopublico.gov.br/search.htm)> Acesso em: 11 dez. 2005.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. In: LACOSTE, Y. (org.); RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 135-159.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.Tradução: Silvana Serrani-Infante. In:SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, p. 213-230.

SERBENA, C. A. Imaginário, ideologia e representação social. In: **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, 2003. Disponível em: [www.cfh.ufsc.br/~dich./Texto Caderno%2052.pdf](http://www.cfh.ufsc.br/~dich./Texto%20Caderno%2052.pdf). Acesso em: 04 mai. 2006.

SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. **Delta**. São Paulo: vol. 13, n. 1, fev. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, p. 231-264.

TAVARES, C. N. O desejo por uma língua estrangeira em tempos de globalização. **Letras & Letras**. Uberlândia: v. 19, nº 01, p. 09-20, jan./jun. 2003.

TEIXEIRA, M. **Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. 2ª ed. Porto alegre: EDIPUCRS, 2005, 210 p.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 426 p.

WOODWARD. K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA. T. T. da; (org.) HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 07-72.

## ANEXOS

### Nota sobre a transcrição das entrevistas

Na transcrição das entrevistas, procuramos acompanhar o ritmo da oralidade. Desse modo, a pontuação, na maioria dos casos, não segue as regras da norma gramatical.

Lembramos que os nomes dos entrevistados, tanto dos alunos quanto das professoras, foram omitidos. Elaboramos o seguinte código para a organização do *corpus*: os alunos receberam o registro *a* e as professoras o registro *p*. Cada entrevistado é identificado por um número de controle, por exemplo, *01*, *02* e assim por diante. Os alunos são identificados desse modo: *a01*, *a02*, *a03* e assim sucessivamente. As professoras são identificadas por *p01*, *p02* e assim por diante. Utilizamos também os seguintes sinais para facilitar a transcrição:

P= pesquisadora

/.../= pausa longa

(...) pausa normal

(!)= para expressar sentimentos e emoções

(?)= pergunta

(risos)= risos durante a fala

Fizemos também outras omissões como os nomes dos alunos e das professoras, o nome da cidade onde foi realizada a pesquisa, nomes de institutos de idiomas e de colégios ou escolas. Assim elaboramos o seguinte código:

XXXXXX= nome de pessoas

XXXX= nome de cidade

XXX= instituto de idioma

XX= colégio ou escola

**ANEXO A**

Entrevistas com os professores

- Proposta de entrevista
- Transcrição das entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ILEEL – INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA  
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

Pesquisadora: Pauliana Duarte Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo

**PROPOSTA DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE INGLÊS**

Dados:

Nome:

Naturalidade

Tempo que mora em XXXX:

- 1- Há quanto tempo você dá aulas de inglês?
- 2- Qual é a sua formação?
- 3- Você trabalha apenas na rede estadual?
- 4- Quais as razões que o (a) fizeram optar pela profissão de professor de línguas? E por que você optou pela língua inglesa?
- 5- Você está feliz com sua opção? Sente-se realizado (a)?
- 6- Quando e por que você começou ter interesse pelo inglês, aprender, estudar?
- 7- Quais vantagens você vê no aprendizado do inglês? Para o adolescente principalmente? E para um adolescente brasileiro? Em XXXX?
- 8- Na sua opinião, há alguma desvantagem em se estudar inglês no Brasil, na escola pública?
- 9- Como você avalia a situação do ensino de inglês na escola pública, especialmente na rede estadual que você conhece de perto?
- 10- Você acredita que há diferença entre o ensino de inglês das escolas da rede pública, municipal ou estadual, e as escolas da rede particular de ensino?
- 11- Na sua opinião há diferença entre o ensino de inglês da escola regular, tanto pública quanto particular, e o ensino dos institutos de idiomas?
- 12- Na escola regular, o inglês é visto como disciplina que não reprova, qual sua opinião a respeito?
- 13- Pelo fato de ser visto como disciplina que não reprova, você percebe desvalorização maior do professor de inglês do que do professor de outras disciplinas, por parte de alunos, pais, colegas professores, coordenação pedagógica, direção?
- 14- Como você avalia a atitude do aluno com relação à língua inglesa e ao ensino de inglês da escola? Os alunos valorizam a língua, o ensino que recebem na escola, o material utilizado?
- 15- Você acredita que o ensino de inglês da escola pública tal como ele é atualmente, é capaz de despertar o interesse do aluno para a língua? Você acha que o aluno aprende inglês na escola regular?
- 16- Como você avalia a atitude dos pais com relação à língua inglesa? Você acredita que eles a valorizam ou não?
- 17- Qual sua opinião sobre a política de ensino de língua estrangeira no Brasil? As decisões tomadas pela Secretaria Estadual de Ensino? Há incentivo? Há discriminação da disciplina?
- 18- Você acredita que os alunos que freqüentam aulas em institutos de idiomas têm mais facilidade para aprender inglês? E motivação?

## Transcrição das entrevistas

### Entrevista: Professor p01

P: Qual é seu nome?

p01: XXXXX

P: Naturalidade:

p01: XXXX...

P: Então mora aqui toda a vida né?

p01: É...

P: Há quanto tempo você dá aula de inglês?

p01: Sete anos...

P: Qual é a sua formação?

p01: Curso superior...

P: Curso de...

p01: Ah... inglês inacabado né... fiz Letras... e o inglês eu não conclui... então eu acho que eu vou voltar desde o início né? Porque a gente acaba perdendo...

P: Você ia voltar a fazer inglês?

p01: Ia não, eu vou voltar com fé em Deus. No ano que vem eu volto...

P: Você trabalha penas na rede estadual?

p01: Só...

P: Com quais séries?

p01: Olha desde que eu fui pro XX eu estou com de 5ª ao 3º ano... todos quer dizer no XX... 5ª e 6ª né... agora eu posso falar que eu estou com 7ª e 8ª... no XX eu estou com 8ª... 1º... 2º e 3º...

P: Então de 5ª ao 3º ano né?

p01: Todo mundo né?

P: Quais razões que a fizeram optar pela profissão de professora de inglês?

p01: /.../ Bom, a primeira coisa é que não foi pelo fato de línguas né? Porque minha área era outra e eu... a situação... um problema que eu tive me obrigou a me afastar do meu serviço e aí... aquela oportunidade, porque nunca me passou pela cabeça que eu seria uma professora né? É uma coisa que não estava nos meus planos... e então eu fui lá fazer a inscrição pro concurso em 98 ou em 99 por aí e foi aí que aconteceu de por acaso na inscrição lá a moça falar pra optar pela matéria que a gente mais gosta e desde que eu estudei, desde a 5ª série a matéria que eu mais gostei foi o inglês e foi por prazer mesmo... por gostar da disciplina...

P: E porque que você optou pela língua inglesa e não outra língua?

p01: Porque eu gosto da língua inglesa...

P: Você nunca estudou outra língua?

p01: Nunca... nunca e sinceramente eu já pensei em estudar espanhol mas eu tenho medo... eu tenho medo de estudar espanhol... mas quando eu voltar agora pro inglês eu vou tentar...

P: Você tem medo de que?

p01: Eu tenho medo da gramática... sinceramente eu tenho medo de não dar conta... pode falar que é mais fácil, que é simples porque falam que é muito mais fácil que o inglês...

P: Você está feliz com sua opção... sente-se realizada?

p01: /.../ eu diria que até janeiro eu estava... até janeiro eu estava... quer dizer com a opção da língua inglesa você quer dizer?

P: Com a profissão de professora de inglês?

p01: Olha, como professora de inglês eu estou sim, porque graças a Deus eu posso dizer... posso não ser a melhor... não sou, eu tenho certeza disso mas eu domino... você entendeu? Eu domino, eu dou conta bem de desempenhar o meu papel... mas eu falo que a partir de janeiro eu não estou satisfeita porque eu percebi trabalhando em algumas escolas diferentes e que eu já deixei... às vezes eu voltar pra casa com vontade de deixar a educação... que a cada vai perdendo aquela disciplina... o respeito né? Mas eu gosto!

P: Quando e porque você começou o seu interesse por inglês... querer aprender... estudar inglês?

p01: Ah... aí eu insisto novamente foi a necessidade, porque quando a moça falou pra mim... olha você escolhe uma disciplina e... eu tava concursando de pré à 4ª série e eu escolhi uma logo que eu fiquei sabendo que eu fui aprovada... uma amiga diretora de uma escola ligou pra parabenizar e avisou... vai estudar inglês porque você vai dar aula de inglês... então aí a necessidade me obrigou né? Porque naquele eu estava optando pra 4ª série e não pra inglês e aí me obrigou, mas foi uma boa idéia. Graças a Deus deu certo!

P: Mas você falou que você gostava de inglês antes...

p01: Sempre... sempre gostei! (incomp) mas escola de idiomas mesmo foi a partir daí... quando eu comecei eu sofri muito. Eu caí de pára-quedas, até eu tenho um amigo que falou... XXXXX (incomp) aquele programa que

tinha no Fantástico... o da minha vida, uma história assim (incomp) essa tem que ir... porque quando eu comecei eu comecei verdinha de tudo... sabe eu nunca tinha dado aula... e tava no primeiro livro de inglês... né? Então eu sofri muito mas eu não me arrependo sabe? Eu lutei bastante... sofri muito... mas valeu a pena...

P: Mas assim... você tinha aquela história com o inglês de gostar né?

p01: É... de gostar mesmo...

P: Do tempo de colégio?

p01: Era...

P: Por isso você optou pelo inglês?

p01: Foi por isso... porque eu gosto.

P: Quais vantagens você vê no aprendizado do inglês pra um adolescente em XXXX... pra um aluno seu?

p01: Olha... o lado positivo que eu até falo muito... eu comecei numa escola nova ontem e digo quer aprender tudo... vá pra uma escola de idiomas né? Agora o básico pelo menos... (incomp) mas eu acho que a vantagem mesmo... porque tudo... tudo que você vai fazer tem ali um pouquinho do idioma né? Até os produtos do supermercado, é raro você não passar por um... que também é da língua inglesa e eu acho a língua inglesa universal... então é fundamental na nossa vida... é um jogo... próprio pra adolescente... até pra nós mesmos... até o nosso controle remoto da nossa televisão é em inglês né? Então eu acho que é de muita importância no trabalho né? Porque hoje vai ampliando ficando moderno e tal eu tinha um aluno no ano passado que ele concluiu o curso então ele tava fazendo estágio e ele foi designado pra acompanhar os representantes que vieram dos Estados Unidos... isso porque? Porque ele domina inglês então ele fazia naquele momento o papel de intérprete... sabe? Então onde? Em XXXX? Isso é de muita importância, a nossa cidade está evoluída já né? E é um adolescente, então tem que abrir as portas... ele mesmo tem que abrir as portas pra ele... porque não começar pela língua inglesa e informática?

P: Na sua opinião, há alguma desvantagem em estudar inglês no Brasil em escola pública?

p01: Não... eu acho que não tem desvantagem não porque aí que o aluno vai optar ou não... se ele... se é isso que ele quer... aquilo ali vai abrir caminho pra ele porque ir no escuro fazer inglês porque tá na moda não justifica porque é através da escola pública é que ele vai perceber que ele gosta da língua inglesa, que ele pode ir para a escola de idiomas porque ele quer aquilo e que faz diferença... que faz diferença porque o que a gente vê é o seguinte...na escola de idiomas ensina até palavrão, isso infelizmente porque pra nós adultos se for lá eles não vão ensinar palavrão, prá nós não, mas o adolescente ele aprende... então até isso ele aprende lá né? E aprende também claro que primeiro as coisas boas... eu acho muito importante primeiro na escola pública porque ele vai ter noção se que ou não...

P: Como você avalia a situação de ensino de inglês na escola pública especialmente na rede estadual que você conhece melhor?

p01: /.../ Olha... quanto a ensino e quanto à aluno... eu acho assim... às vezes exige muito da gente... dá um livro pesado... no entanto não dá suporte né? A gente não tem o suporte necessário que a gente precisa pra estar trabalhando... e a questão também que eu percebi muito esse ano passado através do XX, aquela história de que inglês não reprova... então eu acho assim muito falho né? Quanto a isso aí... é culpa do sistema, eu acho que a língua inglesa deveria reprovar, todo mundo tá consciente disso... praticar isso... como matemática reprova... português reprova... porque a língua inglesa? Olha que estamos precisando dela quase mais que a matemática, é muito fácil até certo ponto né? E pelo campo de trabalho, enfim... a evolução que vem acontecendo e com isso eu percebo quando a gente recebe alunos de escolas pequenininhas, quando agente entra na sala a gente é mal recebido... a gente não é bem aceito... eu falo isso porque eu tô ali no Instituto tem alunos de ensino médio que vêm de outras escolas, então quanto menor a escola que o aluno vem menos ele aceita... isso porque? Culpa de quem? Do sistema? Será que é o sistema? Então a cabeça dos coordenadores de diretores, eu acho que tem que mudar muito... e o próprio sistema... quantos alunos que o ano passado foram aprovados em inglês e no entanto ele não podia... não tinha condições, não tinha base, não sabia nem escrever direito... quer dizer eu falei isso... esse aluno tem que ser alfabetizado primeiro pra depois ele passar... não é alfabetizar na língua inglesa não, é alfabetizar em português mesmo... e no entanto ele tá lá cursando outra série...

P: Você acredita que há diferença no ensino de inglês das escolas públicas da municipal e estadual e das escolas particulares... o particular que eu falo não é o cursinho, é o colégio particular?

p01: Olha eu acredito que sim... primeira coisa assim eu nunca dei aula em escola particular eu já dei mas foi de 2º grau, não tem nada haver... a primeira coisa é que na escola particular a criança já começa vendo o inglês desde o início de sua alfabetização... então ele já sai dali prontinho... vamos dizer assim... conhecendo às vezes até mais do que aquilo que a gente imagina que ele conhece né? E a criança que veio diretamente da escola pública ele deixa muito claro... ele treme quando é o inglês... eu falo isso porque tem um caso meu ali... no ano passado a menina sofreu muito... então ela sofreu muito porque nunca tinha visto inglês... então eu acredito que na escola particular ela tem mais valor... vamos dizer assim... do que a escola pública porque na escola pública deveria ter o inglês mesmo pra valer mesmo desde o pré... eu cito um exemplo que eu dei aula amiga da escola seis meses no XX, na época que eu dei aula lá e eles vêm as cores... a primeira coisa que fiz... eu ensinei as cores para os menininhos... criancinha de pré... e na hora que a tia foi ensinar as cores em português eles não

aceitavam porque eu já havia ensinado as cores em inglês eles não aceitaram... vermelho não era vermelho... nunca... aí eles começaram... tia mais não é! Mas porque... porque eu fiz o meu papel... então se eu continuar fazendo o meu papel... quer dizer eu trabalhei tão bem que eu convenci eles que a cor era aquela... não que eu quisesse mudar o idioma dele...

P: Mas eu acho que deveria ter desde o pré também na escola pública... e na sua opinião o ensino de inglês da escola regular tanto colégio público quanto particular é diferente do ensino do cursinho?

p01: É muito! É muito porque eu vejo o caso o seguinte... tem aluno que... vamos ver os dois lados da moeda... tem aquele menino que vai pro cursinho por opção por que ele optou... tem aluno que vai para o cursinho porque o pai ou a mãe quer...

P: É verdade...

p01: Né?... Bom o aluno que vai por opção ele vai e consegue alcançar o objetivo dele... o aluno que vai por opção dos pais ele não consegue alcançar o objetivo nem dos pais... ele sofre muito e ele sai de lá sem saber mas eu sei também que a escola pública e acho que também a particular não consegue nunca... vamos falar do aluno que foi por opção... não consegue nunca alcançar o próprio aluno... aquele menino que está fazendo o cursinho em franquia, a escola de idiomas mesmo... a escola pública não alcança e nem a particular porque ele vai tirar o tempo dele pra aquilo ele vai trabalhar para... quer dizer o momento pra casa dele só para aquilo lá... e ele tem que ir quatro horas por semana... pra aquilo enquanto na escola pública e particular ele tem ele tem uma hora e pouco por semana... então é uma diferença muito grande...

P: Na escola regular o inglês é visto como uma disciplina que não reprova... Qual a sua opinião a respeito?

p01: É a que eu já dei né? Que eu sou contra... eu sou contra esse negócio de que não reprova porque eu senti de certa forma a minha matéria discriminada... e eu visto a camisa... e acho que a coordenação... diretores deveriam ter a mesma postura diante dela quanto tem na matemática... português... enfim... porque se o mocinho ou a mocinha sair do Brasil e for ali pra fora ele vai precisar da outra língua... né? Que não é a mãe, mas é a outra língua que pra mim é a universal... então essa postura deveria acabar... é culpa do sistema? Eu não sei! Mas deveria acabar porque estamos precisando mais dela do que do português às vezes... porque tá todo mundo querendo sair do Brasil! Não é verdade? E precisa pro nosso dia-a-dia... é aquela história do vídeo game... do controle remoto... as músicas... não sabe o que canta... outro dia eu perdi o sono e estava com o rádio ligado e ouvi uma música que fala assim... (incomp) e resultado não sabe o que tá falando... então às vezes isso na escola pública se fosse um pouco mais apertado talvez isso eles sabiam... estão batendo palmas pra uma coisa que não sabem o que estão falando!

P: Pelo fato de ser visto como disciplina que não reprova, você percebe uma desvalorização maior do professor de inglês do que do professor de outra disciplina por parte de aluno... pai... colega... professor... coordenação pedagógica... direção?

p01: A minha matéria é mais discriminada...

P: E como pessoa, como profissional, você sente que o professor de inglês é visto como um professor de menos importância?

p01: Não... eu acho que como profissional... pelo menos nas escolas que eu trabalho eu não acho... os próprios pais... eu achei muito bonitinho nessa semana o aluno falou que tinha que contar uma coisa e eu fiquei curiosa... ele falou... olha meu pai e minha mãe disse que você é a melhor professora pelo ritmo que você dá aula... o jeito dos cadernos a forma que você dá aula e tal... então ele falou assim... olha eu respeito muito aquela professora porque é muito boa... sabe... então ele falou da professora quer dizer mesmo sendo a disciplina de língua inglesa... agora eu não acredito, nunca ouvi nunca ouvi, nunca soube dessa diferença não... só aquele caso assim... mas eu não vou nem citar nome... mas lá no XX sim! Eu vi muito o... não... a sua matéria não, essa não é de texto... você entendeu?

P: Foi em conselho de classe né?

p01: Em conselho de classe... quer dizer aquela coordenadora não teve dó... quer dizer dó entre aspas... não é dó de mim... mas ela não pensou pra falar aquilo... porque então se não é de peso e nem nada, então tanto faz ,qualquer coisa que eu passar lá tá bom demais porque não é de peso mesmo...

P: Você trabalha, você cumpre as suas datas, tem os compromissos da mesma forma que outro professor...

p01: Da mesma forma que outro professor... e o aluno tem o mesmo compromisso também... o aluno tem que estudar pra prova... o aluno tem que fazer tarefa... tem que fazer trabalho... cumprir o horário do mesmo jeito... então qual é a diferença? Não tem diferença!

P: Você acredita que o ensino de inglês da escola pública tal como ele é atualmente... é capaz de despertar o interesse do aluno pra línguas?

p01: Acredito muito... sabe esses livros que nós estamos trabalhando (incomp)? São livros muito bons... às vezes a gente não trabalha muito bem, eu falo por mim... às vezes a gente não trabalha muito bem pra despertar mais... mas eu tenho certeza que sim... porque por exemplo igual na 8ª série, nós temos lá é... falando da Amazônia... Meio Ambiente... 7ª série fala de filmes... teatro... aqueles negócios, então às vezes a forma em que a gente trabalha... é que às vezes não é perfeita... não verdade? Eu acredito aí... mas que desperta desperta

sim... alguma coisa desperta... às vezes é a forma que a gente trabalha é que pode não despertar tanto né? Mas eu acho que desperta sim...

P: E você acha que o aluno aprende inglês na escola pública, na escola regular? No colégio que é a sua realidade?

p01: Pouco... ele aprende pouco mas se ele gostar da língua inglesa com o pouco que ele aprende lá ele vai procurar a escola de idiomas... muito pouco... a gente vê menino muito interessado mesmo mas eu acho que a gente desperta o aluno... o prazer... gostar ou não... é a partir da 5ª série... se ele vê mal e diz que odeia ele vai terminar sempre pensando a mesma coisa... odiando a língua inglesa... então eu acho que desperta e o menino sim e ajuda só pra alguma coisa um pouquinho serve... aquilo que eles estudam na escola...

P: Como você avalia a atitude dos pais com relação a língua inglesa? Você acha que eles a valorizam ou não?

p01: Alguns valorizam... alguns... mas eu percebo que quando a gente passa algum trabalho às vezes baseado no próprio livro... naquilo que a gente estudou, aí pais já mandaram perguntas qual é o objetivo disso... quer dizer inglês não serve pra nada né? E serve sim, mas eu nunca percebi nenhuma coisa contra... nenhum pai falar... contra a língua inglesa não...

P: Qual a sua opinião sobre a política de ensino da língua estrangeira no Brasil? As decisões tomadas pela secretaria estadual de ensino... você acha que há incentivo por parte da subsecretaria... da secretaria da educação... ou você acha que às vezes há a discriminação da disciplina... que eles dão mais atenção pra outra disciplina do que pra sua?

p01: Bom... eu hoje... porque teve uma época em que eles estiveram mais empenhados, eu não sei qual objetivo deles na época...

P: Você fala na época daqueles cursos?

p01: Daqueles cursos... aquela capacitação...

P: Você participou... você chegou na época a ser multiplicadora né?

p01: Multiplicadora...

P: Então você foi pra XXXXX fez o curso lá... teve um curso só pra multiplicadores?

p01: Só...

P: Com professoras da universidade?

p01: Foi muito bom... só que o seguinte...

P: Aquele material é um material muito bom né?

p01: É, e eu tenho o material... então assim a gente... eu uso o material até hoje na sala de aula... só que é o seguinte... a gente fazer aquele curso... a gente... lá no final do ano... quando a gente ia multiplicar passar pros colegas... os colegas não aceitavam... eles diziam... eu quero de agora... o que eu estou usando agora... eu quero aprender trabalhar é agora, isso aí eu já dei... você entendeu? Então, ele foi atrasado... eles tinham que ter começado no início... antes de começar com o livro... ter mudado a estratégia de trabalhar aquele curso... mas eu acho o seguinte... eu não vejo nada! Da subsecretaria... nem pra um lado nem pro outro, eu acho que ela é neutra...

P: Mas voltando ao assunto dos cursos, porque que aqueles cursos pararam? Não deram a resposta pra vocês que eram multiplicadores nem nada?

p01: Olha, eu vinha fazendo uns cursos, aí teve um que tinha aquele de XXXX aí bateu... chocou a data e aí eu fiz o seguinte... entre o de XXXX e aquele eu prefiro o de XXXX e eu deixei muito claro isso pra XXXXX... porque do ensino médio eu nunca fui em nenhum! e eu... foi na época do transplante também e eu sei que chocou tudo... resultado... não teve o de XXXX, eu não fui no de XXXX porque eu tive transplante, mas então nessa época a menina de XXXX foi quem foi e me substituiu aqui ela é...

P: Eu fui no curso no dela...

p01: Então, com isso depois veio aquelas salas ali noXX?... Você nunca foi a nenhuma? Eu fui a todas... é uma de inglês... uma de português... uma de matemática...

P: Eu já ouvi falar mas eu nunca fui lá não...

p01: É assim... a menina que veio uma vez é uma das minhas colegas lá de XXXXX... eu não sei o que virou porque teve um encerramento lá em XXXX... um encerramento mesmo... depois nunca mais falaram nunca mais deram satisfação do curso... acabou, morreu o assunto do curso! Então eu não entendi se era assim um... porque era início de governo... implantação do livro... mas nós fizemos todos os módulos que eram referentes aos livros... só que eu acho que nós deveríamos ter continuado... não pra ficar batendo na mesma tecla... coisas novas... então a impressão que me passou é que aquilo era um projeto realizado por alunos ou professores de universidade... porque eles usavam... tinham seminário em XXXX na UFG, eles convidavam sabe... então teve colegas nossos que foram aos seminários... acabou sumiu!

P: Você acredita que os alunos que freqüentam as aulas no instituto de idiomas têm mais facilidade pra aprender inglês na escola... mais motivação?

p01: Mais motivação eu não digo não... mas que eles têm mais facilidades têm... mas eu digo também o seguinte... o aluno que vai por opção para a escola de idioma, que não vai porque o pai ou a mãe quer, ele tem muito mais chance né? De chegar lá na frente... é tirar só notas muito boas... mas tem aquele aluno que vai não

é porque quer... eu vou citar o exemplo de um aluno de 1º ano no XX, esse ano ele chegou a mim e falou... eu nunca... quero te falar uma verdade... eu nunca faço nada na sua matéria sabe porque?... porque eu estudo inglês sei tudo /.../ quer dizer ele vai pra escola de idiomas né? /.../ ele ficou de recuperação...

P: Eu já tive caso assim...

p01: Eu tive caso de aluno que concluiu o curso e que ficava de recuperação todo bimestre... então... a gente tem que fazer o que a gente gosta... não é o que o pai e a mãe quer... você concorda comigo?

P: É...

p01: Então o aluno que vai ele tem ele tem muito mais interesse... 3ª A tem muitos alunos lá que fazem o curso que concluíram e que eles não me deixavam ler um texto! Eu achava muito bom isso... quer dizer... eu acabava que eu não lia um texto... todos queriam participar eles liam todos /.../ você entende? Aí eu me sentia incompetente né? Porque eles queriam ler todos... mas porque isso? Porque eles passaram pela escola de idiomas com prazer... por opção deles...

P: É só... obrigada!

### Entrevista: Professor p02

Dados:

Nome: XXXXX

Naturalidade:

Tempo que mora emXXXX

p02: Toda a vida.

P: Há quanto você dá aula de inglês?

p02: Sete anos...

P: Sete anos.

p02: É... eu comecei no (incomp) né? Desde noventa e quatro.

P: Desde noventa e quatro?

p02: É... sete anos né?

P: Isso... qual é a sua formação?

p02: Pedagogia.

P: Tem curso de inglês também?

p02: Tenho...

P: Onde você estudou?

p02: XXX e XXX... eu fiz o básico no XXX e sete livros no XXX.

P: Sete?

p02: Sete... faltam três livros pra terminar...

P: Você trabalha só na rede estadual?

p02: Não... na rede municipal...

P: Você trabalhou na estadual, não trabalhou?

p02: Trabalhei na estadual um tempão...

P: Com que série?

p02: Eu trabalhei com o ensino médio e de 5ª à 8ª...

P: Tá... agora hoje você tá trabalhando na rede municipal com qual série?

p02: 5ª à 8ª.

P: Quais razões a fizeram optar pela profissão de professor de línguas? Igual... você fez Pedagogia e depois Letras... porque você interessou por trabalhar com inglês?

p02: (risos)... Na verdade eu queria mais era aprender inglês...

P: Inglês?

p02: Inglês... eu gosto muito e também porque... sei lá... eu gosto da matéria de inglês...

P: Você já estudava inglês antes de fazer o curso de letras?

p02: Estudava

P: Porque você quis estudar inglês?

p02: Eu ganhei a bolsa... na verdade quando eu comecei estudar... nas primeiras semanas eu não gostava muito de inglês não... mas depois eu passei a gostar...

P: Porque você optou pela língua inglesa e não outra língua? A bolsa era de inglês?

p02: A bolsa era de inglês.

P: Mas você não tem vontade de estudar outra língua?

p02: Não... eu tive vontade e até hoje tenho vontade de estudar espanhol mas... eu achei mais interessante... achei a gramática mais fácil...

P: A de inglês?

p02: É... eu gosto de inglês e não sei o motivo não... (risos)

P: Você está feliz com sua opção de dar aula de inglês? De ser professora... de dar aula de inglês?

p02: Eu gosto.

P: Você se sente realizada?

p02: Sinto... apesar das dificuldades né? É bom né?

P: Mas tem que gostar mesmo pra dar aula né?... Quando e porque você começou o seu interesse por inglês?

p02: Eu ganhei a bolsa, eu nem tinha interesse nenhum mas eu ganhei a bolsa aí fui... achei interessante...

P: Quais vantagens você vê no aprendizado de inglês?... Pro adolescente... o adolescente que hoje vai aprender inglês, que vantagem você acha que ele tem?

p02: No campo de trabalho eu acho que ajuda mais né? E também tem a tecnologia, porque tudo que a gente vai aprender que tem tecnologia o inglês tá envolvido né? O CD... o DVD... tudo... o som que vai ouvir tem inglês... você vai comprar uma roupa vem de fora... tudo... o produto... a comida que você vai comer tudo tá envolvido no inglês...

P: E aqui em XXXX que é uma cidade de interior... o inglês seria importante para ele?

p02: Em qualquer lugar... esses dias... o ano retrasado numa cidadezinha bem pacata mesmo (incomp) as meninas cantando em inglês (risos) eu achei tão interessante... eles pequenininhos... e sujos cantando em inglês (risos) eu achei tão bonitinho...

P: Na sua opinião, há alguma desvantagem em se estudar inglês no Brasil na escola pública? Porque a LDB fala que tem que ter uma língua estrangeira que fica a cargo da escola... só que a maioria das escolas oferecem aula de inglês, algumas têm espanhol, você vê alguma desvantagem nisso, em ter língua estrangeira na escola?

p02: Desvantagem pros alunos?

P: É... pro aluno?

p02: Não...

P: Não?

p02: Não tem não... assim, eu acho que não é valorizado né? Porque você vê na escola pública não tem dicionários... não tem... você vai usar um som não é todo dia que pode pegar o som pra ouvir...

P: (incomp) pra dar aula?

p02: É... lá na escola está estragado o som, não tem dicionário, não tem livro didático pros alunos mesmos... então assim... é vantagem pra escola ter a língua estrangeira só que eles não valorizam...

P: Precisava ter mais apoio?

p02: Mais apoio... é verdade...

P: Como você avalia a situação do ensino de inglês na escola pública, especialmente na rede estadual que você conhece e também já trabalhou e agora na rede municipal, como é que você acha que é a situação?

p02: /.../ você fala assim...

P: A situação... acho que cai naquilo que você acabou de falar né?

p02: Não é valorizado mesmo porque você vai fazer conselho de classe e tem quatro matérias que o aluno tá dependente (incomp) eles... (incomp) é um faz de conta eles valorizam mas não valorizam...

P: Você acha que é "faz de conta"?

p02: Faz de conta porque na hora que você vai reprovar um aluno em inglês porque ele não tem conteúdo mesmo eles preferem deixar o português, a matemática ou até mesmo história, a ser reprovado em inglês, então eu acho que não é bem valorizado não...

P: E tem a questão que você acabou de falar também que não tem material?

p02: Não tem material didático... não tem livro, não tem um som pra você... nem o DVD sabe... não tem nenhuma fita pra você ver uma coisa diferente... se você quer alguma você tem que levar você mesmo... o professor que tem que correr atrás, a escola não tem um material... mandou vários DVDs pra escola sabe... da TV Escola aí... não mandou nada de inglês... nadinha...

P: É... tem a programação da escola (incomp) então a coordenadora pediu pra gente separar... olhar se tinha alguma coisa interessante pra nossa área no vídeo e pediu pra gravar... pelo menos no dia que eu procurei não tinha nada de inglês...

p02: No dia que... no início do ano não tinha nada... não tinha... alguma coisa que eu arrumo aqui de inglês de DVD de inglês é o XXXXX que grava pra mim...

P: Você sabe o que eu acho também... não tem curso... assim a capacitação tem para as outras áreas... tem matemática... parece que tem um programa de matemática né?... (incomp) mas em inglês eu acho que no estado acho que quando implantou o (incomp) teve os cursos... eu mesma fiz... XXXX... teve na subsecretaria que nós fizemos... mas...

p02: Parou né?

P: Parou.

p02: Em inglês nunca teve... você veja... eu fiz o curso do EJA<sup>17</sup> eu tive que (incomp) a prova de português por que não tinha de inglês aí a professora falava assim que a gente podia pegar tudo de português que era a mesma coisa...

P: Adaptar no caso?

p02: Adaptar... mas... ela tinha que dar um curso... um curso específico porque até religião teve curso específico e o de inglês ficou fora...

P: É complicado né?

p02: É...

P: Você acredita que há diferença entre o ensino de inglês das escolas públicas, municipal ou estadual, e das escolas da rede particular de ensino... aqui eu não estou colocando curso de inglês de franquias não... é escola... colégio particular... você acha que tem diferença?

p02: A escola particular... ela tem muito mais recursos...

P: Você já trabalhou em escola particular né?

p02: Já...

P: Mas com o inglês não?

p02: Não... mas tinha o inglês lá... quando eu (incomp) a professora de inglês levava os meninos pro cinema... levava pro XXX para as aulas de lá... tinha mais assim... mais recursos pra trabalhar na escola privada do que na escola pública...

P: Mas a carga horária é a mesma?

p02: É... só os recursos didáticos que tem mais vantagem (incomp)... é mais valorizado...

P: Você acha que valoriza mais?

p02: É...

P: Eu também acho que a maioria dos meninos da escola particular fazem curso de inglês...

p02: Fazem curso e sabem porque eles aprendem mais? É porque eles começam lá no jardim em inglês... agora você pega um menino de 5ª série que nunca viu o inglês, ele vai ter muito mais dificuldade em aprender...

P: Na escola regular... colégio... o inglês é visto como disciplina que não reprova... qual a sua opinião a respeito?

p02: A minha opinião é super contra porque é uma matéria tão importante quanto português... aliás devia ser muito mais importante porque é uma língua mais difícil de aprender né?

P: Eu acho que desvaloriza né? O trabalho da gente. Em conselho de classe...

p02: (incomp) esse mês deu... dezesseis alunos que não conseguiram a média... eles vão cair em cima de mim... a matéria facinha...

P: Alunos sem...

p02: Que não conseguiram a média...

P: Tem mais de 50% na turma?

p02: 40%...

P: Eu tive... primeiro bimestre eu não sei, parece que os meninos saem... mal

p02: Mas é porque... (incomp)

P: Pelo fato de ser visto como uma disciplina que não reprova você percebe a desvalorização maior do professor de inglês do que do professor de outras disciplinas por parte de aluno... pais... outros colegas de outras disciplinas ou da coordenação pedagógica da instituição... você acha que o seu trabalho é desvalorizado?

p02: Eu acho que sim... por isso mesmo eles acham que pelo fato não reprovar... tanto faz aprender inglês como não aprender...

P: Você acha que é um faz de conta?

p02: É... eu acho que tem muitos que... não são todos... tem alunos que gostam tanto... eles acham chique...

P: É novidade para eles né /.../ Como você avalia a atitude do aluno com relação à língua inglesa e o ensino de inglês na escola... como você acha que o aluno vê o ensino de inglês na escola?

p02: Não é a maioria... a maioria acha que não tem precisão, eles acham que não tem precisão, eles acham que não vão usar isso nenhum dia... eles dão mais valor às matérias do dia-a-dia deles, que eles vão usar os cálculos, a matemática né? Eles acham que não vai ter necessidade...

P: E a outra parte?

p02: A outra parte... os adolescentes gostam muito do que envolve a música né? E também pelo campo de trabalho... eles acham que tendo inglês... falando um pouco de inglês... aprendendo um pouco de inglês, eles vão se dar bem na vida profissional...

P: Eu fiz umas entrevistas no ano passado e fiz algumas esse ano... os meninos estão valorizando muito o espanhol esse ano por causa da novela Rebelde... os alunos da sua escola gostam de Rebelde?

p02: Que é Rebelde? É novela da Globo?

---

<sup>17</sup> Educação de jovens e adultos.

P: Não do SBT... uma novela que tem um grupo... junto com as músicas Rebelde... tem um grupo Rebelde... tem um concurso na televisão de... (incomp)... é um grupo que esteve ano passado no Brasil, teve um show que deu tanta gente nesse show que acabou matando... caiu um alambrado e teve gente que caiu no chão e foi pisoteado, você não ficou sabendo?

p02: Ah... não lembro...

P: Nossa... os meninos agora estão valorizando muito o espanhol e eu acho que é por causa de Rebelde...

p02: (incomp) O espanhol tem uns quatro anos que tirou não tem... da rede municipal?

P: Não tem... acho que foi antes de entrar no mestrado... acho que até 2003 tinha, se não me engano...

p02: Então eles pegaram... essa turma agora não pegou o espanhol, então eles não manifestam não...

P: Eu fui a um colégio que não tem espanhol, para fazer entrevista e os meninos... muita gente falou que tinha vontade de aprender espanhol, eu achei interessante, mas eu acho que é influência de Rebeldes, por que quando eu entrevistei ano passado ninguém falou /.../ você acha que tem uma parte dos alunos que valorizam a língua... o ensino que eles recebem na escola... o material?

p02: Tem a parte que gosta... que... porque hoje em dia é muito difícil (incomp)... mas eu vejo assim... que pelas atividades que eles fazem, porque eles não têm nem dicionário e eles conseguem se sobressair... eles fazem em casa... eu dou muita tradução de texto...

P: Que tipo de atividade você passa mais em sala de aula? Tem livro?

p02: Eu sigo os textos (incomp) e só... xerox né /.../

P: Os meninos que xerocam ou você?

p02: A maioria eu né?

P: Esse livro que você usa dá pra fazer atividade de listening... eles gostam?

p02: Menina... (incomp) eles gostavam tanto, eu trabalhei... eles prestam tanta atenção... só que tem que estar voltando sem parar, eles diziam que era uma atividade boa sabe... os meninos da 5ª série, eu tô fazendo mais é falando sabe...

P: Você lê?

p02: Eu leio pra eles e eles completam... sabe porque é muito rápido no CD e eles têm dificuldade... mas a partir de agosto eu já vou começar a tocar o CD mesmo...

P: Você acredita que o ensino de inglês como ele é atualmente é capaz de despertar o interesse do aluno pra língua? O aluno que chega na 5ª série nunca viu inglês... você acha que pelas condições que é... é capaz de despertar o interesse dele?

p02: Os meninos da 5ª série eles gostam... participam... inclusive (incomp)

P: Mas você acha que... igual você disse que os de 5ª série acham interessante e os de 7ª e 8ª?

p02: Não...

P: Então você acha que o aluno chega na escola... vê a língua... é novidade... fica interessado... mas aí o que acontece na 7ª e 8ª que ele fica desinteressado?

p02: Não sei... se são as outras matérias que fazem eles se preocuparem mais...

P: Será que é o próprio ensino que vai deixando ele desmotivado... porque realmente na 5ª série eles chegam motivados... mas 7ª e 8ª...

p02: Até a 6ª eles vão... não sei também se é fase deles né? Que eles não estão nem aí com nada sabe...

P: É porque a gente percebe que o professor de outra disciplina está falando que tem desinteresse também, não só de língua de estrangeira, eu já percebi isso também...

p02: (incomp) só o português e matemática que...

P: (incomp)...

p02: Você veja... eles não sabem escrever (incomp)

P: Você acha que o aluno quando tá interessado ele aprende inglês na escola?

p02: /.../ não... não aprende porque nem a gente aprendeu né?

P: Você fala não aprende... Mas aquilo ali que o professor passa pra ele, você acha que ele consegue aprender?

p02: Consegue... consegue porque duas aulas é muito pouco né? (incomp) então dá pra aprender sim...

P: Como você avalia a atitude dos pais com relação ao inglês, você acredita que eles valorizam ou não?

p02: Não... porque se eles vão pedir xerox pra alguma coisa... se é outra matéria eles dão... você marca trabalho pra eles fazerem, por exemplo, apresentar na sala de aula, eles não apresentam porque o pai não deixou...

P: Você já pediu dicionário? Para comprar o dicionário?

p02: Já pedi... (incomp)

P: Eu tive a experiência de pedir dicionário...pouquíssimos compraram...

p02: (incomp) então... eu peço dez centavos pra xerox eles não trazem...

P: Não, mas no meu colégio que tem uma realidade diferente... é uma escola conveniada... a realidade é diferente... é assim também... mas assim, tem uns alunos que falam isso de malandragem mesmo... eu já percebi...

p02: Dicionários se contar... é... uns três na sala... aí eu falo assim... (incomp) “não... eu não tenho dicionário não” aí eu falo pra pedir pra mãe comprar... aí eles falam que vem à escola pra pesquisar, porque na escola tem dicionário (incomp)...

P: Então você acha que os pais não valorizam? E a escola? Por exemplo assim... você já montou projeto... fez alguma coisa? Você recebeu apoio de coordenação... direção... ajuda...

p02: De jeito nenhum. Eles dão mais valor às aulas de arte do que de inglês... não dão... pra você ver... o Halloween que os meninos adoram sabe...

P: Você comemora com eles?

p02: Comemoro... só que dentro da sala de aula por que a coordenadora diz que não, porque vai fazer barulho... vai chamar atenção das outras salas... não admite de jeito nenhum... eu comemoro dentro da sala, eu faço desfile... faço a mesa de doce... os meninos apresentam coisas de Halloween mesmo... apresentações dentro da sala de aula, aí os outros professores ficam irritados sabe porque... eu decoro a sala e faz barulho com as músicas com as coisas né? /.../ é um caos... não posso apresentar na quadra... é com a escola toda sabe... não dá apoio nenhum...

P: Qual a sua opinião sobre a política de ensino de língua estrangeira no Brasil? Você acha que valoriza a língua? Que não valoriza? O apoio...

p02: Pra começar na minha escola nem (incomp) de inglês não tem ... na sua tem?

P: Eu tenho o meu...

p02: Você tem? Eu não tenho... eu vi vagamente um antigo... aqueles currículos sabe... aqueles bem antigos que eu vi da 5ª série só... eu nunca vi nenhum (incomp) de língua inglesa... na minha escola não tem...

P: Então assim... essa política de língua estrangeira que a secretaria promove...

p02: É só no papel mesmo porque...

P: E as decisões tomadas pela secretaria municipal de ensino, tem alguma coisa voltada pra língua estrangeira?

p02: Não... nadinha...

P: Cursos...

p02: Nenhum curso... a rede municipal não teve nenhum curso até hoje... um dia no ano passado que eles mandaram a gente escolher o livro...

P: Tem coordenador de língua estrangeira na rede municipal?

p02: Tinha aquela japonesa... a... XXXX... mas acho que ela já deixou o cargo...

P: E na rede estadual, quando você trabalhou tinha?

p02: Na rede estadual tinha... a capacitação...

P: O EJA não tem curso? Porque me parece que o EJA a rede estadual...

p02: O EJA teve o curso, mas é igual eu te falei... não teve da minha disciplina...

P: De língua estrangeira não teve... teve pra outras disciplinas e não teve pra inglês?

p02: Aqui é tão (incomp) mas inglês não teve...

P: É... então eu ia perguntar se há incentivo...

p02: Nem um pouco...

P: Há discriminação da disciplina?

p02: Há porque...

P: É igual você tá falando, teve o curso pra todas as disciplinas e não teve pra língua estrangeira...

p02: E, também a gente sente na pele na hora do conselho de classe né?

P: Talvez também assim... às vezes não é discriminação mas é desleixo... descaso né?

p02: É... ninguém... não tá nem aí... porque todas as matérias têm livro... o xerox então que devia ter... pelo menos xerocar... só uma escola até hoje que tinha de inglês que a coordenadora pegava firme mesmo que era a XXXX que quando eu dava aula no XX ela obrigava mesmo os meninos a comprar o livro de inglês... mas...

P: Você acredita que os alunos que freqüentam aulas no instituto de idiomas têm mais facilidade pra aprender inglês?

p02: Isso vai do aluno... tem uns que têm possibilidade, mas aí eles... na escola particular eles acham que há, não tem necessidade de eles aprenderem por que eles vão aprender tudo dentro da escola que ele está que é particular né? Ai eles deixam a desejar... eles acham que vão aprender lá mesmo... então aqui na sala de aula não precisa fazer nada...

P: Você acha que tem uns que só pegam firme lá?

p02: Eles acham que lá na escola é pouco, mas que ele vai aprender mais é no curso de inglês... mas...

P: E motivação... você acha que aprender inglês no cursinho dá mais motivação pra ele aprender inglês na escola?

p02: É mais difícil... os professores de lá... se valorizam mais... sabem mais... sabe? E acham que a gente não tem formação...

P: Eles acham que o professor da escola pública não tem formação?

p02: Não tem formação.

p02: Certo... muito obrigada!

**Entrevista: Professor p03**

P: Há quanto tempo você dá aulas de inglês?

p03: Tem /.../ quatro anos.

P: Qual a sua formação?

p03: 3º grau...

P: Curso de Letras?

p03: Curso de Letras e um curso de pós na área de língua inglesa...

P: Ah... mas e o curso de inglês? Você estudou em cursinhos também?

p03: Ah... eu fiz o cursinho na escola XXX... esqueci (risos)...

P: Só no XXX?

p03: Só no XXX aliás, eu comecei na XXX, fiz quatro livros na XXX, aí quando chegou uma certa etapa eu vi que o curso não estava atendendo as minhas exigências e passei pra escola XXX...

P: Mas não conclui também não?

p03: Não! terminei... diplominha tá ali tudo bonitinho (risos)

P: Ah... é verdade?

p03: É...

P: Você (incomp)...

p03: Não... ainda não... eu fiz no (incomp)

P: Você trabalha só na rede estadual?

p03: Já trabalhei na rede estadual mas atualmente eu sou efetiva na rede municipal...

P: Com inglês você trabalhou na rede estadual?

p03: Não, na estadual eu trabalhei com inglês e português...

P: Agora na municipal...

p03: Municipal eu trabalho com língua inglesa sou efetiva de área específica, da área inglesa... mas às vezes eu trabalho como professora de língua portuguesa também...

P: Quais as razões que a fizeram optar pela profissão de professor de línguas?

p03: Eu comecei na 5ª série... aliás eu comecei quando eu tinha quatro anos de idade, eu toda vida gostei de ouvir música estrangeira... mesmo não entendendo nada eu era apaixonada pelo Michael Jackson... então começou aí... mesmo não entendendo patavina nenhuma... e tudo que não é da gente a gente tem mania de valorizar... esse conceito é errado mas eu achava chique...

P: Você achava chique?

p03: É...

P: Música estrangeira?

p03: Começou por aí... aí eu comecei a estudar... fui tomando gosto... no meu primeiro ano na 5ª série eu tomei bomba mas foi não na língua inglesa não... mas eu passei dificuldades enormes em aprendizagem... já quando eu repeti a 5ª... mudou de professor... eu já comecei a entender melhor e gostar mais ainda... é... há uma crítica que diz que a gente não aprende nada de 5ª à 8ª e nem no ensino médio... isso é mentira... depende da gente... se você daquilo... você aprende sim...

P: Você achou que aprendeu inglês?

p03: Eu não aprendi falar perfeitamente não, eu aprendi noções... eu podia ver coisas fragmentadas que eu dava conta de ler... é lógico que quando a gente sai de um cursinho de inglês você tem que sair de lá preparado pra quatro habilidade, né XXXXX? Você... eu tenho certeza que você não saiu com as quatro habilidades bem definidas... você saiu com duas habilidades definidas que eu tenho que é o (incomp)... é a mesma coisa que eu... das quatro eu leio bem... escrevo razoável mas o meu listening é (incomp) é ruim... eu tenho que melhorar e muito...

P: Então porque você optou pela língua inglesa?

p03: Gosto...

P: Você achava chique?

p03: Achei chique e fui desenvolvendo...

P: Você está feliz com sua opção?

p03: Às vezes sim e às vezes não... eu me sinto realizada porque foi uma conquista minha em termos profissionais e não tô realizada por causa do descaso do sistema... do descaso dos alunos... infelizmente a língua não é valorizada... o sistema não valoriza...

P: Mas esse descaso você acha que é só com a língua inglesa ou é geral na educação?

p03: Não... algumas disciplinas são mais discriminadas como a língua inglesa e deixam claro também que Artes e Ensino Religioso também são disciplinas que são discriminadas também...

P: Quais vantagens você vê no aprendizado de inglês pra um adolescente... por exemplo... um adolescente brasileiro que mora aqui em XXXX... que vantagem você vê que o inglês pode trazer pra esse adolescente?

p03: Primeiro mostra o grau de cultura do aluno... porque cultura não é só saber matemática nem português... cultura é saber... ter uma expressão crítica em relação a história... a geografia... e o inglês ele veio complementar por causa dessa globalização... a gente se depara com inglês em tudo querendo ou não ainda mais o adolescente de hoje que é fã de Lan House... vários alunos meus vêm perguntar certas expressões que eu não conheço mas que eles tem conhecimento porque eles vivem dentro dessas casas de Lan House... já começa por aí /.../ e mostra que o aluno que se expressa ele tem certa maturidade intelectual...

P: Na sua opinião, há alguma desvantagem em estudar inglês no Brasil na escola pública?

p03: Não... a desvantagem de se ensinar inglês na escola pública é o tempo necessário que a gente gasta dentro do cursinho de inglês... de 5ª a 8ª são quatro anos e mais três anos no Ensino Médio... são sete anos... o cursinho médio do XXXX pra sair de lá com (incomp) são oito anos... então nós temos sete... quer dizer que é a mesma carga horária... são duas aulas semanais...

P: A questão da carga horária não é desculpa não é?

p03: É duas horas no cursinho... a mesma coisa do ensino tanto na rede municipal quanto na pública...

P: Na particular né?

p03: A desvantagem que eu vejo é... vários fatores... primeiro o excesso de alunos na sala de aula... no curso de inglês o máximo que você pode encontrar é sete... oito alunos... na escola pública você depara com 25 30 alunos...

P: Eu tenho 40...

p03: Já começa aí... depois é a questão da heterogeneidade dentro da sala... uns têm aptidão... se envolvem... outros têm vontade e têm dificuldade... outros não têm nem aptidão nem vontade... aí a professora tem que trabalhar de acordo com a probabilidade... a estatística na sala... ela vai ter que trabalhar de acordo com aquele que prevalece mais... geralmente quem tem aptidão fica a desejar... quem não sabe nada (incomp) sem saber nada porque pra ele tanto faz...

P: A indisciplina também atrapalha muito?

p03: Tem a questão da indisciplina... que eu acho que o professor de inglês ele deve sair no término de sua profissão com algum problema de corda vocal ou relacionado à área da fonoaudiologia porque acho que nós somos os únicos que falam aos cotovelos como diz o ditado não é? Sem contar que a gente fica o tempo todo em pé e corre ali... socorre aqui e quando chega no fim da aula fica a sensação assim... será que eu produzi alguma coisa?... você não tem essa sensação não?

P: É verdade...

p03: Então são fatores que beneficiam mas há vários fatores que prejudicam também...

P: Como você avalia a situação do ensino do inglês na escola pública? Especialmente na rede estadual que você conhece e trabalhou também e na rede municipal também que você conhece de perto...

p03: Falta material... tudo... é ruim no sentido assim... falta material pedagógico... esse ano os professores da rede municipal estão se virando com seus materiais. Não tivemos um curso de capacitação... já o Estado... o nosso Estado eu acho que ele é pioneiro nisso o XXXXX está (incomp) e propiciando vários cursos de capacitação pro professor de língua estrangeira...

P: É... quando ele implantou o livro (incomp) só que depois parou... eu pelo menos não tive notícia de mais... eu lembro dos cursos eu frequentei cursos bons... material bom... plano de aula... curso com professor de universidade...

p03: Eu me lembro dessa área... mas a vantagem do município é que tem muitos professores da língua inglesa que são funcionários das duas redes mas os que estão entrando agora... os novatos não... então nós estamos nos virando... o nosso material... falta dicionários na escola... uma coisa que muitos cursinhos escolas de línguas não... a escola de língua o uso dela é o material mesmo... é o dicionário... não tem como fugir... mas essas entidades não gostam que usa mas o dicionário é um fator fundamental...

P: O som... o DVD... TV... é difícil...

p03: Dicionário...

P: Tudo que é recurso tecnológico...

p03: A gente tem um som na escola... é como diz... já é velho e antigo... a maioria que veio... é de fitas e geralmente aquelas fitas conforme for e só elas vem, rodam... enrola a fita... DVD pra nós, esse material é ultra moderno, ainda não deu pra chegar na escola não... é bem complicado...

P: Você acredita que há diferença entre o ensino de inglês das escolas da rede pública... municipal... e estadual e as escolas da rede particular?

p03: Não... não acredito não, você sabe porque? O professor de escola particular também trabalha em rede pública e eu acho que o mesmo material... a gente vira malabarista dentro da sala de aula, a gente leva o que a gente sabe... a gente leva listening... a gente troca figurinha com o colega e vai ver o que faz de material pra fazer uma aula diferente... eu acho que não... aliás só uma coisinha... só um pequeno detalhe... geralmente quem estuda em escola particular é porque tem um nível de renda melhor... aí sim ele pode se propiciar com DVD em sala, levar um vídeoclipe pra assistir... ele vai freqüenta um cursinho de inglês... às vezes nem é porque ele gosta é porque o pai quer dar uma qualidade de vida melhor pra ele... por que ele tem dificuldade de

inglês na escola então ele sente necessidade de fazer um cursinho paralelo pra ver se consegue acompanhar o da escola e sobressair melhor ainda...

P: Na sua opinião, há diferença entre o ensino de inglês da escola regular que é pública ou particular com o curso de idiomas?

p03: Há... há diferença na questão do listening... na questão dos áudios... o número de alunos... o material com CDs pra cada aluno, é individual... na escola pública não tem isso... é só a professora que tem acesso a esse material... e quando tem é igual eu te falei: a escola não tem recursos tecnológicos pra oferecer esse material que é um DVD que é um CD... porque os materiais até vieram mas é fita cassete né? Prece que agora a nova edição (incomp) tá mandando CD né?

P: Na escola regular o inglês é visto como uma disciplina que não reprova. Qual a sua opinião a esse respeito?

p03: É causa da desmotivação da gente... você trabalha /.../ é uma forma de menosprezar o trabalho da gente... a disciplina... é como eu te falei... nós falamos aos cotovelos... acho que nós somos as únicas de todas as disciplinas, porque eu vejo colegas minhas que pedem pro aluno abrir o livro em tal página... pronto...

P: Você passa na sala de aula e o professor tá sentado... o aluno tá copiando...

p03: Eu mesma na minha área, os nossos alunos não livro... eu trabalho em escola de periferia né? Então o que eu faço... eu tenho que passar tudo no quadro... há perda de tempo em passar tudo no quadro porque eu poderia estar trabalhando mais o enunciado...

P: Às vezes eu percebo com os meus alunos... às vezes o aluno não compreende o enunciado... eu passo tarefa pra casa eu tenho que explicar o que que o exercício tá pedindo porque não é todo aluno que consegue entender o enunciado... então por ser uma língua estrangeira... você tem que explicar...

p03: Eu também acho assim... que falta ao aluno boa vontade e curiosidade, porque a gente eu tiro base por nós, porque além de professores nós somos alunos... vira e mexe nós estamos sentados no banquinho estudando e o professor está falando nós estamos antenados escrevendo o que ele tá falando, se ele fala uma palavra diferente você corre e anota e o aluno ele não essa vontade, essa curiosidade de fazer isso... eu vivo batendo nessa tecla, eu digo "gente vocês são muito preguiçosos. O que eu escrevi aqui? O que significa isso aqui? (incomp) você não tem curiosidade de anotar no seu caderno, chega no dia da prova você não sabe o que significa a expressão (incomp) ... não é?"

P: E aí às vezes vai mal na prova porque não leu o enunciado, não entendeu o que era pra fazer... e a preguiça de ler o texto... eu digo que o texto você lê quantas vezes for necessário...

p03: Ai tá a desmotivação!

P: Pelo fato de ser visto como uma disciplina que não reprova você percebe uma desvalorização maior do professor de inglês do que os professores de outras disciplinas por parte de aluno... pai... colega... por parte da coordenação?

p03: Com certeza! Com certeza!... e no entanto é obrigado ter na grade curricular né... se é (incomp) se não tem um respaldo... se não tem respeito por ela porque que impõe? /.../

P: Como você avalia a atitude do aluno com relação a língua inglesa e ao ensino de inglês na escola? Por exemplo, você acha que o aluno valoriza a língua valoriza o ensino... o material ou não?

p03: Olha, essa questão ela tem diferentes realidades... alguns falam "pra que eu vou aprender inglês se eu mal sei o português?"... outros que se identificam com a língua gostam...

P: É a questão da heterogeneidade que você já disse né?

p03: É... é questão da heterogeneidade /.../ quem gosta vai valorizar e quem não gosta geralmente o aluno que não gosta da disciplina de inglês pode saber que ele tem dificuldade em outras disciplinas também... é o português é a matemática... muitos alunos já me falaram que gostam da professora mas não gostam da disciplina (risos)... aí eu respondo que nem tudo é perfeito mas ele tem que tentar gostar da disciplina...

P: Você acredita que o ensino de inglês na escola pública tal como ele é atualmente é capaz de despertar o interesse do aluno pra línguas? Pra língua inglesa?

p03: Acredito... aquele que já tem assim o dom ele acaba se revelando... e como eu já te falei... o outro pode se desprender em relação à dificuldade... aí ele tem que procurar um cursinho pra auxiliar e tem a questão cultural e econômica, o pai quer investir naquela idade do aluno em relação ao estudo, ele vai propiciar a ele um cursinho de línguas... outros cursinhos sem ser de inglês... de informática... então o pai hoje... ele tá mais preocupado com esta questão de valor cultural do aluno pra que ele se sobressaia melhor no futuro...

P: Agora ... você acha que o aluno aprende inglês na escola regular?

p03: Aprende se ele gostar da coisa... se ele levar jeito... inclusive tem alunas minhas que sabem expressões que eu não sei e elas aprenderam com professores de escola pública entendeu?

P: Como você avalia a atitude dos pais em relação a língua inglesa? Você acredita que eles a valorizam ou não?

p03: Olha, eu vou falar da minha realidade /.../ a língua inglesa para o pai... tanto faz tanto fez... é uma coisa assim... neutra... porque o nível de escolaridade dos pais dos meus alunos... são pessoas simples... então como diz... quando eu fui conversar com a mãe de um aluno da minha escola lá da periferia... ela me disse pra eu falar nada que eu não sei nadinha disso aqui /.../ então isso é uma questão que... eles ainda acham que é difícil para o

aluno... o que a gente considera o básico do básico eles consideram que é muito difícil para o filho!... porque ele não domina... ele mal sabe se expressar! O que dirá... você entendeu?

P: Qual a sua opinião sobre a política de ensino de língua estrangeira no Brasil? As decisões... qual a sua opinião sobre as decisões tomadas pela secretaria municipal de educação? Há incentivo? Há discriminação com a disciplina? O que você acha dessa política? Do que vem de cima?

p03: Infelizmente no município tá um descaso... eu não sei... igual eu te falei... esse ano não tivemos uma preparação, uma capacitação. O professor tem que ser malabarista. Eu tô me virando com o material que eu tenho... e não é falta de escolas... é... de idiomas, procurar a secretaria de educação pra fazer uma interação pra fazer convênio... a XX já procurou a secretaria de educação...

P: E não houve acordo?

p03: Não, aí é que tá! O ano passado na reunião que tivemos, ficou decidido que o livro desse ano (incomp) seria enviado em (incomp) então...

P: Você acredita que os alunos que freqüentam aulas no instituto de idiomas têm mais facilidade pra aprender inglês? Mais motivação do que quem só vê inglês ali na escola?

p03: Tem... por causa dos recursos tecnológicos que é um computador... que é a sala de áudio então...

P: Você acha que eles são motivados?

p03: Nossa! Com certeza... além da quantidade que tem por sala... tem o recurso tecnológico que é o computador... a sala de aula... tem o (incomp) isso aí tudo contribui!... nossa! Eles estão anos luz do alunos da escola... por que quando eles querem ver um clipe a gente tem que levar... nós professores levam o material... (incomp) em português! (risos)...

P: XXXXX obrigada!

#### **Entrevista: Professor p04**

P: Qual é seu nome?

p04: XXXXX

P: Qual a sua naturalidade?

p04: XXXX

P: Então você mora aqui toda

p04: Não... eu sou natural daqui mas eu moro aqui há mais ou menos 10 anos...

P: Ah... você mudou?

p04: (incomp) eu morava em outra cidade, tem dez anos que eu estou aqui... mas como diz o outro eu já cheguei engajada na educação... no gancho da educação, eu já vim de lá pronta...

P: Você morava onde?

p04: XXXX... eu trabalhava lá, já era professora e tudo...

P: Há quanto tempo você dá aula de inglês?

p04: Com inglês... efetivamente... quer dizer... eu tenho sete anos de inglês no Estado, com inglês... mas eu já trabalhava antes com contrato, então juntando tudo aí tem uns 9 anos...

P: Com inglês?

p04: Com inglês.

P: E com sétima e oitava série?

p04: Sétima e oitava, ensino médio... passei (incomp)

P: (incomp)

P: Qual é a sua formação?

p04: Letras...

P: Você fez curso de inglês?

p04: Fiz curso de inglês... fiz de espanhol...

P: Ah... você trabalha com espanhol também?

p04: Eu trabalhei no EJA quando eu tava lá na Secretaria da Educação né? Mas assim, depois eu não peguei porque não tem nas escolas né?

P: A Escola que você trabalha tem ensino médio, não tem não?

p04: Não... aqui a gente tem EJA né... e na grade curricular não tem...

P: Não tem aula de espanhol?

p04: Não... porque a carga horária é bem reduzida né?

P: Você trabalha só na rede estadual ou não?

p04: Na rede municipal também...

P: Quais razões que te fizeram optar pela profissão de professora de inglês?

p04: Primeiro porque eu gosto...

P: Você gosta das línguas?

p04: Eu sempre gostei da área de humanas... gosto de línguas... gosto de comunicação... realmente foi uma opção minha. Primeiro por gostar da língua e segundo, por ser uma área de déficit... sempre tem um déficit de Português... você vê que são os maiores números de vagas por concurso... às vezes são menos chamados por concurso... tanto que os meus dois concursos são pelo (incomp)...

P: Você fez todos dois de inglês?

p04: Todos dois é de inglês...

P: Ah... acho que você já está respondendo. Porque você optou pela língua inglesa e também porque você tem formação em espanhol quase não tem... campo...

p04: Quase não tem campo né? É uma que não tem tanto quanto inglês né?

P: É, mas na escola pública né?

p04: Na escola pública.

P: Mas também eu acho que é pelo fato de você estar trabalhando com o EJA porque no Ensino Médio tem...

p04: É... no... regular tem...

P: Você está feliz com sua opção? Sente-se realizada?

p04: /.../ (risos) ah depende... eu gosto muito de trabalhar, de ministrar a aula, eu acho muito interessante... às vezes eu paro e penso... se eu não fosse professora, o que eu seria? Não sei... é uma questão de vocação. Minha mãe foi professora muitos anos... eu cresci com este estigma assim... mas estar realizada... eu acho que falta um pouquinho pra gente... geralmente trabalhar na rede pública é muito difícil... (incomp) pra um salário regular... a dificuldade de acesso à escola... a dificuldade de material né? Igual as meninas reclamam que é difícil... a gente não tem nada... a gente vai com a cara a coragem e uma caixinha de giz... você não tem nada... você vai mexer numa televisão a televisão não presta... agora assim estar feliz... estar realizada, tá faltando um pouquinho porque as condições de trabalho nossa são muito precárias... mas eu não me arrependo de ter me formado e estar trabalhando nessa área não... me arrependo hora nenhuma... (incomp) você está numa escola que tem estrutura né? Você veio... uma XX!

P: Mas mesmo assim a gente tem muita dificuldade... lá a gente tem dificuldade... imagine um...

p04: Você veja bem... o Estado adotou o livro né... o (incomp)... material excelente... muito bom... teve aquele curso maravilhoso do livro, mas adequa à nossa realidade?

P: Não dá pra concluir no ano e a cobrança também...

p04: (incomp) o embasamento é muito pouco...

P: Eu também acho assim... as atividades que têm, os meninos têm dificuldade com muita atividade, pra entender a atividade... ele é muito bom porque tem muita coisa contextualizada, tem muito texto interessante, mas eu acho que falta maturidade dos meninos...

p04: Eu tenho percebido XXXX que a barreira da linguagem é muito grande... porque eles não têm conhecimento... não é a Língua Materna... não têm noção daquilo... não tem material de pesquisa, não tem um dicionário, não tem nada... então o que você não compreende traz interesse? É prazeroso? ... eu percebo assim que a barreira de linguagem é muito grande...

P: É... por exemplo... numa outra disciplina, num livro de história por exemplo... o enunciado do exercício tá ali... em português e às vezes ele não consegue interpretar... põe isso em língua estrangeira...

p04: É totalmente diferente... quer dizer, é uma barreira muito maior...

P: Primeiro é a barreira da linguagem depois a de conseguir realmente entender se é aquilo... até na língua materna é complicado!

p04: É complicado, eles estão tendo uma dificuldade imensa com o português... o português tá caótico... agora você imagine, você voltando para uma linguagem que não é a sua... é complicadíssimo isso aí pra nós!

P: É verdade... quando e porque começou o seu interesse em aprender inglês?

p04: Sempre gostei... eu me lembro que quando eu fazia o primeiro grau era uma matéria que eu sempre gostei... sempre me chamou atenção... não tinha essa oportunidade que a gente tem hoje de ter professores formados igual a gente tem hoje... especialistas nessa área, mas eu sempre gostei muito... e aí quando eu me mudei pra cá... uma colega minha que trabalhava com a língua ia se afastar por licença maternidade e eu me lembro que ela comentou que se eu tivesse o curso ela me indicaria para substituir mas eu não tinha... a partir daquilo ali eu corri pra escola pra fazer um curso de inglês... eu me apaixonei, fiz o curso, gostei demais da conta... depois eu fiz o curso de Letras... depois parti pro espanhol e fiquei apaixonada pelo espanhol ainda... então assim... é por gosto mesmo...

P: E francês?

p04: Eu encontrei com uma ex aluna minha esses dias, ela disse que tá fazendo francês, ela disse que tá amando...

P: Será que é na minha aula também? Ela começou agora?

p04: Ela tá fazendo o primeiro livro...

P: Como que ela se chama?

p04: Não sei o nome dela, eu fiquei com vergonha de perguntar (risos)

P: Não é XXXXX não?

p04: Ela é bem branquinha... bem delicadinha... usa esses gorrinhos... chapeuzinho... Ela é do XX...

P: Não... eu pergunto porque só tem um lugar que tem francês aqui, então deve ser lá...

p04: Ela é uma gracinha! Ela tá no primeiro livro...

P: É... ela tá no primeiro livro...

p04: Então deve ser ela... (incomp)

P: Ela é super esforçada...

p04: Ela é autodidata aquela menina... ela tem boa noção de espanhol e nunca fez curso!

P: (incomp) /.../ Quais vantagens você vê no aprendizado de inglês? Para o adolescente, por exemplo, o adolescente daqui de XXXX? Qual vantagem ele teria em aprender inglês?

p04: Ah! O inglês é uma língua globalizada né? É a língua do mundo... então eu acho que é interessante para o aluno ter conhecimento de uma linguagem mundialmente falada... (incomp) a gente sabe que não vai ter assim aquela oportunidade (incomp), mas principalmente pra aqueles que têm interesse e terão condições de chegar a algum lugar né nos estudos, é bom ele ir se preparando, ir assimilando... se acostumando com a linguagem... é importante!

P: Na sua opinião, tem alguma desvantagem em estudar inglês no Brasil? Ter essa inclusão de língua estrangeira?

p04: Não, eu não acho que não haja vantagem, que seja inválido... acho interessante... é valido sim... eu acho que tem que ter uma ênfase maior na língua materna porque tá assim acontecendo um desastre com a língua materna né? Mas eu não acho que seja inviável estar aprendendo uma língua estrangeira...

P: Como você avalia a situação do ensino de língua inglesa na rede pública, especialmente aqui na rede estadual?

p04: Eu acho assim precária... você vê, a gente não recebe material... não tem material nenhum... a gente teve oportunidade de trabalhar com um livro que é excelente mas é muito fora da realidade do aluno...

P: E tá faltando livro agora?

p04: Agora tá faltando livro... quer dizer já não estão mais repondo estoque livro... tá se perdendo tudo, aquela confusão toda, você vê assim... foi interessante a proposta do governo mas assim... se tivesse tido... a gente conhece livros muito bons, coleções excelentes, mais simplificadas que teriam assim um acesso maior por parte do professor, então assim... as nossas situações são precárias. Na escola que eu trabalho, não tem como dar uma atividade, não vou falar na tecnologia não... não tem papel pra dar atividade... então assim... ensinar igual eu te falei com cara e a coragem e uma caixinha de giz é humanamente impossível, você tem que ter um atrativo... tem que ter figura... imagem... tem que ter alguma coisa interessante pro aluno né? Tem que ter um dicionário à disposição, tem que ter uma menor quantidade, uma sala que tem 40 alunos! Como você faz? Como você trabalha? É difícil, as nossas condições, eu as vejo como precárias mesmo. Tem que ter um pouco mais de incentivo... o descaso é muito grande...

P: O descaso né?

p04: O descaso é muito grande.

P: Você acredita que há diferença entre o ensino de inglês das escolas da rede pública municipal e estadual e as escolas da rede particular de ensino?

p04: Ah! Eu creio que sim... muita diferença porque... a começar pela clientela... quem tá na escola particular geralmente vem de uma família estruturada, que tem maior interesse... geralmente eles têm material didático apropriado... eu te falo porque a minha sobrinha estudou até o ano passado em escola particular e na primeira série já tinha o livrinho dela... o dicionário dela... é diferente, é um livro todo ilustrado, todo cheio de colorido... atrativo... é motivador pra ela aprender, não é o mesmo caso das 5ª séries que eu trabalho no XX... lá quando eu quero eu tenho que comprar e levar, eu tenho que pagar a xerox e levar... (incomp) que incentivo ele tem? Nenhum, né? Então são realidades totalmente diferentes...

P: Há diferenças na sua opinião entre o ensino de inglês da escola regular e dos cursinhos de idiomas?

p04: Há diferença porque o curso de línguas eu vejo de uma forma mais estruturada, quem vai vai para aprender, né? E a estrutura do curso, a começar pela estrutura de sala são poucos alunos, o material é adequado, você trabalha com áudio... vídeo né? Com... é diferente da sala regular porque o número é maior, é a falta de material... essa falta de adequar...

P: Acho que é a questão de planejamento também né? (incomp)

p04: É... isso tudo pesa na hora do aprendizado...

P: É ainda na questão de cumprir o que tá planejado... tudo bem planejadinho...

p04: Você veja, eu consegui fazer três anos... eu consegui fazer três anos... eu parei porque eu já tava na faculdade, tava me apertando, eu não tava conseguindo conciliar e logo entrei no estágio e estava muito apertado... parei... eu fiz três anos, foram 6 livros, eu fiz no (incomp) eu já estava conseguindo me comunicar... (incomp)... que aluno sai da sétima série falando alguma coisa?...

P: E uma que você tem que pensar é... a carga horária que a gente tem... o aluno que entra na 5ª série e sai na oitava por exemplo ele viu inglês durante quatro anos...

p04: Quatro anos!

P: Quer dizer... a carga horária é a mesma do cursinho... a questão é...

p04: É estrutura mesmo no funcionamento do curso né? Você vai na aula você vê... você ouve... você fala... você traz pra casa... você tem que falar...

P: E tem material individual né?

p04: Tem material individual, então quer dizer, você realmente aprende... a estrutura do curso é preparada pra aquilo... pra quem tem o interesse, quer dizer aí já é uma mola a mais pra te impulsionar no aprendizado. O que já não acontece na rede pública...

P: Na escola regular tanto pública quanto particular o inglês é visto como uma disciplina que não reprova... qual a sua opinião à respeito?

p04: ...eu acho muito errado... tá certo... eu até entendendo e sou suspeita pra falar porque eu trabalho com a língua né? Que não seja tão importante quanto o português por exemplo... é uma segunda opção... estaria em segundo plano, mas já que está na matriz curricular... se faz parte da formação do aluno deveria ser cobrado (incomp) assim como Artes... Ensino Religioso que tem esse mesmo peso né? ... de não ser aquela matéria tão importante quanto a Ciência... Português... Matemática... se está na matriz se faz parte da formação do aluno deveria (incomp) para todas as disciplinas... seria até uma forma a mais de fazer com que o aluno se interessasse, tivesse mais compromisso... porque eles já têm essa concepção... que não vai reprovar mesmo, então não precisa fazer... Artes é um pesadelo pra quem trabalha com Artes porque o aluno tem essa consciência de que não vai reprovar por causa disso, então essa concepção gerou uma situação constrangedora pra quem trabalha nessas três áreas... e pra gente que trabalha com inglês é muito difícil você lidar com o descaso...

P: Aí além da barreira que você falou língua... do material...

p04: Aí vem o interesse... essa questão... o sistema deixou gerar essa impressão no aluno e dificultou ainda mais o nosso trabalho né?

P: Pelo fato de ser visto como uma disciplina que não reprova, você percebe também uma desvalorização maior do professor de inglês do que do professor de outra disciplina? Isso por parte de pai... do aluno... de direção?

p04: De certa forma sim... a gente acaba ficando meio de lado né? A dificuldade é até assim... por exemplo... o coordenador não fica te cobrando, não exige tanta coisa porque nem ele sabe o que você tá fazendo... se você está escrevendo... se está montando... então não tem muito interesse por você pelo seu conteúdo... então você fica mais é num cantinho né? Você quer fazer suas coisas você faz... ninguém te procura... ninguém te cobra... ninguém te exige... você fica mais em um canto né? E assim... geralmente tem no conselho de classe... você vai analisar um aluno (incomp) o aluno fica preso por duas ou três matérias do tipo assim... Geografia... História e Matemática... aí o inglês /.../ Ah... não mais no inglês... sempre pede-se que seja mais maleável, dar um jeitinho e tal... tal né... então a gente acaba até perdendo um pouco da motivação de estar trabalhando com mais afinco... cobrando mais do aluno... então no final... você vai ter que fazer alguma coisa pra /.../ (incomp) Tem tanto concurso... tem um curso de redação aqui... tem projeto disso daquilo que vem da secretaria... de várias organizações principalmente voltado pra português, pra inglês quase não tem...

P: Praticamente não existe...

p04: É muito difícil vir um projeto (inglês) que motiva a participar...

P: Você vê que na língua portuguesa a gente tem concurso de redação... de poesia... de frase... cartazes... teatro... contadores de estória e não sei o quê!

p04: Não tem... língua estrangeira quase não tem é muito difícil.

P: É muito difícil... quer dizer... até isso a gente percebe né que é deixado em segundo plano sim /.../ Como você avalia a atitude do aluno em relação à língua inglesa e ao ensino de inglês na escola? Você acha que eles valorizam ou não o ensino que eles recebem na escola?

p04: Não... nesse tempo que eu trabalho poucos alunos tiveram interesse assim... na sala são poucos alunos que manifestam interesse que gostam e realmente querem aprender... são poucos das várias turmas que a gente tem e eu me sinto às vezes em situação assim de desmerecimento mesmo... ah! é professora de inglês... é que vai me aprovar é uma matéria que eu não consigo aprender eu não tenho nenhum dicionário então... você fica ali às vezes... eu gosto de preparar as minhas aulas... meus materiais... meus cartazinhos... geralmente colorido e tal... e figura... né? E tem aluno que parece nem te ver tem dia sabe... tamanho desmerecimento... já por exemplo, essa que está fazendo o francês com você... é uma raridade você encontrar uma aluna daquela e ela gosta... é uma aptidão dela... é uma habilidade dela gostar de línguas, então dar aulas para um tipo de aluno daquele dá gosto... mas assim... é raridade você encontrar...

P: O problema também é a questão da heterogeneidade na sala de aula, porque você encontra um desses na sala de aula e o restante...

p04: Este ano como eu estive iniciando no XX eu me lembro que eu fui me apresentar, eu disse "Eu sou a fulana, sou professora de... ", quando você fala inglês começa: "Ah não! credo!". Quer dizer, de cara a recepção que você tem já é negativa né... aí eu já brinco...

P: Você acredita que a escola pública tal como ele é hoje... ela é capaz de despertar o interesse do aluno?

p04: /.../ Não muito... desperta naquele que tem habilidade lingüística mesmo, que tem aptidão natural pra gostar de línguas... para o aprendizado de línguas... para o aprendizado de línguas e tudo né? Mas eu penso que em grande maioria não... porque eu não sei se acontece com você, mas eu já ouvi muitos alunos principalmente,

assim... sétima e oitava... ensino médio... EJA... que eles têm uma dificuldade imensa de... é um curso especial né? Com toda estrutura especial pra pessoas que já estão na escola há muito tempo ou que não tiveram uma escolarização mais adequada... eles perguntarem pra gente... pra que aprender inglês se eles nunca vão sair do Brasil... então eles não vêm funcionalidade em cima da língua inglesa... eu tenho até comentado com os meus alunos o seguinte, que não precisa mais você ir eles já estão vindo... o turismo está trazendo... a globalização está trazendo o inglês pra dentro das nossa vida diária né... você liga um computador... um DVD... já tem aquele monte informação até no nosso palavreado... em situações que se utiliza expressões da língua né... pra eles entenderem que não precisa mais você ir... já chegou... a globalização trouxe isso para o nosso meio então a partir daí... dessa concepção a gente vê o desmerecimento da língua estrangeira...

P: Ainda assim você acha que o aluno aprende inglês na escola regular?

p04: /.../ Sinceramente? /.../ não! eu acho que não... ele tem uma noção básica... bem básica e quanto mais carente mais a comunidade for... quanto mais afastado... mais sem recurso menor é o aprendizado... porque é menos recurso é menos interesse... você entendeu? Então assim na verdade eu acho que não dá pra aprender na rede regular de ensino...

P: Nessas condições?

p04: Nessas condições... sem material adequado... sem... o planejamento funcional... não tem como você trabalhar uma sala com 40... 30 alunos... então eles têm noções básicas da língua, de conhecer a estrutura gramatical... aprende vocábulo... o vocabulário que é uma coisa mais simples né... é muito... então por mais que a gente queira, que a gente tente... um ensino assim real mesmo eu acho que não acontece não... noção, eles saem com noções de inglês mas aprender mesmo... é mais difícil...

P: E como você vê a valorização dos pais com relação a língua inglesa? Você acredita que eles valorizam ou não?

p04: Eu acho que não... na minha opinião eles não dão muito valor não, porque a maioria deles quando estudaram não tinha... principalmente assim... os mais antigos... as pessoas mais antigas... não tinha o ensino, então quer dizer... eles não passaram por isso e mesmo quem passou, quem chegou a estudar... eles mesmos falam pra gente... às vezes a gente vai falar e eles dizem... como é que esse menino vai aprender se ele não sabe nem o português /.../ depende um pouco da cultura... a questão cultural... a influência... tudo né... igual eu te falei quanto mais carente a comunidade menos interesse eles vão ter por qualquer coisa que venha ser... não vamos comparar com pais de alunos de escolas centrais... você encontra aluno na escola pública mais centralizado que vai pro cursinho de inglês... então vai depender muito do contexto que a gente vai estar inserindo este aluno...

P: Qual a sua opinião sobre política de ensino de língua estrangeira no Brasil? Você acha que há incentivo ou não por parte da secretaria... há discriminação da disciplina por parte da secretaria?

p04: Falta... falta incentivo igual a gente comentou... não tem um concurso... não tem esse tipo de coisa, de aparato que acontece com as outras disciplinas...

P: A capacitação... elas são tão raras?

p04: É... pra nós não tem.

P: Não manda material...

p04: Em sete anos que eu estou efetiva no Estado... eu fiz uma oficina que foi aquela do lançamento do livro que foi assim uma coisa de interesse (incomp) então eu me lembro de ter feito aquela... foi muito bacana... foi muito bom, mas foi aquela em sete anos que eu estou efetiva no Estado... então não tem muito interesse não... faz parte da matriz curricular... está aí todo mundo sabe... mas...

P: É igual concursos... a gente vê tanto concurso pra outras matérias... concurso de redação... de poesia... de cartazes e da língua não estrangeira não tem...

p04: Não tem nada... eles não fazem nada... certamente eles são conhecedores da realidade precária que é... eles devem saber... ser conhecedores disso e sabem que pra melhorar é preciso investimento e muito investimento... e eles não estão muito interessados nisso não...

P: E você acredita que os alunos que estudam na escola pública mas que vai ao cursinho, você acha que tem mais facilidade pra aprender inglês e mais motivação?

p04: Tem... pelo fato dele estar em um curso ele já vai ter uma facilidade a mais do que os outros que não estão... então se ele já está frequentando um curso específico ele já demonstra um interesse pela língua... então ele tem um preparo diferenciado, mais aprofundado, então ele tem um rendimento totalmente diferenciado do outro aluno... pelo menos na minha realidade isso é raro né... é raríssimo você ter um aluno que está no cursinho de inglês...

P: É mais nas escolas centrais tem né?

p04: Nas centrais com certeza tem... assim... sempre algum outro aluno que se interessa, que pergunta como que é... como que foi... onde que faz... quanto custa... (incomp), então assim vez ou outra a gente encontra alguém que tem interesse, que tem vontade de fazer um curso, de ter um conhecimento mais profundo... às vezes não faz pela questão financeira mesmo, as condições não permitem né... então assim, um aluno desse ele

tem um rendimento melhor... ele tem um interesse maior... se pudesse freqüentar uma escola (curso de idiomas) teria outro perfil...

P: Quando eu vejo esse tipo de coisa eu penso assim que se ele está perguntando... se ele está interessado é porque ele tem motivação pra língua, a questão é que ele não tem condição mas ele tem uma motivação, ele tem interesse pela língua em si...

p04: E geralmente durante as aulas eles são mais participativos... mais interessados, perguntam mais... vão atrás... estão sempre buscando alguma coisa a mais do que o restante dos alunos né?

P: Traz músicas... expressões né? Pergunta o que significa isso... aquilo outro... então isso tudo influencia muito né?

p04: Influencia muito no desenvolvimento do aluno...

P: XXXXX é só obrigada!

### **Entrevista: Professor p05**

P: Qual é seu nome?

p05: XXXXX

P: Você é daqui de XXXX mesmo?

p05: Eu sou de (incomp) mas tem muito tempo que eu moro aqui...

P: Ah... bom... e há quanto você dá aula de inglês?

p05: Desde 99...

P: Só na rede estadual?

p05: Só na rede estadual...

P: E com quais séries você tem trabalhado mais?

p05: Ensino fundamental e médio...

P: Os dois?

p05: Os dois... no ensino médio e agora o EJA...

P: O EJA também?

p05: Também...

P: Qual é a sua formação? Letras?

p05: Letras...

P: Fez cursinho também?

p05: Eu comecei mas eu não terminei não...

P: Você só estudou inglês... outra língua não?

p05: Não... eu vou começar espanhol agora...

P: Você vai fazer porque gosta ou porque?

p05: Não... é porque a nossa carga horária vai diminuir a partir do ano que vem né?

P: De língua inglesa?

p05: É ...

P: Como assim vai diminuir?

p05: É obrigatório a língua espanhola...

P: Ah... você está falando no ensino médio?

p05: Não sei se é só no Ensino Médio não... eu sei que vai diminuir ao invéz de aumentar uma... vai diminuir a carga horária de inglês pra (incomp) de língua estrangeira (incomp)...

P: Mas na escola que eu trabalho já tem espanhol! Desde a 5ª série!

p05: E não...

P: Não! São duas aulas de inglês e... não sei é porque é escola

p05: No XX já começou esse ano... já diminuiu!

P: É... eu já vi professores falando isso já... não mas lá no colégio onde eu trabalho a partir de 5ª série tem espanhol... uma aula de espanhol e duas de inglês... toda vida foi...

p05: Eu não sei direitinho como vai ser não... já tem um aviso na parede e aí eu estou me prevenindo... até queria ver se (incomp) de inglês ou espanhol...

P: Aí vai ficar uma aula de inglês só é?

p05: Tem colégio que são três aulas de inglês aí poderia... eu não sei como eles estão fazendo... mas tem colégio que são duas só e (incomp) de inglês...

P: Isso é no Ensino Médio só? Fundamental não é não?

p05: No Fundamental eu não sei não... se vai ter... mas eu acho que é tudo!

P: Não porque tem aquele decreto... acho que foi um decreto do presidente... o espanhol é no Ensino Médio...

p05: Só no Médio?

P: Parece que é só no Médio! /.../ pelo que eu vi é só no Médio... inclusive a XXXXX que trabalha lá no XX, ela trabalha com espanhol na minha escola... lá tem... eu até fiquei preocupada quando a XXXXX me falou isso (incomp) não tem nada que mudar não... assim... quer dizer (incomp) /.../ eu fiz espanhol dois livros mas não terminei não...

p05: Inglês você terminou?

P: Terminei, agora eu tô fazendo francês porque eu tô fazendo (incomp) /.../ aí você trabalha só na rede estadual?

p05: Não... eu trabalho na rede estadual aqui e em XXXX também, mas lá eu não dou aula

P: Ah... é na secretaria que você trabalha né? ... quais razões que fizeram você optar por ser professora de línguas?

p05: Diversas...

P: Você sempre gostou de línguas?

p05: É...

P: Porque você optou pela língua inglesa?

p05: Porque era a língua que era oferecida...

P: Agora a de espanhol também vem a necessidade de... (incomp) trabalho mesmo?

p05: Porque eu acho que nessa hora a necessidade vem à frente... mas eu gosto muito de línguas e às vezes a gente não tem a oportunidade... fica por aqui... não tem a oportunidade de fazer... a hora que tem... aparece mais escolas que tem tudo... você tem os filhos que têm que estudar né... e acaba deixando... o salário nunca acompanha o que você precisa fazer...

P: É verdade... é... você se sente realizada... feliz com a opção? (risos)

p05: Não... não...

P: Você não está realizada por ser professora ou por ser professora de línguas?

p05: Por ser professora e por ser professora de línguas...

P: Porque é mais sacrificado né?

p05: Já é sacrificado... né... e eu acho que o tempo que nós estamos ficando na escola... nós estamos deixando esse (incomp) nós estamos tendo que deixar pra poder trabalhar mais o emotivo do aluno... é muito difícil porque você não sabe como que vai estar uma sala com trinta alunos... como é que você faz... e depois também porque trabalhar língua estrangeira é muito difícil porque a gente não tem respaldo... trabalha numa escola... se chega um aluno novo lá... o que você trabalhou com o seu aluno lá com certeza ele não viu! Não é verdade que acontece isso? O aluno de dentro da cidade, de cada escola é uma coisa diferente... então nós não temos um /.../ (incomp) não temos... não temos! Então você fazendo o quê... você pega um livro... faz dificuldade, sabe porque depois você chega num ponto que você fala... como que você trabalha com um aluno de rede pública que é carente que não dá conta de comprar nada... não tem como ver nada... só aquilo que o professor trás pra dentro da sala... o professor também não tem muito recurso... o que se faz então? /.../ uma xerox que você leva você tem que tirar do seu bolso...

P: Quando e porque começou o seu interesse por interesse por inglês?

p05: Desde que eu comecei a estudar mesmo... que eu entrei na escola que tinha inglês...

P: Você já gostou?

p05: Não eu não gostava não... o meu primeiro professor... eu tomei trauma porque eu sempre fui aquela aluna CDF mesmo e o meu primeiro professor de inglês ele era um pastor e ele era surdo /.../ Então numa 5ª série... que o aluno vem totalmente despreparado pra uma língua estrangeira... então era só bagunça... bagunça e eu não conseguia entender... aí foi minha primeira nota vermelha... eu arrumei uma professora particular (incomp) aí eu apaixonei...

P: Então era o professor então?

p05: Era um problema físico dele né... então ele não conseguia... (incomp)...

P: Quais vantagens você vê no aprendizado de inglês pra um adolescente na escola pública... esses com quem você trabalha?

p05: O que eu estou vendo hoje de maneira geral... porque é o que eles mais perguntam... a Internet hoje é um acesso amplo... todo mundo... você vai ali um pouquinho vai jogar... esses jogos... a internet lançou muita palavra... expressão que eles chegam perguntando pra gente o que significa... porque é um eletrodoméstico... uma coisa que vai usar... tem tudo isso...

P: Então é um conhecimento a mais né?

p05: É... necessidade... não é conhecimento a mais né... hoje tá sendo uma necessidade... minha briga tanto e fala assim... tinha que ter uma lei que proibisse tanto estrangeirismo... tanta coisa... (incomp) e tem muita gente que nem sabe a origem daquela palavra... porque...

P: Mas teve né... outro dia... eu tava com o livro... me esqueci o nome do livro... mas teve um deputado... só que não passou né?

p05: Não... não foi aprovado... mas ele queria que tirasse o estrangeirismo... mas eu acho que é complicado porque uma língua não fica imune à influência de outra... não tem como... acho assim que às vezes uns têm

mais... tem povo que as vezes tem mais tendência em querer pegar as coisas estrangeiras mais que o outro... mas... não ter a influência estrangeira... isso é impossível.

p05: É impossível...

P: Tanto é que a língua portuguesa tem... palavra africana... de origem indígena... de origem árabe... tanta coisa /.../ na sua opinião há alguma desvantagem pro aluno estudar a língua estrangeira... o aluno da escola pública?

p05: Não... acho que não ele só tem a ganhar... é uma coisa que o aluno hoje não tá muito consciente disso do que ele está ganhando com isso... mas ele só tem a ganhar... não vejo desvantagem nenhuma...

P: Você não acha que influencia na cultura... nada... igual o deputado (risos) queria tirar né?

p05: Ah... na rede pública... eu acho que não... sabe... ali no meio que ele vive acho que não chega a influenciar não...

P: Como você avalia a situação do ensino de inglês da escola pública especialmente da rede estadual que é a que você trabalha já há sete anos?

p05: É como eu estava te dizendo... eu acho que é precária por isso... porque aquilo ali você acaba trabalhando sozinha... porque, por exemplo, português... como você trabalha português... já vem lá toda matéria... no primeiro ano você vê isso... no segundo você vê aquilo... no inglês... como é que a gente faz? Eu acho assim uma grande desvantagem... você acaba trabalhando sozinha... sem recurso porque a gente vê muito assim... editora traz muito livro mas leva o livro pra escola particular, eu nunca vi uma editora levando um conjunto de livros numa escola pública... então você acaba tendo que sair procurando... inventando... o professor hoje tá tendo que rebolar e inventar mesmo pra chamar a atenção do aluno que mais ainda... então eu vejo essa desvantagem sabe porque a gente não tem material... não tem nada... (incomp) aquele livro didático obrigatório de inglês né? Mas aquele também foi em observação porque é completamente fora da realidade...

P: E agora também estão cortando também porque não foi feita a reposição... comprou o livro uma vez só... lá no XX tem três 8ª... uma... deu pra uma 8ª... a outra ficou faltando pra uns dez alunos... e para outra não sobrou...

p05: Não... na escola eu nem pedi porque tinha sala que não ia ter mesmo... ia dar pra alguns e outros não... então como é que ia trabalhar... fica mais difícil também...

P: Você sabe o que eu penso... não sei se com você é assim... eu já percebi que a coordenação... vai visar uma prova de inglês elas não... eu não sei se é falta de vontade... ou do que é... se é a barreira da língua que realmente atrapalha... mas assim... parece... eu já percebi isso...

p05: Não mas somos mesmo a aula... ninguém olha assim se você está trabalhando ou se não está... se algum aluno for lá reclamar de você tem alguma reclamação, se não for continua normalmente... prova... ou eu levo a prova pronta no disquete ou já imprime... vai xerocando... porque não tem como ... quantas vezes eu deixei prova... faz no estêncil eles não entendem a letra e dá um trabalho danado... se leva pra digitar na escola quem vai digitar não entende a letra e faz tudo errado... então você tem que fazer... ninguém olha se você der prova ou se não der... eu tô partindo pra aquela de avaliar todo dia porque você vai cobrar o que de aluno? ... é uma outra dificuldade que eu tenho... então a gente vai ficar cobrando o quê?... porque eu não tenho horário suficiente pra trabalhar mais a parte oral... e eu não... eu enfrento uma barreira muito grande... eu não sei se você tem isso... eu começo lá com um textinho pequenininho a parte oral... tem aluno que não abre a boca...

P: E também pra trabalhar a oralidade em sala de aula... é muito aluno... não dá tempo... não tem como com uma sala tão grande... leitura ainda é mais fácil... às vezes fica mais fácil... mas pra falar naquele... é muito aluno... você veja não dá pra todo mundo falar... eles se dispersam um tá falando uma coisa... outro tá falando outra coisa lá no fundo então você não sabe se você ouve, se corrige aqui, se ouve lá então você acaba desistindo aí tem aluno que te cobra... outros falam... você não traz uma música... olha eu tive uma experiência terrível no ano passado (incomp) aí alguns interessam outros não querem saber e você fica assim... o quê que eu faço? /.../ música? Eu não gosto de levar nada sem ter uma cobrança... música? Pra que? Então vamos ver... vamos ver essa palavra... vamos ver os pronomes que têm nessa letra, nós estamos estudando pronomes... mas é terrível...

P: Eles querem a música da moda... tem aluno que pede pra rodar a música da Rebeldes... eu digo... claro que não! Rebeldes é espanhol eu trabalho com inglês... se tem que cobrar bem... mas na minha aula eu vou trabalhar com inglês se não não é aula de inglês! Tem alunos que querem a música só por diversão (risos) em sala de aula /.../ você acredita que há diferença entre o ensino de inglês da escola regular da rede pública com a rede particular?

p05: Eu acho que a diferença que há é que na escola particular você pode cobrar alguma coisa a mais... eu estou com um projeto lá, projeto pra ver se incentiva... mas aí de repente você chega na sala e o aluno (incomp) tem aluno que não tem em casa uma revista pra recortar figura... e na escola particular pelo menos nessa parte não tem esse problema...

P: De falta de recurso?

p05: De falta de recurso... eu acho que não faz por falta de recurso /.../ porque a carga horária é a mesma...

P: A sala de aula também tem algumas que são cheios também...

p05: Tem aquelas apostilas (incomp) tem alguns textos que são mais atuais porque você fica pegando livros então você vai... como que nós vamos arrumar? Você tem que continuar com aquele que você usou lá em 2000... infelizmente... então (incomp) se você pega uma apostila os preços são mais atuais... mas o quê... a gramática... tudo a mesma coisa... vai trabalhar vocabulário... texto... você acredita que vai dar tempo de ficar lendo e tomando leitura de cada aluno?

P: Não dá, eu trabalho com apostila lá no Ensino Médio no meu colégio é a mesma apostila que usa no (incomp) não dá tempo...

p05: Não dá tempo!

P: Sem contar que uns textos enormes (incomp) que são chatos... e também acaba não sendo novidade porque é a mesma apostila já há três anos...

p05: Se isso acontece na rede particular você imagina o que acontece na rede pública... você sabe porque você está passando por isso também...

P: E entre o ensino da escola regular tanto público quanto particular e o cursinho de inglês?

p05: Não, aí é totalmente diferente... totalmente diferente! Porque até eu estava estudando e depois eu parei um pouco porque o dinheiro não estava dando pra poder fazer (incomp) trabalhar só como professor porque o ideal pra gente seria fazer isso porque tiraria até às suas dúvidas ali... você vai numa sala que tem adolescente tem criança tem adulto... aí já não bate com o horário que você tem que ir trabalhar, aí foi ficando complicado... mas é totalmente diferente... ali você vê a gramática... claro que bem textualizada que é uma coisa que você não tem jeito de fazer na escola...

P: Sabe o que eu acho do cursinho que é bom... é... aquilo que você falou que na escola regular falta... uma linha pra seguir e lá tem... você imagina o tanto... cada semestre... você tirando o curso (incomp) se você for fazer aquele curso normal cada semestre é um livro né?... mas olha o que dá pra trabalhar na escola um semestre na escola da rede pública... você não trabalha... trabalha pouquíssimo conteúdo se você for pensar...

p05: Não... não trabalha... eu montei um roteiro porque não é um plano de aula... eu montei um roteiro... eu tava olhando lá pra poder ver o que eu vou trabalhar numa 8ª série... não sabe se a oitava fecha ou se não fecha... eu estou com sete alunos... eu acredito que no segundo semestre ela não vai... aí você fica assim... e aí? O que nós vamos ver?... à noite é EJA... (incomp) menos ainda, o conteúdo vai encurtando mais... não tem nada preparado pra isso, agora afinal de contas, eu não sei pra quê tem ensino de inglês no EJA... de verdade?

P: E a dificuldade que eles tem? Eu já trabalhei inglês numa escola e eles têm uma dificuldade tremenda, aliás em tudo... porque tem questão da idade...

p05: Muito tempo fora da sala de aula...

P: Chega cansado... não dá pra você comparar... um adolescente ele tá ali a preocupação é aquilo ali né?... agora uma pessoa que tem filhos... que tem problemas... ou com o marido... o filho... o emprego e é isso é aquilo... problema de dinheiro... (risos) é difícil né... e eu ficava pensando... gente como é que eu vou cobrar desse aluno... um aluno que tava dormindo na sala de aula porque tinha que levantar 4 horas da manhã porque tinha que ir cortar cana... é difícil né?... e tinha inglês também... a primeira prova que eu dei no EJA eu quase entrei em desespero...

p05: Eu estou trabalhando tudo em forma de projeto... eu estou (incomp) entrei num consenso na escola... tem o trabalho lá que a gente faz e vale nota mas não tem aquela prova assim... onde o conteúdo foi antigo então vamos trabalhar essa prova aqui... sempre aqui... sabe você num ponto que... como que você cobra isso deles?

P: Fora que eles faltam muito... eu não sei se você tem esse problema, mas eles faltam muito né?

p05: E mudou a carga horária agora... no primeiro período tem só uma aula de inglês por semana...

P: Primeiro período é 5ª e 6ª?

p05: Não... primeiro período do Ensino Médio... só uma aula.

P: No EJA?

p05: É...

P: É muito pouco né?

p05: E, por exemplo, eu fico levando prejuízo... porque aí eu fico levando xerox pra trabalhar com eles... porque você fazer o quê? Como que você fica ali no quadro ali... olha você vai passar um texto ali no quadro... dá o horário e eles não terminaram de copiar o texto...

P: É... porque eles têm uma dificuldade enorme pra copiar a língua inglesa ainda né?

P: Na escola regular o inglês é visto como disciplina que não reprova que é outro problema... qual a sua opinião à respeito? (risos)

p05: Eu acho isso um absurdo mas eu já fui chamada na escola... pra poder corrigir a prova da menina de novo porque ela não podia ficar reprovada e ela tinha ficado reprovada em inglês... ela não tinha feito nada na prova...

P: Corrigir o quê né? Aprovar como né?

p05: Mas teve que se aprovada! Teve um aluno do EJA... agora no final do ano também ele fez a minha avaliação... aí mandaram fazer um trabalho... eu dei a nota pra ele e ele já tinha passado... não sei nem se ele levou esse trabalho pra escola eu não quis nem procurar... porque o aluno não tem frequência na minha aula...

não faz os trabalhos... tinha que estar sendo avaliado todos os dias... todo dia tem uma atividade... sabe... nem que seja... olhei... mas é terrível...

P: Eu também tenho essa opinião e todo mundo que eu entrevistei também é... desmotivante né?

p05: A gente não sabe o que a gente faz... se vai pedir uma coordenadora... chega na escola... o quê que a gente pode fazer? Ninguém te fala nada... ninguém te ajuda... na escola teve um ano que a diretora comprou um (incomp) que pelo menos ajuda... com cores... com números... pra trabalhar preposição porque como você trabalha preposição se você não tem figura, como que você vai mostrar que *in* é dentro, ou em cima ou em baixo... com que você fala isso? (incomp) os dicionários somem da escola!... você vê... é falta de interesse de quem? É da escola porque se ali tinha que estar fechado ali ninguém ia mexer! /.../ Tem um tempo que eu tento trabalhar na 5ª série pelo menos o (incomp) precisava desse (incomp) não... vou ter que montar aqui eu tava olhando os que eu tinha aqui... cadê? Ninguém sabe, ninguém dá notícia... então é assim, é uma coisa que desmotiva a gente porque você reúne... é conselho de classe... é coletivo, de repente começa a falar sempre a mesma coisa aí a gente busca... aí fala assim... não... tem que ter uma aula diferente... tem que fazer alguma pra motivar os alunos...

p05: Eu ouvi falar que sábado agora tem aquele... reorientação curricular /.../

P: À tarde...

p05: À tarde?

P: Eu ouvi dizer que é sábado à tarde...

p05: Parece que lá na escola é de manhã...

P: Só de manhã?

p05: Não mas eu estou revoltada... com sábado coletivo... não tem mais sábado não tem nada! Sábado passado que teve sábado coletivo eu não acordei não... na hora que eu acordei também eu não levantei pra ir não...

P: Não /.../ E o sábado coletivo eu não sei no seu caso mas eu acho tanta enrolação...

p05: Tanta enrolação, tem dupla pedagógica que vai pro sábado coletivo pra poder ler ofício... eu tô ficando lotada... eu falei assim que eu não me preocupo mais, eles podem por falta... porque o dia que tiver alguma coisa... eles cobram da gente uma aula diferente pra motivar o alunos e eles estão fazendo o quê com o professor? /.../ você foi naquela sexta-feira que nós fomos dispensadas da aula porque tinha uma reunião com a XXXXX naquele salão do XX...

P: Não... foi à noite?

p05: Foi à noite?

P: Eu não tô trabalhando à noite né?

p05: Foi uma professora da universidade estadual que foi falar sobre... sobre uma organização curricular... menina! Eu nunca vi tanta desorganização... e a mulher não falou nada que tivesse algum interesse... É de revoltar porque às vezes tem alguma interessante que você pode vir fazer com o aluno... na reunião ou alguém que chega na cidade porque nunca tem nada... eles não dispensam mesmo e depois pega e manda a gente embora por causa daquelas palestras (incomp) eu já tô ficando de saco cheio, eu tô ficando assim muito rebelde, mas é umas coisas que não tá levando pra lugar nenhum e a gente tá muito cobrado...

P: É verdade?... então... eu nunca fui naquelas orientações não... teve uma vez que teve não deu pra eu vir... mas eu ouvi falar que sábado tem...

p05: Me parece que (incomp) eu não sei se cada escola vai ser num horário porque de repente você tá falando que é à tarde, parece que eu vi lá de manhã e foi a XXXXX que assinou o ofício...

P: Não, eu ouvi dizer que assim por alto... que o XXXXX... que parece que é coordenador do inglês...

p05: É... mas você nunca acha ele na subsecretaria, também não porque diz que tem filme, que tem tudo e eu fui lá pegar e ele nunca está, nunca vi o XXXXX...

P: Foi ele que me disse que era a XXXXX porque ninguém queria assumir, é um trabalho que não paga... que a pessoa não vai ganhar nada eu até falei pra ele que se eu tivesse tempo eu até iria, mas assim pra fazer uma coisa assim... sei lá... umas atividades...

p05: Novidade né?

P: É isso aí, porque pra ficar enchendo lingüiça também não dá não! (risos)

p05: Não, eu não vi nada assim que seja por área, não eu vi uma coisa lá... eu olhei e até torci o nariz... não quero ver essas coisas mais não... não me mostra não!

P: Mas também igual ele falou assim... eu até podia ter perguntado isso pra ele... se ela que quis assumir... mas por exemplo... ninguém me convidou... você foi convidada?

p05: Nem sabia disso... aliás... eu falei pra você que a XXXXX trabalha lá... ela que me falou que a XXXXX tinha sido chamada mas depois parece que alguém ofereceu alguma coisa pra ela mas tinha que ver se a XXXXX queria ou eu não ouvi falar de convite nenhum não...

P: Porque eu acho assim então... devia ter convidado todo mundo né?

p05: É... convoca os professores e fala... tá precisando disso... alguém se dispõe?

P: É... ou sei lá... vê alguém... uma pessoa que tem mais jeito... não sei... mas eu acho que esse negócio tinha que ser bem democrático, tinha que deixar aberto... pra todo mundo...

p05: E você acha que não ganha nada?

P: Se fosse assim de não ganhar nada eu acho que teriam que ter divulgado não teria?

p05: Com certeza...

P: Então com você aconteceu o mesmo comigo... eu fiquei pensando... gente mas eu não recebi convite nenhum, eu não ouvi falar disso /.../ Pelo fato de ser visto como uma disciplina que não reprova você percebe uma desvalorização maior do professor de inglês do que o professor de outra disciplina? Por parte da coordenação... da direção... de pais... de aluno...

P: No conselho de classe por exemplo... não... essa disciplina não reprova não...

p05: É /.../ o conselho de classe esse ano tá mudado, eu não sei se na sua escola é assim... tem a participação de pais?

P: Tem...

p05: (incomp) professor de português e matemática fala... eu fico na minha...

P: (incomp)

p05: Professor vai cinco vezes na semana... o inglês só vai duas /.../

P: Então é a mesma coisa que está acontecendo lá /.../ como você avalia a atitude do aluno e o ensino de inglês na escola... você acha que eles valorizam a língua?

p05: Não... se tiver é o mínimo de aluno, é algum que tem o interesse que gosta mesmo, agora pra você ver... isso numa amostragem bem pequena...

P: Numa sala de aula a maioria é desinteressada mesmo...

p05: Muito!

P: Até porque eu acho que um pouco do desinteresse deles é porque você não tem muita opção... o contexto não permite...

p05: Falando aqui... o interesse deles é por internet... pelos jogos... você vê lá na frente... você vai falar alguma coisa na sala eles já estão muito tempo aquilo lá... às vezes não sabem o que é no contexto, direitinho, mas já tá sabendo o que é... e se for um aluno interessado ao invés de ficar perdendo tempo ali... por exemplo o orkut... aluno que não tem computador em casa eles têm o orkut deles e estão entrando e fazendo! Você vê muita coisa, ali tá em inglês...

P: Já pensou se tivesse como o ensino acompanhar isso?

p05: Você já pensou se tivesse computador na escola, se você pudesse dar sua aula ali? Você mostrar pra eles aquilo ali... tem um filminho, um clipe, tem tudo ali na hora pra você fazer... você pode atender um por um /.../

P: É um sonho né? (risos)

p05: É!

P: E você acredita que o ensino do inglês na escola... tal como ele é atualmente ele é capaz de despertar o interesse do aluno pra língua?

p05: É como eu te disse... alguém que já gosta, que percebe alguma coisa ali pode até ser...

P: Do jeito que é né? ... E você acha que esse aluno que tem o dom, você acha que ele aprende... consegue sair sabendo alguma coisa?

p05: É o mínimo ele aprende... pelo menos o verbo *to be* né... (risos)

P: Quando é um aluno esforçado né?

p05: Tem alguns ali que você percebe... é o mínimo... é a minoria mesmo!

P: Como você avalia a atitude dos pais em relação à sua disciplina... você acha que eles valorizam?

p05: Não... tem pai que nem sabe o que é, pra que é... porque de maneira geral eles não estão valorizando disciplina nenhuma na escola... a obrigação é do professor dar conta de tudo eles não tomam conta... porque é cada pai que a gente escuta história... que é de arrepiar... não olham se tem tarefa se não tem...

P: Só vão no final do ano quando (incomp) na minha escola isso acontece...

p05: Não... tem escola que toma atitude assim... fez alguma coisa de extra... mais grave então amanhã você só entra com o seu pai... tem aluno que nem leva... fica três dias... uma semana sem ir à escola... mas não levam... falam que não têm mãe... não têm pai... teve um pai de um aluno lá... da 8ª série... alienadíssimo que teve lá e falou que não dava conta mais do filho que já tinha feito de tudo... arrumou serviço o rapaz ficou só dois dias... que não quer saber de nada... aí ele pegou e deu um couro... ele ficou marcado, aí foi e chamou o Conselho Tutelar... ele falou que sentiu vergonha de ser interrogado pelo Conselho Tutelar na frente do filho... então nós estamos em um ponto que nós estamos de pé e mão quebrados... você não pode fazer nada! Se você encostar a mão no aluno ele já tá com razão... o professor me machucou... então é assim...

P: E qual a sua opinião sobre a política de ensino da língua estrangeira? Assim... as decisões da secretaria... da subsecretaria de educação... você acha que eles têm feito alguma coisa pra língua estrangeira?

p05: A língua estrangeira está aqui por uma política mundial... é a língua que se fala ... é o país do momento então tá aí... tanto que está se tentando mudar isso com o espanhol... eu acho que tem que ter uma língua mas infelizmente eu acho que não é só com a língua estrangeira, eu acho que... secretarias têm deixado muito a desejar em relação ao ensino... porque a qualidade de ensino está sendo deixada de lado... tanto que nós estamos falando de sábado coletivo... qual que é o interesse disso? Qual é o objetivo... o quê que tem melhorado

pra educação de maneira geral?... e menos ainda pra língua inglesa que é uma matéria que eu não sei pra quê que tem na escola sabe... aluno me pergunta eu respondo pra eles que eu não sei... uma aluna disse... pra você que nós estamos fazendo isso aqui? Nós não vamos fazer nada com isso!... e ela tem razão... ela tem razão... e mais ainda, eu vejo assim que os jovens do Brasil estão saindo pro exterior cada vez mais... cada vez mais! A demanda está cada vez maior e não é só quem tem dinheiro que está indo, é muito pelo contrário, quem não tem tá buscando uma forma de melhorar de vida lá!... eles estão sabendo o que de língua estrangeira? /.../ eu já vi de aluna que tava em Portugal... de um filho de uma aluna que chegou e conversou que queria aula particular porque diz que fica perdido lá... até o rapaz chegou e falou pra mim... é muito importante isso que você tá fazendo... essa parte da gramática porque eu não sei montar uma frase... eu não sei como é o sujeito... se é verbo... o que eu tenho que colocar primeiro porque eu não tenho... eu sei falar por uma colega me ensinou... eu sei falar o que é preciso mas eu não sei montar uma frase /.../ sabe... então... às vezes você tenta mostrar isso... olha... como é no interrogativo o inglês...

P: Você acredita que os alunos que freqüentam aula no cursinho têm mais facilidade pra aprender... mais motivação?

p05: Tem uns que estão no curso de línguas porque os pais estão obrigando...

P: É verdade...

p05: Eles chegam na sala e tem uns mesmo que chegam na sala e dizem que não aprenderam nada... e continuam sem aprender na escola também... então é o que eu tô falando... que é relativo esse estudo de línguas, porque isso aí tem que ser assim... tem que ter aptidão e tem que ter vontade... não, eu quero fazer inglês porque eu gosto... eu quero fazer... não vou fazer só inglês não... vou fazer espanhol... francês... italiano... porque eu quero aprender outras línguas... porque uma coisa que já vem obrigado... nem português eles estão dando conta! /.../

P: Eu já percebi também... a reclamação não só na área de línguas... seja matemática também, reclamando também que está faltando o básico... às vezes o aluno está lá no ensino médio e ele não sabe o básico... não sabe adição... não sabe multiplicar e ali ele não dá conta de ir pra frente porque ele não sabe o básico!

p05: Eu fui trabalhar com uns alunos... português de 3ª série... eu tentei... (incomp) um textinho pequeno mesmo... agora... tira desse texto aí os substantivos... na próxima aula nós vamos pegar esses substantivos e vamos passar para o inglês... como é que é que faz um gatinho em inglês? Como é que é esse diminutivo? Você está trabalhando substantivo... você trabalha português... você trabalha inglês... eles não sabiam o que era substantivo...

P: Sério?

p05: EJA!

P: Ah... no Ensino Médio?

p05: É... eles não sabiam...

P: Na terceira série?

p05: Terceira série... às vezes você vai trabalhar pronome... trabalhar no 3º colegial e na 8ª... eles não sabem o que é (incomp)... se vai trabalhar o presente simples em inglês... como que a gente conjuga um verbo em português... eles não sabem... aquele básico mesmo que eles têm que saber eles não sabem... por outro lado... se vou escrever nome na prova... é letra minúscula... aí eles vão lá no último sobrenome e se é por exemplo corrijo eles põem só um C... Então tá faltando o básico... aí o professor vem e não tem tempo de corrigir, às vezes corrige e o aluno nem viu o que tá corrigido e o que não tá... falta isso sabe? O professor tinha que trabalhar menos... tinha que ganhar mais para trabalhar menos... se você trabalha só com cinco turmas o rendimento da sua turma vai ser outro...

P: Além dessa questão de menos turma... é você ter mais tempo... agora pra que sábado coletivo... pra que, porque é coisa que acaba não levando à nada... se a gente tivesse aproveitado... mas aí te prende... são coisas que naquele horário ou você deveria estar descansando ou você deveria estar procurando alguma coisa para você se aperfeiçoar... lendo...

p05: Sabe, eu conversando com um amigo ele me disse que será uma tese dele de mestrado... ele falou que o professor não investe no lúdico... não tem como, não sobra dinheiro para você ir a um teatro... a um cinema...

P: No cinema até eu tenho ido mas eu também tenho carteirinha de estudante (risos)

p05: (incomp) mas chega no sábado você está tão cansada da semana inteira e ainda tem uma manhã inteira de sábado coletivo... aí você tem que fazer o que... você tem que arrumar a casa... você tem que dar atenção para o seu filho... você tem namorado... tem noivo... tem marido /.../ tem forró... vamos dançar! Tem que sair... fazer alguma coisa (incomp) /.../ e isso vai fazendo o que... cada dia mais (incomp) chega segunda-feira você não fez nada no final de semana... você já está cansada... aí começa com uma dorzinha aqui... você já viu o fibromialgia que eu estou sofrendo? /.../

P: É... bem sério mesmo... Bom XXXXX... obrigada!

**ANEXO B**

Entrevistas com os alunos:

- Proposta de entrevista
- Transcrição das entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
ILEEL – INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA  
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

Pesquisadora: Pauliana Duarte Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo

**PROPOSTA DE ENTREVISTA COM O ALUNO**

Dados:

Nome:

Idade:

Naturalidade

Tempo que mora em XXXX:

1. Na sua opinião, é importante aprender uma língua estrangeira?
2. Qual é, na sua opinião, a língua estrangeira mais importante de se aprender? E uma segunda língua estrangeira?
3. Quais as vantagens do aprendizado dessa língua para você?
4. Há quanto você estuda Inglês na escola?
5. Você já estudou em cursos de idiomas?
6. Se você tivesse oportunidade de fazer um curso de idiomas qual língua você escolheria estudar?
7. Além da escola, em quais lugares você tem contato com o inglês?
8. Por que você acha que existe o ensino de inglês na escola?
9. Como tem sido estudar inglês na escola? Do que você gosta e do que você não gosta?
10. Você acha que estudar inglês na escola mudou alguma em sua vida?
11. Você acha que o inglês que você aprende na escola vai ser útil na sua vida?
12. Você vê alguma desvantagem em estudar inglês na escola?
13. Você acha que estudar inglês na escola desvaloriza a cultura brasileira?
14. O que você acha da cultura estrangeira?
15. O que você acha das pessoas estrangeiras?
16. Como você imagina que é a vida das pessoas estrangeiras?
17. Você se lembra de alguma propaganda de escola ou de curso de inglês?
18. Você tem amigos que estudam em cursos de inglês?
19. Você acha que as pessoas que estudam em cursos de inglês têm mais vantagens do que aquelas que não frequentam estes cursos?
20. Na sua opinião, que papel o inglês desempenha no mundo? No Brasil? E em XXXX?

## Transcrição das entrevistas

### Entrevista: Aluno a01

P: É... nome:

a01: XXXXX

P: Idade:

A01: 13 anos.

P: 13?

P: Você é daqui de XXXX mesmo?

a01: Sou.

P: É, então você mora aqui toda vida né?

a01: Isso.

P: Tá. É... na sua opinião é importante aprender uma língua estrangeira?

P: É?

a01: É.

P: É? Porque você acha?

a01: Ah, porque a gente tem mais assim... mais oportunidade de trabalho né?

P: Sei, e assim, qual é na sua opinião a língua estrangeira mais importante de se aprender?

a01: Acho que inglês.

P: Inglês? Aqui na escola você estuda inglês, só inglês?

a01: É de... de ... (incomp)

P: Vocês não têm espanhol não?

a01: Ainda não.

P: Ah, tá bom, e pra você que vantagem tem aprender inglês na escola?

a01: Ah, porque eu assim, eu acho que teria alguma oportunidade melhor porque poderia saber, quem me perguntar, eu poderia assim ter uma idéia.

P: Se alguém te perguntasse alguma coisa?

a01: É teria alguma idéia, pelo menos uma iniciativa de como seria.

P: Mas você já sabe alguma coisa...

a01: Ah, muito pouco.

P: Você estuda desde qual? Você estuda desde a 5ª série, ou você viu antes da 5ª o inglês?

a01: 5ª... acho... que desde a 4ª.

P: Desde a quarta?

a01: É.

P: Ah, tá. Então você vê inglês na escola tem uns 4 anos mais ou menos, quarta, quinta, sexta, sétima.

a01: É.

P: Assim... Você já fez curso de inglês?

a01: Não..

P: Nem de outra língua?

a01: Não.

P: Se você tivesse oportunidade de fazer, de estudar numa escola que estuda, ensina línguas, que língua você queria estudar?

a01: Inglês.

P: Inglês. Só inglês?

a01: É.

P: Porquê?

a01: Acho que é porque gosto.

P: Você gosta?

a01: Eu gosto.

P: E além da escola você tem aula duas vezes por semana né?

a01: É.

P: Além da escola onde mais você vê inglês?

a01: Onde mais eu vejo?

P: É.

a01: Ah na televisão... deixa eu ver... onde eu mais vejo... assim e não televisão alguma coisa em vídeo, DVD, essas coisas. Até em livro às vezes tem.

P: Em livro de outras matérias também?

a01: Não assim, livro, aqueles livros de literatura.

P: E música...

P: Você acha que, perai, porque você acha que tem o ensino de Inglês na escola?

a01: O que eu acho?

P: É porque, você tem que estudar, igual você estuda português, matemática tal... porque você acha que tem inglês na escola, porque tem essa matéria?

a01: Não tenho idéia.

P: Não tem idéia?

a01: Nem a mínima.

P: Pra você como tem sido estudar inglês na escola, do que você gosta? O que você não gosta?

a01: Ah, tem (incomp) muito bom, porque eu gosto, ainda mais da professora.

P: Você gosta?

a01: Gosto da professora que dá aula de inglês, gosto da matéria, e o que eu não gosto... não tem nada assim que eu não gosto.

P: Você gosta de tudo então?

a01: Gosto.

P: É, e o que você faz mais, assim, vocês lêem, você estuda pelo livro English clips?

a01: É, só que o nosso ainda não chegou. Desse ano ainda não tem.

P: Ah, tá bom. É mas no ano passado você estudou com ele né?

a01: Foi.

P: Na quinta também né?

a01: hum, hum...

P: Tá. É, assim... o que você gosta mais de fazer, texto... ler, falar?

a01: Eu gosto de traduzir.

P: Você gosta de traduzir?

a01: Gosto.

P: É... você acha que estudar inglês na escola mudou alguma coisa na sua vida depois que você começou estudar inglês, porque antes você não tinha né?

a01: É, mas mudou.

P: Sim, o quê?

a01: Muitas coisas assim, só (incomp) muita gente pergunta "Ah você sabe o que é isso?" eu de repente até sei, até explico e a pessoa "Ah, tudo bem."

P: Ah, mudou que você sabe algumas coisas?

a01: É, algumas coisinhas.

P: Você acha que estudar, que o inglês que você aprende na escola vai ser útil na sua vida?

a01: Acho que vai. Porque tem, cada carreira que a gente possa seguir, vestibular essas coisas, muitas dependem de inglês. Até quem já viu (incomp)

P: Você acha que também no vestibular você vai precisar?

a01: É.

P: É. Você vê alguma desvantagem em estudar inglês na escola?

a01: Alguma desvantagem como?

P: Assim, atrapalha alguma coisa estudar?

a01: Não.

P: O que você acha da cultura estrangeira? Igual, você vê na televisão, em filme, a vida das pessoas no estrangeiro.

a01: Eu acho interessante... assim, muito diferente da nossa né?

P: Você acha interessante? E o que você acha das pessoas, assim... estrangeiras?

a01: Ah, muitas vezes elas parecem assim ser metidas, assim mas...

P: É o quê?

a01: Parece serem meio metidas, não sei... talvez.

P: Você acha elas meio metidas?

a01: É talvez.

P: Todo, qualquer estrangeiro você acha que é metido?

a01: Não (incomp)

P: Ou tem alguns que você acha que são mais do que os outros?

a01: Ah., tem uns que são mais, outros que são menos, outros que nem são, a gente vê pelo rosto né? Se a pessoa é.

P: Por exemplo, os americanos, você acha que eles são metidos?

a01: São um pouco, um eu acho.

P: Você acha que os americanos são mais metidos que o povo de Israel?

a01: Eu acho que é.

P: Porque você acha que eles são mais metidos?

a01: Ah, não sei.

P: Não sabe explicar não?

a01: Não sei.

P: Como você acha que é a vida dessas pessoas que vivem no estrangeiro? Porque no Brasil você sabe como é. E no estrangeiro, como você acha que é a vida das pessoas?

a01: Ah, eu acho que (incomp) que eles devem ter mais oportunidades pelo que a gente ouviu falar, a gente vê, eu acho que eles têm mais oportunidades do que aqui no Brasil, acho que eles têm mais oportunidades.

P: É, você lembra de alguma propaganda de escola de curso de inglês, você já viu alguma propaganda?

a01: De inglês?

P: É de escola, de curso...

a01: Não.

P: Nunca viu, na rua alguma propaganda?

a01: Ah sim. Tem de vez em quando. Tem algumas coisas aqui no recreio (incomp)

P: Ah, na escola também tem?

a01: E o pessoal vem aqui pra fazer (incomp) na hora do recreio.

P: Ah, aí eles entregam aqueles papeizinhos.

a01: É aqueles papeizinhos.

P: É, você tem amigo que estuda em curso de inglês? Na sua sala tem gente que faz curso?

a01: Tem.

P: Assim, você acha que tem alguma diferença, assim que eles sabem mais, ou não?

a01: Não, acho que não. Até aqui no colégio tem um menino que veio dos Estados Unidos

P: É? Aqui, ele é americano?

a01: É.

P: E ele já fala direitinho o português?

a01: Ah um pouco.

P: É da sua sala?

a01: Não é da 7ª C.

P: Você é da qual 7ª?

a01: 7ª B

P: Ah, que legal. Não sabia não.

a01: É, você acha que, isso aqui que eu ia te perguntar... se você acha que os alunos que fazem curso de inglês têm mais vantagem, depende também se você for uma aluna estudiosa né?

a01: É.

P: Assim, na sua opinião, que papel o inglês, porque é uma língua muito... igual, você acha importante aprender inglês? Que papel o inglês desempenha no mundo? Você acha a língua importante?

a01: Ah, acho importante, pra nossa (incomp). Quando a gente tiver mais adulta, né, mas muito importante assim para a carreira, um emprego melhor.

P: No Brasil, também você acha que é importante saber inglês no Brasil?

a01: É.

P: E aqui em XXXX, que é uma cidade menor, você acha que também é importante saber inglês?

a01: Acho que em todo lugar é importante (incomp)

P: É só.

a01: Só?

P: Obrigada.

a01: De nada.

### Entrevista: Aluno a02

P: É... qual é o seu nome? Completo?

a02: XXXXXX

P: Idade.

a02: 13.

P: Naturalidade.

a02: (incomp)

P: Onde você nasceu?

a02: Aqui mesmo.

P: Você mora toda a vida em XXXX?

a02: hum, hum...

P: É... na sua opinião, é importante aprender uma língua estrangeira?

a02: Sim.

P: É?

P: Porque você acha que é importante?

a02: É porque assim, por causa da matéria, pra você sair melhor na escola, quando a gente for para algum estado, aprender melhor outras línguas, saber conversar com estrangeiro.

P: Qual é na sua opinião a língua estrangeira mais importante de se aprender?

a02: O inglês.

P: O inglês? Por que você acha que é importante?

a02: Ah, porque é muito difícil, eu acho... e tem assim também, se você quiser viajar para os Estados Unidos tem que saber, se quiser fazer uma novela tem que saber conversar em inglês.

P: Quais as vantagens do aprendizado do inglês para você?

a02: /.../

P: Que vantagem tem aprender inglês?

a02: Ai, não sei, na minha cabeça não vem nada.

P: Você estuda inglês na escola, pra que acha que vai servir?

a02: Pra mim ser alguma coisa na vida?

P: Você acha?

a02: Eu acho que sim.

P: Ha quanto tempo você estuda inglês aqui na escola?

a02: Desde a ... quarta.

P: É... você já estudou em escola de línguas?

a02: Não.

P: Não? Nunca estudou?

P: Se você tivesse oportunidade de estudar numa escola que dá curso de línguas, qual língua você escolheria estudar?

a02: Inglês e espanhol.

P: Inglês e espanhol. Além da escola, em quais lugares você tem contato, você vê alguma coisa em inglês?

a02: Novelas só.

P: Novela?

a02: É...

P: Músicas você escuta?

a02: É... música.

P: Só novela e música?

a02: a han...

P: Então é na televisão que você vê?

a02: É.

P: Tá. Porque você acha que existe o ensino de inglês na escola? Porque você acha que tem essa matéria? Qual a vantagem?

a02: /.../

P: E como tem sido estudar inglês na escola? Do que você gosta, do que você não gosta aqui na escola, de estudar inglês?

a02: De traduzir.

P: Você não gosta de traduzir?

a02: Não.

P: E tem alguma coisa que você gosta?

a02: Ah, eu gosto de passar o verbo para as frases interrogativas, negativas, só.

P: Hum hum. Você acha que estudar inglês? É, depois que você começou estudar inglês, mudou alguma coisa na sua vida? O que você acha que mudou?

a02: incomp.

P: É... o que você acha, que mudou?

a02: Ah mudou assim, eu acho que eu tive que aprender as coisas eu (incomp) pra saber alguma coisa eu tenho que saber inglês.

P: É, você acha que o inglês que você aprende na escola vai ser útil na sua vida?

a02: Hum... eu acho que não

P: Não? porque você acha que não?

a02: Porque assim, que nem os outros falam, é muito fraco. Assim, que em outra escola só pra dar aula de inglês eu acho que seria melhor.

P: Você vê alguma desvantagem em aprender inglês na escola?

a02: Não.

P: Não?

a02: Nenhuma.

P: O que você acha da cultura estrangeira?

a02: /.../

P: Nas, nas coisas que você vê na televisão o que você acha?

a02: Eu acho legal, muito interessante.

P: Você acha? É... e das pessoas estrangeiras, quando você vê um estrangeiro na televisão, o que você acha deles? O que você pensa deles? A hora que você vê um estrangeiro, o que você acha deles?

a02: /.../

P: Como você acha que são? São normais... a vida das pessoas que vivem noutros países?

a02: Difícil?

P: Você acha que é difícil a vida delas?

a02: É...

P: Em qualquer país?

a02: /.../

P: É... você lembra de alguma propaganda de escola de curso de inglês? Você já viu alguma propaganda na rua, na televisão?

a02: Não.

P: Não?

a02: /.../

P: Você tem amigo que estuda em curso de inglês?

a02: Tenho.

P: Tem? E você acha que esses alunos que estudam em cursos de inglês têm mais facilidade com a matéria?

a02: Algumas. Algumas pessoas têm. A minha prima que estuda comigo tem, a amiga de minha vizinha já não tem essa facilidade.

P: Estuda lá mas...

a02: É não gosta.

P: Ah, tá. Na sua opinião qual o papel o inglês desempenha no mundo? No mundo a gente vê muito inglês né? Que papel você acha que ele representa no mundo?

a02: Ah... /.../

P: No Brasil. O que você acha que o inglês (incomp) as pessoas estudam inglês no Brasil, o que você acha?

a02: Pra conseguir um emprego melhor, viajar (incomp)

P: E em XXXX, pra que você acha que o inglês serviria em XXXX?

a02: Pra poder ser uma professora, estudar, eu acho que é isso.

P: Então tá certo XXXXX, obrigada.

a02: De nada.

### **Entrevista: Aluno a03**

P: É... nome completo:

a03: XXXXX

P: Idade:

a03: 14.

P: Naturalidade:

a03: Como assim?

P: Onde você nasceu?

a03: Aqui em XXXX.

P: XXXX. Você mora toda vida aqui em XXXX?

a03: Hã... hã

P: Certo. Na sua opinião, é importante aprender uma língua estrangeira?

a03: É.

P: É? Porque você acha que é importante?

a03: Por causa que no futuro, precisa né? Pra trabalhar, pra se dar bem na vida.

P: Qual é na sua opinião, a língua estrangeira mais importante de se aprender?

a03: Inglês.

P: Inglês? Porque você acha que é o inglês?

a03: Por causa que assim, de todas as línguas ele é o que a gente mais precisa pra poder crescer né? No trabalho, essas coisas.

P: Quais as vantagens da aprendizagem do inglês pra você? Qual vantagem tem?

a03: Quais vantagens? Não sei.

P: É... há quanto tempo você estuda inglês na escola?

a03: Desde o pré. É que eu estudava em escola particular né? E lá tinha.

P: Ta. Você já estudou em curso de inglês?

a03: Não, nenhum.

P: Se você tivesse a oportunidade de estudar na escola particular, de fazer cursos de línguas, qual língua você gostaria de estudar?

a03: O inglês.

P: É... além da escola, em quais lugares você tem contato com o inglês?

a03: Em casa, por causa que assim... eu não vou pra lugar nenhum pra poder estudar, então eu estudo em casa mesmo, nas tarefas que a professora passa.

P: Só nas tarefas?

a03: É. E na sala também eu não ... assim eu gosto do inglês mas eu não me interesso muito porque eu acho um pouco difícil.

P: Ah tá... Por que você acha que existe o ensino de inglês na escola?

a03: Pra melhorar a aprendizagem dos alunos?

P: Como você acha que tem sido? O que você acha de estudar inglês na escola? O que você gosta e o que você não gosta?

a03: Ah eu gosto das atividades que a professora passa. A gente tem que corrigir e...é a gente que corrigi a gente mesmo e traduzir as perguntas e as respostas. Aí eu acho legal.

P: E tem alguma coisa que você não gosta de fazer?

a03: Que eu não gosto de fazer no inglês?

P: É. Das atividades que ela passa qual as atividades que você não gosta?

a03: Ah,é porque eu não entendo nada né? Aí assim, não sei.

P: Você acha complicado de entender?

a03: É. Mas eu assim, também eu não gosto tanto mas assim eu assim... sou mais ou menos.

P: Você faz né?

a03: É, eu faço.

P: Tudo que ela pede pra fazer?

a03: hum...hum...

P: É. Você acha que estudou... estudar inglês na escola mudou alguma coisa na sua vida?

a03: Não, eu acho que vai é melhorar pra frente.

P: Você acha que o inglês que você aprende na escola vai ser útil na sua vida?

a03: Vai. Com certeza.

P: É? Pra que você acha, você imagina que vai servir?

a03: Como eu já falei né? No trabalho, quando a gente vai assim... viajar né, pra algum lugar a gente tem que saber falar com as pessoas. É importante.

P: Você vê alguma desvantagem em estudar inglês na escola? Você acha que atrapalha alguma coisa ?

a03: Não. Não atrapalha, também são só duas aulas por semana. Não atrapalha. É legal.

P: Você não acha que atrapalha, por exemplo, você aprender português?

a03: Não.

P: Não tem nada a ver?

a03: É porque não estuda a matemática com português tudo no inglês. Aí eu acho que não.

P: É... o que você acha da cultura estrangeira? Quando você vê um estrangeiro na televisão, o que você pensa sobre eles?

a03: Ai, eu fico imaginando o que eles estão falando né? Porque eu não sei o que é.

P: Como você acha que é a vida das pessoas em outros países?

a03: Ah, eu acho que é igual a nossa. Só eles falam diferente. Igual à nossa, assim mesmo.

P: O dia-a-dia.

a03: É o dia-a-dia é desse jeito mesmo.

P: É... você é você se lembra de alguma propaganda de escola de inglês de algum cursinho? Você já viu alguma propaganda na rua, em outdoor?

a03: Já. Já veio aqui na escola o cara lá do XXX que tem ali, tinha uma promoção lá, pra fazer o cursinho.

P: Você tem amigos que estudam em cursos de inglês?

a03: Tem a minha prima.

P: É? Na sua sala tem alguém?

a03: Não, eu não assim... não perguntei pra saber.

P: Não sabe né? Tá. Você, você acha que... igual você tem essa prima que estuda inglês né? Você acha que ela tem mais facilidade com o inglês da escola do que você?

a03: É. Porque a gente faz o cursinho lá e aí chega aqui tem uma tarefas que a professora passa que a gente até já sabe fazer né?

P: Você acha que ajuda né?

a03: É ajuda bastante.

P: Na sua opinião que papel o inglês desempenha no mundo? Você acha que ele é importante, ou que ele não é? Você acha que ele é uma coisa boa ou não?

a03: Importante é. Assim, tem pessoas assim... que gostam. Tem gente que gosta, normal.

P: No Brasil também você acha que é importante?

a03: É importante no Brasil principalmente pra saber a língua.

P: E em XXXX? Você acha que saber inglês aqui em XXXX vai servir pra que? Porque você mora aqui, imagina se você não for mudar daqui depois. Você for ficar sempre aqui.

a03: É importante porque assim, aqui tem umas firmas grandes né? E aí tem uns que precisam de vez em quando viajar pra fazer alguma coisa, falar ao telefone com alguém de outro país né? Acho importante sim.

P: Pro mercado de trabalho.

a03: É.

P: Ah, então tá certo XXXXX. Obrigada.

#### **Entrevista: Aluno a04**

P: Nome completo:

a04: XXXXX

P: XXXXX ?

a04: XXXXX

P: Idade:

a04: 13.

P: 13 anos. Naturalidade:

a04: Como assim?

P: Onde você nasceu?

a04: Em Natal.

P: Em natal? Quanto tempo você mora aqui em XXXX?

a04: 12 anos por aí.

P: É. Na sua opinião é importante aprender uma língua estrangeira?

a04: Sim.

P: É? Porque você acha que é importante?

a04: Porque além de a gente já aprender português pode aprender inglês para traduzir.

P: Qual é na sua opinião a língua estrangeira mais importante de se aprender?

a04: O Inglês.

P: É? Quais vantagens que você vê então, em aprender inglês?

a04: /.../

P: Não vem nada na cabeça?

a04: Hum... hum...

P: Quanto tempo você estuda inglês na escola?

a04: Ai, 5 anos. Porque aonde que eu estudava não tinha inglês.

P: Você passou a estudar na 5ª?

a04: É.

P: Tá. Você já estudou em curso de idiomas?

a04: Não.

P: Se você tivesse oportunidade de estudar numa escola de línguas, qual língua você escolheria estudar?

a04: Inglês.

P: Só inglês? Além da escola quais lugares você tem contato com inglês, ou você vê alguma coisa em inglês fora da escola?

a04: É... fora da escola?

P: É uma palavra, um lugar onde você vê escrito ou que você escuta...

a04: Lá na casa da minha tia.

P: Na casa da sua tia? O que você vê em inglês lá?

a04: É porque minha prima ela fala assim... ela conversa com meus tios em inglês.

P: Por que ela conversa em inglês?

a04: Pegou já.

P: Ah meu Deus! Por brincadeira?

a04: É.

P: Ah. É porque você acha que existe o ensino de inglês na escola?

a04: ... não sei.

P: Como tem sido estudar inglês na escola? Do que você gosta e do que você não gosta?

a04: Ah, eu não gosto assim... de ficar tipo assim, faz uma tarefa e vai, e você tem... não é tipo traduzir, tem que falar assim na frente, fazer aquele monte de negócio estranho.

P: Você não gosta... tem alguma coisa que você gosta?  
a04: Assim, ficar fazendo as tarefas em inglês porque é muito divertido, ficar traduzindo  
P: Você acha que estudou. Estudar inglês na escola mudou alguma coisa na sua vida?  
a04: Não. Muito não.  
P: Mas mudou alguma coisa?  
a04: Um pouquinho.  
P: É? O que você acha que mudou?  
a04: Porque eu não sabia falar nada em inglês, eu fui e aprendi.  
P: Você acha que o inglês que você aprende na escola vai ser útil na sua vida?  
a04: Vai.  
P: Pra que você acha que ele pode servir?  
a04: Porque vai assim... se eu for pra algum lugar que fala inglês eu já sei falar.  
P: Você vê alguma desvantagem em estudar inglês na escola?  
a04: Não.  
P: Não? Você acha que não atrapalha?  
a04: /.../  
P: É. O que você acha da cultura estrangeira?  
a04: Ah, não sei.  
P: E das pessoas estrangeiras que vivem noutro país? Como você acha que deve ser a vida dessas pessoas? Você imagina como que é a vida dessas pessoas?  
a04: É, vai que ele vem assim pra cá e eles não sabem falar nossa fala, e a gente não entende a fala deles.  
P: É... você se lembra de alguma propaganda de escola de idiomas? Escola de inglês? Você já viu alguma propaganda de escola, de cursinho?  
a04: /.../  
P: Já viu? Você vê sempre ou você custa ver?  
a04: Vê sempre.  
P: Você tem amigos que estudam em cursos de inglês?  
a04: Tenho.  
P: Na sua sala por exemplo, tem alguém que estuda?  
a04: Tem.  
P: Tem? E você acha que esses alunos que estudam inglês lá na escola, eles têm mais facilidade do que aqueles que não estudam?  
a04: Acho que tem, porque lá eles já estão aprendendo e nós aqui não (incomp).  
P: Na sua opinião, que papel o inglês representa no mundo?  
a04: Não sei.  
P: No Brasil. Você acha que o inglês ... (incomp)  
a04: Assim porque também, assim, gente tem um tio que sabe falar inglês e ninguém sabe inglês pra conversar com ele, ninguém sabe traduzir, pelo menos ninguém na família.  
P: Se você soubesse inglês direitinho, aqui em XXXX... você acha que você iria utilizar?  
a04: Não.  
P: Não ia servir pra nada aqui na cidade?  
P: Certo, obrigada.

#### **Entrevista: Aluno a05**

P: É nome completo:  
a05: XXXXX  
P: XXXXX ?  
a05: Não. XXXXX  
P: Tá. É... idade:  
a05: 13.  
P: Naturalidade. Onde você nasceu?  
a05: XXXX.  
P: Tá. Na sua opinião, é importante aprender uma língua estrangeira?  
a05: Sim.  
P: É? E qual é na sua opinião a língua estrangeira mais importante de se aprender?  
a05: Inglês.  
P: Inglês? Porque você acha que é o inglês?  
a05: Ah, porque às vezes você pode assim... não tem serviço muito aqui no Brasil, assim hoje em dia né? Você pode sair daqui vai fazer curso no exterior. Lá o que mais você precisa é saber falar inglês.

P: Ah, então assim, quais as vantagens de aprender inglês no Brasil pra você.  
a05: Ah, serviço só. Eu acho.  
P: Há quanto tempo você estuda inglês na escola?  
a05: Desde o pré.  
P: É... você já estudou em curso de inglês?  
a05: Não.  
P: Não? Se você tivesse oportunidade de estudar em uma escola dessas que dá cursos de línguas, qual língua você gostaria de estudar?  
a05: Inglês.  
P: Inglês? E além da escola em quais lugares você tem contato com o inglês?  
a05: Em casa.  
P: Onde você vê?  
a05: Em livros.  
P: Só em livros?  
a05: Televisão também.  
P: Certo. Porque você acha que existe o ensino de inglês na escola?  
a05: Ah, pra ensinar o aluno a viver mais com, fora (incomp) porque hoje em dia agente precisa, eu acho que precisa do inglês né?  
P: É... é... como tem sido estudar inglês na escola? Do que você gosta e o que você não gosta? O que você gosta de fazer nas aulas? O que você não gosta?  
a05: Eu gosto de traduzir texto.  
P: Você gosta? E tem alguma coisa que você não gosta?  
a05: Não.  
P: É... você acha que estudar inglês na escola mudou alguma coisa na sua vida?  
a05: Um pouco.  
P: Por que? O que você acha que mudou?  
a05: Ah, mudou que agora eu preocupo assim, tem vez que eu preocupo mais com a aula de inglês do que com as outras aulas. Quando não tinha inglês eu preocupava muito com as outras aulas, agora (incomp) me preocupo com o inglês.  
P: Hum, hum. Você falou que vê inglês desde o prezinho. Você estudou em escola que já tinha inglês?  
a05: Já.  
P: Ah tá. É... você vê alguma desvantagem, há desvantagem, por exemplo, você acha que o inglês atrapalha alguma coisa? Atrapalha a língua portuguesa?  
a05: Não.  
P: Não? E o que você acha da cultura estrangeira? Dos outros países, das pessoas dos outros países?  
a05: Como assim?  
P: Aqui no Brasil você tem a cultura brasileira. Carnaval... a língua... e a gente vê muito do estrangeiro... tem muita música que é cultura estrangeira. O que você acha da cultura estrangeira?  
a05: Ah... legal, mas, mas assim... na mesma hora que é legal já é chato né? Porque lá tem muita coisa ruim que acontece lá.  
P: É... o que você acha dos estrangeiros que você vê na televisão nos filmes... O que você pensa sobre isso?  
a05: Nada.  
P: E como você acha que é a vida das pessoas que moram noutros países?  
a05: Ah não sei, assim... diferente da nossa né? Deve ser, eu acho.  
P: Você acha assim... que é melhor ou pior?  
a05: Melhor.  
P: Melhor? É... você lembra de alguma propaganda de escola ou de curso de inglês? Você já viu alguma propaganda?  
a05: Já.  
P: É... você tem amigos que estudam em curso de inglês?  
a05: Tenho.  
P: E você acha que esses amigos seus que estudam em curso de inglês tem mais facilidade de aprender inglês na escola?  
a05: Tem.  
P: É... na sua opinião, o inglês representa um papel importante no mundo?  
a05: Representa.  
P: E no Brasil?  
a05: No Brasil nem tanto, mas também.  
P: E aqui em XXXX? Você acha que saber inglês é importante?  
a05: Acho que na nossa cidade... eu acho que não.

P: Porque você acha que não?

a05: Por que não. Porque hoje em dia o povo não tá ligando com nada, nem tanto faz (incomp)... ninguém valoriza nada aqui.

P: Então o inglês, no caso, para XXXX, não serviria muito?

a05: Hum, hum.

P: Certo XXXXX. Obrigada.

### **Entrevista: Aluno a06**

P: É... qual o seu nome completo?

a06: XXXXX

P: Seu nome e sua idade:

a06: 14 anos.

P: Naturalidade. Onde você nasceu?

a06: Aqui em XXXX mesmo.

P: Em XXXX?

P: Na sua opinião, é importante aprender uma língua estrangeira?

a06: É.

P: Você acha que é importante?

a06: É.

P: E qual é, na sua opinião, a língua estrangeira mais importante de aprender?

a06: Ah, o inglês.

P: Então, qual vantagem você acha em aprender inglês.

a06: É que se um dia você chegar, assim... nos Estados Unidos tem que falar. É, não vai ficar mudo lá para sempre e não vai aprender lá. Você pode aprender algumas coisas mas tem que ir sabendo já um pouco, eu acho.

P: É... e você acha que é importante, por exemplo, estudar para ir para os Estados Unidos, que as pessoas precisam ir, tem necessidade?

a06: Como é que é?

P: Você falou que se um dia precisar ir para os Estados Unidos você acha que as pessoas vão muito para o Estados Unidos e precisam saber inglês? Ou não?

a06: Uai, não sei, aí depende dela. Se ela tiver que ir, por exemplo, para melhorar de vida. Igual essas pessoas que vão lá é... essas pessoas como é que fala? Vão ilegal pra lá...

P: Hã, hã, pra arrumar emprego né?

a06: É.

P: Hã, hã. É... há quanto tempo você estuda inglês na escola?

a06: Ai, desde a... Eu acho que já tem uns cinco anos já.

P: Desde a 5ª?

a06: É.

P: É... você já estudou em curso?

a06: Não.

P: Não? Se você tivesse oportunidade de fazer um curso, é... de línguas. Qual língua você escolheria estudar?

a06: Aí, depende né, eu acho... uai o que o curso pedir lá, por exemplo, o inglês por exemplo (incomp).

P: Assim... por opção própria. Ah, eu vou procurar uma escola dessas que ensinam línguas. Igual, tem muitas aqui em XXXX. Se você fosse por conta própria. Aí que língua você acha que você ia querer estudar?

a06: Ah, inglês né?

P: Inglês? E além da escola... em quais lugares você tem contato com inglês? Você vê alguma coisa... escuta... você ouve alguma coisa em inglês?

a06: Na escola?

P: Não. Fora da escola.

a06: Ah, muito em filme né?

P: Filme?

a06: Filme...

P: Só filme?

a06: Só. Muito em filme que eu vejo assim... mas aqui mesmo é só em filme que tem inglês, que eu já vi né?

P: Ah certo, é que você ouve às vezes em inglês... alguma coisa em inglês fora da escola?

a06: É na novela lá, né? Na novela. Aí tem vez que ela fala umas coisas que a gente sabe o que tá falando né?

P: Ah certo. Porque você acha que tem o ensino de inglês na escola?

a06: (incomp) pelo menos é a metade, saber a metade das coisas que tem lá.

P: É... como tem sido estudar inglês na escola? Do que você gosta e do que você não gosta na aula de inglês?

a06: Ah sei lá. Eu acho que não sei. Eu acho que metade das coisas eu gosto né?

P: Por exemplo, que tipo de atividade a professora fala pra fazer e você gosta? Ou então, que coisa que ela fala pra fazer e você fala: “Ah! isso aqui eu não gosto de fazer”.

a06: Ah, dos verbos né?

P: Você gosta ou não?

a06: Não.

P: Não gosta dos verbos?

a06: Agora traduzir eu gosto.

P: Traduzir texto?

a06: É essas palavras (incomp).

P: É... você acha que estudar inglês na escola mudou alguma coisa na sua vida?

a06: Um pouco.

P: Por exemplo, o que você acha que mudou?

a06: Ai, sei lá... eu acho que mudou (incomp).

P: Desde a 5ª série pra cá. Que você começou estudar inglês, você acha que mudou alguma coisa?

a06: É... um pouco... um pouco. Porque eu aprendi várias, por exemplo, coisa nova né? (incomp)

P: Você acha que o inglês que você aprende na escola, ele vai ser útil na sua vida?

a06: Ai se foi bom faz.

P: É... o que você acha da cultura estrangeira?

a06: É... legal eu acho muito interessante.

P: Quando você vê pessoas estrangeiras na televisão, em jornal, filme, jornal nacional, passa todo dia né? Gente de outros países. É no filme, na novela, o que você acha dessas pessoas?

a06: Ah, normal (incomp).

P: Igual a gente? No Brasil, você acha que eles são iguais?

a06: É.

P: É... e como você acha que é a vida delas?

a06: A mesma que a gente.

P: De quem mora em outro país?

a06: Não, daqui do Brasil que é igual à nossa? (incomp)

P: É. Você mora aqui no Brasil, você sabe como é, mas e uma pessoa que mora noutro país? Igual passa muito no jornal nacional, passa muitas coisas que acontecem em outros países, passa guerra, passa notícias. Às vezes o repórter brasileiro vai lá para os Estados Unidos dando uma notícia... passa na novela, passa no filme. Como você acha que é a vida dessas pessoas lá?

a06: Ai deve ser muito agitada né? Por causa que é muita coisa acontecendo por lá.

P: Mas você acha que é muito diferente da sua vida? Por exemplo um aluno que acho que tem a sua idade, por exemplo, um menino de 14 anos, mais ou menos, que mora lá nos Estados Unidos ou que mora lá na Alemanha... você acha que a vida dele é muito diferente da sua?

a06: É diferente.

P: É?

a06: É.

P: O que você acha que deve ser diferente lá pra eles?

a06: Ai muitas coisas né? Lá é... essas coisas assim... diferentes, que é diferente pra nós, eu não sei falar.

P: É... você já? Você lembra de alguma propaganda de curso de inglês? Você já viu alguma propaganda na rua?

a06: Já.

P: Viu muitas?

a06: Já vi... na televisão já.

P: Ah, viu muito né? É... você tem amigos que estudam em curso de inglês?

a06: Não.

P: Tem nenhum?

a06: Não.

P: É... assim você sabe que tem muita gente que faz cursinho de inglês né? Você que acha que essas pessoas que fazem curso de inglês, elas tem mais facilidade com inglês na escola?

a06: Tem, tem, mais facilidade.

P: É... você acha assim... na sua opinião você acha que o inglês representa um papel importante no mundo?

a06: Ai, sei lá... é deixa eu ver aqui, no mundo?

P: É no mundo todo. Você acha que o inglês é importante?

a06: Deve ser né? Eu acho que é.

P: Você não tem idéia não?

a06: Não tenho idéia.

P: E no Brasil, você acha que ele é importante no Brasil?

a06: É. No Brasil é importante.

P: É aqui em XXXX? Saber inglês, você acha que é importante?

a06: É também.

P: Pra quem mora em XXXX?

a06: É.

P: Pra quê? Por exemplo, você acha que você precisa aprender inglês? Saber falar seria importante aqui em XXXX?

a06: Porque (incomp) Porque na maioria das vezes quando você compra um negócio, vem aquele... como é que é?

P: Manual?

a06: É, manual. Aí vem umas palavras em inglês e pra você saber você tem que saber inglês, o que está escrito aí. Isso ajuda porque você vai mexer na coisa que você não sabe? Você estraga, certo?

P: Ah, então tá bom. Obrigada.

### **Entrevista: Aluno a07**

P: É... qual seu nome completo?

a07: Eu? XXXXX

P: E sua idade?

a07: 14.

P: É naturalidade:

a07: Como assim?

P: Onde você nasceu?

a07: Aqui mesmo em XXXX.

P: Em XXXX?

a07: É.

P: Na sua opinião XXXXX, é importante aprender uma língua estrangeira?

a07: É... você pode ter oportunidade de ir para outro país e se você não saber se comunicar lá, vai ser difícil pra você arrumar emprego.

P: E qual é, na sua opinião, a língua estrangeira mais importante de se aprender?

a07: Inglês. É a mais, uma das mais faladas né?

P: É? E então qual vantagem você acha em aprender inglês?

a07: Nada.

P: Pra que você acha que é... por que você acha importante aprender Inglês?

a07: Pra mim saber me comunicar?

P: Pra saber comunicar?

a07: Lá fora.

P: Lá fora você fala em qual país?

a07: Ah, nos Estados Unidos. Num país que a língua é inglês

a07: (incomp).

P: Como que é?

a07: (incomp).

P: É um país de língua inglesa?

a07: É

P: Certo. Há quanto tempo você estuda inglês na escola?

a07: Desde a 5ª

P: E você já estudou em cursos de idiomas, já fez um curso?

a07: Não.

P: Não? Se você tivesse oportunidade de fazer um curso de línguas, qual língua você escolheria estudar?

a07: Inglês.

P: É? Além da escola, em quais lugares você tem contato com o inglês, você vê alguma coisa em inglês, você escuta?

a07: Nos livros e em jogos que eu jogo.

P: Jogo? Qual jogo?

a07: É chama-se who rule (incomp)? Aí, aí vence todo mundo.

P: De computador?

a07: É.

P: É em inglês?

a07: É, aí vence todo mundo é em inglês.

P: Você vê escrito ou eles falam?

a07: É... eles falam.

P: Escrito também você vê em algum lugar?

a07: É vejo escrito, livros tem alguns textos lá em casa escritos em inglês.

P: De inglês?

a07: Ah, ah. Tem lá em casa (incomp)

P: Tá. É, porque você acha que tem o ensino de língua inglesa na escola?

a07: Pra gente ter noção né, quando a gente (incomp) curso.

P: Fazer curso fora?

a07: É (incomp) escola de inglês.

P: É. Como tem sido estudar inglês na escola? E do que você gosta, do que você não gosta?

a07: Da aula de inglês?

P: Você gosta de tudo ou não gosta de nada?

a07: Não eu, pra mim é uma matéria como as outras né?

P: Mas tem alguma atividade que você gosta mais ou não?

a07: A professora passa tarefa de completar né?

P: hum...hum...

a07: Só aquilo. Não tem nada que eu não gosto não.

P: É você acha que estudar inglês na escola mudou alguma coisa na sua vida?

a07: Não. Por enquanto nada.

P: É. Você acha que o inglês que você aprende na escola vai ser útil na sua vida?

a07: Ah talvez (incomp)

P: E... você acha que estudar uma língua estrangeira na escola, como o inglês que você estuda, atrapalha?

a07: Não. É uma matéria normal

P: E o que você acha da cultura estrangeira?

a07: Como assim?

P: É... as músicas estrangeiras, os filmes, é os costumes que você vê na televisão, de outros países.

a07: incomp.

P: Músicas que você escuta.

a07: Músicas são dez

P: São boas?

a07: Hum...hum... Mas aqui no Brasil, os jovens escutam musicas mais em inglês né?

P: Você escuta mais musica em inglês? Você gosta mais de musica estrangeira ou musica brasileira?

a07: Estrangeira.

P: Qual tipo de musica estrangeira você gosta por exemplo? Qual banda, qual estilo?

a07: Ramones.

P: Ramones? Você gosta de rock então?

a07: Não é punk rock. Ramones é... (incomp)

P: É... o que você acha das pessoas estrangeiras que você vê na televisão, no jornal nacional por exemplo, em filmes, ou na novela.

a07: Normais.

P: Pessoas normais? Como será a vida de uma pessoa que mora noutro país?

a07: Ah, depende do país né?(incomp). Lá nos Estados Unidos eles valorizam mais as pessoas né? Mas agora Nigéria lá, nos países da África depende do país.

P: Ah tá. Você lembra de alguma propaganda de escola de curso de inglês, você já viu propaganda?

a07: Já.

P: Já, muita?

a07: (incomp)

P: você tem amigos que estudam em curso de inglês?

a07: Tenho, tenho um.

P: Você acha que esse amigo que estuda inglês né, na escola, noutra escola ele tem mais facilidade do que quem estuda?

a07: Não. Ele aprende normal eu acho lá né?

P: Eu falo na escola (incomp). É normal?

a07: Eu acho que é. Depende das duvidas eles têm as dúvidas deles.

P: Certo. E na sua opinião o inglês representa um papel importante no mundo?

a07: Representa. É uma língua assim mais falada.

P: E no Brasil? Ele representa um papel importante?

a07: Ah (incomp) Uma entrevista de trabalho eles pedem que a pessoa fale inglês.

P: E em XXXX? Você acha também que o inglês representa um papel importante?

a07: Em XXXX não né? Mas pra você aprender.

P: Certo. Obrigada XXXXXX.

**Entrevista: Aluno a08**

P: Nome:

a08: XXXXX

P: Naturalidade:

a08: XXXX

P: XXXXX na sua opinião é importante saber língua estrangeira hoje em dia além do português?

a08: É importante porque eu sei que se eu for viajar para outro país né precisar... as pessoas vão para os Estados Unidos procurar emprego e chegam lá e não sabe nem falar um "a" em inglês... eu acho que é importante sim.

P: E que língua você acha que tem vontade de aprender?... além do português que você tem aqui na escola qual a outra língua que você acha que é necessário pra isso... pra viajar que você diz pra... buscar emprego fora?

a08: Ah... francês, espanhol...

P: Você acha que seria necessário aprender essas línguas? Qual você acha que seria a mais importante?

a08: A mais importante?

P: A mais importante.

a08: Espanhol.

P: E qual vantagem você acha que há em aprender espanhol?

a08: A vantagem?

P: É?

a08: Ah o dia que eu viajar é uma ótima vantagem né?

P: Aqui na escola você estuda qual língua?

a08: Inglês.

P: Inglês, não estuda espanhol? Você tinha vontade de fazer espanhol?

a08: Tinha.

P: Há quanto tempo você estuda inglês na escola?

a08: (incomp)

P: Você já estudou em uma escola de línguas?

P: Se você tivesse oportunidade de estudar línguas que língua você gostaria de estudar?

a08: Espanhol.

P: Espanhol? É... Além da escola onde você vê alguma coisa escrita em espanhol?

a08: Em todos lugares.

P: Todos os lugares. Propagandas...

a08: Isso.

P: E em outra língua você não viu nada escrito? Em propaganda, em música?

a08: O inglês é uma língua que tá no computador (incomp).

P: E qual que você vê mais, é inglês ou espanhol?

a08: Mais inglês.

P: Mais inglês? (...) É... porque você acha que existe ensino de línguas na escola? Tem escola que tem... aqui é só inglês né? Mas tem escola que tem espanhol também. Porque você acha (incomp)?

a08: É pra incentivar mais né? (incomp)

P: Ela aprende mais a língua? Você acha que incentiva?

a08: Incentiva.

P: E pra você como tem sido estudar só o inglês que você estuda na escola? Você gosta ou... não gosta?

a08: Eu gosto.

P: É... o que você gosta de fazer?

a08: Ah, produzir texto.

P: Texto? E que aula você não gosta?

a08: Não...

P: Você gosta de todas? Você acha que se fosse espanhol você ia gostar também?

a08: Ia.

P: É... você acha que esse inglês que você começou estudar na escola, você acha que mudou alguma coisa na sua vida?

a08: Poucas coisas.

P: Você aprendeu alguma coisa... o que você acha que você aprendeu que você não sabia ou que você disse: ah, isso aqui eu sei, a escola me ensinou?

a08: Ah, os verbos né? Em inglês, as cores, as palavras, muitas coisas também.

P: E você acha que o inglês que você estuda na escola, você acha que vai ser útil pra você em algum momento?

a08: Uai em algumas coisas pode ser né?

P: O que pode ser?

a08: (incomp) se vai cair numa prova, num lugar e tiver aquela palavra em inglês, alguma coisa eu possa saber daquela palavra né?

P: Pra que, por exemplo, pra vestibular, pra trabalho?

a08: Ah, pode ser no vestibular, pode ter um questionário só em inglês, pode cair.

P: Você vê alguma desvantagem em estudar inglês na escola, alguma coisa que você acha: ah, não devia ter na escola porque isso aqui atrapalha?

a08: Eu não acho que tem desvantagem não.

P: Não? Você não acha que atrapalha o português não?

a08: Não.

P: Você, por exemplo, falou que às vezes muita coisa em inglês na internet, tem muita música também tanto em inglês quanto espanhol, você escuta muita música não escuta?

a08: Principalmente em espanhol, lá tem aquela música Rebeldes.

P: Agora tem bastante né, música em espanhol. Você acha que isso desvaloriza a cultura brasileira? Vocês vão deixar de ouvir música brasileira para ouvir música em espanhol por exemplo?

a08: Não, porque quem gosta da música em português tem só aquela né? Quando lançar em inglês não tem nenhuma importância, pra quem gosta né?

P: Pra você, o que você acha de ser brasileira?

a08: Ah, muitas vantagens né? Muita cultura (...)

P: Você gosta da cultura brasileira?

a08: Gosto.

P: O que você gosta do Brasil?

a08: Das danças.

P: É? E que dança você gosta?

a08: Ah, eu dançava street dance.

P: Mas street dance é música estrangeira.

a08: O forró também...

P: Ah o forró. O forró é brasileiro. Agora o street dance já é importado né? E como você imagina que é a vida das pessoas estrangeiras? Por exemplo, meninas da sua idade mas que moram em outro país?

a08: Ah, muito diferente daqui né?

P: Você acha que tem muita diferença?

a08: Igual a gente tava conversando na sala, dos outros países desenvolvidos. No Brasil tem alunos que estudam cinco horas e ainda reclamam né? Já nos Estados Unidos tem pessoas que estudam em colégios internos passam horas estudando, dia e noite e ainda nem reclamam né? E no Brasil poucos alunos estudam cinco horas e ainda ficam reclamando.

P: Na escola você acha que é diferente o estudo. Só na escola que você acha que é diferente?

a08: É os serviços também né.

P: Como assim?

a08: Lá acha serviços diferentes que aqui não tem né?

P: Você se lembra de alguma propaganda de curso de línguas que você viu na televisão, outdoors, na rua, propaganda de escola de línguas?

a08: Na rua?

P: É pode ser na rua, pode ser na televisão, revista (...)

a08: (incomp)

P: Propaganda de curso de que língua você viu?

a08: De inglês.

P: Só de inglês que você viu?

a08: Inglês e espanhol.

P: Outra língua você não viu?

a08: Não.

P: Você tem amigos que estudam em algum curso de línguas?

a08: Tenho.

P: Que línguas que eles fazem, os seus amigos?

a08: Inglês.

P: Só inglês que eles fazem, não estudam outra língua?

a08: (incomp)

P: E você acha que esses colegas seus que estudam inglês na escola (cursos) e no colégio, você acha que eles têm mais facilidade do que (...) uma pessoa que estuda inglês no colégio?

a08: Tem.

P: Tem?

a08: Tem porque aí (...) porque aqui no colégio estuda dois dias só, já nos outros colégios (cursos) tem três, quatro dias.

P: Ele vê mais né?

a08: Vê mais.

P: E você acha que tem muita diferença do ensino de línguas da escola, com o da escola particular, do cursinho?

a08: Acho que assim, tem mais coisa né? Aprende muito mais coisa.

P: Aprende mais coisa? Mais conteúdo?

a08: Agora, diferença que ensina mais (...)

P: Qual você acha que é melhor, o da escola, do colégio, ou lá do cursinho?

a08: Ah (...) do cursinho.

P: Você falou que você estuda inglês na escola. Que papel você acha que o inglês representa no mundo?

a08: Ah, o papel?

P: Que importância você acha que tem pro mundo? Ou não tem importância?

a08: (...) Ah eu acho assim, não sei muita (incomp).

P: Por exemplo, XXXX que é uma cidade de interior, você acha que estudar inglês tem alguma utilidade na sua vida? Vai fazer alguma diferença, uma pessoa que sabe inglês e outra que não sabe? Você acha que vai ter diferença no futuro dela?

a08: Tem, por que olha aqui, se eu estudar inglês e saber muitas palavras se eu for um dia trabalhar em computador eu posso ter algumas vantagens eu posso saber algumas palavras e ter (...) de entrar na internet saber palavras em inglês, agora a pessoa que não sabe nem um pouquinho, vai entrar (...) que é to be? não sabe o que é... entrar naquele lugar, não sabe aquela palavra, pode ter vantagem.

P: E o espanhol? Também você falou que gostaria de estudar, você disse... se você conseguisse estudar espanhol, você acha que faria diferença também na sua vida? No seu futuro vai ser bom?

a08: Eu acho.

P: Seria mais pra viajar? Você acha que tanto o inglês quanto espanhol, todos dois servem pra viajar e pra trabalhar?

a08: Ah, pro trabalho e pra viagem.

P: Não tem diferença de um pro outro?

a08: Não

P: Você acha que os dois têm a mesma utilidade?

a08: A mesma utilidade, só muda o modo de falar.

P: Então tá bom XXXXX, obrigada!

### **Entrevista: Aluno a09**

P: Qual é o seu nome?

a09: XXXXX

P: Qual a sua idade?

a09: 13.

P: De onde você é?

a09: É, de XXXX mesmo.

P: De XXXX mesmo?

a09: É.

P: XXXXX na sua opinião, é importante aprender uma língua estrangeira?

a09: É.

P: Por que você acha importante aprender uma língua estrangeira?

a09: Por que quando a gente chegar na faculdade a gente já tá sabendo mais.

P: Você acha que isso é importante?

a09: É.

P: Só pra faculdade?

a09: Oi?

P: Só pra faculdade?

a09: Não, se a gente for viajar.

P: Pra que mais?

a09: (incomp) no computador.

P: Ah pra falar no computador (incomp)?

a09: É.

P: E aqui em XXXX, você que teria assim /.../

a09: Deixa eu ver /.../ tem uma parente minha que fala inglês.

P: Ela sabe falar? E na sua opinião, qual língua é mais importante saber?

a09: Espanhol, inglês.

P: Só espanhol e inglês?

a09: Não tem muitas né, mas assim, o essencial acho que é só essa né?

P: Essencial... você acha que os dois são?

- P: E qual a vantagem você acha que traz o aprendizado dessas duas línguas pra você?  
a09: Não entendi.
- P: Pra que você acha que vai te ajudar, saber inglês?  
a09: Acho que na escola.
- P: Só na escola?  
a09: Não, em muitos lugares (incomp)... porque se a gente for lá pros EUA, a gente tem que saber /.../
- P: Há quanto tempo você estuda inglês na escola?  
a09: Desde o pré.
- P: Espanhol você já estudou na escola?  
a09: Não.
- P: Nunca estudou?  
a09: Não.
- P: E você já estudou numa escola de idiomas? Numa escola de línguas?  
a09: Não.
- P: Não estudou?  
a09: Não, eu tô fazendo computação, aí quando eu terminar, aí eu vou fazer um curso de inglês.
- P: É? De inglês que você vai fazer?  
a09: É, porque se não os dois fica muito acumulado.
- P: Você acha que é difícil aprender inglês e outra língua ao mesmo tempo?  
a09: Acho... assim, no curso, não sei, mas as pessoas assim (...) tem uns colegas meus que fazem, aí acham muito (...) não sei. (risos)
- P: Você acha que confunde?  
a09: É
- P: É?  
a09: É.
- P: Você acha que estudar uma língua de cada vez dá mais certo?  
a09: É.
- P: Você já falou né? Que vai estudar inglês na hora que você terminar (incomp) desculpe, informática. Além da escola tem outro lugar que você vê alguma coisa de inglês?  
a09: Tem.
- P: Onde?  
a09: Naquele trenção grande (...)
- P: Outdoors? Na rua?  
a09: É.
- P: Onde mais?  
a09: Revistas...
- P: Escuta em algum lugar o inglês?  
a09: Eu tenho até CDs... assim...
- P: CDs em inglês, música?  
a09: É.
- P: Espanhol você vê algum lugar?  
a09: Em espanhol?
- P: É.  
a09: Sim.
- P: Onde?  
a09: É... nas músicas... Rebeldes (incomp)
- P: E (incomp) de estudar inglês na escola? Você gosta, não gosta?  
a09: Eu gosto.
- P: Do quê que você gosta?  
a09: Eu gosto daquelas traduções, gosto de fazer aquelas questões de pessoas conversando...
- P: Listening?  
a09: É.
- P: Na sala você só faz tarefa de escrever ou tem tarefa também de escutar na fita?  
a09: Tem.
- P: Na fita, nos CDs?  
a09: Não, na fita não.
- P: E no CD que a professora leva?  
a09: Não, até hoje ela não levou pra gente. A gente faz assim... é... tem um texto lá... até agorinha a gente tava fazendo. A gente terminou. Aí ela vai e lê e a gente fica falando junto com ela.
- P: Ah! Entendi vocês escutam e falam né?

a09: É.

P: Ah! Isso é bom de fazer, né?

a09: É.

P: Você acha que o inglês que você estuda vai ser útil pra você na sua vida?

a09: Vai.

P: É? No que você acha que vai servir?

a09: Para quando eu for trabalhar, precisar... assim...

P: Você acha que vai precisar no trabalho, mesmo aqui em XXXX?

a09: Talvez né?

P: Você acha que aqui em XXXX vai ter algum trabalho que você vai... pra conseguir, você vai precisar de inglês?

a09: Acho que sim.

P: É, que tipo de trabalho por exemplo você acha que precisa de inglês?

a09: Não sei não. Não tô muito informada pra essas coisas sobre trabalho não.

P: Você vai deixar mais pra frente, né?

a09: É. (risos)

P: Você acha que estudar inglês mudou alguma coisa na sua vida? Você aprendeu alguma coisa, você tem aprendido?

a09: É...

P: O que você aprendeu, por exemplo?

a09: Às vezes eu falo em inglês com a minha mãe...

P: Ah, a sua mãe sabe inglês?

a09: Não, mas aí quando ela não sabe aí eu explico pra ela.

P: Ah! Então você treina em casa?

a09: É eu gosto de inglês (...) espanhol também.

P: Você gosta línguas então, né?

a09: Gosto!

P: Você vê alguma desvantagem em estudar inglês na escola?

a09: Na escola?

P: É, você estuda inglês na escola, você acha que atrapalha alguma coisa?

a09: Não, não atrapalha em nada não, eu acho que só ajuda.

P: Ajuda? Ajuda no que por exemplo?

a09: Ajuda na /.../ quando a gente for falar com as pessoas, deixa eu ver... em que mais /.../

P: Só?

a09: É.

P: E você acha que o inglês que você (incomp) espanhol também do Rebeldes e tal, você acha que isso desvaloriza a cultura brasileira? Por exemplo, a pessoas vão deixar de ouvir música brasileira para ouvir música e espanhol por exemplo, ou em inglês?

a09: Não porque também tem muita gente que não gosta né?

P: Dessas músicas?

a09: É. Ate lá na minha sala mesmo tem gente que não gosta.

P: Tem gente que não gosta?

a09: É.

P: E? E o que você acha da cultura estrangeira das pessoas que moram fora do Brasil?

a09: Acho legal.

P: Você acha legal. O que você gosta (incomp)?

a09: É /.../ não sei bem eu não tô lembrando agora, mas /.../

P: As músicas, por exemplo, você gosta?

a09: Não.

P: O que você acha de ser brasileira?

a09: Acho muito bom, é uma honra pra gente.

P: É? Nossa que legal, o que você gosta do Brasil?

a09: Eu gosto da comida é /.../, dos lugares, que eu tive em vários lugares.

P: É? Qual cidade você conhece além daqui, você já viajou pra outra cidade?

a09: Já.

P: Onde você foi?

a09: Eu fui pra XXXX, pra XXXX, XXXX, é uma vez eu até ia para o XXXX, mas não deu.

P: Que lugares você gostaria de conhecer no Brasil?

a09: Do Brasil?

P: É?

a09: São Paulo.

P: São Paulo?

a09: É.

P: Você acha que é bom lá?

a09: Eu acho que sim.

P: Como você imagina que é a vida das pessoas no estrangeiro? Da mesma idade que você, mas que mora em outro país?

a09: Ah, depende né? Se for no frio igual no Rio Grande Sul...

P: Fora do Brasil, noutro país?

a09: Ah, sei! Acho que os costumes não são os mesmos né? Mas acho que são boas também.

P: Boa também?

a09: É.

P: Só um pouco diferente né?

a09: É.

P: Você tem amigos que estudam em um curso de línguas?

a09: Tenho.

P: É? Qual língua eles estudam?

a09: Inglês.

P: Só inglês?

a09: Inglês, ele já tá terminando o inglês, aí ele vai fazer espanhol.

P: Ah, tá! E você acha esse amigo seu que estuda inglês na escola (curso de línguas) tem mais facilidade do que uma pessoa que estuda inglês só no colégio?

a09: Acho que tem.

P: É? Porque você acha que tem mais facilidade?

a09: Porque lá eles estão aprendendo mais coisas né?

P: Você acha que o ensino lá da escola de línguas é melhor do que do colégio?

a09: Às vezes, porque ensina mais coisas no curso do que na escola.

P: Ensina mais né? E na sua opinião, qual papel o inglês desempenha no mundo, assim, ele é importante ou não é?

a09: Acho que é.

P: Pra quê ele seria importante pro mundo?

a09: /.../ não sei não!

P: Sabe não? E pra XXXX?

a09: XXXX?

P: Você saber inglês em XXXX serviria pra /.../

a09: (incomp) igual lá no hotel, vai muita gente lá que fala em inglês, é... é... serve né? O meu amigo que eu falei, ele trabalha lá.

P: E lá vai muito estrangeiro?

a09: Ele fala que vai.

P: No Brasil também você acha que é importante saber inglês?

a09: É.

P: Pra que você acha importante?

a09: Então, o que eu te falei é... pra trabalhar, igual ele (o amigo) está lá no hotel, vai muita gente.

P: Dependendo do trabalho a pessoa vai precisar de inglês né?

a09: É.

P: Que tipo de trabalho será que a pessoa vai precisar de inglês?

a09: /.../ pra professora.

P: Pra dar aula né? Só pra ser professora?

a09: Não, pra ensinar as pessoas assim que não sei, nem assim, não estuda na escola, estuda em casa... só?

P: Obrigada!

a09: De nada.

### **Entrevista: Aluno a10**

P: Como que é seu nome?

a10: XXXXX

P: Qual é a sua idade?

a10: Treze.

P: E... naturalidade... você nasceu onde?

a10: Em XXXX.

P: XXXX é São Paulo?

a10: É.

P: É. Quanto tempo você mora aqui em XXXX?

a10: Vai fazer um ano.

P: Ah... então você é novo aqui? Lá você estudava... além do português, qual língua você estudava lá?

a10: Inglês.

P: Só inglês na sala de aula?

a10: Só.

P: Você estudou inglês desde que série?

a10: Só da 5ª à 7ª.

P: Da quinta à sétima.

a10: Uns dois meses só (incomp)

P: Aí você veio pra cá né... e continuou estudando. Você viu diferença ou é a mesma coisa?

a10: Ah... tem um pouco de diferença...

P: De lá pra aqui? Qual é mais puxado?

a10: Ah... lá era um pouquinho mais puxado do que aqui... mas pouquinho coisa.

P: Você estudava em escola estadual lá ou...

a10: Estadual.

P: É... na sua opinião é importante aprender uma língua estrangeira?

a10: É.

P: Porque que você acha que é importante?

a10: Ah... por causa que se vai fazer um curso aí preciso saber ler inglês ou espanhol aí você tem que saber, se não faz...

P: É... o curso?

a10: É o curso... qualquer coisa assim... trabalhar num serviço... tem que aprender... falar.

P: Qual é na sua opinião, a língua estrangeira mais importante de aprender?

a10: Inglês.

P: Inglês. Porque você acha que é o inglês?

a10: Ah... porque o inglês você aprende muito e também se for viajar pra um lugar o inglês é mais falado do que outras línguas.

P: Você acha que ele é mais falado aí fora? E se fosse pra você aprender uma outra língua, além do inglês que você falou que é mais importante, qual outra seria também importante?

a10: Espanhol.

P: Espanhol? Porque espanhol?

a10: Ah porque é parecido com português... aprende um pouco mais rápido.

P: Você teria mais facilidade?

a10: Teria.

P: Quais vantagens... quero dizer... pra você seria o inglês mais importante aprender... que vantagem você acha em aprender inglês?

a10: Muita.

P: É? Por exemplo... quais vantagens?

a10: Ah... se eu viajar pra um lugar assim... por exemplo no estrangeiro, se eu não sei falar inglês eu não trabalho, aí eu não sei falar espanhol, aí eu não falo com ninguém... muito...

P: Então pra viagem... tem mais alguma coisa?

a10: Trabalho né?

P: Mas aqui no Brasil?

a10: Mas aqui no Brasil também.

P: Você acha que seria exigido também?

a10: Seria.

P: Você já estudou em algum curso particular?

a10: Não.

P: Você nunca estudou?

a10: Nenhuma vez.

P: É. Se você tivesse oportunidade de estudar você escolheria qual língua?

a10: Inglês.

P: Além da escola onde mais você tem contato com a língua inglês ou espanhol?

a10: Em nenhum lugar.

P: Não... mas... por exemplo eu falo contato assim... na música... na propaganda... às vezes você escuta... você vê escrito...

a10: Na televisão... no computador assim eu vejo muito inglês.

P: Só inglês?

a10: E o que mais tem é o inglês... assim em espanhol também...

P: Na internet também?

a10: Em outros lugares também fala.

P: Em outros lugares... assim... como além da internet?

a10: Ah... Na televisão fala... propaganda... em inglês e espanhol...

P: Na televisão?

a10: Na televisão.

P: Propaganda de curso de inglês e espanhol você já viu muita?

a10: Já

P: Na cidade também?

a10: Na cidade.

P: Por que você acha que existe o ensino de inglês aqui na escola?

a10: Ah... pra incentivar as pessoas assim (incomp), uma faculdade aí é preciso inglês, precisa aprender aí você... (incomp) você vai pro Estados Unidos ou algum outro lugar que fala inglês... espanhol... outras línguas, tem que aprender, senão você não sabe falar, aí você não entrevista ninguém.

P: Então você acha que o inglês que você estuda na escola vai ser útil pra você?

a10: Ah... vai.

P: Pra você saber falar? Certo. E como tem sido estudar inglês na escola? Do quê você gosta... do quê você não gosta?

a10: Eu não gosto muito de inglês... mas tem que aprender né? Senão...

P: Você acha que é necessário saber?

a10: É necessário aprender.

P: É... você acha que estudar inglês... mudou alguma coisa pra você?

a10: Mudou.

P: É... O que você acha que mudou?

a10: Ah... mudou a linguagem, as palavras... é... o modo ler... o modo de falar... muita coisa mudou.

P: Você fala o modo de falar, assim... porque é diferente do... português.

a10: É.

P: Certo. É... e você vê alguma desvantagem na escola... alguma coisa que atrapalha... saber português por exemplo?

a10: Não.

P: E a cultura brasileira? Porque as pessoas escutam muita música internacional... vê muito na televisão... você acha que isso atrapalha a nossa cultura?

a10: Não. Acho que ajuda.

P: Você... ajuda como?

a10: Incentivar as pessoas.

P: Incentivar a que?

a10: Ah... ir num curso... aprender...

P: Ah... você acha que desperta a curiosidade das pessoas pra estudar a língua inglesa?

a10: É.

P: O que você acha de ser brasileiro?

a10: Bom.

P: Você acha bom? E as pessoas estrangeiras? O que você acha delas? Como você imagina que é a vida de um menino da sua idade... só que em outro país?

a10: Ah... deve ser diferente da nossa aqui.

P: Diferente como?

a10: Ah... o modo de falar... de... ouvir as coisas portuguesas como nós ouvimos, as coisas inglesas.

P: Você tem amigos que estudam inglês?

a10: Não.

P: Nem de espanhol nem de inglês?

a10: Eu tenho uns lá em XXXX... e XXXX eu mudei pra XXXX, aí eu tinha uns... aí eles me chamavam pra ir mas eu não... não interessava...

P: Seus pais também incentivam você estudar?

a10: Meu pai até me incentiva a fazer mas é faculdade... mas se eu pedir pra ele, ele deixa sim.

P: Você estudar em curso? Você tem vontade de fazer um curso?

a10: Eu tenho, só que agora eu tô morando na fazenda, não tem como eu ir.

P: Fica difícil né?

a10: Fica difícil de ir.

P: Você acha que as pessoas que estudam inglês no cursinho, têm mais facilidade pra fazer as tarefas das escolas?

a10: Tem.

P: Tem? E na sua opinião que papel o inglês desempenha no mundo?

a10: Como assim?

P: Você acha que ele é necessário, ele é útil?

a10: (incomp)

P: E no Brasil?

a10: No Brasil eu acho que é um pouco necessário sim.

P: Em XXXX que é uma cidade pequena?

a10: É... é necessário pra gente que quer crescer na vida um dia né?

P: Você acha que é importante?

a10: É importante.

P: Então tá bom... Obrigada!

### **Entrevista: Aluno a11**

P: Qual é o seu nome?

a11: XXXXX

P: Sua idade.

a11: Treze anos.

P: De onde você é? Você é daqui de XXXX?

a11: XXXX.

P: Na sua opinião, XXXXX, é importante aprender uma língua estrangeira... outra língua além do português?

a11: Sim.

P: É... Porque que você acha que é importante?

a11: Porque assim (incomp) língua do México... a gente tem que saber a língua de lá... Estados Unidos... inglês... não é?

P: É.

a11: Então... assim... acho que é muito importante pra gente ficar sabendo das línguas... além da língua portuguesa né? Eu acho muito importante.

P: E... se fosse pra você escolher uma língua que fosse importante aprender atualmente... qual língua você acha que é importante a pessoa saber?

a11: Espanhol.

P: Espanhol?

a11: É.

P: Você que o espanhol é necessário?

a11: Eu acho.

P: Quais vantagens você acha que tem o aprendizado dessa língua pra você?

a11: Qual a vantagem?

P: É... de aprender espanhol?

a11: Ah... por exemplo... tem uma revista... por exemplo aquelas (incomp) estão lá né? Então a gente... eu pra mim a vantagem... eu queria aprender o espanhol e além de aprender... saber ler ele. Isso que eu acho importante.

P: É... Qual língua estrangeira você estuda na escola?

a11: Inglês.

P: Espanhol você não estuda?

a11: Não.

P: Não? É... há quanto tempo você faz inglês na escola?

a11: Desde a quinta.

P: Espanhol você nunca estudou?

a11: Não.

P: Você já estudou em escola particular de línguas?

a11: Não.

P: Não? Se você pra estudar uma língua... escolher... qual língua você queria estudar?

a11: Espanhol.

P: Espanhol? É... além da escola... assim... quais outros lugares você tem contato com a língua estrangeira? Que você vê escrito...

a11: (incomp)

P: Onde você vê?

a11: Revistas... música... rádio...

P: Qual língua... por exemplo... música de qual língua?

a11: Espanhol.

P: O que mais você vê, é coisa em espanhol?

a11: Coisa em espanhol.

P: Tem escolas que estudam inglês... outras escolas dão aula de espanhol né? Aqui na cidade por exemplo, a gente tem escola que dá aula de inglês e de espanhol e no Ensino Médio tem espanhol... Então porque você acha que na escola tem o ensino de inglês e o ensino de espanhol?

a11: Acho assim... que escola... e só pra gente assim... aprender né... a gente não saber... aprender... eu acho assim que... (incomp) tá muito avançado né? Porque... tem que... tem que passar um estudo bem melhor pra pessoa que está estudando... acho muito importante eu tenho vontade de aprender espanhol... inglês... espanhol.

P: Ah... o inglês também tem vontade?

P: Então você acha que é importante pra você adquirir conhecimento?

a11: Isso.

P: Que tenha essas duas línguas na escola?

a11: É.

P: E como que... como você só estuda inglês, só tem contato com inglês... como que é o estudo de inglês na escola? Você acha que é bom... tem coisa que você gosta... coisa que você não gosta?

a11: Ah... tem coisa que eu gosto... também tem coisa que eu não gosto.

P: É? O que você gosta?

a11: Gosto assim... tem as que eu não gosto porque eu não sei traduzir né pra português... alguma coisa assim que a professora (incomp) ela passa no quadro e ela manda a gente responder... aí se a gente não sabe ela ensina. Acho que isso é legal!

P: É... você acha legal? Aí você aprende...

a11: Aprendo.

P: Aí você acerta?

a11: É.

P: Ah... você acha que... você estuda inglês desde qual série?

a11: Quinta.

P: Você acha que estudar inglês na escola mudou alguma coisa na sua vida?

a11: Não... pra mim não.

P: Dá pra você adquirir algum conhecimento? Você acha que você aprendeu alguma coisa?

a11: Um pouco.

P: É? O que por exemplo, você aprendeu? E o que você não sabia antes e que agora você sabe?

a11: Eu sei... falar bom dia em Inglês... boa noite... boa tarde... name... ah... mais algumas coisas... mas que eu lembro mesmo são essas.

P: Você falou que lê muita revista em espanhol... espanhol você sabe alguma coisa?

a11: Não.

P: E das músicas que você estuda. É de Rebeldes que você estuda?

a11: É.

P: Você sabe assim... você entende o que eles cantam?

a11: Um pouco.

P: Então assim... um pouquinho você sabe... já aprendeu né?

a11: É.

P: No espanhol assim... então mudou alguma coisa porque você também adquiriu conhecimento em espanhol né? /.../ na televisão... não sei na sua casa pega... é... na TVE...

a11: Não... não pega não.

P: Pega não? mas tem aula... tem de inglês... de espanhol... eu já vi na televisão... não sei que dia mas eu sei que tem. E... você acha que esse... essa língua que você estuda na escola... você tá estudando inglês agora... mais pra frente você vai estudar espanhol, porque agora o espanhol tem que ser ensinado no Ensino Médio... você já está na oitava não é isso? Então no ano que vem você vai pro Ensino Médio, então você vai ter aula de espanhol me parece que é uma vez por semana /.../ mas vamos, em relação ao inglês que você estuda desde a quinta série... você acha que... ele vai ser útil na sua vida?

a11: Claro!

P: Esse inglês que você estuda? O espanhol também que você vai estudar no ano que vem você acha que vai ser útil pra você?

a11: Sim!

P: É? Pra que você acha que vai servir por exemplo?

a11: Ah... viajar... assim... não só viajar por exemplo a gente... tá passeando... um turista que não sabe falar português... mas sabe falar só inglês... ele... a gente pode também transmitir as coisas pra eles né?

P: Ah...

a11: Espanhol também... eu acho que... eu penso isso.

P: Então é pra isso que é importante aprender?

a11: Isso.

P: Você acha que estudar inglês na escola tem alguma desvantagem? Você acha, por exemplo, que atrapalha você saber outra língua? Atrapalha você aprender português?

a11: Não!

P: Você não vê nenhuma desvantagem?

a11: Não.

P: E pra cultura brasileira, você acha que essas coisas estrangeiras todas que tem no Brasil... música em espanhol, filme espanhol... também tem em inglês... que a gente vê muito... você acha que isso desvaloriza a cultura brasileira?

a11: Não. Acho que isso enriquece.

P: Enriquece... porque a pessoa vai conhecer coisas diferentes?

a11: É.

P: E o que você acha de ser brasileira?

a11: Ah... eu acho legal!

P: Você acha legal?

a11: É.

P: O que é esse legal pra você?

a11: /.../ Tem cidade que eles não sabem português... a gente falava português pra eles e eles falavam a língua deles pra gente... eu acho que é isso a vantagem de ser brasileira.

P: O quê que você acha das pessoas estrangeiras? Por exemplo uma menina da sua idade que mora... você citou o México... por exemplo que mora lá no México? Como você acha que é a vida dela? Muito diferente?

a11: É... muito diferente né... do tipo da nossa por que lá as aulas deles são todas de espanhol né... de português... inglês... eles só falam em espanhol é muito diferente daqui.

P: É... você lembra de alguma propaganda de escola... de curso de espanhol... de inglês... de italiano... de curso de línguas? Você já viu propaganda?

a11: Já.

P: É... de que língua que você já viu propaganda?

a11: De inglês e espanhol.

P: Só de inglês e espanhol... de outra língua não?

a11: Não.

P: Você tem amigos que estudam em um curso de línguas?

a11: Não.

P: Ninguém que faz espanhol... faz italiano?

a11: Não.

P: Você acha que as pessoas que estudam nos cursinhos de línguas, que estudam inglês... espanhol... num cursinho de línguas, ela tem mais facilidade pra aprender na escola? Igual... você estuda inglês aqui na escola... aí um colega seu estuda inglês aqui na escola e no cursinho, você acha que ele tem mais facilidade que você?

a11: Acho que sim.

P: É? Porquê?

a11: Porque lá... eles só ensinam inglês e espanhol... então eu acho que tem mais facilidade de aprender lá do que na escola... porque na escola o professor fica gritando com os alunos né? Porque tem muita gente na sala gritando.

P: Você acha que o ensino do cursinho é melhor do que o da escola?

a11: Eu acho.

P: É? Porque você acha que lá é melhor?

a11: Por que eu acho?

P: É. Que diferença que tem o ensino do curso de idiomas e o da escola?

a11: A diferença?

P: Isso

a11: Acho que... a diferença lá... daqui... é porque lá eu acho que você aprende mais... mais um pouquinho... estudar quase todas as línguas... de inglês e espanhol... é bom demais.

P: Na sua opinião que papel essas duas línguas estrangeiras que você citou... inglês e espanhol... o inglês por exemplo... que papel você acha que o inglês representa no mundo... em XXXX... no Brasil?

a11: O inglês?

P: É?

a11: Ah... aqui em XXXX eu acho que... não muito né? Mas tem gente que gosta de inglês... mas em outros lugares são muito importantes...

P: Importante pra que, será?

a11: Ah... pra gente falar... escrever em inglês...

P: E o espanhol?

a11: Em XXXX... acho que não... eu penso né... pelo menos eu penso que tem muita gente que... que gosta de espanhol /.../ eu conheço uma pessoa só que estudou espanhol... minha tia... há muito tempo atrás que ela fez um curso de espanhol.

P: Mas você acha que ele é necessário pra trabalho?

a11: Isto. Pra trabalho também.

P: Em XXXX seria necessário pra trabalho? Pra... pra viajar?

a11: Isto

P: No mundo também você acha que é importante?

a11: É.

P: Então tá certo XXXXX... Obrigada!

### **Entrevista: Aluno a12**

P: Como é seu nome?

a12: XXXXX

P: XXXXX de quê?

a12: XXXXX

P: Qual é a sua idade?

a12: Quatorze anos.

P: Você é natural daqui de XXXX?

a12: Não.

P: De onde você é?

a12: De XXXX.

P: E mora aqui há quanto tempo?

a12: Dois anos.

P: Na sua opinião XXXXX, é importante aprender uma língua estrangeira?

a12: É...

P: É... porque que você acha que é importante?

a12: Porque a gente... pode precisar usar ela né?

P: Utilizar pra quê?

a12: Ah... pra algum trabalho, aqui pode precisar...

P: E pra você, que língua que seria importante você aprender pra usar pro trabalho... pro futuro?

a12: Inglês.

P: Porque que você acha que teria que ser o inglês?

a12: Por causa que ele é o... eu acho que ele é que mais se utiliza hoje em dia pro mercado de trabalho.

P: No mercado de trabalho você acha que ele é mais exigido?

a12: É...

P: Se fosse outra língua assim... sem ser o inglês que língua que poderia ser... que você pensaria?

a12: Uai... só português...

P: Só português, aqui no Brasil né? Só português e inglês né?

a12: É.

P: Certo... é... então que vantagem você vê em aprender inglês...no caso, é trabalho mesmo?

a12: É... só no trabalho.

P: Só no trabalho... quanto tempo você estuda inglês na escola?

a12: Três anos.

P: Três anos... você está na oitava... na quinta e na sexta... agora a oitava?

a12: É... não... na sexta... sétima e oitava.

P: Ah! Na quinta você não estudou inglês?

a12: Não...

P: Você morava lá em XXXX?

a12: É.

P: Lá não tem inglês na quinta série?

a12: Ah... não! Tem... foi daí pra quarta.

P: Ah... tá... você já estudou em... curso particular?

a12: Não.

P: Nem outra língua? Nem inglês... nunca estudou?

a12: Não.

P: É... se você tivesse a oportunidade de estudar numa escola particular só de línguas que língua você escolheria estudar?

a12: Inglês.

P: Inglês também /.../ É... além da escola... em quais lugares assim... você tem contato com inglês, você vê alguma coisa em inglês, seja escrito ou falado?

a12: Ah... nos filmes... televisão... música.

P: Propaganda também, né?

a12: É.

P: Certo. Porque que você acha que tem o ensino de inglês na escola?

a12: Por causa que... mais pra frente... assim igual eu falei... vai precisar.

P: Aí já coloca... porque a pessoa vai precisar?

a12: É.

P: Como você (incomp) estudar inglês na escola? Você gosta...

a12: Gosto... mas é difícil. (risos)

P: Você acha difícil? Você tem dificuldade com o que, mais?

a12: Ah... com... é exercício de traduzir as palavras... mas só que aí a professora explica bem e dá pra entender.

P: É... E você que começou estudar inglês, igual você começou estudar na quarta série e até então você não tinha estudado... você acha que mudou alguma coisa pra você, esse conhecimento que você adquiriu?

a12: Mudou porque antes a gente não conhecia as palavras né? Hoje a gente já pode ver que a gente conhece palavras em inglês...

P: Que adquire conhecimento né?

a12: É.

P: E você acha que o inglês que você aprende aqui na escola... você atualmente estuda só na escola né? Você acha que vai ser útil futuramente?

a12: Vai.

P: Você vê alguma desvantagem em estudar inglês... por exemplo... você é brasileira fala português, você acha que isso... atrapalha... a nossa cultura?

a12: Não fica até melhor...

P: Melhor como?

a12: Melhor... (incomp).

P: Então se fosse só o português você acha que ficaria limitado?

a12: É.

P: O que você acha da cultura estrangeira? Do que você vê na televisão... como você imagina que é a vida de uma menina na sua idade?

a12: Não sei...

P: O que você acha de ser brasileira?

a12: Eu gosto.

P: Você acha legal?

a12: Eu gosto.

P: Você já disse que não imagina como é a vida das pessoas... dos estrangeiros...

a12: É deve ser igual a gente e só fala uma língua diferente...

P: Você acha que muda só a língua né? O resto... o dia-a-dia... uma menina da sua idade que mora em outro país você acha que é...

a12: Só muda as palavras.

P: Só muda a língua né? /.../ você se lembra de alguma propaganda de escola... de curso de inglês que você viu na rua... televisão?

a12: Vi da XXX que já teve aqui.

P: Ah! Eles vieram aqui trouxeram papeizinhos... fazem promoção... é só dessa que você lembra ou você já viu de outros?

a12: Não, só dessa.

P: Você tem amigos que estudam em um curso de línguas?

a12: Tenho!

P: Tem? Que língua eles estudam?

a12: Inglês e espanhol.

P: E você acha que eles têm mais facilidade em estudar inglês e espanhol na escola deles ou você acha que não?

a12: Não, acho que estuda mais no curso mesmo.

P: Pois é, mas... igual eles estudam inglês nas escolas particulares e tem na escola deles mesmo... você acha que eles têm mais facilidade ou não... não faz diferença pra entender o que o professor na escola passa?

a12: Faz diferença porque eles estudam... eles já sabem, ficam mais adiantados.

P: Certo. E na sua opinião que papel o inglês representa no mundo?

a12: Como que ele representa?

P: É o que você acha que... ele é necessário? É útil? Não é? Não faz diferença?

a12: Diferença ele faz... eu acho assim que ele não é tão útil... mas só que é importante saber né?

P: Pra trabalho?

a12: É.

P: No Brasil você acha que é interessante você saber?

a12: É... é.

P: E numa cidade como XXXX que é uma cidade assim menor... cidade de interior?

a12: Ah... eu acho que (incomp) não (incomp)

P: Mas você disse que se você estudasse... se souber inglês aqui vai ser bom pra você?

a12: Vai.

P: Vai ser útil aqui em XXXX?

a12: Vai.

P: Você acha que em XXXX as pessoas valorizam isso ou não?

a12: Ah...

P: Seus pais por exemplo... o que eles acham?

a12: Eu ia fazer um curso esse ano só que não deu certo.

P: É... eles queriam que você fizesse?

a12: É.

P: Bom então tá certo... Obrigada XXXXX!

a12: De nada.

### Entrevista: Aluno a13

P: Como é o seu nome?

a13: XXXXX

P: Qual a sua idade?

a13: Quatorze.

P: Você é daqui mesmo de XXXX?

a13: Sou.

P: XXXXX... na sua opinião é importante aprender uma língua estrangeira?

a13: É.

P: Você sabe português... Você acha que é importante saber outra língua?

a13: É importante.

P: Porque você acha que é importante?

a13: Uai porque que nem... talvez a gente viaja pra um país diferente, a gente tem eu aprender pelo menos um pouco né? Pra gente não ficar perdida.

P: Isso... E... assim... pra você que língua você acha que é fundamental pra se aprender... você já estuda português né? Você já nasceu falando português e se for pra você estudar a língua estrangeira, que língua você acha que é importante estudar?

a13: Inglês.

P: Inglês? Porque você acha que é o inglês?

a13: Porque é mais difícil aprender né? Espanhol agente vai dando (incomp) e a gente aprende... mas inglês é mais difícil.

P: Você acha que vai ser útil se você aprender inglês, você vai usar?

a13: É né? Porque talvez a gente entra numa firma né? E precisa viajar para outro lugar e...

P: Pra trabalhar você acha que é importante? E se for pra você além de inglês... estudar outra língua estrangeira... se você tivesse a oportunidade, que língua você estudaria?

a13: Espanhol.

P: Espanhol? Você acha que espanhol é mais fácil?

a13: É.

P: Tem mais facilidade?

a13: É.

P: É /.../ e qual vantagem você acha... o inglês é mais importante? Qual vantagem você vê em estudar inglês?

a13: /.../ a gente aprende... assim né (incomp)

P: Você acha que vai ter mais conhecimento?

a13: É

P: Quanto tempo você estuda inglês na escola?

a13: Ah... desde... acho que da terceira série.

P: Você já tá na oitava né? Você já estudou num curso de idiomas?

a13: Não ainda não.

P: Você tem vontade de estudar?

a13: Tenho.

P: Assim... seus pais se pudessem, eles tinham vontade que você estudasse numa escola (idiomas)...

a13: É eu já faço curso de computação né?

P: É.

a13: Aí eu também tenho vontade de aprender né?

P: É? Aí eles incentivam você estudar?

a13: É.

P: Computação já pagam pra você fazer?

a13: Só que assim... é bom a gente fazer um curso de computação... depois outros cursos... de idioma né?

Porque aí melhora pra gente achar um serviço.

P: É... e se você tivesse a oportunidade de estudar uma língua estrangeira numa escola particular... aí que língua você preferiria estudar?

a13: Inglês.

P: Depois espanhol que você falou né?

a13: Depois espanhol.

P: Porque você acha que você tem que estudar inglês na escola... assim você tem duas aulas por semana?

a13: Ah porque é bom né? A gente um pouquinho... não é muita coisa mas a gente vai aprendendo.

P: Ah... você que aprende... você acha que não aprende muita coisa?

a13: É, a gente não aprende muito né? Porque assim, é pouca aula né? Mas... já dá pra gente aprender.

P: E o que você sabe mais?

a13: Ah... quase nada.

P: Quase nada? Falar... ler...

a13: Falar... algumas coisinhas.

P: Algumas coisinhas você fala? Ler...

a13: Ler eu sei também (incomp)

P: É... você gosta de estudar inglês na escola?

a13: Gosto... assim... tem que é ruim porque é difícil né? Mas assim... é bom.

P: Tem coisa que você não gosta?

a13: Tem.

P: É? O que você gosta?

a13: (incomp)

P: (incomp) é difícil?

a13: Em inglês é.

P: (incomp) é difícil.

a13: É.

P: Você acha que depois que você começou a estudar inglês mudou alguma coisa na sua vida?

a13: Não ainda né? Talvez mude.

P: Você acha que se você aprender mais... a oportunidade de estudar numa escola onde você vai aprender bem (incomp) falar... ler... escrever e ouvir, você... vai mudar alguma coisa?

a13: Talvez agora não, mais pra frente né?

P: O que mudaria assim?

a13: Ah... que nem eu falei né? Arranjar um serviço talvez já ajuda né... com o curso.

P: Você acha que tem alguma desvantagem estudar inglês na escola... tem alguma coisa que atrapalha?

a13: Não

P: Não?

a13: Acho que não

P: Você acha que... você é brasileira e estuda inglês na escola né? Você acha que isso desvaloriza a cultura brasileira?

a13: Não porque assim... acho que na escola não passa dos limites né? É uma coisa que a gente tem que aprender mesmo.

P: É só mais conhecimento né?

a13: É

P: O quê que você acha da cultura estrangeira?

a13: Assim... é bom né... mas assim se avançar também atrapalha.

P: Igual, tem muita música estrangeira que passa na rádio... é... muito... filme né? Você gosta?

a13: Os filmes seriam bons se fosse mais português né?

P: Se fosse em português né?

a13: É... em português.

P: E... das músicas?

a13: A música é boa né... mas não entendo nada.

P: Pois é aí que que você acha... assim tem gente que usa mais música estrangeira do que música nacional... você acha certo ou errado?

- a13: Cada um tem seu gosto né... mas assim... é melhor a gente ver só as nossas músicas brasileiras né...
- P: Você acha que atrapalha assim a cultura do Brasil?
- a13: Um pouco né? Porque aí... que nem... num vai ser a mesma coisa. Aqui no Brasil todo mundo tem vontade de ser... ter outra língua né... aí...
- P: O quê que você acha de ser brasileira?
- a13: Acho bom
- P: Você acha bom? Você gosta de ser brasileira? Você acha que os estrangeiros assim... gostam dos brasileiros?
- a13: Ah... não sei (incomp)
- P: O que você acha que eles pensam da gente?
- a13: Sei lá talvez eles pensam o mesmo que a gente né?
- P: Como você acha... por exemplo... quantos anos você tem? Treze?
- a13: Quatorze.
- P: Por exemplo a vida de uma menina de quatorze anos de outro país? Como você acha que é a vida dela... o que ela faz?
- a13: Se tiver assim a mesma classe que eu... acho que não muda não...
- P: Você acha que ela faz as mesmas coisas... ela vai pra escola... você acha que há muita diferença? Mas tem país que é muito diferente do Brasil também né? Depende um pouco da cultura né? É... você lembra de alguma propaganda de curso de inglês... estas propagandas que tem na rua... nos outdoors?
- a13: Vi...
- P: Na televisão... você já ouviu alguma propaganda de curso de inglês?
- a13: Não.
- P: Você viu só o da escola (incomp).
- a13: Só que assim, eu vejo o que passa mais né?
- P: Passa mais na televisão?
- a13: É
- P: Você tem amigos que estudam em um curso de inglês?
- a13: Não. Não que eu conheça.
- P: Não? Nem na sua sala de aula? Ninguém faz? Ninguém faz nem inglês nem espanhol?
- a13: Nem inglês nem espanhol.
- P: Você faz espanhol aqui na escola?
- a13: Não.
- P: Você... acha que as pessoas que estudam inglês na escola e ainda fazem um cursinho... você acha que ela tem mais facilidade de aprender? Porque você disse que na escola, você já disse que tem certa dificuldade pra entender as coisas (incomp) é difícil... né? Você acha que quem faz inglês... quem faz noutra escola... você acha que tem mais facilidade pra entender as coisas que o professor fala?
- a13: Porque vai aprender as coisas que tem na escola e as que já tá passando... então vai aprender mais né?
- P: Você acha que ajuda né?
- a13: É.
- P: Você falou que o inglês pode ser importante pra você arrumar um trabalho... pra viajar... então é... que papel você acha que o inglês representa na sua vida?
- a13: Ah... só me ajudaria né?
- P: Então pro mundo... você acha que é necessário... não é?
- a13: Não... é necessário numa certa parte né? Na outra assim... a gente só precisa saber...
- P: Saber pra utilizar pro quê?
- a13: Pra... pra serviço... essas coisas assim porque muitas empresas... gostam assim que a gente tem curso né? Que talvez a gente tem que viajar...
- P: Mas isso você acha que é só aqui no Brasil ou em outro lugar também é assim? As pessoas valorizam o inglês?
- a13: Ah... não sei porque só aqui no Brasil que eu acho que a gente fala né? Eu não sei...
- P: Em XXXX você acha que se você soubesse falar bem inglês... seria importante pra você?
- a13: Agora... agora não né? Porque eu não posso arranjar emprego agora... mas assim... pra frente...
- P: Mas se você tivesse idade pra trabalhar...
- a13: Ai seria bom.
- P: Aqui em XXXX ia fazer diferença para você?
- a13: Talvez aqui porque aqui não é tão evoluído né? Mas se eu viajasse pra outro lugar... procurasse um emprego...
- P: Você fala dentro do Brasil mesmo?
- a13: É... dentro do Brasil.
- P: Onde há possibilidade maior em caso /.../ então tá certo XXXXX... obrigada!
- a13: De nada.

**Entrevista: Aluno a14**

P: Como é seu nome?

a14: XXXXX

P: Qual a sua idade?

a14: Doze.

P: De onde você é natural... daqui de XXXX?

a14: XXXX.

P: Na sua opinião XXXXX, é importante saber... aprender uma língua estrangeira além do português que você estuda?

a14: É.

P: É? Porque você acha que é importante saber outra língua?

a14: É porque quando a gente crescer a gente tem que ter outro tipo de língua pra arrumar um emprego melhor.

P: Você acha que se você souber... uma pessoa que sabe só português e outra pessoa que sabe português e outra língua ela tem mais chance?

a14: Tem.

P: Tem? Mesmo aqui em XXXX... você acha que vai ter mais chance?

a14: Ah... não sei depende da cidade, da maior né?

P: Se for numa cidade maior você acha que vai ter mais chance?

a14: É.

P: E na sua opinião qual língua estrangeira seria mais importante você aprender?

a14: Espanhol!

P: Espanhol... e qual vantagem você acha que tem o aprendizado de espanhol... saber o espanhol você acha que é importante porquê?

a14: Porque a gente já sabe português... inglês a gente tem aula... tem que ter espanhol.

P: É... e quando você estuda inglês na escola?

a14: Desde a quinta série.

P: Desde a quinta?

a14: Não... da terceira.

P: Da terceira série... você já fez algum curso de línguas?

a14: Não, inglês eu estudei uns dois meses.

P: Em escola de línguas? Você gostou?

a14: Gostei, só que não dava tempo de fazer nada, as tarefas era muito tempo.

P: Como assim muito tempo?

a14: Era assim... começava duas e terminava às quatro horas.

P: Era num dia só que você tinha aula?

a14: Não, era três vezes na semana.

P: Três vezes na semana! Duas horas de aula! Então era muito uai? Aqui em XXXX?

a14: É.

P: Se você tivesse a oportunidade de fazer um curso de línguas, então que língua você queria estudar?

a14: Estrangeira?

P: É.

a14: Espanhol... é mais fácil.

P: Pela facilidade? E você acha que o espanhol seria útil na sua vida também?

a14: Acho.

P: Pra que o espanhol seria?

a14: Talvez se eu viajo aí eu tenho que saber falar com alguém.

P: Pra viajar?

a14: É... viajar pra outros países.

P: Além da escola em qual lugar você tem contato com a língua estrangeira? Na escola você estuda inglês, em qual outro lugar você vê inglês fora da escola... você escuta... você lê?

a14: Ah... eu leio os livros...

P: Livros da escola?... Mas você não escuta nada em inglês... música?

a14: Não.

P: Você não gosta?

a14: Não é porque eu não gosto, é porque eu não acho.

P: Nem no radio você escuta?

a14: Ah... música em inglês?

P: É... filme... Você já viu alguma coisa escrita em inglês na televisão?

a14: Já (incomp)

P: E espanhol?

a14: Espanhol também... eu alugo uns filmes aí eu ponho na legenda eu ouço e depois eu leio na legenda.

P: Filme em que língua?

a14: Tem inglês e espanhol.

P: E qual que você gosta mais?

a14: Inglês.

P: Porque? Você falou que espanhol é mais fácil e o inglês seria mais difícil de que o espanhol.

a14: Mas porque tem umas palavras que eu já sei.

P: Em inglês?

a14: É.

P: Sabe porque? Porque você estudou na escola?

a14: É.

P: E você acha que estudar inglês na escola mudou alguma coisa na sua vida?

a14: Mudou.

P: O que você acha que mudou?

a14: Ah... mudou minha /.../ não, não mudou nada não (risos)

P: Não mudou nada não?

a14: Não.

P: Porque você acha que tem o ensino de língua estrangeira na escola? Quase todas as escolas têm inglês e têm espanhol no ensino médio né? Outras têm as duas línguas, inglês e espanhol... porque você acha que as escolas ensinam além do português ensinam a língua estrangeira?

a14: Porque se no futuro eles precisarem eles já sabem.

P: Como tem sido estudar inglês na escola... do que você gosta e do que não gosta?

a14: Ah... eu gosto de estudar inglês.

P: Você gosta? Não tem nada que você não gosta?

a14: Não.

P: Se você estudasse espanhol também você acha que iria gostar?

a14: Eu acho.

P: É... você gosta de espanhol?... Então você gosta línguas então... você gosta de inglês... de espanhol... teria outra língua além do inglês e espanhol que você gostaria de estudar?

a14: Não.

P: Não? Só inglês e espanhol então? Você acha que são duas línguas importantes?

a14: É... tem italiano também, só que eu não sei.

P: Italiano também você acha importante? /.../ você vê alguma desvantagem em estudar inglês na escola, você acha que atrapalha alguma coisa?

a14: Não.

P: E escutar música em espanhol... filmes... em inglês em outra língua que seja... em italiano você acha que isso desvaloriza a cultura do brasileiro?... As pessoas iriam deixar de ver filme brasileiro... escutar música brasileira só para escutar música estrangeira?

a14: Não.

P: Não? Você acha que não atrapalha em nada?

a14: Não porque se gostar da música brasileira não muda, agora se não gostar tem outro tipo de língua.

P: Tá... se a pessoa gosta de música brasileira mesmo ela ouvindo música estrangeira ela vai continuar gostando da música brasileira?

a14: É.

P: Você acha que o inglês que você aprende aqui na escola vai ser útil na sua vida em algum momento? No quê por exemplo?

a14: Eu acho que no mercado de trabalho.

P: Espanhol, também quando você for estudar espanhol lá no Ensino Médio você acha que vai ser importante na sua vida?

a14: Vai.

P: Vai? Também pro mercado de trabalho? /.../ Dessas duas línguas... espanhol e inglês, qual seria mais útil pra você?

a14: Espanhol quase não é usado né?

P: Você acha que quase não é usado? /.../ Mas tem tanta escola que ensina espanhol também...

a14: Que nem uma escola lá embaixo tirou o espanhol e colocou orientação sexual.

P: Escola? É? Escola do Estado aqui em XXXX?

a14: Não particular.

P: É? E você acha que eles fizeram uma opção boa... você acha que eles estão certos ou deviam ensinar espanhol?

a14: Não... deviam ensinar espanhol.

P: Devia ter deixado né? /.../ e você acha o quê de ser brasileiro?

a14: /.../ Nada... a mesma coisa... estudar português por exemplo... só fala português... agora inglês, só fala em inglês... agora já quem nasce no Brasil...

P: Não... assim... O que você acha de ser brasileiro... o que você acha que tem no Brasil que é legal e o que não é?

a14: Ah... a cultura.

P: A cultura? Você acha que é legal a cultura brasileira? O que você gosta da cultura brasileira? O que tem de muito legal aqui e que em outro lugar não tem?

a14: Ah... o folclore.

P: É. O que você gosta no folclore? Tem saci... tem (incomp) tem (incomp) do que você gosta?

a14: Tem /.../ esqueci o nome daquele povo que entra na casa de alguém... folia!

P: Ah... Folia de Reis! Você acha legal?

a14: Acho.

P: Então você gosta de ser brasileiro?

a14: É.

P: E como você imagina que é a vida de um menino da mesma idade de você, assim de doze anos, mas que mora em outro país... você acha que a vida dele é muito diferente da sua ou você acha que não?

a14: Eu acho que é.

P: O que seria diferente na vida de um estrangeiro?

a14: /.../ Porque por exemplo... lá nos Estados Unidos eles não têm liberdade.

P: Você acha que eles não têm liberdade?

a14: Eu acho que não.

P: Você acha que no Brasil tem?

a14: É.

P: E o dia-a-dia deles? Você acha que é normal?

a14: Ah... eu vi no jornal que lá no Japão parece que eles ficam mais de doze horas na escola.

P: Mais de doze horas na escola? E você acha que isso é bom?

a14: Não.

P: Você acha que o tanto que você fica tá bom?

a14: Ah... tá bom... mas mais um pouquinho nunca é demais.

P: Você lembra de alguma propaganda de escola de línguas?

a14: Tem (incomp)

P: Onde você viu essas propagandas?

a14: Na televisão.

P: É?

P: Você tem amigos que estudam na escola de línguas?

a14: Tenho.

P: E que línguas eles fazem?

a14: Inglês e espanhol.

P: É? Ele gosta? /.../ Se você pudesse estudar assim você estudaria?

a14: Estudaria.

P: É? Qual língua você queria estudar?

a14: Inglês ou espanhol tanto faz.

P: Você acha que as pessoas que estudam em um curso de línguas e no colégio também... você acha que eles têm mais facilidade em aprender a língua que é estudada no colégio porque ele tá vendo no colégio e tá vendo fora? você acha que ele tem mais facilidade do que quem não estuda na escola particular?

a14: /.../ Como assim?

P: Você só estuda inglês aqui na escola não? Aí o seu amigo estuda inglês no colégio e no cursinho particular... você acha que ele tem mais facilidade do que você?

a14: Acho que tem.

P: É? Porque será que ele tem mais facilidade?

a14: Porque ele tem dois anos que tá fazendo.

P: E você acha que tem muita diferença do ensino de inglês lá do cursinho com o ensino que você vê aqui no colégio?

a14: Eu acho que tem... é mais reforçado.

P: Lá é mais reforçado.

a14: É.

P: Na sua opinião, que papel o inglês desempenha no mundo?

a14: /.../ (incomp)

P: O que ele... pro mundo você acha que ele é importante? Ou não é?

a14: É... em várias coisas ele é né?

P: No que seria?

a14: /.../ No mercado de trabalho e... no ensino.

P: No ensino? /.../ E no Brasil você acha que uma pessoa que sabe inglês em XXXX... que é muito boa em inglês, onde ela ia usar inglês aqui em XXXX?

a14: Ah... nesses cursinhos de inglês.

P: Pra dar aula... ou pra...

a14: Pra dar aula.

P: E se você estudar inglês ia saber dar aula?

a14: É.

P: Em outro tipo de trabalho será... que o inglês é importante?

a14: Acho que não.

P: E espanhol... também uma pessoa que sabe muito bem espanhol, onde que ela ia usar esse espanhol?

a14: Aí tinha que ser na escola porque quase não tem espanhol.

P: Ah... seria pra dar aula também

a14: É.

P: Então tá certo! Muito obrigada!

### **Entrevista: Aluno a15**

P: Como que é seu nome?

a15: XXXXX

P: Quantos anos você tem XXXXX?

a15: Tenho quinze.

P: E... você é daqui de XXXX?

a15: Sou.

P: É... na sua opinião, é importante aprender uma língua estrangeira... outra língua que não seja português?

a15: É...

P: Porque você acha?

a15: Ai... quando você for conversar com outras pessoas você já sabe daquilo.

P: Mas aqui, por exemplo, pra gente conversar entre nós, a gente fala português mesmo mas... com que pessoas você acha que seria importante falar... saber outra língua?

a15: Inglês.

P: Tá... mas com quem você iria falar inglês?

a15: Com as professoras!

P: Só com a professora?

a15: É... daqui né de XXXX agora do Japão aí...

P: Qual é na sua opinião a língua estrangeira que seria assim mais importante aprender?

a15: /.../ ah... inglês!

P: Porque que você acha que seria o inglês?

a15: /.../ ah...

P: Pra que você acha que serviria essa língua?

a15: /.../ (incomp)

P: Pra quê? Ah... pra dar aula... entendi. A pessoa que sabe inglês pode ser professor de inglês?

a15: É.

P: É... tem outra profissão será... que dá pra pessoa trabalhar... saber inglês?

a15: Trabalhar com outra língua?

P: É... por exemplo você aprende inglês... você falou que o inglês é importante aprender né?

Então ele vai servir pra dar aula e pra que mais?

a15: /.../ Ah é só né?

P: Que vantagem você acha que tem o ensino de inglês pra você?

a15: É bom!

P: Você acha que é bom?

a15: É.

P: Há quanto tempo você estuda inglês na escola?

a15: Quanto tempo?

P: É... desde que série?

a15: /.../

P: Você está na sétima?

a15: É.

P: Desde que série você estuda?

a15: Da quinta.

P: Desde a quinta?

a15: É.

P: Você já estudou em curso de línguas?

a15: Não.

P: Se você pudesse estudar em curso de línguas... qual língua você queria estudar?

a15: /.../ espanhol.

P: Você acha que espanhol é legal?

a15: É.

P: Além da escola... você tem aula só de inglês? Espanhol você não tem aula?

a15: Não.

P: Além da escola... onde mais você vê coisas escritas... você escuta em inglês ou em outra língua estrangeira... espanhol... onde você escuta... ou vê escrito?

a15: De vez em quando é na televisão.

P: Na televisão...

a15: É.

P: Músicas?

a15: É música!

P: Você escuta música mais em que língua?

a15: Inglês.

P: É... mas é porque você gosta?

a15: É porque eu gosto.

P: Que tipo de música você gosta?

a15: /.../ em... funk...

P: (incomp) nacional você não gosta muito?

a15: Gosto!

P: Aqui no Brasil? Estrangeiro também?

a15: É.

P: É em inglês que você escuta funk?

a15: Não.

P: Mas você escuta música em inglês? De que cantor por exemplo?

a15: Rebeldes!

P: Rebeldes é em espanhol!

a15: É espanhol?

P: É. Rebeldes é em espanhol.

a15: É /.../ deixa eu ver /.../ (incomp).

P: Filme... você vê inglês em filme?

a15: Em DVD né?

P: É em DVD que você vê mais filme... ah... tá. Porque o da televisão já é dublado né? Certo. Porque você acha que existe ensino de inglês na escola e também de espanhol no Ensino Médio? Porque você acha que a escola ensina língua estrangeira?

a15: /.../

P: E não ensina só português?

a15: É importante né...

P: É importante para o aluno?

a15: É.

P: Porque que seria importante?

a15: /.../ pra incentivar os alunos... ter um serviço melhor

P: Ah... tá. Incentivar a ter um serviço melhor? Você acha que estudar inglês desde a quinta série mudou alguma coisa na sua vida?

a15: Mais ou menos.

P: Por exemplo, o que você acha que mudou, no caso?

a15: /.../ conversar com os outros... chegar na sala de aula e conversar em inglês... (incomp)

P: Mas aí no caso da conversa é só na sala de aula?

a15: É.

P: De fora você nem usa? Onde você acha que o inglês que você estuda aqui na escola seria útil pra você? Tem outro lugar que você iria usar esse inglês?

a15: Acho que não.

P: Você acha que não vai usar em lugar nenhum? /.../ você acha que teria alguma utilidade o inglês que você faz aqui na escola?

a15: Não sei.

P: Você acha que no futuro vai servir pra você... saber inglês?

a15: Acho que vai!

P: Vai? Pra que será? Onde você imagina?

a15: /.../ sei lá! /.../

P: Não lembra nada?

a15: Não.

P: E alguma desvantagem... você vê alguma coisa ruim em estudar inglês na escola?

a15: Não.

P: Você não acha que atrapalha aprender português?

a15: Não.

P: Não? E você acha que se uma pessoa escuta música em inglês ou espanhol, isso pode atrapalhar a cultura brasileira?

a15: Ah... pra mim não.

P: Você acha que não? O que você acha da cultura estrangeira? Você gosta mais de música ou DVD estrangeiros ou aqui do Brasil?

a15: Do Brasil!

P: Por exemplo você já assistiu filme brasileiro que tem ator brasileiro?

a15: Ah... é muito difícil.

P: Você assiste mais filme feito por estrangeiros? E música... você escuta muita música feita no Brasil? /.../ ou mais música feito por estrangeiros?

a15: Do Brasil.

P: É? E o que você acha de ser brasileiro?

a15: Bom!

P: Porque você gosta de ser brasileiro?

a15: /.../

P: O que você acha que tem de legal no Brasil? Que em outro lugar não tem?

a15: (risos) tá difícil. /.../ Não sei. O Brasil é melhor!

P: Como você imagina que é a vida de um menino da mesma idade que você mas que mora noutro país? Você acha que é muito diferente da sua vida?

a15: É.

P: O que será que é diferente?

a15: Ah! Eles são ricos.

P: Eles são ricos?

a15: É

P: E você acha que nós somos mais pobres que eles?

a15: É.

P: Ah! Mas por exemplo, tem gente que mora no Oriente Médio, no Iraque, tem gente que mora na África... E a vida dessas pessoas que moram, por exemplo, na África... Você acha que é muito diferente da nossa?

a15: É.

P: O que será que é diferente na vida deles lá? /.../ você acha que é melhor ou que é pior?

a15: Pior eu acho.

P: Da África né? Que seria?

a15: É.

P: A do Japão você acha que eles são mais ricos que nós?

a15: É.

P: Você acha que os estrangeiros acham que o brasileiro é pobre?

a15: Não.

P: Você tem... você lembra de alguma propaganda de curso ou de espanhol... de francês... de inglês?

a15: Já.

P: Onde que você viu... você lembra?

a15: Propaganda?

P: É.

a15: De curso?

P: É.

a15: Que passou na televisão o nome?

P: É pode ser na televisão... você já viu na televisão?

a15: Ah... do XXX

P: É... só na televisão que você viu?

a15: Não, eu já vi assim na rua, eu já vi onde fica.

P: Onde fica a escola ou você viu a propaganda da escola?

a15: Vi só a propaganda.

P: Você tem amigos que estudam em curso de línguas? Espanhol ou inglês?

a15: Tenho.

P: Tem?

a15: É.

P: Curso de que eles fazem?

a15: Parece que é inglês ou espanhol... um negócio assim.

P: Você acha que esses amigos seus que estudam inglês e espanhol na escola... você acha que eles têm mais facilidade pra fazer inglês na escola?

a15: Tem... de falar.

P: Porque você acha que ele tem mais facilidade?

a15: Não sei...

P: Você acha que tem diferença do ensino que você vê no colégio aqui com o ensino lá do cursinho?

a15: Não.P: Seria a mesma coisa? Tem diferença?

a15: Pra mim não.

P: Na sua opinião, que papel o inglês desempenha no mundo? Ele é importante? É necessário

a15: /.../ Acho que não.

P: Que não o que? (incomp)

a15: Ah... é bom também né? Pra quem sabe.

P: Pois é... a pessoa que sabe você acha que tem mais vantagens do que a que não sabe?

a15: Eu acho que tem.

P: Mais vantagem em que por exemplo?

a15: Conversar em inglês... estudar.

P: E esse conversar em inglês serviria pra que por exemplo? Onde ele iria conversar pra que ele... que você vai usar?

a15: Não sei... Acho que com a professora... com quem sabe...

P: E em XXXX, você acha que saber inglês bem aqui em XXXX, você vai usar onde?

a15: Ah... pra mim em lugar nenhum.

P: Só na escola?

a15: É...

P: Certo... então saber inglês aqui pra você não teria muita utilidade?

a15: Não.

P: Então é só... Obrigada!

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)